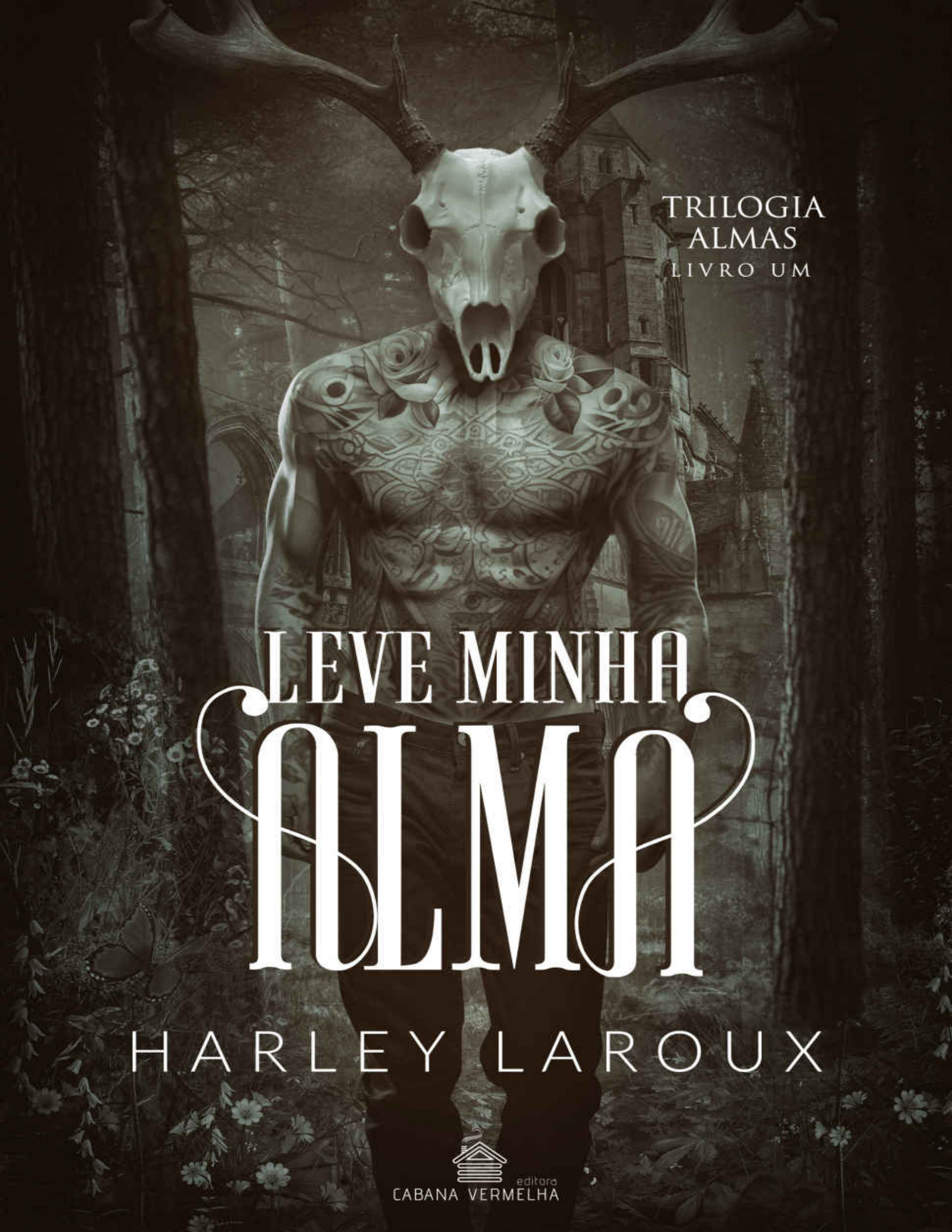
TRILOGIA
ALMAS
LIVRO UM
LEVE MINHA
ALMA
HARLEY LAROUX
editora
CABANA VERMELHA

HARLEY LAROUX

LEVE MINHA ALMA

TRILOGIA
ALMAS
LIVRO UM



COPYRIGHT © 2022 HARLEY LAROUX
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.
TÍTULO ORIGINAL: HER SOUL TO TAKE
Direitos de Publicação em acordo com Weaver Literary Agency

DIRETORA EDITORIAL
Elaine Cardoso
EDITORA
Mari Vieira
TRADUÇÃO
Naiara Chiquetto
PREPARAÇÃO e COTEJO
Mari Vieira
REVISÃO
Bah Pinheiro
CAPA
Denis Lenzi
DIAGRAMAÇÃO
Kaique Martins

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma, por nenhum meio, incluindo fotocópias, gravações ou outros métodos

eletrônicos ou mecânicos, sem permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações no corpo de resenhas críticas e outros certos tipos de usos sem fins comerciais, permitidos pela lei de direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança a eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29

30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
Epílogo
Agradecimentos
SOBRE A AUTORA

SINOPSE

Leon:

Fiquei famoso entre magos por um motivo: se fizer uma coisa errada, você vai morrer. Eles me chamam de Assassino, e matar é o que faço de melhor. Exceto ela. A que eu deveria ter capturado, a que eu deveria ter matado - não fiz nada disso. O culto que me controlava a quer, e eu não vou deixá-los tirarem meu brinquedinho novo.

Rae:

Sempre acreditei no sobrenatural. Caçar fantasmas é a minha paixão, mas invocar um demônio nunca esteve nos meus planos. Monstros estão vagando pela floresta, e algo antigo - algo maligno - está despertando e chamando por mim. Não sei em quem posso confiar, ou até onde vão essas trevas. Tudo que sei é que minha

única chance de sobreviver é o demônio que está me perseguindo, e não é só meu corpo que ele deseja: ele quer a minha alma.

LEVE MINHA ALMA é o PRIMEIRO livro na Trilogia Almas. Embora todos os livros sejam interconectados, são livros únicos que podem ser lidos em qualquer ordem.

Aviso de conteúdo: esse livro contém cenas de sexo, conteúdo kink/fetichista, elementos do terror, uso de drogas e retrata kinks pesados/práticas extremas. Por favor confira a lista de gatilhos completa no começo do livro.

Aviso de Conteúdo:

Este livro contém cenas explícitas de violência e conteúdo sexual. Não é destinado a quem não atingiu a maioridade legal. Todos os personagens retratados aqui têm mais de dezoito anos de idade. Este livro não deve ser usado como fonte de educação sexual, ou como um guia informativo de sexo e BDSM. As atividades retratadas neste livro são perigosas e suas cenas não têm a intenção de retratar expectativas reais de atividades do BDSM ou relacionadas à fetiches.

Parte do conteúdo deste livro pode causar gatilhos ou perturbar alguns leitores. Recomenda-se que seja lido com responsabilidade.

Os kinks e fetiches neste livro:

Não consentimento consentido (CNC, em inglês), asfixia erótica, brincadeiras com sangue, cuspe, ingestão de fluidos corporais, agulhas (fetiche em modificação corporal), jogos de dor e medo, atividades em espaços públicos, bondage, restrições, *spanking*/impacto, humilhação e degradação erótica, sexo sem preservativo.

Para Meu Marido.

Minha luz na escuridão.



1

Leon

— Sangue foi derramado em Seu nome. Ele despertou.

Eu tinha sentido a agitação antes que ele anunciasse. Malditos mortais, sempre dizendo o óbvio, como se eu não conseguisse sentir o chão tremendo e as velhas raízes ficando tensas – *tensas*, como um corpo se preparando para apanhar. Como se eu não ouvisse os sussurros ficando mais altos na escuridão, as garras de um pensamento ancestral e incompreensível se estendendo, procurando por vulnerabilidades.

O concreto que me cercava – me enterrando vivo – não conseguia ocultar a agitação. Eu não precisava que a bunda pomposa de Kent viesse se pavonear aqui, fazendo essas declarações como se eu devesse cair de joelhos diante da notícia.

Sentado de pernas cruzadas em meu miserável círculo de retenção, afiando minhas unhas no chão de concreto, mal lhe dei um olhar de relance quando ele entrou no cômodo com seus comparsas a reboque. Dei apenas um mero grunhido para sua declaração, o que dificilmente pareceu satisfazê-lo.

— Você me ouviu, demônio? — estourou ele, e seus dedos pressionaram a superfície de couro do grimório com mais força. Aquele maldito livro gasto estava sempre em suas mãos, a arma que ele empunhava sobre minha cabeça. Um homem sem magia como Kent não conseguiria me controlar sem seu livrinho de feitiços.

— Ouvi. — Suspirei com pesar e me apoiei para trás para poder batucar as unhas no chão. — Me perdoe por não pular de alegria, Kennyzinho. O fato de você estar aqui se gabando sobre seu velho Deus estar espreguiçando os membros só me diz que Ele não acordou o suficiente para te dar todo aquele delicioso poder que você busca. — A expressão dele ficou ainda mais sinistra, e eu sabia que estava brincando com fogo, instigando-o a me machucar.

O cativeiro era tão tedioso que ver o quanto eu poderia provocar meu mestre antes disso resultar em dor tinha se tornado uma verdadeira emoção.

Fingi indiferença.

— Então, você está aqui para dar uma tarefa. Está aqui para me enviar em algum trabalhinho mesquinho antes de me trancar no escuro de novo. Que emocionante.

Os nós dos dedos de Kent tinham perdido a cor. Ele tinha um certo ar aristocrático, ficaria tão em casa na Londres Vitoriana quanto ficava se misturando à elite empresarial de Seattle. Terno cinza-escuro, gravata preta com sutis riscas de giz, cabelo grisalho cortado e penteado com perfeição. Ele era tão discreto quanto os céus nublados de Washington, e seu humor era tão imprevisível quanto.

— Eu guardaria minhas forças para o trabalho que terá pela frente, demônio — disse com uma voz forçada e fúria mal controlada. — Ao invés de gastá-las com essa língua petulante que tem. A não ser que prefira que eu a arranque outra vez?

Uma das figuras de capa branca atrás dele deu uma risadinha, e eu olhei feio, mas fiquei de boca fechada. Kent os vestiu com as capas e as máscaras de crânio de cervo, mas eu sabia que os dois seres sem rosto que o acompanharam aqui embaixo eram sua prole adulta. Victoria, cheirando a uma fragrância de baunilha azeda e todos os químicos de sua maquiagem. E Jeremiah, fedendo a desodorante barato e gel de cabelo.

— Hoje à noite, à meia-noite, você irá ao Cemitério Westchurch. Vá em silêncio e se certifique de que ninguém te veja no caminho. Lá, encontre a sepultura de Marcus Kynes. Desenterre o corpo dele e volte a fechar o túmulo. Depois, traga o corpo dele para White Pine. Está entendido?

Eu gostava mais da minha língua dentro da boca. Fazer uma nova crescer era muito desagradável.

— Entendido.

Não havia relógio naquele quartinho deplorável, ainda assim, pude sentir a chegada da meia-noite. O mundo mudou devagar, se aproximando só um pouquinho da barreira que o separava do Céu e do Inferno. A meia-noite sempre fazia eu me sentir bem, assim como esticar minhas pernas e sair do círculo de retenção.

Kent me mantinha dentro daquele círculo com tanta frequência que tinha mandado entalhar no chão. Como seu pai, e seu avô antes dele, Kent temia que, se ele me dispensasse do serviço quando não tivesse necessidade imediata de mim, eu acharia um jeito de fugir dele para sempre. Uma ideia adorável, mas de ocorrência pouco provável. Kent tinha o grimório, o único registro restante do meu nome na Terra. Por causa disso, somente ele podia me invocar.

Suponho que ele também temesse que, considerando o tamanho considerável do meu ódio por ele, eu contornasse as regras e buscasse vingança assassinando-o e a toda sua família depois de ser dispensado do serviço. Outra vez, uma ideia adorável, e um resultado muito mais possível. Eu arriscaria a fúria dos meus superiores no Inferno se fosse para acabar com essa família inteira.

Mas já fazia mais de um século, e em todo esse tempo estive servindo à família Hadleigh. Era impressionante, sinceramente – mais ninguém tinha conseguido me manter prisioneiro por tanto tempo sem perder a vida. Havia um bom motivo para só haver um único registro restante do meu nome. Os invocadores, ao longo dos anos, tinham aprendido rapidinho que não era fácil me controlar, e acharam melhor desencorajar por completo a minha invocação.

Deixei um rastro de magos mortos no meu encalço, e estava ansioso para acrescentar mais alguns.

A noite estava fria e nebulosa, orvalho pingava dos pinheiros. O Cemitério Westchurch era cercado de árvores, quase oculto da estrada silenciosa que corria ao seu lado. Fileiras de lápides, algumas com mais de um século de idade, forravam o gramado não aparado. Não levei muito tempo para encontrar Marcus. O lote de

terra revirada o entregou, sua cova era recente. Uma lápide simples o identificava.

Marcus Kynes. Vinte e um anos de idade. O “sangue derramado” que despertou o Deus dos Hadleigh. Estranho que Marcus tivesse sido enterrado. O sacrifício deveria ter sido feito na catedral, e o corpo ter sido ofertado de imediato – ou ofertado vivo, se possível, para o Deus brincar com ele como desejasse. O fato de que Marcus havia sido enterrado me parecia um desleixo.

Não levei muito tempo para desenterrá-lo, usando minhas próprias mãos e garras para revirar a terra. O caixão era uma caixa simples de madeira, sem quaisquer adornos. Assim que abri a tampa, o fedor de formaldeído invadiu meu nariz. Marcus foi enterrado em um terno barato, e seu rosto jovem parecia de cera com toda a maquiagem com que o revestiram.

— Bom dia, flor do dia. — O joguei por cima do meu ombro, me arrastei para fora da cova, e o soltei ao lado do monte de terra que eu tinha acabado de escavar. — Me dá só um minutinho aqui, parceiro. Sua mãe não pode saber que o túmulo do filho dela foi profanado.

Depressa, voltei a encher a cova, então, com o cadáver sobre o ombro, comecei a percorrer o caminho em direção à White Pine. Era

uma corrida rápida até a área da floresta, e do poço da mina dentro dela, porém era incômodo com Marcus balançando nas minhas costas. Mas correr pelas árvores com um cadáver ainda era melhor do que minha prisão de concreto.

A hora das bruxas se aproximava à medida que me aproximei de White Pine. Uma garoa tinha começado a cair, e Marcus estava fedendo mais a cada segundo. Mas, além do fedor dele e do aroma de terra molhada, eu podia sentir cheiro de fumaça. Uma fogueira, em algum lugar do bosque.

Profundamente entre as árvores, e subindo um pouco pela encosta, encontrei Kent e seu bando feliz esperando por mim perto do fogo.

Todos estavam vestidos com suas capas brancas e máscaras de cervo. Havia pelo menos duas dúzias deles espalhadas entre as árvores, falando baixinho por baixo dos guarda-chuvas. Não era de se admirar que os avistamentos críptidos estivessem efervescendo nesta cidadezinha. Graças ao pequeno culto de Kent, que se autointitulava Libiri, quase toda a população de Abelaum tinha alguma história fantástica sobre ter visto um monstro na floresta.

Eles não estavam exatamente errados. Eles *estavam mesmo* vendo monstros, mas eram do tipo humano.

A única que não estava uniformizada era Everly, a filha bastarda de Kent Hadleigh. Alguns meses mais velha que seus meios-irmãos, Victoria e Jeremiah, Everly era loira, alta, esbelta e vestida em suas roupas pretas de costume. A bruxa novata parecia absolutamente mortificada de estar ali, e quando seus olhos azuis pousaram em mim e no cadáver que eu estava carregando, pareceu que ela ia vomitar.

— Irmãos, Irmãs, ali vem o sacrifício — Kent falava em uma voz bizarra e teatral quando estava na frente de seu bando de zelotes. Algo entre um pregador fundamentalista do Sul e um professor de jardim de infância que tinha corpos enterrados no jardim. Essa voz me tirou do sério, bem como o jeito como ele estalou os dedos e apontou para o chão aos pés de Everly. — Aqui. Ponha ele no chão.

Deixei Marcus cair sem cerimônia aos pés da jovem bruxa, e uma centelha de dor atravessou o rosto dela. Será que ela o conhecia? Talvez tenham sido colegas na universidade? Ou teria seu coração se tornado subitamente sensível quando todas as pregações de seu pai sobre a beleza da morte se transformaram em uma realidade muito feia?

— Remova as roupas dele — disse Kent, e eu de imediato, despi o cadáver, rasgando o terno barato como se fosse de papel. Em seu

peito descoberto, encontrei as feridas que não havia maquiagem funerária suficiente para cobrir: múltiplos ferimentos de facadas cortavam seu peito de modo aleatório, e traçadas entre elas estavam as linhas e runas da oferta em sacrifício.

Desleixado. Muito desleixado. Não planejado, se fosse para supor. Espontâneo, até.

Ergui uma sobrancelha para Kent, em uma pergunta silenciosa que eu sabia que ele não responderia. Ele deu um breve aceno de cabeça para Everly, e a jovem bruxa, parecendo doente e pálida, se ajoelhou e começou a examinar as marcas ao longo do peito de Marcus.

— Vão funcionar — disse ela, por fim. Ela se levantou depressa e desviou os olhos do corpo. — As marcas são rudimentares, mas eficientes. — Os olhos dela dispararam pelas pessoas em um breve momento de preocupação. Ela achou que sua fala poderia ter ofendido, e ofensas causavam consequências.

— Muito bom — sussurrou Kent. Então, mais alto, mais uma vez teatral: — Por muito tempo esperamos por este dia, meus filhos. Por tempo O Das Profundezas esperou por isso, esperou com absoluta paciência e misericórdia. Hoje, o primeiro dos três irá até Suas profundezas. Que mais dois o acompanhem.

— Que mais dois o acompanhem — murmurou a plateia, com exceção de Everly, cujos lábios estavam colados em uma linha fina e severa em seu belo rosto.

— Servo, carregue o sacrifício até a mina — disse Kent. *Servo.* Que inferno. Eu queria fazê-lo engolir a própria língua. — Jeremiah vai te acompanhar. Este sacrifício é uma oferenda dele.

Uma figura avançou, fedendo a desodorante. Jeremiah, é claro. Esse sacrifício descuidado, sem planejamento, absolutamente carniceiro era todo graças ao querido filho de Kent. Revirei os olhos, mas ergui o Marcus pelado do chão e, sem dizer uma única palavra a Jeremiah, comecei a andar na direção das árvores, para longe da luz do fogo.

Jeremiah fez questão de tentar caminhar à minha frente, mas mantive meu ritmo rápido o suficiente para ele não conseguir. O garoto tinha ainda menos paciência do que o pai dele.

— Porra, vai mais devagar, Leon — disse. — Ou juro que vou fazer o Pai arrancar suas bolas da próxima vez.

— Mas que temperamento. — Balancei a cabeça, mas desacelerei. Eu deixaria o idiota conduzir, o deixaria se deleitar com esse pequeno poder. Encarar a parte de trás de sua cabeça pelo

menos me permitia fantasiar sobre a rachar no meio. — Então esse aqui é seu, é? Teve um pouquinho de dificuldade com ele?

— O cretino tentou fugir — disse, então riu de forma sinistra. — Não chegou muito longe. Gritou como um porco. Acho que entendo agora por que você gosta tanto de matar, Leon. É uma puta adrenalina.

Contraí a mandíbula.

— Não pense que você entende a morte por causa de um assassinato desleixado. Espere só até seu Deus acordar. Ele vai te ensinar uma coisa ou outra sobre a morte.

Tenho certeza de que ele teria adorado retrucar, mas tínhamos chegado. Ali, na escuridão das árvores, estava o poço da mina White Pine. Fechada por tábuas há quase um século, a madeira manchada que emoldurava a entrada tinha sido coberta com várias runas: algumas esculpidas, algumas desenhadas, algumas queimadas. Uma placa de metal estava pendurada na madeira por uma corrente quebrada, de onde se lia CUIDADO: MINA ABERTA. NÃO ENTRE. O chão estava coberto por musgos, e numerosos cogumelos brancos cresciam em aglomerações ao redor da abertura do poço.

O próprio chão estava vibrando. As árvores estavam agitadas. Um cheiro estranho, como água das profundezas e algas podres, permeava o ar. Em algum lugar, no fundo desses túneis inundados sob nossos pés, um antigo Deus estava se mobilizando.

Eu não me assustava com facilidade, mesmo assim tive calafrios.

— Bom, agora é com você. — Joguei Marcus nos braços de Jeremiah, que deu um pulo para trás gritando e deixou o pobre Marcus cair na lama.

— Qual é a porra do seu problema? — A voz dele disparou em um tom agudo. Ele não soava tão pretensioso mais. — Eu não quero encostar nisso!

— O sacrifício é *seu*. — Encolhi os ombros. — Você realmente quer que um demônio reivindique sua oferta ao Das Profundezas jogando-o lá dentro?

Jeremiah vacilou, seus olhos se deslocaram entre o cadáver e a mina. Ele contraiu a garganta ao engolir. Eu de fato, não dava a mínima para como a merda do corpo ia chegar lá embaixo, mas sempre que tinha a oportunidade de fazer Jeremiah sofrer, eu aproveitava.

Por fim, com um gemido de nojo, Jeremiah ergueu Marcus nos braços. Não era uma tarefa fácil, considerando que o cara morto era

quase do mesmo tamanho que ele. Ele foi cambaleando em direção à mina e parou logo antes da entrada, espiando a escuridão absoluta além.

Será que eu ia sofrer muito se só o empurrasse lá dentro? Pague um sacrifício e leve dois. Kent deveria considerar isso uma verdadeira barganha.

Mas resisti. Um dia, a vingança chegaria.

Ou o Das Profundezas acordaria e me mataria antes.

Com um grunhido, Jeremiah jogou Marcus na escuridão. O corpo dele atingiu o fundo com um baque surdo, houve um barulho de movimento enquanto ele rolava, e então um barulho de água quando ele alcançou o túnel inundado abaixo. O cheiro de água salgada se intensificou e o vento ficou mais forte, sacudindo as agulhas dos pinheiros acima. Meu estômago revirou em desagrado, e Jeremiah depressa se afastou trôpego da mina, limpando as mãos na capa. Ele não me disse nada, apenas voltou a descer a encosta.

Continuei ali por um momento, encarando a escuridão. O estrondo vindo de baixo fez meus dedos dobrarem, sua força fez meu crânio vibrar. A maré estaria alta amanhã. Essas árvores começariam o longo e lento processo de tentar forçar suas raízes

para fora da terra, como se pudessem andar para longe da coisa lá embaixo que parecia *tão ruim.*

Então, da escuridão, veio um uivo. Como o grito de uma raposa, mas proferido com tanta angústia que fez os pelos da minha nuca arrepiarem.

Era hora de ir embora. Eu não queria lidar com isso agora. Nem nunca.

O Deus não era a única coisa despertando.

2

Rae

Havia algo de mágico em voltar para um lugar em que eu não colocava meus pés desde a infância. Aquelas memórias antigas pareciam anuviadas, como um sonho febril, um mundo completamente diferente daquele a que eu tinha me acostumado em Oceanside. Minha adolescência tinha sido fumar baseado e beber cerveja na praia, mas quando eu era pequena? Minha vida eram essas florestas verde-escuras, que pareciam continuar para sempre, repletas de fadas e unicórnios, e meu pequeno cérebro infantil explodindo com tanta imaginação que meu pai achava que eu nunca conseguiria me acomodar e simplesmente viver no mundo real.

Ele não estava errado. O mundo real era tedioso e envolvia trabalhos em escritórios, blusas com colarinhos engomados e sapatos desconfortáveis demais. Também envolvia viver a

aposentadoria na Espanha – daí o motivo pelo qual eu estava dirigindo de volta para minha casa da infância, enquanto meus pais terminavam o processo de vender sua casa no sul da Califórnia para se aposentarem com luxo na costa Espanhola.

Eu poderia ter ido com eles, claro. Mas escolher ficar aqui e terminar meu último ano na faculdade era responsável e muito *adulto*, como diria meu pai, coisa que eu começava precisar a ser, considerando que eu estava prestes a deixar de ser uma universitária.

Era uma longa viagem até o Norte. Minha bunda estava dolorida, minhas costas doíam, e meu gatinho gorducho, Cheesecake, estava absolutamente lívido de passar o segundo dia seguido no carro. Nem as batatas fritas que eu continuava jogando para ele da minha sacola de fast food o acalmavam mais. Dirigi através de um mundo banhado em tons de cinza molhados e verde-escuros ensopados até, enfim, passar pela placa de *Bem-Vindo* da cidade de Abelaum, população: 6.223 – ou 6.224 agora, graças a mim. O aguaceiro se tornou um chuvisco, e o mundo em aquarela intensificou seus tons até a floresta tomar forma: pinheiros altos, cercados por um espesso mato de samambaias e mudas, com cogumelos de chapéus pálidos e fantasmagóricos entre as raízes.

Eu devia ter ficado em casa para desempacotar. Ao invés disso, depois de deixar minhas caixas na sala de estar com pressa e me certificar de que Cheesecake tivesse comida e água, voltei para o carro e fiz o curto trajeto até a Rua Principal da cidade. Bem na loja da esquina de um prédio de tijolos de três andares, encontrei minha melhor amiga há quinze anos, Inaya, na Livraria Hora Dourada.

Na Livraria Hora Dourada *dela*. Minha melhor amiga tinha transformado seu sonho em realidade, e era a dona orgulhosa da livraria mais absurdamente fofinha que eu já tinha visto.

— Quase acabando — disse ela, com os dedos voando pelo teclado do notebook. Suas mãos estavam adornadas com delicados anéis dourados que brilhavam em contraste à sua pele marrom-escura, joias enfeitadas com abelhinhas e flores que combinavam com os patches florais fofinhos costurados em sua jaqueta rosa. Ela era o raio de sol mais brilhante que eu tinha visto desde que passara por São Francisco, e eu já me sentia mais quentinha só por estar em sua presença.

— Sem pressa, garota, leve o tempo que precisar. — Originalmente, tínhamos combinado de nos encontrarmos à noite, mas eu estava muito impaciente para vê-la e muito ávida por fugir da tediosa tarefa de tirar toda minha vida de dentro de caixas de

papelão para esperar. Estava me sentindo culpada agora que tinha aparecido enquanto ela estava no meio de catalogar uma nova remessa de livros tão grande.

Peguei uma das pilhas que ela havia terminado de cadastrar e a equilibrei com cuidado contra o peito.

— Devo levar esses pros fundos?

— Essa pilha é do seu tamanho! — Ela riu. — Você não tem que fazer nada.

Eu não conseguia vê-la direito por trás da pilha de livros, e meus óculos tinham escorregado pelo meu nariz.

— Pros fundos?

— Isso, tem um carrinho amarelo lá — disse ela. — Obrigada!

Infelizmente, sempre tive um relacionamento complicado com a gravidade – bastante tóxico, na verdade. Com os cadarços das minhas botas desamarrados, óculos escorregando e a pilha grande demais de livros, tropecei em meus próprios pés no meio do caminho até os fundos e os livros saíram voando.

— Está tudo bem! — gritei quando Inaya caiu na risada. Engatinhei para recolher os livros, até que meus dedos roçaram a capa de couro de um volume fino e eu me afastei em choque. O livro estava *gelado*.

Virei o livro, curiosa. O design das letras e filigranas na frente parecia ter sido queimado no couro, e as palavras me eram desconhecidas: latim, se eu tivesse que chutar. Peguei meu celular e digitei na barra de busca por uma tradução.

Era latim e significava: Obra Mágica e Conjuração.

— Encontrou alguma coisa boa? — A voz de Inaya me sobressaltou. Havia um som em meus ouvidos, como o bramido distante de ondas através de um longo túnel, e meu estômago pareceu oco, como na sensação de estar caindo.

— Sim, olha isso. Esse aqui parece supervelho. — Entreguei o livro para ela, e senti um solavanco quando ele deixou meus dedos: uma pequena onda de medo que me fez querer pegá-lo de volta. Inaya o abriu, franzindo a testa.

— Uau. — Ela arregalou os olhos enquanto seus dedos se moviam em reverência pela página. — Este livro não foi impresso. Foi *escrito à mão.*

Fiquei de pé e me debrucei sobre o ombro dela para ver. Ela tinha aberto o livro no meio. Em uma página havia um desenho de um cachorro zumbi mutante bizarro, deformado e esquelético. A outra página estava coberta por linhas elegantes de texto em latim. Isso me lembrou o diário de um explorador, tipo algo que Charles

Darwin teria carregado por aí enquanto explorava os Galápagos – se os Galápagos estivessem repletos de monstros e magia.

— Acho que é um grimório — eu disse baixinho. Ela me olhou confusa, então eu expliquei: — Um livro de feitiços e rituais, como a Chave de Salomão. Um original como este é raro. Muito, *muito* raro.

Inaya balançou a cabeça quando fechou o livro com cuidado, um sorriso sarcástico no rosto.

— Parece que vai estar em casa com você, então. Quer ele?

— Inaya, o valor desse negócio deve ser inestimável! Preciso te pagar alguma coisa.

Ela me ignorou e levou o livro até o balcão da frente.

— Considere parte do seu presente de madrinha — disse. Com o máximo de cuidado possível em seus movimentos, ela tirou um rolo de papel pardo debaixo do balcão e embalou o livro, finalizando com um pouquinho de fita e um laço de barbante. — Todos esses livros foram doações da Sociedade Histórica de Abelaum, então não se preocupe com dinheiro. Esses volumes estavam parados no arquivo. — Ela me ofereceu o pacote e eu o peguei com delicadeza, como se ela tivesse me presenteado com uma relíquia sagrada. — Um livro sinistro pra minha garota sinistra favorita. Bom, acho que nós duas precisamos de uma folga. O que acha de um café?

— Ela simplesmente te *deu um pé na bunda?* Uma semana antes da sua mudança e ela simplesmente tipo, "*fica em paz, boa sorte, tchau"*? — Inaya balançou a cabeça, batendo as unhas cor-de-rosa na sua xícara de café. — Você tem um costume péssimo de namorar imbecis, Rae.

Concordei com a cabeça, suspirando. Rachel ter terminado porque decidi sair do Estado ainda estava me causando uma pontada dolorosa, me pinicando por dentro como um espinho. Eu não tinha exatamente pensado que ficaríamos juntas para sempre, mas nossos interesses em comum pelo sobrenatural e explorações urbanas tinham conseguido camuflar nossos maiores problemas pelos seis meses em que namoramos.

Inaya depressa acrescentou:

— Mas eu amei o cabelinho pós-término! Tão estiloso. Muito anos 60. Combina com você.

Passei uma mão pelo cabelo, dando um grande sorriso para o elogio. Estava bem mais curto e escuro do que da última vez que ela tinha me visto – eu tinha tingido meu cabelo naturalmente castanho-avermelhado de preto e cortado em um blunt bob na

mesma noite em que Rachel terminou tudo. Me senti bem. Renovada. Uma página em branco.

— Sinto que posso me intitular uma Gótica de Biblioteca agora — brinquei, empurrando meu óculos de armação preta um pouco mais para cima no nariz. Inaya ergueu uma sobrancelha, cética. — Gótica nerd, talvez?

— Você continua sendo minha Garota Gótica dos Fantasmas, querida, não importa o que faça com seu cabelo — disse dando uma risadinha, e ficamos sentadas em silêncio por um momento, bebericando nossos cafés. A cafeteria em que estávamos, La Petite Baie, ficava bem ao lado da Livraria Hora Dourada. A decoração era uma agradável mistura eclética do trabalho dos artistas locais, esculturas inusitadas de bronze, e uma variedade de cadeiras almofadadas e mesas reaproveitadas. Inaya e eu tínhamos sentado ao lado da janela, de onde podíamos olhar para fora e ver a floresta espreitando do outro lado da rua.

— Está gostando de estar de volta ao chalé? — disse Inaya, dando um gole em seu latte. — Já viu seu velho fantasma? Como a gente chamava ele? — Ela pensou por um instante. — Ah sim, o Cowboy Noturno!

O apelido que tínhamos dado ao meu fantasma da infância me fez sorrir. Fazia anos que não pensava nele.

— Não o vi ainda, mas vamos ver como vai ser a primeira noite. — Bati o dedo no meu queixo em reflexão. — Talvez eu instale algumas câmeras termográficas e veja se finalmente consigo gravar uma aparição de corpo todo.

— Como está indo, aliás? O vlog fantasmagórico?

Ri da pertinente descrição de Inaya do meu "vlog fantasmagórico", embora a pergunta tenha feito eu fazer uma careta interna.

— Ah, você sabe. O canal está crescendo.

— Pegou alguma coisa grande ultimamente? Aparições, ou…

— Peguei algumas vozes sem corpo. Orbes.

— Ah. Que legal.

Que legal. Sim, essa resposta desanimada era exatamente o que ia acontecer com a audiência do meu vlog em breve. A internet não era o lugar certo para investigações sobrenaturais genuínas, não quando todos os outros canais "sobrenaturais" fingiam invocar O Demônio da Meia-Noite e usavam efeitos especiais e atuações medíocres para atrair uma audiência em busca de gratificações

instantâneas. Minhas longas gravações e vagas capturas eletrônicas de fenômenos de vozes eram tediosas em comparação.

Eu precisava de algo grande. Algo chocante.

Eu precisava de algo *verdadeiro*.

Mas os espíritos operavam em seu próprio tempo, não no meu, e voltar repetidamente das minhas investigações de locais "assombrados" sem nada para mostrar era frustrante. O tempo e energia que eu gastava com minha paixão logo teriam que ser direcionados em encontrar meu próprio emprego "de verdade". A receita que vinha dos anúncios no canal não seria suficiente para eu me sustentar sozinha, não depois que meus pais vendessem o chalé no qual eles tinham me dado um ano para morar até eu terminar a faculdade.

— Tenho certeza de que vai conseguir encontrar bons lugares pra gravar aqui — disse Inaya, me arrancando do meu poço mental de desespero. — As lendas desta cidade… garota, devem ser um tesouro pra você.

Concordei com a cabeça. Crescer em Abelaum era como ser criada cercada de fantasmas; não necessariamente fantasmas de verdade, mas fantasmas do passado. A cidade um dia fora uma das cidades mineradoras mais lucrativas do Noroeste Pacífico, e poços

de minas cobertos por tábuas ainda podiam ser encontrados pela floresta que cercava Abelaum. Dúzias dos seus prédios originais ainda estavam de pé, reformados com esmero e mantidos por uma sociedade histórica local apaixonada e dedicada.

Havia muita história a ser encontrada por aqui, e, com história, vinham tragédias.

— Ah, merda, você já viu a Sra. Kathy? Ela ainda mora descendo a rua da sua casa — disse Inaya. — Lembra de como seu pai ficou furioso quando ela contou pra gente sobre aquele lance da tragédia dos 99?

— Garota, aquela história me deixou viciada em terror, claro que eu lembro! Mas, sinceramente, quem é que conta uma história daquelas pra uma turma da primeira série? — Fiz a melhor imitação que consegui de nossa antiga professora, falando com uma voz aguda enquanto apontava com o dedo para uma sala imaginária cheia de crianças: — Ah, crianças! Querem ouvir sobre os mineradores que ficaram presos na mina inundada e comeram uns aos outros para sobreviver? Se canibalismo não causar pesadelos nos pirralhos, que tal se eu contar para vocês sobre o monstro que mora lá embaixo também?

— O “antigo Deus”. — Inaya fez aspas com os dedos no ar, balançando a cabeça. — Mas ela acreditava naquilo. A Sra. Kathy era doida.

— Ela não…

— Ah, sim, ela acreditava. Você não se lembra de todas as espinhas de peixe e colheres de prata que ela pendurava pela casa dela? Ela disse pra minha mãe que eles afastavam o olho maligno ou alguma merda dessas. — Inaya encolheu os ombros, terminando seu latte. — Amo esta cidade, mas as pessoas podem ficar bem esquisitas quando moram por muito tempo no bosque. A Sra. Kathy não era a única pessoa que acreditava nessas lendas antigas.

— Por falar em lendas… — Batuquei minha xícara com os dedos, tentando parecer inocente. — Aquela igreja velha ainda está lá? Perto do poço de onde tiraram os últimos três trabalhadores da mina?

— São Tadeu? Acho que sim. — Inaya franziu o cenho. — Duvido que o Sr. Hadleigh deixaria eles demolirem. Ele é bem protetivo a respeito desses lugares históricos. — Ao ver meu olhar de confusão, ela disse: — Kent Hadleigh é o diretor da Sociedade Histórica. Muito gentil, muito rico. Faço algumas matérias com a filha dele, Victoria. Vou te apresentar, segunda-feira.

Fiz um “oh” com a boca para a explicação dela, mas meu cérebro ainda estava focado no fantástico potencial de uma igreja abandonada centenária com uma história trágica. Inaya não deixou de notar e estreitou os olhos:

— A propósito, está interditada — disse com severidade. — A igreja está interditada. Interditada tipo, *não é seguro entrar.*

— Ah, claro, claro — concordei de imediato com a cabeça. — Uma igreja antiga, possivelmente assombrada e abandonada? Nem passaria pela minha cabeça entrar lá.

Inaya suspirou.

— Garota, você é louca. Ainda vai se meter em confusão de verdade um dia desses.

Coloquei uma mão sobre o coração, fingindo estar ofendida:

— Eu? Me meter em confusão? Jamais.

3

Rae

Minhas memórias mais antigas aconteceram nesse chalé. A casa de um quarto só tinha sido grande o suficiente para dois recém-casados quando meus pais a compraram. Mas então eu cheguei, e o escritório do meu pai no canto da casa se tornou meu quarto de infância. Eventualmente, a casa ficou pequena demais para nós e meu pai estava ansioso para escapar da pequena cidade na qual tinha passado toda sua vida. Nos mudamos para o sul da Califórnia quando eu tinha sete anos e fiquei por lá, desde então. O chalé se tornou nossa casa de férias, e papai a alugava para outros turistas pelo restante do ano.

A nostalgia se agarrava às paredes de madeira com tanta força quanto o verniz brilhante. Minhas memórias de infância me passavam uma sensação completamente diferente das memórias

da minha adolescência – pareciam mais suaves, mais ricas, como pinceladas de tinta acrílica sobre uma tela.

A floresta tinha sido meu reino das fadas, a escada que levava ao quarto principal tinha sido a grande estrada pela qual eu tinha conduzido meu exército de amigos imaginários. Em uma das tábuas do piso, escondido por baixo de um armário da cozinha, estava um pequeno desenho que fiz com caneta vermelha quando tinha cinco anos. Mamãe nunca o encontrou, e ainda fiquei um pouco emocionada de ver que continuava lá, minha criança interior estava convencida de que tinha conseguido cometer o vandalismo perfeito.

O escritório-que-virou-quarto no canto também tinha suas próprias recordações. Foi ali que vi meu primeiro fantasma.

O “Cowboy Noturno”, como eu o tinha chamado. Mamãe disse que eu tinha só quatro anos quando o mencionei pela primeira vez. Ele surgiu pela parede, passou pelo pé da minha cama, fez uma pausa, e então desapareceu bem ao lado da minha janela. Uma figura turva, como se fosse feita de fumaça, vestindo botas, macacão jeans e um chapéu de abas largas – motivo pelo qual o chamei de cowboy quando criança. Ele não era assustador, só interessante.

E ele deu início à obsessão de minha vida.

As aulas só começaram na segunda-feira, então tive o fim de semana inteiro para tentar reorganizar minha vida a partir das pilhas de caixas de papelão. O céu cinzento tinha escurecido depois que me despedi de Inaya na cafeteria, e a chuva golpeava as janelas em aguaceiros esporádicos. Acendi a lareira e abri todas as cortinas, aproveitando a suave luz natural que atravessava as nuvens.

Eu não poderia ficar aqui para sempre. Muito em breve, teria que começar a busca por um apartamento, mas a ideia parecia intimidadora.

Organizei meus livros nas estantes vazias, coloquei minha coleção de suculentas na janela da cozinha e espalhei meu notebook e equipamento de gravação na escrivaninha no quarto do andar de baixo. Arrumar era exaustivo. Conectei o bluetooth da minha caixa de som portátil sobre a mesinha de centro e coloquei minha playlist no modo aleatório, então fiz o trabalho tedioso dançando *Monsters*, do *All Time Low*.

A noite tinha caído, e a cobertura das nuvens causou um breu do lado de fora. Houve uma pausa enquanto a música seguinte carregava, deixando apenas o batuque da chuva no vidro, o vento suave e os grilos chilreando. Os painéis das janelas tinham se

tornado espelhos falsos: meu reflexo me encarava de volta, com os óculos escorregando pelo nariz e suéter largo cobrindo minhas mãos. Se houvesse algo olhando para dentro na escuridão do lado de fora, eu não saberia.

Poderia ter alguém bem do lado de fora do vidro, e eu não conseguiria ver.

A música seguinte começou a tocar bem quando um calafrio subiu pela minha espinha. O chalé parecia insignificante perante a noite, como se suas paredes de madeira exposta e grandes janelas não pudessem fazer nada para conter a escuridão. Ao invés de eu estar olhando de dentro para fora, senti como se houvesse algo lá fora olhando para dentro. Olhando para *mim.*

Dei um pulo quando meu celular vibrou na mesa de centro. Peguei o aparelho, a música pausou, e sorri ao ver quem estava ligando.

— E aí, mãe.

— Oi, querida! Está se instalando? Foi tudo bem na viagem?

Eu podia ouvir algo fritando no fundo, e meu sorriso aumentou. Mamãe estaria fazendo janta, papai estaria na sala de estar com um copo de uísque e seu mais recente romance policial. Meus pais tinham sido, como eles diziam, “pais liberais”, e em geral me

deixavam fazer o que quisesse, a menos que eu estivesse prestes a fazer algo catastroficamente perigoso ou autodestrutivo. Mamãe era a epítome adulta dos hippies de Woodstock, enquanto papai era de um tipo mais calado e estudioso.

— Foi uma viagem longa — disse e ri quando ouvi um barulho de panela e minha mãe xingou baixinho. Mamãe e eu compartilhávamos uma paixão por tagarelar sem parar quando provavelmente deveríamos estar concentradas em outras tarefas, como cozinhar, ou desempacotar. — Mas a paisagem estava muito bonita.

Conversamos enquanto ela me atualizava de todas as fofocas que tinha reunido nos meros dois dias em que eu estive fora. Papai, como de costume, estava planejando cada detalhe da mudança internacional dos dois, enquanto mamãe continuava muito menos preocupada com ter um itinerário perfeito – mais uma prova de que eu realmente tinha puxado à minha mãe.

— Tinha esquecido como esta cidade é legal — disse, abandonando as caixas para comer batatinha no sofá. — As pessoas são simpáticas, não tem nenhuma franquia aqui. Só lojinhas fofas de família por todos os lados. Por que saímos daqui, aliás?

Minha mãe riu, mas abaixou o volume de sua voz ao responder:

— Ah, você conhece seu pai. Com todas suas superstições, suas… ansiedades… a vida na cidade pequena não era pra ele. Ele sentia que as pessoas se intrometiam demais na nossa vida, seja lá o que isso queria dizer. Ficou pior depois que você começou o ensino fundamental. — Ela fez uma pausa, como se estivesse prestes a dizer mais, mas pareceu pensar melhor a respeito. — E a Califórnia tinha mais oportunidades na área de trabalho dele.

— Ah, as boas e velhas superstições do papai — ri —, a única característica dele que tive a sorte de herdar. Deixa eu adivinhar: ele conferiu a história de todas as casas que vocês pensaram em comprar para se certificar de que ninguém tinha morrido nelas?

Quase dava para ver minha mãe revirando os olhos.

— Óbvio.

— Boa — concordei. — Você não quer que fantasmas vingativos atrapalhem sua aposentadoria.

— Ai, não começa. — Eu podia ouvir o tilintar de pratos, e sabia que ela não encerraria a ligação para comer a não ser que eu a forçasse.

— Vou te deixar ir, mamãe. Te amo. Saudade.

— Estou com saudade também, querida! — Houve um murmúrio nos fundos, e ela acrescentou: — Papai disse pra você se cuidar aí.

A casa pareceu ainda mais vazia depois que desliguei. Estava grata por ter Cheesecake, que saiu desfilando da cozinha, miando alto pedindo seu jantar. Ele era um colega de quarto mandão, mas era tão fofinho que eu era obrigada a perdoá-lo.

Quando estava voltando para o sofá com molho para minhas batatinhas, o pacote de papel pardo despontando da minha bolsa me chamou a atenção. Era o livro que Inaya tinha me dado, o grimório. A empolgação me agarrou pela barriga, uma sensação parecida a dar início a uma nova investigação sobrenatural: adrenalina misturada com apreensão.

Desempacotei o livro na mesa de centro. Provavelmente deveria ter usado luvas, a coisa era tão velha que devia estar em um museu. Uma assinatura tinha sido rabiscada no canto por dentro da capa, mas a caligrafia era rebuscada demais para discernir.

Folheei as páginas, maravilhada com os desenhos detalhados e o latim escrito em letras minúsculas e bonitas. Havia desenhos de ervas e plantas, e uma consulta rápida a um tradutor on-line me disse que o texto descrevia as propriedades mágicas dos vegetais. E também havia os desenhos de monstros: o lobo esquelético

zumbi, uma criatura esbelta e sem rosto coberta em alga marinha com pernas de tentáculos, uma coisa com múltiplos membros que parecia uma aranha com um bico de pássaro feito de galhos de árvore quebrados. A arte era maravilhosa, o tipo de design que teria inspirado creepypastas e desenvolvedores de jogo independentes.

Havia páginas sobre purificações, roupas, orações, eventos astrológicos – só tive paciência para traduzir alguns trechos, mas a quantidade de informações por si só já era estonteante. Esse grimório era um tesouro absoluto. Cada vez que eu virava uma página, meu coração acelerava um pouco mais.

Então encontrei um desenho diferente dos outros. Era o esboço de um homem, suspeitei que tivesse mais ou menos a minha idade. O cabelo dele descia em ondas em torno de suas orelhas, em traços suaves de lápis que retratavam uma cor clara. Ele estava sem camisa, os músculos de seu peitoral eram bem-delineados, mas desfigurados pelo que eu só podia supor serem cicatrizes e contornos vagos de tatuagens. Seus lábios eram cheios, tinha uma covinha em seu queixo. Embaixo das escuras sobrancelhas fortemente desenhadas, seus olhos haviam sido pintados de dourado.

Era a única parte colorida que eu tinha encontrado no livro, até então. Fez seus olhos parecerem vivos, como se estivessem me observando, e havia uma textura neles como se tivessem sido formados por flocos de ouro.

Na página adjacente se lia: *Operação para Invocar e Reter o Assassino.*

O Assassino… invocar e reter…

Essas eram instruções para invocar um demônio.

Me inclinei para mais longe do livro, a apreensão que esteve espreitando em volta da minha empolgação ocupou o lugar principal. Eu não tinha certeza se acreditava em demônios e magia. Fantasmas eram uma coisa: partes remanescentes de almas que partiram, energia que ficava para trás, espíritos perdidos. Porém demônios eram outra história, uma das muitas criaturas que se escondiam nas sombras dos medos humanos há séculos, há milênios. Eu não negava a *possibilidade* de que eles existissem – mas, assim como deuses e anjos, na maioria das vezes eu os atribuía ao reino dos mitos.

Demônios eram emocionantes, fascinantes. A possibilidade de um lugar não ser de fato assombrado, mas possuído por forças demoníacas, era o que gerava o entretenimento de inúmeras

histórias de terror. Eles brincavam perfeitamente com os medos humanos: eram inexplicáveis, terrivelmente poderosos, tentadores e sedutores, a personificação do pecado.

Eu já tinha estado em lugares onde diziam que os demônios brincavam. Não os achei mais assustadores do que qualquer outro lugar.

Eu não conseguia tirar aqueles olhos da cabeça. Dourados, brilhantes, penetrando a escuridão. Por volta das duas da manhã, eu ainda estava acordada, deitada na cama com o notebook aberto, tentando usar a recusa do meu corpo por dormir como uma oportunidade de criar ideias de vlog.

Minha contagem de inscritos estava sendo rapidamente superada por canais mais novos, canais que valorizavam o espetáculo ao invés da ciência de investigações cuidadosas. “USAMOS UM TABULEIRO DE OUIJA NA FLORESTA MAIS ASSOMBRADA DO MASSACHUSETTS! FOMOS ATACADOS POR UM DEMÔNIO!” Milhões de visualizações nesse caça-clique de merda. Tinha sido postado há só alguns dias.

Filmado com a lente verde de visão noturna, assisti ao grupo fingir ser possuído. Os assisti correrem pela mata gritando,

mexerem o indicador através do tabuleiro de Ouija para formar mensagens ameaçadoras que todos olhavam de boca aberta. Era falso, tudo falso. Acho que a audiência sabia que era falso também, mas, a julgar pelos comentários, ninguém se importava de verdade. Era excitante, era divertido. Era *entretenimento*. Dúzias de canais ofereciam conteúdo assim, enquanto o meu ficava para trás nas visualizações porque eu insistia em ser autêntica.

Peguei meu cigarro eletrônico na mesa de cabeceira e inspirei, irritada. Se eu não desse a volta por cima logo, não conseguiria manter o canal. Muito em breve, eu teria que enfrentar a realidade, arrumar emprego em um escritório e sossegar. Essa possibilidade fazia cada fibra do meu ser se contorcer, mas eu não era mais uma adolescente. Eu tinha boletos para pagar, e esse lance de ser adulta parecia determinado a estraçalhar cada um dos meus sonhos.

O Assassino. Olhos dourados na escuridão.

Eu tinha colocado um marcador naquela página, e ainda não sabia bem o porquê. Foi ainda mais difícil dormir sabendo que no andar de baixo, em cima da mesa de centro, estava o grimório fechado – mas que, na escuridão do interior daquelas páginas, aqueles olhos dourados ainda estavam brilhando.

Assistindo.

Aguardando.

4

Rae

A manhã de segunda-feira trouxe mais céu cinzento e chuva fraca. Andei para a faculdade sob a borda preta do meu guarda-chuva, agitando a água das poças com as botas ao longo da minha estreita entrada de carros em direção à rua.

Quando alcancei a caixa de correspondência, avistei a Sra. Kathy recolhendo suas cartas. Quando foi minha professora da primeira série, há quase quatorze anos, seu cabelo loiro estava salpicado de cinza – agora estava completamente prateado.

— Oi, Sra. Kathy! — Acenei animadamente para ela debaixo do meu guarda-chuva. Ela estreitou os olhos para mim, piscou rápido algumas vezes por baixo de seus enormes óculos casco de tartaruga, e voltou para dentro de casa depressa.

Caramba. Então tá.

Era uma caminhada de só quinze minutos até o campus, mas o frio fazia parecer mais. Então as torres góticas e janelas altas da Universidade de Abelaum se ergueram por trás das árvores, revestidas por trepadeiras e salpicadas de musgo. Sua aparência era a de um lugar que devia estar abandonado e em decadência, não frequentado por estudantes carregando iPhones e copos do Starbucks. Guarda-chuvas definitivamente não eram populares por aqui: a chuva fraca não parecia incomodar ninguém além de mim. Todos os outros simplesmente usavam capas de chuva com o capuz erguido.

Capas de chuva não eram necessárias no sul da Califórnia – eu não tinha nenhuma no meu armário. Teria que fazer compras logo se não quisesse continuar parecendo um peixe passando muito frio fora d'água.

Caminhei pelos amplos corredores de pedra em busca da sala da minha primeira aula, forçando os olhos para ler as letrinhas douradas afixadas ao lado de cada porta de madeira escura. A chuva aumentou e escorria em veias devagar pelas janelas estreitas enfileiradas de um lado do corredor. A vista era obscurecida por álamos e abetos, mas além de suas agulhas, eu ainda podia ver os pináculos altos e pontudos da universidade. Era quase impossível

resistir à tentação de parar a cada alguns metros e tirar minha câmera da bolsa, então considerei uma grande vitória quando enfim cheguei à aula a tempo.

As aulas foram a introdução típica de um primeiro dia, mas com uma grande diferença: meus dois professores da manhã abordaram a recente “trágica perda da vida de um aluno”. Foram feitas garantias de que estávamos protegidos, de que a segurança tinha sido aumentada, de que a polícia local faria “tudo que pudesse”. Eu não estava entendendo nada até fazer uma rápida pesquisa no Google.

“Estudante encontrado morto no campus da Universidade: investigação em andamento.”

Logo antes do início do semestre, o corpo de um aluno tinha sido encontrado brutalmente assassinado em um dos prédios da universidade. A viciada por histórias de crimes reais que havia dentro de mim continuou pesquisando mais, mas havia pouca informação. Nenhum suspeito. Nenhuma pista. Nenhuma declaração da polícia. Com sinceridade, fiquei chocada que um assassinato pudesse ter ocorrido em uma cidade tão pequena e não resultado em uma explosão absoluta de mídia e especulações.

O nevoeiro da manhã se manteve, se infiltrou entre os antigos edifícios e encharcou as pedras até ficarem de um tom mais escuro de cinza. As raízes musguentas dos pinheiros foram cobertas por ele, como uma maré que avançava lentamente. Mas, apesar do clima, a associação estudantil tinha instalado estandes por todo o pátio para saudar os alunos novos, assim como uma dúzia de clubes universitários. A empolgação por um novo semestre parecia incompatível com a bruma úmida, era como se a natureza estivesse tentando com todas as suas forças silenciar os estudantes barulhentos e tagarelas.

Como tinha tempo livre até minha próxima aula, não resisti e peguei minha câmera. Tudo, da torre com sino acima da biblioteca aos irregulares muros baixos de pedra cercados por sebes, apresentava uma estética agradável por trás de minhas lentes. A umidade, as folhagens, o drama gótico de tudo isso – fez eu me sentir como se tivesse entrado em um conto de fadas dos irmãos Grimm e estivesse exatamente de volta ao meu reino das fadas da infância.

Mas a morte tinha visitado o reino, e anunciou sua presença com o choque repentino de uma fita amarela de advertência, impedindo o acesso a um dos blocos no Noroeste.

Me aproximei. O nome *CALGARY* estava afixado com letras enferrujadas em cima das portas duplas fechadas, antecedido por um *B* e um *O* com um espaçamento estranho. As árvores tinham crescido próximas ao prédio e seus galhos subiam pelo telhado, como se estivessem lentamente o envolvendo em um casulo vivo.

Eu reconheci o nome das notícias que tinha lido naquela manhã: esse era o bloco no qual o corpo do aluno havia sido encontrado. Tirei mais uma foto, capturando a justaposição da fita plástica berrante contra a pedra manchada. Era bonito de um jeito medonho e triste.

— Está perdida, porra?

Não me julgue, mas por algum motivo vozes maldosas me deixavam com tesão – e a voz que falou à minhas costas era tão maldosa quanto possível. Virei e encontrei um homem parado aos pés da escadaria do bloco Calgary, de braços cruzados e me percorrendo com seus olhos verde-claros. Ele não podia ser mais do que alguns anos mais velho do que eu, ali todo vestido de preto, com uma camisa justa de mangas compridas, calça cargo e coturnos militares.

Merda. Meu tipo exato de babaca bonito-demais-para-seu-próprio-bem.

— Não estou perdida — disse, colocando meu melhor sorriso de por-gentileza-vá-se-foder no rosto. — É difícil não reparar na faixa amarelo-berrante atravessando a cena de um homicídio.

Ele respondeu ao meu sorriso com outro, mas enquanto o meu era petulante, o dele era o tipo de sorriso que você podia imaginar ver do lado de fora da sua janela à noite, com caninos afiados o suficiente para me rasgar no meio.

— Ah, *que ótimo*, você notou a faixa. Então presumo que só não saiba *ler*, já que decidiu passear por aqui.

Tive que me forçar a manter meus pés fixos no lugar e não os mover. Tinha algo de *estranho* no rosto dele. Suas mandíbulas eram tão afiadas que poderiam cortar uma garota, se seus olhos penetrantes não fizessem isso antes. Seus lábios cheios lhe davam um ar de menino, quase inocente – mas aquela inocência acabava em seus olhos. Eram profundos, situados debaixo de grossas sobrancelhas do mesmo tom de loiro mel de seu cabelo, que estava raspado curto ao redor das orelhas e mais comprido e bagunçado no alto.

Ele era absurdamente bonito. Minha barriga já estava cheia de nós, o que só podia significar que minha voz sairia mais aguda ao dizer:

— Estou quase certa de que a fita diz *“Cuidado”,* não “*Se Mantenha a Cinco Metros de Distância”*. Não vejo nenhuma placa me mandando ficar longe.

O sorriso dele desapareceu. Escorreu de seu rosto como gelo derretendo de um telhado no inverno, e ele subiu os degraus em minha direção. Cruzei os braços, e quando vi o logo bordado em sua camisa, me arrependi de não ter apenas recuado: Serviços de Segurança PNW.

Droga. Eu estava discutindo com um segurança.

Ele me *sobrepujou*. Teve que se curvar para baixo para enfiar a cara na frente da minha.

— Qual é o seu nome? — A voz dele estava baixa e suas palavras envolveram minha garganta ameaçadoramente, assim como suas mãos com toda certeza poderiam ter feito. Comecei a morder meu lábio inferior de ansiedade e empurrei meus óculos mais para cima do nariz.

— Alex — disse. Se ele ia me denunciar para alguma autoridade, de jeito nenhum eu ia arriscar já ter alguma mácula na minha ficha no meu primeiro dia aqui. Mas ele negou com a cabeça, piscando de um jeito sensual e lento, paciente.

— Não. Não é.

A sensação de dedos se fechando ao redor da minha garganta se intensificou. Precisei resistir à vontade de erguer a mão e me certificar de que não havia nada me apertando. Qual era o problema desse cara? Se eu tivesse sido menos atrevida, para começar, talvez ele não tivesse ficado tão irritado, mas já era um pouquinho tarde demais para isso.

Eu estava de costas para as portas fechadas do bloco Calgary, e esse cara estava bloqueando totalmente minha passagem para os degraus. Quando hesitei para responder, ele se endireitou e apoiou uma mão na porta sobre mim. Agora eu não estava só com a sensação de uma mão fechada na minha garganta, também estava sentindo uma bota pisando no meu crânio, me empurrando contra o concreto, suspirando ameaças indiscerníveis no meu ouvido.

— É Raelynn — murmurei depressa. A sensação desapareceu instantaneamente. Mas que porra? Será que eu estava com hipoglicemia, ou esse cuzão era realmente tão intimidador assim? Apertei minha bolsa mais perto do corpo. — Já que vai encher tanto o saco por causa disso, eu vou embora.

Ele fungou rudemente, o que poderia ser facilmente por achar graça ou por repulsa. Era impossível decifrar sua expressão dura como uma pedra, mas ter tanta intensidade assim concentrada em

mim era desconfortável. Ele se afastou da parede e deu um passo para o lado, abrindo espaço para eu escapar apressadamente.

— Olha por onde anda, garota — disse ele, se recusando a dizer meu nome mesmo depois de tê-lo arrancado de mim. — Curiosidade ainda vai te meter em encrenca.

Uma parte de mim estava desesperada para saber de que tipo de "encrenca" ele estava falando, porque um homem tão bonito assim com certeza poderia me causar várias. Era vergonhoso que um par de olhos claros e uma voz grave pudessem me fazer jogar no lixo a promessa de não me interessar mais por babacas.

Me afastei do prédio pelo gramado com aqueles olhos verde-claros fazendo a parte de trás da minha cabeça formigar. Joguei meu cabelo para trás, em uma tentativa de acrescentar um pouco de determinação ao meu andar para esconder o quanto ele tinha me abalado. Mas algo estranho aconteceu. Pareceu que uma corda tinha envolvido meu tornozelo, subindo cada vez mais, apertando cada vez mais.

Aquele relacionamento tóxico entre a gravidade e eu? Pois é, tinha voltado para me dar um chute na bunda.

Tropecei em nada e, ao mesmo tempo, minha velha bolsa coberta com bottons finalmente cedeu. A alça desgastada rasgou e

a bolsa caiu aberta. Meus livros se espalharam na grama molhada, papéis soltos flutuaram até as poças e o copo de café gelado para viagem que eu tinha encaixado – tolamente – no canto se abriu e derramou café aguado em meus sapatos.

Precisei fazer um minuto de silêncio antes de me ajoelhar e começar a recolher minhas coisas. Podia sentir os olhos dos estudantes que passavam, encarando: divididos entre se sentirem mal o suficiente para ajudar ou constrangidos o suficiente para simplesmente andar mais rápido. Com as bochechas coradas, olhei por cima do ombro e vi que o guarda estava me observando.

Com um sorrisinho torto no rosto, ele deu uma olhada breve para minhas posses ensopadas na grama, como se estivesse dizendo "*eu avisei*". Aquele sorriso teria sido encantador se ele não fosse tão idiota.

Quem é que eu estava tentando enganar? O sorriso dele era encantador *mesmo assim*, e meu corpo traidor estava com borboletas na barriga por ele estar olhando para mim.

— Ai, Rae, o que aconteceu?

Ergui os olhos enquanto enfiava um livro de volta em minha bolsa inútil. Inaya estava correndo no gramado em minha direção, um contraste gritante ao dia sombrio com sua capa de chuva amarela.

Ela deu um gemidinho de solidariedade ao ver meu estado: tentando ajoelhar no gramado sem mostrar para todo mundo o que havia por baixo da minha saia, com minha meia-calça molhada e suja de lama nos joelhos e os óculos escorregando pelo nariz.

— É a Maldição do Primeiro Dia, juro — disse ela. — As coisas sempre dão errado. — Ela ajoelhou ao meu lado e de imediato recolheu meus livros enquanto eu pegava os papéis estragados. Ela me ajudou a levantar e fiz o melhor que pude para amarrar a alça da bolsa de volta. — Vai ser tudo uma belezinha a partir de agora, não se preocupe.

Fiz um beicinho para ela, mas não consegui manter a expressão no rosto e caí na risada enquanto ela me puxava para um abraço. Entrelacei o braço com o dela e atravessamos o pátio.

— Vejo que já conheceu nosso adorável segurança novo, Leon — disse ela, dando uma olhadela para trás.

— Ah, ele é um mala sem alça — resmunguei, mas eu tinha outras coisas na cabeça além de um babaca perturbadoramente gostoso. Dei um tapinha de brincadeira no braço dela. — Por que você não me disse que teve um *homicídio* no campus, Inaya?

Ela gemeu e revirou os olhos.

— Porque *a maioria* das pessoas ficaria apavorada e eu não queria tornar sua mudança mais difícil, sua esquisitona! — Ela balançou a cabeça para mim. — Foi bem triste, garota. Nunca ouvi falar de nada desse tipo acontecendo aqui.

Chegamos a quatro bancos de pedra posicionados em um quadrado, situados abaixo de altos amieiros vermelhos. Vários estudantes estavam sentados ali, e Inaya acenou empolgada para eles quando nos aproximamos.

— Enfim posso te apresentar pra todo mundo! — ela sussurrou animada, quando um homem alto e familiar de casaco cinza se levantou de onde estava sentado no banco e abriu os braços.

— Senhorita Raelynn Lawson! — Sua voz forte retumbou, e ele me ergueu em um abraço apertado enquanto Inaya ria. — Faz tanto tempo, posso jurar que você cresceu.

— Ah, ha-ha, muito engraçado! — Sorri quando ele me colocou no chão. Trent, o noivo de Inaya, tinha se formado há dois anos na Universidade de Abelaum e, pelo que Inaya tinha me dito, já estava se dando bem em uma firma de investimentos em Seattle. — É por causa das botas, escolhi essas especificamente para alcançar sua cintura.

Trent riu e avançou para dar um beijo rápido na testa de Inaya. Ela gesticulou para o homem e a mulher sentados ao nosso lado.

— Rae, esses são Jeremiah e Victoria Hadleigh. — Obviamente, eram gêmeos. Cabelo castanho-claro, olhos azul-escuros, pele clara e sardas nos narizes. Eles deviam ter sido os alunos mais populares no ensino médio. O cabelo de Victoria era perfeitamente liso, suas unhas pretas eram longas e em formato bailarina, seus lábios brilhavam com um gloss nude-claro. O irmão dela parecia um atleta: musculoso, alto, queixo quadrado, com um sorriso presunçoso que conseguia não ser irritante.

— O pai deles basicamente é o dono da faculdade, então se tiver alguma reclamação, procure eles imediatamente — disse Inaya, o que fez Victoria grunhir e Jeremiah negar com a cabeça.

— Não, não, não — disse Jeremiah. — Não somos *donos* da faculdade.

— Tecnicamente, o papai só é dono de três blocos — disse Victoria, dando um trago de um fino cigarro eletrônico prateado que tirou do bolso de sua capa de chuva preta. — E o único que importa mesmo é o da Biblioteca Hadleigh. — Ela gesticulou para trás de si, em direção à grande estrutura que ocupava todo o lado leste do

pátio. Ela me deu uma piscadela. — Se quiser requisitar algum livro, com certeza pode falar com a gente.

— Isso é ótimo, obrigada! — Gravei isso em minha mente, já que ter o conhecimento de uma biblioteca nas pontas dos meus dedos era bem útil em minhas investigações. Nem tudo podia ser encontrado na internet, em especial quando se tratava de textos antigos ou raros. A biblioteca era ladeada por árvores, e um enorme arco com vitrais adornava a entrada. — É linda.

— Valeu. — Victoria encolheu o ombro, como se ouvisse elogios à biblioteca de seu pai todos os dias. — Mas chega de falar *da gente*. E quanto a você, Senhorita Califórnia? Qual seu signo, do que você gosta, o que você faz?

— Ah, é sagitário — pigarreei, brincando com o nó na alça da minha bolsa. — Estudo Audiovisual, gosto de fotografia, ahn…

— Filmes, é? — disse Jeremiah. — Precisa de atores para projetos futuros?

Dei uma risada nervosa, mas Inaya me poupou de responder quando disse:

— Conta pra eles do seu canal no YouTube! Das suas investigações!

— Investigações? — Victoria apoiou o queixo na mão. — Você é, tipo, uma detetive?

Forcei um sorriso e me preparei para os olhares estranhos que viriam.

— Bom, algo assim. Faço vlogs, falo sobre lendas locais, histórias assustadoras… investigo o sobrenatural.

— Ela é uma caça-fantasmas — disse Inaya.

Fiquei aliviada ao ver que tanto Jeremiah quanto Victoria pareciam estar intrigados, ao invés de sentindo aversão.

— Ah, é? — Jeremiah se debruçou para frente no banco. — Já conseguiu filmar alguma coisa? Fantasmas?

— Bom, captei algumas vozes estranhas. Orbes, sombras. — Encolhi os ombros e me joguei no banco ao lado de Inaya. — Ainda estou esperando por aquela grande aparição: uma de corpo inteiro ou, merda, uma névoa com um formato vagamente humano já ia estar bom.

— Bem, você está no lugar certo para coisas tenebrosas. — Victoria estreitou os olhos quando olhou para mim, batucando o vape com os dedos. — Você nasceu aqui, certo? Tipo, sua família é daqui?

Concordei com a cabeça.

— Aham. A família do meu pai sim, os Lawson. Eles moraram aqui por, caramba, provavelmente um século.

— Assim como a nossa família. — Victoria sorriu, mas a expressão parecia um pouquinho *forçada* demais para ser sincera. Que estranho. — Então você com certeza já faz uma ideia de como este lugar consegue ser *interessante*. Fantasmas, poltergeists, demônios, críptidos…. — Ela olhou de esguelha para trás de mim, na direção do Bloco Calgary. — Temos até assassinos agora, aparentemente.

Nós cinco olhamos para trás. O Bloco Calgary pareceria tão comum se não fosse por toda aquela fita amarela de demarcação, e o idiota dolorosamente gostoso em guarda na frente. Me virei de volta depressa.

— O rumor é de que só estão mantendo o prédio fechado porque não conseguem tirar todas as manchas de sangue da pedra — disse Victoria. — Um calouro encontrou o corpo e chamou a polícia. Ele era do segundo ano.

— Terceiro — corrigiu Jeremiah. — Marcus estava no terceiro ano.

— Certo, isso, terceiro, que seja. — Victoria o silenciou com um aceno de mão. — Um cara chamado Marcus Kynes. Ele levou oito

facadas.

— Nove — interferiu Jeremiah.

— Ai, meu Deus, Jerry, me deixa contar a história? Ele foi esfaqueado *nove* vezes. Tinha sangue por todos os lados, o corpo do menino foi simplesmente *destruído*. Alguém até conseguiu filmar.

— O assassinato? — arfei.

— Ah, não. Ninguém sabe quem foi… ou pelo menos, não estão dizendo nomes ainda. — Ela deu um sorrisinho. — Não, eles filmaram o corpo quando foi encontrado, antes dos policiais chegarem. Tão nojento.

— Tenho salvo aqui no meu celular, se quiser ver — disse Jeremiah, pegando o aparelho. — É muito louco quanto sangue tem nas pessoas.

— Ai, meu Deus, gente, não sejam repulsivos assim! — disse Inaya, empurrando o celular de Jeremiah para longe quando ele se debruçou para me mostrar. — É cedo demais, tá, cedo demais mesmo. O pobrezinho acabou de ser enterrado.

Jeremiah voltou a se sentar, olhando para o seu celular de um jeito que só fez minha curiosidade mórbida aumentar.

— Ele deve ter irritado muito alguém — murmurou ele. — Bem no meio no corredor.

Me atrevi a olhar para trás de novo. Bem ali, naquele velho prédio comum, a vida de alguém encontrou um fim brutal. Por quê? O que poderia estimular raiva suficiente para esfaquear uma pessoa *nove* vezes?

Franzi o cenho. O guarda, Leon, ainda estava parado aos pés da escadaria, e eu notei que os alunos que passavam desviavam muito dele. Mesmo do outro lado do pátio, conforme empurrava meus óculos no nariz, podia jurar que ele estava olhando para mim. Daquela distância, seus olhos verde-claros refletiam a luz que chegavam por entre as nuvens e brilhavam, como folhas douradas sob o sol.

Existe uma expressão francesa para a ânsia aleatória de pular de grandes alturas, o desejo irracional de se jogar no meio tráfego apesar da destruição iminente: *l'appel du vide*, o chamado do nada. Esses impulsos selvagens repentinos tendem a ser colocados de lado de imediato, mas os humanos os sentem. *E se você pulasse? E se você colocasse a mão no fogo? E se? E se?*

Quando olhei para ele e o vi olhando para mim, o nada me chamou.

E se?

— Ah, merda. Preciso ir pra aula. — Inaya levantou de um pulo, olhando a hora no celular. Ela me deu um abraço rápido e Trent a ajudou a recolher suas coisas antes de segurar sua mão e acompanhá-la para a aula. — Vejo vocês depois! Rae, me manda uma mensagem, precisamos fazer algo divertido logo!

— Investigar! — gritei para ela. — Precisamos ir a algum lugar assombrado, preciso de conteúdo!

— Rae, qual é o seu número? — Victoria pegou seu celular, em uma capinha azul brilhante com um pingente prateado de coroa. — Assim posso te avisar se tiver algo legal rolando. — Ela me deu um sorriso meigo. — Sei que pode ser intimidador fazer novos amigos.

Passei meu número, feliz por ela estar tão disposta a fazer amizade. Enquanto eu falava o número, notei pelo canto do olho que Jeremiah estava digitando ao mesmo tempo em seu celular. Eu podia estar errada, mas parecia que ele tinha salvado meu número também.

Quando me virei para ir em direção à minha próxima aula, meus olhos esquadrinharam a calçada em frente ao Bloco Calgary, mas, dessa vez, Leon tinha sumido.

5

Leon

Tinha um limite para o tempo em que eu podia me masturbar naquele quarto vil de concreto sem começar a me sentir mais do que só um pouquinho feral. Demônios têm necessidades: o impulso de caçar o prazer, de procurar estímulos, é tão necessário quanto comida e água são para um ser humano. Então, por mais que eu odiasse o homem, quando Kent me disse que eu vigiaria o campus da universidade quando o semestre começasse, eu poderia ter beijado suas botas desgraçadas.

Poderia. Não beijei. Mas já fazia muitos anos desde que tinha me sentido tão livre.

O sacrifício de Kent não tinha apenas agitado seu Deus. Tinha despertado os Antigos, as bestas ancestrais da floresta que se alimentavam apenas de sangue, magia e dor. O despertar do Deus

os estava deixando impacientes, e logo eles começariam a rastejar das profundezas mais escuras da floresta para caçar.

Kent não precisava que o pânico se espalhasse por Abelaum. Meu dever era manter os Antigos longe dos alunos, longe da cidade. Eu devia me livrar das bestas quando as encontrasse, o que não era uma tarefa fácil, mas não que eu pudesse recusar as ordens de Kent. Eu mataria de bom grado todos os Antigos em que colocasse os olhos se fosse para ficar com seu território de caça para mim.

Os Antigos consumiriam a carne dos humanos se pudessem, mas eu consumiria os humanos de outras formas. Através de prazer, dor e sangue. Corrupção. Tentação. Uma intoxicação absolutamente perversa. Os humanos eram as presas mais pateticamente dispostas. A maioria deles vivia vidas tão reprimidas, se comprometendo a moralidades que só serviam para limitar seu gozo de suas curtas existências mortais.

Ofereça a um deles um caminho curto para a perversão, tente-os com os desejos mais sombrios de prazer, e eles se tornam presas fáceis. Um banquete de universitários curiosos havia sido colocado diante de mim, e eu pretendia me fartar.

A princípio, eles ficaram desconfiados. Seus instintos primitivos lhes diziam o que seus olhos não viam: eu era perigoso. Um

predador. Se mantiveram longe de mim, embora não conseguissem impedir seus olhos de passearem sobre meu corpo. Isso fez com que os degraus que levavam às portas fechadas do Bloco Calgary, onde eu tinha estabelecido meu principal posto para vigiar aqueles que perambulavam pelo pátio, permanecesse vazio.

Até *ela* saltitar pelos degraus sem uma única preocupação na cabeça, com olhos arregalados, vibrando de energia, cheirando à sálvia e menta e pele quente.

Ela nem olhou na minha direção, como se lhe faltasse por completo aquele instinto primitivo que impelia seus colegas estudantes, como se o guardião selvagem de sua autopreservação tivesse dado de ombros e simplesmente deixado a coisinha solta por aí. Ela era pequena *mesmo* – em estatura, mas não em energia. Ela segurava uma grande câmera perto de seu queixo, pronta para erguê-la até o olho a qualquer momento. Sua jaqueta preta jeans era grande demais, assim como as botas de couro em seus pés e a bolsa estufada de livros que ela carregava. Ela não era alta o suficiente para alcançar meus ombros, mas por baixo de sua jaqueta pude notar a curva agradável de seus seios, seus quadris, e coxas que imploravam para serem apertadas e enchidas de roxos.

Fui tomado pelo calor. Se não fosse cuidadoso, se me permitisse ceder muito rápido àquela *necessidade* de caçar, de perseguir, de tentar, meu disfarce humano falharia, e esses pobres mortais não estariam só me dando espaço – estariam correndo e gritando.

Mas eu também não permitiria que ela apenas me escapasse.

— Está perdida, porra?

Ela se virou devagar, seus grandes olhos castanhos agora estavam semicerrados, me encarando com incredulidade por trás de seus óculos de aro grosso. Seus olhos se demoraram em mim e o fluxo repentino dos hormônios do estresse em seu corpo tornaram o ar pujantemente doce.

Perfeito.

— Não estou perdida. É difícil não reparar na faixa amarelo-berrante atravessando a cena de um homicídio.

Ela tentou soar irritada, mas seu tom de voz ficou agudo e entregou a mentira. Ela estava nervosa, intrigada. Apavorada, só o suficiente para ser cautelosa. O sorriso petulante que ela colocou naqueles lábios pintados de preto era mais uma farsa.

Eu gostava muito dos mentirosos. Significava que eles tinham medo de dizer a verdade, e eu adorava fazer os humanos enfrentarem seus medos.

Sorri de volta, e isso pareceu despertar aquele seu guardião primitivo dorminhoco. O instinto finalmente injetou um pouco mais de medo nela quando teve um vislumbre dos meus dentes. Provavelmente, estavam um pouquinho mais afiados do que deveriam ter aparecido na frente dela, mas eu estava empolgado, e era difícil manter uma aparência de um humano “normal”.

— Ah, *que ótimo*, você notou a faixa. Então presumo que você só não saiba *ler*, já que decidiu passear por aqui.

Será que ela retrucaria, apesar de seus instintos lhe dizerem para fugir? Havia algo de feroz em sua postura, como um gato acuado se preparando para lutar. Ela estava me avaliando, movendo os olhos devagar pelo meu corpo. Uma atitude petulante não conseguia disfarçar medo, e não conseguia disfarçar desejo. Sua voz ficou ainda mais aguda, só um pouquinho mais desesperada:

— Estou quase certa de que a fita diz *“Cuidado”,* não “*Se Mantenha a Cinco Metros de Distância”*. Não vejo nenhuma placa me mandando ficar longe.

Ela tinha uma faísca do fogo do inferno dentro de si. Malcriada. Corajosa. Oh, eu *gostei* disso.

Já se perguntou por que os humanos compram brinquedos que fazem barulho ao serem apertados para seus cachorros? É porque

aquele barulho imita o som de um animal lutando para sobreviver, e isso deixa o cachorro exaltado.

Às vezes, aqueles barulhos desesperados de resistência fazem com que um predador queira morder mais ainda.

A expressão dela se desfez quando subi os degraus em sua direção. Ela cruzou os braços e afastou os pés quando pairei sobre ela e me curvei para baixo. Nós demônios não conseguimos controlar a mente humana, mas podemos dar um *empurrãozinho.* Podemos implantar influências para despertar sentimentos e sensações. É fácil de ignorar, se o humano tentar, mas não quando estão tão distraídos quanto ela estava.

Seus olhos continuavam perambulando, que coisinha sem-vergonha. Estimulei sua mente só o suficiente para ela imaginar um apertão suave em seu pescoço.

— Qual é o seu nome?

Agora ela estava agitada. Nervosa, excitada, confusa. Se eu a tocasse, talvez ela entrasse em combustão, e era exatamente assim que eu a queria. A perseguição não era divertida se a vítima não estivesse com vontade, e quanto mais ela permanecesse nesse estado de provocação, de tentação, mais curiosa ficaria.

— Alex.

Mentirosa.

— Não. Não é. — Apertei um pouquinho mais, empurrei um pouquinho mais. Eu amava fazer pirralhas se contorcerem, alguns amantes antigos meus diriam que é porque eu também sou um pirralho, mas esses amantes antigos estariam *errados*. Eu só dei um empurrãozinho na mente dela, e sua imaginação fez o resto. A confusão atravessou seu rosto, e ela engoliu em seco. Uma mente curiosa começaria a divagar em direção a desejos sombrios, aos pecados que tentava esconder. Quais seriam os dela?

— É Raelynn — disse, e dessa vez não estava mentindo. — Já que vai encher tanto o saco por causa disso, eu vou embora.

Raelynn. Combinava com ela, harmonizava com ela. Satisfeito, aumentei a distância entre nós e dei um passo para o lado, dando a ela espaço para escapar rapidamente. Ela desceu os degraus depressa, com o corpo tenso e contraído, e seu cheiro flutuou até mim outra vez.

— Olha por onde anda, garota — eu disse. — A curiosidade ainda vai te meter em encrenca.

Seus ombros ficaram ainda mais tensos. Ela jogou o cabelo curto por cima do ombro, e saiu pisoteando o gramado com suas botas, como se eu tivesse acabado de *arruinar* sua manhã.

Pirralhas precisam aprender sua lição de algum modo, não precisam?

Eu não a forcei. Só incentivei sua mente a ir na direção para a qual já estava inclinada a ir de qualquer jeito. Infelizmente para Raelynn, ela já era bem desastrada.

Seus pés enroscaram, e o solavanco fez com que a alça de sua bolsa rompesse. Livros se espalharam pela grama e papéis flutuaram até as poças remanescentes, seu café abriu e disparou o conteúdo por todos os lados. Precisei contrair a mandíbula para impedir a gargalhada que queria sair. Prostrado bem em frente aos degraus de onde ela tinha acabado de sair, cruzei meus braços e assisti à sua tentativa de agachar de saia, segurando a parte de trás constrangedoramente para mantê-la no lugar. A cabeça dela virou para trás e seus olhos curiosos procuraram e encontraram os meus por um breve instante, antes que ela voltasse a desviar o olhar.

Ela ficava ainda mais bonitinha com suas bochechas sardentas coradas de vergonha.

A amiga dela a buscou e elas foram embora juntas. A assisti atravessar o pátio, mas meus olhos estreitaram quando ela alcançou seu grupo e se sentou. Os Hadleigh – o que, em nome de Lúcifer, ela estava fazendo com os Hadleigh? Eu nunca a tinha visto

com eles antes. Será que ela fazia alguma ideia de quem eram? Do que eram capazes?

Não importava. Não era para importar. Ela seria minha presa, mesmo assim. Mas o peculiar impulso de alertá-la cutucou os recessos de minha mente. Foi um impulso que eu de imediato me afastei. Eu não tinha ganhado a reputação de guardião, só havia uma coisa pela qual eu era conhecido entre a espécie humana.

Eu era um assassino. Um caçador. Não um protetor. Nem mesmo para garotinhas nanicas com nenhum senso de autopreservação.

Era noite quando a encontrei outra vez. Eu tinha fugido da monotonia do pátio por um tempo e estava caminhando por um dos cantos mais afastados do campus. Havia mesas e bancos espalhados por baixo das árvores, onde alunos se sentavam com as costas curvadas sobre seus notebooks. A reconheci imediatamente, sentada de pernas cruzadas em uma mesa de piquenique com o notebook aberto em sua frente. Agora havia um nó imenso na alça da bolsa dela, e tinha mais um copo de café na sua mão direita. Será que essa garota se sustentava inteiramente à base de cafeína? Não me admira que sua frequência cardíaca fosse tão alta.

Talvez eu acelerasse um pouquinho mais.

Fiquei atrás dela, fora de seu campo de visão. Seu navegador estava aberto em uma página intitulada *“Mortes em Massa, Insanidade e Crípticos: A História Sinistra de Abelaum*”. Ela esfregou os olhos, então voltou a ler, selecionou uma passagem que copiou e colou em outro documento.

“Abelaum é lar de uma variedade de locais assombrados e monumentos históricos”, dizia. “*Um desses locais é a Igreja de São Tadeu, localizada a um quilômetro e meio do poço da mina White Pine, onde os sobreviventes do desastre de 1899 foram resgatados.”*

Por que diabos ela estava pesquisando sobre São Tadeu?

— Já tem dever de História?

Ela deu um pulo ao ouvir o som da minha voz e virou a cabeça para me olhar. Aquele olhar ansioso, o aumento de sua frequência cardíaca, as piscadas rápidas antes de desviar os olhos – foram suficientes para me fazer inspirar o ar e segurá-lo dentro de mim em um esforço para não me aproximar mais.

Estive trancado por *tempo demais* se um mero olhar breve de uma humana estava fazendo eu me sentir assim.

Mas eu já tinha recebido muitos olhares breves. Muitos olhares de desejo. Era o olhar *dela*. O cheiro dela. Me tentando. Não era

comum que fosse eu a ser tentado.

— Como sabe que é pra aula de História? — murmurou. Ela virou o notebook ligeiramente, como se para ocultar a tela de mim, e fechou a mão no colo. Talvez eu conseguisse ver aquele pedacinho de fogo do inferno saindo outra vez. Ela já estava incomodada.

Encolhi os ombros e andei tranquilamente para me recostar na mesa, fazendo minha sombra pairar sobre ela. Porra, ela tinha um cheiro bom. Sangue quente, menta e sálvia, café e algo parecido com granola. Esta garota era absolutamente perigosa de se estar por perto.

— Só um palpite. Talvez você goste de pesquisar igrejas interditadas para se divertir.

Ela fechou o notebook com força. O olhar irritado que ela me dirigiu colocou um sorriso no meu rosto.

— Está perdido, *porra?* — disse, repetindo o que eu tinha dito para ela mais cedo. Tanto atrevimento em um corpo tão pequeno.

— Que coisinha hostil é você, não? — eu disse. — Eu patrulho o campus, boneca. É meu trabalho verificar cantos afastados.

— Certo, bom, patrulhe mais *longe*. Bem longe, de preferência. — Ela fez uma cena de pegar o celular e me dar as costas, mas estava só olhando suas mensagens à toa. Como se ela fosse

conseguir me dispensar tão fácil assim. Era divertido demais assisti-la incomodada para ir embora agora.

Mas, além de ser divertido, fiquei incomodado de vê-la pesquisando aquela igreja desgraçada. Ela estava passando tempo com os Hadleigh, o que já era ruim o suficiente por si só, mas algo me dizia que essa mulher não fazia a menor ideia de com o que estava mexendo.

— Você não é daqui, né? — Mesmo que não conhecessem a verdadeira natureza do local, os locais ficavam bem longe de São Tadeu e de White Pine. Havia lendas demais. Histórias demais.

— Por que diz isso? — disse desconfiada, tornando a se virar para mim lentamente. Pelo menos ela estava cautelosa. Precisava dirigir isso àquele seu grupinho de amigos.

Dei de ombros e enfiei as mãos nos bolsos da calça.

— Ah, não sei. Você tem um cheiro diferente.

— Eu tenho um *cheiro* diferente? Qual é o cheiro do sul da Califórnia, hein? Incêndio florestal e torrada com abacate? — Ela finalizou seu acesso de fúria com uma careta, arrependida de ter entregado aquele pedacinho de informação. Corada, ela enfiou o notebook na bolsa e se levantou, mantendo as costas viradas para mim. Sua saia roçou em suas coxas e esse movimento me inundou

não apenas com o perfume de seu xampu, mas com um aroma mais suave e muito mais primitivo.

Meu sorriso aumentou. Coisinha teimosa, resistindo ao próprio tesão. Era por isso que estava se dedicando tanto a não olhar para mim. Ela saiu andando, jogando a bolsa sobre o ombro rapidamente, batendo as botas no chão. Continuei perto da mesa, mas gritei:

— Não posso dizer que São Tadeu seja uma boa atração turística. Eu ficaria longe daquela igreja, se fosse você.

Isso a fez parar. Ela virou de volta e retrucou:

— Ah, perdão, achei que você fosse o guarda do *campus*. Faz a segurança da igreja também?

Caramba, todas as vezes que ela ralhava comigo, todas as formas de como eu poderia transformar essas palavras malcriadas em gemidos disparavam na minha mente. Eu deveria ter me concentrado mais nisso, e não nessa jornada do herói qualquer que me fez dizer umas besteiras tipo:

— É um lugar perigoso. Interditado, trancado. Qualquer local saberia que é melhor não ir lá.

Por algum motivo, essa garota nova ingênua estar casualmente se envolvendo com as partes mais sombrias de Abelaum

simplesmente me incomodava. Victoria e Jeremiah eram populares, claro, mas raramente demonstravam interesse especial por alguém.

O que eles queriam com essa garota?

Ela estava concordando devagar com a cabeça. Sua raiva tinha se transformado em confusão, mas havia um brilho de curiosidade em seus olhos.

— Valeu pelo aviso, vou me lembrar disso. — Ela chutou uma pedrinha na calçada e acrescentou casualmente: — O que mais sabe sobre a igreja? O que ouviu falar dela? Já esteve lá?

— Ouvi dizer que é velha, suja e não vale a visita. — *E é assombrada pelas almas amaldiçoadas oferecidas a um Deus perverso.* Mas essa era a última coisa que uma mulher curiosa como ela precisava ouvir.

— Mas e quanto às histórias? — insistiu, entregando seu entusiasmo. — Sobre os mineradores e… ei! Aonde você vai?

Já tinha passado tempo demais ali com ela e não estava gostando dos sentimentos impulsivos que estavam cutucando minhas costelas como dedos afiados acusatórios. Eu a queria longe daquela igreja, longe dos Hadleigh. Ela era ignorante demais, curiosa demais para seu próprio bem

Mas que merda, isso *não* era responsabilidade minha.

— Tenho que trabalhar, boneca. — Lhe dei um aceno breve por cima do ombro. Suas botas estavam pisoteando novamente, dessa vez correndo atrás de mim até ela aparecer do meu lado como um filhotinho de cachorro ansioso. A surpresa me fez parar e encará-la de cima. Ela tinha erguido o celular e parecia estar filmando.

— Olha, talvez eu pudesse pegar só um relato rápido seu sobre a igreja. Uma história assustadora que você tenha ouvido, qualquer coisa! — ela falou rapidamente e ficou sem fôlego. Que inferno, ela era uma *daquelas pessoas*: uma caçadora de atenção nas redes sociais, que queria tudo postado, tudo on-line. Agora eu *sabia mesmo* que ela seria encrenca.

Bufei e a contornei para seguir meu caminho.

— Não tenho interesse em fazer parte do seu documentariozinho, ou seja lá o que esteja fazendo. Fique longe de São Tadeu.

— Ah, por *favor.* — O tom dela tinha mudado. Estava mais suave, estava tentando puxar meu saco. — Vai soar mais autêntico vindo de um local. Você parece ser o tipo de cara que teria histórias ótimas.

Não foi pouca a quantidade de autocontrole que precisei para não sorrir. Eu tinha que reconhecer que ela era determinada.

— É mesmo? Que tipo de histórias você acha que eu tenho? — Me aproximei, e dessa vez, quando o coração dela acelerou, não consegui refrear meu sorriso. — Acha que vou contar histórias sobre os monstros da floresta? Sobre velhos loucos que acham que vão ressuscitar Deus? Sobre os fantasmas dos que morreram há muito tempo, cujo tormento nunca acaba?

Ela estava prestando atenção em cada palavra que eu dizia, com seus deliciosos lábios ligeiramente afastados.

— Bem, boneca, sinto muito te desapontar — disse suavemente. — Mas a única história boa que tenho daquela igreja é sobre o último casal que levei lá.

Ela piscou várias vezes rapidamente.

— O… quê?

— Se você nunca trepou jogada por cima de um púlpito com um homem metendo no seu cu e outro na sua boca, tenho certeza de que aquela mulher recomendaria. Mas, se quiser, posso te contar a história eu mesmo, em detalhes.

Ela piscou rapidamente, estava praticamente saindo fumaça do cérebro dela enquanto processava como deveria reagir. Estava excitada pra caralho, pobre coisinha pervertida.

— É mesmo? — ela disse baixo, e eu estava pronto para ver sua explosão. Ao invés disso, ela sorriu pretensiosamente e disse: — Então conte. Parece ser uma história fascinante.

Neguei com a cabeça. Caramba, as coisas que eu queria fazer com ela eram obscenas. Dei um passo mais para perto, desafiando meu próprio autocontrole ao me curvar para baixo e sussurrar rouco:

— Não conto histórias de graça, boneca.

A expressão dela vacilou, sua mandíbula contraiu.

— Ah, é? Qual é o seu preço?

Sorri.

— Você de joelhos, implorando pra eu enfiar meu pau na sua garganta.

Houve um breve momento de hesitação antes que a repulsa fizesse seu rosto contorcer e, naquele momento, tive um vislumbre de tudo que precisava saber. Apesar de ela ter guardado o celular bruscamente e me encarando irritada, eu podia sentir o cheiro de seu tesão.

— Vai se foder. Pervertido.

— Awwn, o que foi, achei que quisesse ouvir a história?

Ela se virou e saiu andando, rebolando na saia. Mas o desejo estava ali. A *necessidade*. Ela não precisava gostar de mim para me

querer. Sexo com raiva era mais divertido, de qualquer forma. Quanto mais esses pobres humanos te detestavam, quanto mais odiavam o desejo que sentiam por você, mais intenso era quando enfim cediam.

— Ei, cuzão, eu também não sou turista! — ela se virou e gritou para mim, com os punhos fechados ao lado do corpo. — Eu nasci aqui!

Ela foi embora, satisfeita por ter a última palavra. Nascida aqui… interessante. Isso era muito interessante. A conexão dela com essa cidadezinha maldita era maior do que eu tinha imaginado. Não fazia nenhuma diferença real para mim, mas como disse, estava curioso a respeito do porquê os fedelhos Hadleigh estavam interessados nela.

Talvez ela ficasse longe de São Tadeu – não que eu me importasse. Eu nem deveria ter me dado ao trabalho de alertá-la. Se ela acabasse mergulhando de cabeça em confusão, não seria problema meu. Os humanos só serviam de brinquedo, mais nada.

6

Rae

O vapor encheu o banheiro, as portas de vidro do chuveiro estavam riscadas pelas gotas de água que escorriam pela condensação. Deixei a água cair sobre meu rosto e pelo meu cabelo em uma tentativa de que levasse meu tesão embora.

Não estava funcionando.

Caminhar do campus de volta para casa depois das aulas, no escuro, não tinha sido tão tranquilo quanto a ida de manhã. A chuva tinha parado e as nuvens tinham se afastado só o suficiente para deixar um pouco da luz do luar passar, mas a escuridão da floresta à noite era impenetrável. A rua que me levava para casa era estreita e tranquila. Fiquei esperando um carro passar, torcendo para ter o conforto de faróis acesos.

Não passou nenhum.

Andei sozinha, dizendo a mim mesma para continuar calma, apesar da crescente sensação na minha nuca de estar sendo observada e do ocasional barulho de um graveto quebrando que vinha de dentro das árvores. Eu não me assustava com facilidade, mas era difícil não ficar apreensiva em uma escuridão tão intensa assim.

Até eu chegar em casa, tirar minhas roupas e entrar no chuveiro quente, meus pensamentos já tinham voltado para Leon. Aquele cuzão presunçoso e pervertido.

Eu queria dar um tapa nele por ousar dizer aquela merda para mim. Ele tinha que ir lá e colocar aquelas ideias na minha cabeça sobre eu me ajoelhar para ele. Arg, que otário absoluto. Me deixou tão irritada.

E me deixou excitada.

Fechei os olhos apertados, mas a escuridão de minha própria mente não era um lugar seguro para fugir desses pensamentos. Leon era exatamente meu tipo, pelo menos com base em primeiras impressões rasas. Sarcástico, com respostas rápidas e um sorriso sardônico que fazia meu estômago revirar. Senti que tinha voltado ao ensino médio e estava babando por algum rockstar inatingível. Tive um vislumbre das linhas coloridas de tatuagens por baixo do

colarinho de sua camisa, e ele tinha vários piercings na cartilagem de suas orelhas e alargadores. Ele passava uma energia de rebeldia, talvez até um pouco artística.

Suspirei e me repreendi mentalmente por romantizar a aparência daquele babaca. Ele era absurdamente bonito, e daí?

"Se você nunca trepou jogada por cima de um púlpito com um homem metendo no seu cu e outro na sua boca…"

Inspirei devagar. Eu não devia estar pensando nele desse jeito, não quando eu teria que vê-lo todos os dias no campus, não quando eu tinha prometido a mim mesma que ia parar de pular na cama de gente babaca depois do que tinha acontecido com a Rachel.

Mas era só uma fantasia, e aquela caminhada fria e assustadora para casa tinha me deixado precisando de um pouco de conforto.

Eu podia imaginar a mão dele subindo pelas minhas costas, seus dedos pela minha coluna até chegarem em minha nuca e fecharem ali. Me segurando como uma bonequinha a ser usada e manuseada. *Boneca*. Acho que ele gostava de me chamar assim.

Engoli com força, minha boca estava seca. Eu não podia negar que meus desejos estavam no lado sombrio e *kinky* das coisas.

Tinha algo de perigoso nele, eu não conseguia definir o que, mas ele disparou todos os alarmes do meu cérebro que me mandavam

fugir. Um coelho sabia imediatamente que deveria fugir de um lobo. Então por que, ao invés de fugir, eu estava fantasiando sobre ser pega?

Deslizei meus dedos para baixo, passando lenta e gentilmente pelo meu umbigo antes de acariciar minha barriga e entre minhas pernas. A água quente e meus toques delicados fizeram minha espinha se arrepiar, e meu tesão aumentou. A parte interna de minhas coxas estava sensível, até mesmo para as minhas próprias mãos. Me encostei na parede do chuveiro com o vapor subindo ao meu redor, e meu dedo deslizou entre meus lábios para acariciar meu clitóris.

Minha respiração ficou presa na garganta. Esfreguei de novo, impiedosa aos arrepios que isso causou nas minhas pernas. Eu tinha sido grossa com ele, sabia que tinha. Ele poderia facilmente ter respondido àquela grosseria me colocando no meu lugar.

Deixei a fantasia se desenrolar enquanto meus dedos continuaram brincando entre minhas pernas e minha outra mão subia e se arrastava por cima de minha garganta. Imaginei Leon me apertando ali, só o suficiente para dificultar minha respiração, me segurando no lugar, desamparada, enquanto ele ralhava comigo.

Antigamente, eu me sentia culpada por fantasiar a respeito de alguém abusar de mim, como se aquela realidade horripilante fosse algo que eu iria querer viver *de verdade,* fora da segurança da minha mente ou de um role play consensual. Mas meu pânico tinha me levado a ler tanto a respeito da psicologia por trás disso, que eu não me sentia mais uma hipócrita pervertida. Havia algo de excitante e catártico em me imaginar indefesa. Indefesa, mas satisfeita. Indefesa, mas desejada.

Não era só com filmes de terror e lugares mal-assombrados que eu me entregava ao meu amor por coisas obscuras. Minhas fantasias, as que faziam minha respiração acelerar e meu coração bater mais forte, também eram extremamente sombrias.

“Achou mesmo que eu ia deixar você falar comigo assim?”

Imaginei os olhos dele me penetrando: brilhantes e cruéis, ansiosos por eu estar em suas mãos.

“Você devia ter tentado ter um pouquinho mais de respeito.”

Meus joelhos ficaram mais fracos quando meus dedos massagearam meu clitóris com brutalidade, meu tesão molhado me deixou escorregadia. Imaginei Leon em cima de mim, imaginei ele rindo da minha frágil resistência enquanto me segurava e abaixava minha calcinha até meus tornozelos.

“Sua curiosidade vai te meter em encrenca”, ele rosnou. Curiosidade… é, ele tinha me alertado sobre isso. Eu ouvia sua voz me dando uma bronca tão bem quanto se ele estivesse aqui, bem no meu ouvido. “*Olha só onde isso te meteu. É isso que acontece com garotinhas depravadas que não querem escutar.”*

Escorreguei até o chão do boxe, deitei e deixei a água cair sobre mim. Me senti em um desespero patético, mas eu *precisava* disso.

“Diga que sente muito, pequena Raelynn.”

Gemi, arqueando minhas costas, forçando meus dedos para dentro e esfregando meu clitóris enquanto metia meus dedos em mim mesma. Eu podia imaginá-lo rindo, a curva de seu sorriso cruel. Pensei na forma como seus músculos esguios tinham contraído por baixo da camisa quando retruquei o que disse. Imaginei esses músculos contraindo do mesmo jeito enquanto ele me curvava para baixo, sussurrando no meu ouvido “*acho que é preciso te ensinar uma lição com meu cinto. Às vezes pirralhinhas precisam apanhar até chorar, não é mesmo?*”. Meu corpo todo tremeu, dividido entre prender a respiração ou ofegar desesperadamente. *“Devia ter pensado nisso antes de se comportar mal. Agora peça desculpas, e talvez eu faça você se sentir melhor depois que…”*

Fui pega pelo meu orgasmo, que contraiu todos meus músculos até eu vibrar e gemer alto, de boca aberta. A fantasia era intensa demais, era errada, era perigosa. Era perverso desejar tanto que um estranho me castigasse, mas eu não podia negar o prazer disso. Afastei os dedos, incapaz de suportar tocar em meu clitóris sensível por mais um segundo sequer.

Enquanto as ondas do êxtase passavam, fiquei deitada ali atordoada e tremendo, com a água fluindo sobre mim. Levantei devagar e me apoiei na parede do chuveiro, olhando para a água que escorria pelo ralo. Estava chovendo de novo, batendo na janela embaçada em cima do chuveiro.

Agora eu realmente estava ferrada. Como é que eu ia conseguir ver aquele cuzão no campus e não pensar nisso?

7

Rae

Eaí, garotaaaa, o Festival de Arte da Rua Principal começa hoje à noite!

Vem com a gente??? Vai ter cerveja e ervaaaaa!

A mensagem foi seguida por uma linha de emojis de carinha piscando, folhas e fumaça. Levei um instante para perceber que era de Victoria, eu tinha esquecido de salvar o contato dela no meu celular. Aconchegada no sofá com meu café matinal, depressa respondi sua mensagem.

Claro! Estarei lá!

Era um alívio já ter uma nova amiga disposta a me chamar para sair. Ter Inaya tinha facilitado muito a mudança, mas se eu ia me estabilizar por aqui e arrumar um emprego duradouro, eu precisaria ter mais do que uma amiga, e Victoria não tinha sido nada além de gentil comigo até agora. Inicialmente, tinha me preocupado que ela não seria, considerando que ela tinha todo esse lance de ser Gostosa-Influencer-Do-Instagram rolando. Eu tinha passado alguns anos sendo julgada pelas aparências para finalmente começar a enfiar na minha cabeça que eu também não devia fazer isso com os outros.

Um festival de arte parecia uma ameaça à minha carteira, mas eu não perderia. Eu poderia facilmente ir andando até a Rua Principal, era só um pouquinho mais longe de casa do que a Universidade, só que na outra direção.

Cheguei lá no final da tarde, empacotada em uma jaqueta quentinha, gorro, e tênis confortáveis. A Rua Principal serpenteava entre os charmosos prédios de tijolo de Abelaum, ladeada por cerejeiras que faziam sombras nas vitrines de inúmeros cafés, padarias, lojas de antiguidades e boutiques de roupas. A rua estava efervescente, já que as aulas de sexta da faculdade tinham acabado e mais alunos apareceram para participar.

— Rae! — A voz de Inaya atravessou a multidão. Em frente, eu podia ver que ela, Victoria e Jeremiah estavam aglomerados em um espaço reservado para os alunos de arte da faculdade. Inaya estava acenando os braços com entusiasmo, e corri para me juntar a eles.

Quando me aproximei, percebi que não eram só aqueles três rostos conhecidos que me assistiam. Um homem mais velho, por volta dos 50 anos, se eu tivesse que adivinhar, observava minha chegada com a sombra de um sorriso no rosto. Ele tinha cabelo grisalho e estava vestido em um terno perfeitamente sob medida. Algo em seu rosto, acho que os olhos, me lembrou de Jeremiah.

— Estou tão feliz que você veio! — Inaya me envolveu em um abraço. Victoria me esmagou depois, e se certificou de me dar um vislumbre do interior de sua bolsa enorme, para eu poder ver as garrafinhas de vinho acomodadas ali dentro.

— Rae, esse é nosso pai — disse Jeremiah, gesticulando para o homem de cabelo grisalho, que me observava sorrindo. — Pai, Raelynn.

— Senhorita Raelynn! — O sorriso de Kent era caloroso, assim como suas mãos quando ele segurou a que eu ofereci. Ele era muito bonito, tinha um certo charme sofisticado. Ele *parecia mesmo* alguém que dirigia uma Sociedade Histórica, como se fosse o tipo

que gostava de estudar textos antigos sob a luz de velas. — Prazer em te conhecer, minha querida. Espero que esteja se sentindo acolhida em Abelaum, até o momento.

— Muito. — Sorri. — Victoria e Jeremiah têm sido maravilhosos. Estou feliz de finalmente te conhecer. Ouvi dizer que você praticamente é o dono da cidade, seu Hadleigh.

Kent acenou desdenhosamente com a mão.

— Ah, absurdo! Abelaum é meu lar, está cheia de família e amigos. O que quer que precise de mim, dou com prazer. E se você precisar de qualquer coisa, senhorita Raelynn, é só me avisar… e, por favor, pode me chamar de Kent. — Ele fez uma pausa, como se alguma coisa tivesse cruzado sua mente e ele não tivesse certeza se queria verbalizar. Então, ele disse: — Sabe, eu estudei com o seu pai. No ensino médio, e depois na universidade. Richard, não é isso? Richard Lawson?

Fiz que sim com a cabeça.

— Isso, meu pai cresceu aqui. Como sabia que eu era uma Lawson? A semelhança é tão grande assim?

Ele riu e me deu uma piscadela.

— Um palpite certeiro. Os Lawson moraram por muito tempo em Abelaum. É bom ter um de vocês de volta. De qualquer forma, não

fique presa à tagarelice de um velhote. Aproveite! Dê uma olhada por aí.

Victoria segurou meu braço no instante em que a atenção de seu pai diminuiu e, comigo de um lado e Inaya do outro, passeamos entre as mesas para explorar. Ela abriu garrafinhas de vinho rosé, despejou o conteúdo em três garrafas de água vazias, e as entregou para que pudéssemos desfrutar do espumante alcoólico enquanto andávamos.

— Não devíamos esperar pelo Jeremiah? — perguntei, notando que ele não estava nos acompanhando. Victoria só negou com a cabeça enquanto revirava os olhos.

— Hoje ele está brincando de favorito do papai — disse, e colocou a língua para fora fingindo nojo. — Ele sempre fica um chato com relação à bebida quando um semestre novo começa e o técnico do time de futebol americano fica de olho nele o tempo todo. De repente, ele fica tão *devoto* da saúde e do bem-estar.

Nós passeamos e bebericamos, até eu me distrair com um estande de baralhos de tarô pintados à mão e não consegui resistir parar para ver. A garota bonita sentada atrás da mesa tinha longos cabelos loiros, e usava um vestido preto de renda que alcançava suas botas. Suas unhas pontudas de acrílico pintadas de verde

estavam espalmadas sobre a capa do livro que ela estava lendo, um volume gasto com uma dama suspirando nos braços de um homem sem camisa na capa.

— Foi você mesma quem pintou todas essas? — perguntei, admirando a atenção pelos detalhes em cada carta no baralho de amostra. Ela concordou com a cabeça com um sorriso tímido, mas, antes que pudesse responder, Victoria se intrometeu:

— Ela pintou cada uma delas. É por isso que fica trancada no quarto o tempo todo. — Victoria suspirou pesadamente e se sentou na beira da mesa. A garota loira voltou a fechar a boca, e seu sorriso se apagou devagar, enquanto ela abaixava o livro. — Everly, essa é Raelynn. Raelynn Lawson.

Os olhos azul-claros de Everly arregalaram ligeiramente. Por um instante, pareceu que ela me conhecia, como se estivesse empolgada – mas então passou. Nada além de um sorriso sereno e gentil permaneceu.

— Prazer em te conhecer, Raelynn.

— O prazer é m…

— Você deveria tirar umas cartas pra ela, Ev — disse Victoria, jogando o baralho de amostra na direção dela. Olhei de esguelha para Inaya, para ver se ela também estava ficando incomodada com

a repentina atitude babaca de Victoria como eu estava, mas ela só negou com a cabeça e gesticulou com a boca um *“depois te conto”*.

Everly não parecia feliz, mas começou a embaralhar as cartas lentamente. Mordi meu lábio, dividida entre querer seguir em frente e interromper qualquer que fosse essa tensão entre Everly e Victoria, ou ficar para não ser rude. Mas, quando hesitei, Everly sorriu mais uma vez e disse com sua voz suave:

— Chegue um pouquinho mais perto, Raelynn.

Parei na frente dela. Ela olhou para mim enquanto embaralhava as cartas, mas seus olhos estavam distantes. Ela de repente não parecia mais tão jovem.

— É Rae — disse, então logo esclareci: — Quero dizer, meus amigos me chamam de Rae. Você pode me chamar de Rae.

— Rae. — Seus lábios se curvaram em torno do meu nome, como se fosse algo doce que ela queria comer. — Gostei. Fica em algum lugar entre o masculino e o feminino. — Ela colocou as cartas viradas para baixo na mesa, inspirou fundo, e tirou a primeira.

Mostrava uma torre de pedra se erguendo em uma floresta, com chamas lambendo a janela mais alta enquanto nuvens de tempestade a cercavam. Everly abaixou a carta devagar e fez uma pausa.

— Mudança — disse baixo. — A vida que você conhecia, sua torre robusta, foi transformada dramaticamente. Não existe mais. — Seus lábios voltaram a abrir, só para fecharem sem fazer um som. O que quer que ela fosse dizer em seguida, mudou de ideia.

Bom, isso me pareceu muito mais agourento do que deveria ter sido. Sorri, olhando um pouco incerta para Victoria, que só encolheu os ombros e tomou um longo gole de sua garrafa de “água”.

Everly tirou a próxima carta. Retratava um homem deitado de rosto para baixo na neve, com o braço esticado como se estivesse tentando alcançar alguma coisa. Várias espadas estavam atravessando suas costas, o prendendo ao chão, e a neve estava manchada de sangue.

Everly não disse nada. Ela não estava mais olhando para mim, mas seus olhos continuavam olhando de relance para o lado, como se estivesse procurando por alguém. Ela pegou a próxima carta, a virou para colocar na mesa.

— Com licença. — Uma mulher tinha surgido às minhas costas, e me sobressaltei ao ouvir o som de sua voz. — Quanto custam essas aqui?

Everly recolheu as cartas, sorrindo feliz enquanto respondia à mulher. Victoria desceu da mesa, dando mais um suspiro.

— Vamos encontrar um bar — disse, tomando o que restava de seu rosé. — Estou morta de fome.

Ela nos conduziu enquanto Inaya colocava o braço sobre meus ombros e se debruçava para sussurrar no meu ouvido:

— A Everly é meia-irmã da Victoria. Kent teve um caso pouco antes de Victoria e Jeremiah serem concebidos. Eles têm só alguns meses de diferença.

Arregalei os olhos e precisei resistir ao impulso de olhar para trás. Everly definitivamente não tinha herdado a semelhança da família Hadleigh, mas pelo menos eu conseguia entender um pouco melhor o desdém de Victoria por ela, não que Everly tivesse alguma culpa nessa situação toda. Victoria tinha se afastado mais à frente, e aparentemente tinha encontrado um bar que estava do seu gosto quando gritou para nós nos apressarmos.

Mas minha mente ainda estava nas cartas. Eu não sabia muito a respeito de tarô, mas acho que a última carta, da qual tive um vislumbre, teria sido bastante óbvia para qualquer pessoa: um esqueleto vestindo uma capa preta, carregando uma grande foice enquanto cavalgava um cavalo branco por um campo inóspito.

Morte.

O bar estava cheio de gente, mas conseguimos encontrar uma mesa próxima dos fundos. Victoria pediu uma rodada de cervejas e aperitivos, insistindo que pagaria por tudo. Tive a impressão repentina de que ela tinha começado a beber muito antes de eu ter me encontrado com ela mais cedo.

Ela evidentemente tinha estendido o convite para outros amigos também, porque estávamos sentadas há poucos minutos quando outro grupo apareceu: duas mulheres com seus namorados, e dois homens que Victoria conhecia de uma de suas aulas. Ela logo se agarrou a um deles e estava sentada no seu colo. Outra rodada de cervejas foi pedida e a conversa ficou tão alta que ninguém realmente entendia o que estava sendo dito, mas nenhum de nós nos importamos, de qualquer forma. O bar estava ficando lotado, e eu estava me sentindo muito bem, com as duas cervejas me deixando com calor e a energia agitada que me cercava.

Não sei bem quando *ele* chegou. Talvez ele tivesse estado lá o tempo todo e eu só não tivesse percebido, mas eu duvidava que tivesse a capacidade de não o notar. Olhei através da mesa, rindo de algo que Inaya tinha dito, e o olhar de Leon colidiu comigo, aguçado e penetrante, e aqueles olhos verde-claros me mantiveram

prisioneira por apenas o mais breve dos instantes antes de se desviarem.

Leon estava sentado no canto, com as costas na parede, inclinado para trás em um banco com os braços cruzados e um sorriso no rosto. Esta noite seus braços estavam de fora, me permitindo dar uma boa olhada em suas tatuagens. Camadas de tinta colorida, como o teto da Capela Sistina, marcavam de seus pulsos até os ombros. Ele usava jeans preto justo, tênis Converse e uma camiseta vermelha com estampa de letras irregulares na frente. Não estava sentado sozinho. Eu só conseguia ver o perfil de seu companheiro, mas enquanto as tatuagens de Leon eram coloridas, as do outro cara eram escuras, sombras e detalhes fortes tatuados pelos seus bíceps. Ele tinha piercings nos dois cantos do lábio inferior, e uma barrinha preta que atravessava a sobrancelha por cima de seus olhos castanhos cor de mel.

Eu considerava uma regra tácita do universo que não podiam existir no mesmo lugar, ao mesmo tempo, mais do que uma pessoa absurdamente gostosa, especialmente não tão próximas uma da outra e de *mim.* Mas esses dois – musculosos, sorridentes, sinistros o suficiente para se equilibrarem na linha entre intrigantes e

aterrorizantes – não apenas estavam sentados diretamente no meu campo de visão, mas estavam olhando para mim.

Leon estava realmente me encarando, mas seu amigo estava me dando olhadas de soslaio também, virando só o suficiente para me olhar por cima do ombro antes de voltar a desviar sua atenção. Meu rosto estava ficando corado, e por quê? Só porque eles estavam olhando para mim? Ou porque eu tinha gozado imaginando Leon fazendo coisas horríveis comigo e agora eu tinha que ficar sentada aqui, com os olhos dele sobre mim e aqueles pensamentos cutucando meu cérebro de novo?

Tentei ignorá-los. Sentia o olhar de Leon quente em minha pele, tão palpável como dedos acariciando meu corpo. Comecei a bater o pé contra o apoio do meu banco, e os palitos de muçarela de repente ficaram enjoativos demais na minha boca.

Eu não queria comer. Eu não queria beber mais cerveja. Eu queria satisfazer aquela curiosidade insaciável que continuava arrastando meus olhos de volta ao cara com um sorriso maligno no canto.

Leon e o outro homem estavam conversando, e não era fácil, mas tentei me concentrar no barulho vindo do seu canto ao invés do que estava ao meu redor. Houve um breve momento de silêncio

quando Victoria se levantou para usar o banheiro e um dos casais foi até o bar pedir um drinque. Só então fui capaz de captar o que eles estavam dizendo por alguns breves momentos.

— …finalmente me deixou sair. Porra, se é só isso que ele precisa que eu faça, o que é um pouquinho de…

Eu teria conseguido entender mais se ousasse olhar os movimentos dos lábios de Leon. Mas eu sabia que, se erguesse os olhos em sua direção, o encontraria me olhando de volta.

— …e você? Caçando de novo?

Agora, seu acompanhante falou. A voz do homem era grave, o tipo de voz que se equilibrava firmemente na beira do sarcasmo, como se fosse gargalhar a qualquer momento.

— Sim. Chegando perto… ser divertido… se ela não me matar antes…

Me distraí quando Inaya se levantou para ir embora e me deu um abraço de despedida. Quando voltei a me sentar, a mesa do canto estava vazia e Leon e seu amigo estavam passando pela nossa mesa.

Os olhos dele encontraram os meus: um desafio, um convite. Um baseado estava seguro entre seus dedos, e seu amigo tinha passado um braço sobre seus ombros. Pela janela do bar, assisti

aos dois virarem a esquina da construção, provavelmente indo fumar no beco ao lado.

Eu não tinha sido a única a assisti-los passarem. Victoria tinha encarado os dois durante todo seu trajeto até a saída e, quando eles desapareceram, nossos olhares se encontraram.

Ela deu um sorrisinho.

— Ele é gostoso, né?

O brinquedinho dela da noite não ficou muito satisfeito com esse comentário, mas eu não podia discordar.

— Sim, e um otário.

Ela ergueu os ombros:

— Coisas bonitas não precisam ser simpáticas, precisam?

Meu pé continuava balançando contra o banco. Coloquei a mão no bolso da jaqueta para pegar meu vape.

— Já volto. — Me levantei da mesa. — Vou fumar rapidinho.

8

Rae

O ar estava de um frio cortante do lado de fora, e minha respiração formava nuvens de condensação quando eu exalava. A música vinda do bar estava abafada, e o cheiro de maconha era acre e pungente no vento. Parei perto da esquina do prédio, vendo as silhuetas de Leon e seu amigo escurecidas no beco com minha visão periférica. Dei um trago no meu cigarro eletrônico, e o cheiro de creme de morango se misturou ao odor de maconha.

Atrás de mim, o murmúrio das vozes dos homens causou um leve arrepio em minha espinha. Então a voz de Leon chamou:

— Vai ficar parada aí torcendo pra gente te incomodar, Raelynn? Ou vai vir aqui buscar o que você quer?

Virei com a mão livre enfiada no bolso para eles não verem meus dedos tremerem. Leon estava encostado na lateral do prédio,

passando o baseado para seu amigo, que me deu um sorrisinho antes de dar um trago. Não achei legal ele interpretar minhas ações desse jeito.

Não achei legal ele estar certo.

— E o que exatamente quer dizer com isso? — perguntei. Leon encolheu os ombros.

— Vai ser mais fácil pra você ouvir nossa conversa se chegar mais perto — disse o amigo, exalando fumaça com suas palavras.

Se eu realmente achasse que eles eram um risco para mim, não teria dado outro passo adiante. Mas aí estava a parte esquisita da coisa. Eles deveriam ter sido apavorantes, mas, ao invés disso, o que senti foi uma *confiança* bizarra. Uma crença completamente infundada de que eles não colocariam um dedo em mim a não ser que eu quisesse.

Porra, e olha que eu queria.

Me aproximei e parei ao lado deles sob a luz fraca do beco. Estava mais quente aqui – não apenas por causa da proximidade dos prédios, mas porque os dois emanavam calor. Era estranho, mas me fez parar de tremer. Leon acenou com a cabeça para seu amigo:

— Esse é o Zane.

Zane, com o baseado entre os lábios, fez um sinal de paz com os dedos.

— Irmãos? — perguntei.

Leon riu sarcasticamente.

— Acho que as pessoas em geral não trepam com seus irmãos.

— Algumas trepam — Zane disse depressa. — Manos com benefícios.

— Não é bem-visto.

— Como se você desse a mínima pro que é bem-visto. — Zane riu e devolveu o baseado para ele.

Nenhum dos dois parecia chapado, e o baseado estava quase acabando. A única diferença perceptível era que o olhar penetrante de Leon estava mais suave, o que tornou mais suportável quando ele me observou dar outro trago no meu vape.

— Que merda é essa? — disse.

— Creme de morango. — Ofereci um trago. Ele fez que não com a cabeça.

— Não vai ter efeito nenhum em mim.

Leon deu um longo trago em seu baseado e a brasa na ponta flamejou brilhantemente. Ele soprou a fumaça no meu rosto: tinha um cheiro de pinheiro, agridoce.

— Melhor do que esse vapor doce, não é? Essa merda que você diz a si mesma que é suficiente… — Ele negou com cabeça. — Simplesmente não te satisfaz.

Zane se inclinou para mais perto.

— Você precisa de algo mais forte, um pouco mais mordaz. — Ele bateu os dentes com força na última palavra.

Ignorando Zane, encarei a expressão convencida de Leon.

— Você é um escroto.

— Ah, Rae. — Ele se aproximou, acabando com o espaço entre nós, que já era pequeno. Minhas opções eram dar um passo para trás, e colar minha bunda em Zane, ou ficar firme no lugar. Não me mexi, e os quadris de Leon roçaram nos meus. A centímetros do meu rosto, ele deu outro trago e a fumaça saiu em espirais de seus lábios quando falou: — Você não faz nem ideia de quanto.

Engoli quando a fumaça acariciou meu rosto. O toque de seu corpo era quente, rígido e absolutamente tentador. Parte de mim queria se esfregar nele, mostrar que eu também conseguia responder com provocação. Mas outra parte queria lhe dar um tapa, deixá-lo ali naquele beco sem a satisfação de saber o quanto me afetava.

Sem nunca saber o quanto ele me fez desejá-lo.

— Por que veio aqui, Rae? — disse casualmente. Mas nada poderia ser casual com ele tão perto assim.

— Pra fumar — murmurei.

— Não, não, não. *Por que* você veio *aqui*?

Zane estava rindo atrás de mim. Eu não estava disposta a perder minha coragem.

— Estava curiosa. — Leon ergueu uma sobrancelha para mim, esperando por mais, e eu consegui soltar: — Sobre você. Estava curiosa.

Leon concordou sagazmente com a cabeça, como se tivesse acabado de ouvir o segredo do universo e percebido que sabia qual era o tempo todo.

— Curiosidade é um perigo — Zane disse suavemente. Sua voz estava a centímetros do meu ouvido, o suficiente para arrepiar minha nuca. — Ouvi dizer que mata gatinhas… é esse o ditado?

— Chegou perto. Que tal isso, querida… — Leon deixou cair o que restava do baseado e o esmagou com o tênis. — Vou deixar essa brincadeira um pouquinho mais fácil para você, um pouquinho mais segura. Porque eu gosto dessa brincadeira. E gosto de brincar com você.

Zane casualmente passou o braço por cima dos meus ombros, me assustando.

— É muito perigoso brincar com o Leon sem uma rede de segurança. Sei bem disso. — Ele deu um sorrisinho, como se essa afirmação fosse uma medalha de honra. No meio dos dois, minha mente era uma enxurrada de incertezas e meu corpo estava determinado a me trair mais a cada segundo que passava. Havia algo de profanamente sensual em me sentir tão pequena entre eles, caminhando sobre a linha divisória entre ludicidade e perigo.

Eu não sabia exatamente do que estávamos brincando. Mas estava pronta.

— Ah, é? — Minha voz estava aguda. — Vai facilitar como?

Zane brincou:

— Ah, então ela quer *mesmo* brincar!

— É claro que ela quer — disse Leon, com uma voz tão suave quanto mel. — Eu sabia que ela seria uma diversão.

Não *divertida*. Uma diversão. *Eu* era a brincadeira, o brinquedo. Meu coração começou a disparar, minhas entranhas contraíram de tesão. Porra, como isso podia ser tão arriscado e, mesmo assim, tão sexy?

Minha respiração acelerou quando os dedos de Leon subiram pelo meu pescoço. Achei que ele fosse erguer meu queixo, mas seus dedos pararam onde meus batimentos cardíacos pulsavam, logo abaixo da minha mandíbula.

— Misericórdia — sussurrou. Ele fez essa palavra simples soar bela, como poesia, como um carinho. — É tudo que você precisa dizer para a brincadeira acabar imediatamente. Faz sentido?

— Você está me dando uma palavra de segurança — eu disse baixinho. — Jesus Cristo…

— Cristo não está aqui. — A voz de Zane fez cócegas no meu ouvido. — Só o Diabo, e ele gosta de vítimas que queiram brincar.

— Seu coração está batendo tão rápido — disse Leon suavemente. — Acho que está excitada, Raelynn. Você quer brincar? Ou quer ir embora?

Zane tirou o braço dos meus ombros e se afastou fazendo uma reverência, como se estivesse me permitindo sair do beco. Mas eu não me mexi. Que inferno, eu *realmente* estava considerando fazer isso. Meu corpo ansiava pelo toque de Leon, ansiava pelo jogo perigoso que ele prometia. Minhas fantasias estavam a mil. Mas eu não tinha muito tempo. Os outros logo se perguntariam onde eu

estava e começariam a me procurar, se já não estivessem procurando.

Mas o toque simples e suave dos dedos de Leon na minha garganta continuava fazendo eu me sentir um peixe preso em um anzol.

— Vai parar se eu disser? — Minha voz estava trêmula, mas não era de medo. Eu não conseguia me lembrar de já ter estado tão empolgada assim, ou tão dolorosamente excitada.

— Tem minha palavra. — A voz de Leon estava firme, tão confiante que não deixava espaço para dúvidas. — E sei que você tem pouco tempo. Sei que seus amigos estão lá dentro, bons amigos que vão te procurar se não voltar logo. Mas não preciso de muito tempo. Só de alguns minutos.

— Alguns minutos pra quê?

Pude jurar que vi seus olhos flamejarem quando ele me deu um grande sorriso.

— Pra te fazer gozar.

Fiquei vermelha da cabeça aos pés. Zane balançou um dedo para mim.

— Tique-taque, garota. O que vai ser?

— Soa divertido? — Os olhos de Leon não tinham se afastado do meu rosto. Ele estava me examinando, me observando cuidadosamente, internalizando minhas reações enquanto esperava pela resposta.

Ele queria uma vítima disposta, e eu estava *disposta* pra caramba.

— É, soa divertido. — Minha voz não falhou dessa vez. Todos meus tremores estavam dentro da minha barriga quando devolvi seu sorriso convencido. — Mas vamos ver se você realmente cumpre a promessa de só precisar de alguns minutos.

Os dedos dele, antes tão suaves ao se posicionarem em minha garganta, apertaram ao empurrar minhas costas contra a parede. Ele estava firme, controlado – o que deteve minhas palavras e tirou meu fôlego enquanto ele pairava sobre mim, tão perto que eu senti seu cheiro. Seu perfume era cálido como uma fogueira de verão, e revigorante como limonada gelada. Cítrico e fumaça.

— Fique de olho, Zane — disse, enquanto sua mão livre acariciava a lateral do meu corpo. Ele aproximou a boca do meu ouvido, passando os dedos pelo cós do meu jeans na minha cintura, e sussurrou: — Te fazer gozar não vai ser nenhum desafio, querida. Sua própria imaginação e as poucas palavras que eu te disse já te

deixaram excitada. Então imagine só o que meus dedos podem fazer.

Aqueles dedos perversos deslizaram por baixo da cintura do meu jeans. Ai, meu Deus, o que eu estava fazendo? Estava prestes a deixar um cara praticamente estranho me masturbar num beco e tudo em que eu conseguia pensar era "*Isso, meu Deus, isso, por favor!"* Seus dedos me provocaram passando pela parte interna da minha coxa, por cima de minha pele trêmula, deixando minhas pernas arrepiadas. Minha respiração estava ofegante, minhas mãos empurravam os tijolos ásperos atrás de mim. Os dedos dele alcançaram minha calcinha de algodão e deslizaram pelo elástico.

— Me lembre novamente, Raelynn — grunhiu ele, com o nariz colado no espaço atrás de minha orelha. O corpo dele estava tão perto, moldado ao redor do meu, quente e pesado. — Me lembre novamente o quanto você quer que eu te faça gozar.

Puta merda, se ele continuasse dizendo essas coisas, eu ia acabar gozando só com suas palavras. Minha língua parecia ter esquecido como formar palavras, e levei um momento para me recompor o suficiente para falar. Um momento longo e torturante, em que seus dedos continuaram me provocando tão de perto, e seus lábios roçavam minha orelha.

— Quero que me faça gozar — sussurrei, porque se eu falasse mais alto sairia como um gemido.

Leon murmurou em apreciação e seus dedos começaram a esfregar por cima da minha calcinha.

— Coloque os braços em volta do meu pescoço. Vai precisar se segurar.

Fiz o que ele disse, envolvendo seu pescoço com os braços e me agarrando a ele. Isso imediatamente deixou o momento mais íntimo, mais desesperado. Precisei me erguer para segurar nele, o que deixou meu rosto escondido entre meus braços, aninhado em seu peito.

Os dedos dele deslizaram para dentro da minha calcinha. Ele esfregou meu clitóris, depois meus lábios, e então riu.

— Ah, tão molhadinha pra mim. Tão macia. — Os dedos dele circularam meu clitóris molhados pelo meu tesão, se movendo por cima daquele broto até minha respiração começar a ficar rasa.

Porra, ele tinha razão – eu já estava tão excitada que meu corpo estava *ansioso* para gozar. Ele começou a usar dois dedos para me massagear e disparou um tremor pelas minhas pernas.

— Ah… Leon… — comecei a ofegar, apoiando a testa no peito dele. Por baixo de meus braços esticados, vi Zane nos assistindo

com um sorriso travesso de satisfação no rosto. Quando nossos olhos se encontraram, ele levou um dedo aos lábios. *Xiiiu.*

Então os dedos de Leon deslizaram para dentro de mim e perdi completamente a habilidade de controlar o volume dos meus sons.

— Shh, shh, Raelynn — Leon me repreendeu gentilmente, subindo a mão que estava na minha garganta para cobrir minha boca. Meus gemidos foram abafados pela sua palma quando ele cobriu entre minhas pernas com a mão em concha, metendo dois dedos dentro de mim enquanto usava a base de sua palma para estimular meu clitóris. — Não faça tanto barulho. Se alguém vier aqui e ver a gente, vou ter que parar. E não é isso que você quer, é?

Neguei com a cabeça, fechando os olhos com o êxtase. Os dedos dele estavam tão molhados, entrando e saindo de mim enquanto minha vagina se agarrava a ele gananciosamente. Soltei todo meu peso sobre ele e meus braços o agarraram com mais força à medida que o prazer aumentou, minhas pernas começaram a tremer demais para conseguir me sustentar sozinha.

— Que coisinha mais barulhenta — disse Leon. — Adoro como você geme bonito.

Eu estava completamente entorpecida de prazer. As endorfinas deixaram minha mente atordoada. Os pensamentos mais insanos

me consumiram, pensamentos sobre ter o pau dele dentro de mim, de sentir o gosto dele, de beijá-lo e *chorar* de tão gostoso que isso estava. Não havia nenhuma sensação no mundo como esses preciosos e breves segundos em que o prazer crescia logo antes de se transformar em um orgasmo. Enfiei as unhas nas costas deles e gritei contra a palma de sua mão, meu corpo ficou tenso como uma mola quando cada músculo do meu corpo contraiu mais e mais até…

Êxtase. Porra. Fiquei fraca. Fechei os olhos enquanto vibrava apoiada nele, e seus dedos continuaram me estimulando onda após onda de prazer. Senti o mais breve toque de seus dentes em meu pescoço, como se ele quisesse morder, como se estivesse resistindo à vontade de me machucar, de me consumir.

Leon tirou os dedos e me recostei pesadamente no muro atrás de mim durante a sensação pós-orgasmo. Eu não tinha palavras suficientes para a adrenalina daquela experiência: o prazer desenfreado, o medo de sermos pegos, a incredulidade quanto ao que eu estava fazendo. Sem que eu notasse, Leon tinha tirado o vape do meu bolso, e o segurou nos meus lábios ao mesmo tempo em que erguia seus dedos lambuzados na luz do poste. Eles

brilharam enquanto eu dava um trago longo e sem forças no cigarro eletrônico.

— Lindo — disse baixinho. Ele colocou um dedo na boca e o chupou enquanto eu exalava. A fumaça rodopiou em volta de seu rosto quando Zane parou do seu lado.

— Isso foi bonito pra caralho — disse, passando um braço sobre o ombro de Leon e me olhando ferozmente de cima a baixo. Então Leon ergueu o dedo do meio, ainda cintilante, e Zane lentamente o colocou na boca e lambeu.

Puta merda, quase tive outro orgasmo só de ver isso.

— Sempre o dedo do meio — murmurou Zane, ajeitando a jaqueta enquanto lambia os lábios.

— Pra você? Sempre. — Leon se afastou, observando enquanto eu fechava meu jeans com dedos destrambelhados. Ele me ofereceu meu vape. — Valeu por ter brincado. Te vejo no campus, boneca. — Ele me saudou com dois dedos, e então ele e Zane caminharam para fora do beco lado a lado, rindo.

9

Leon

Os Demônios têm dois nomes.

Temos o nome pelo qual somos conhecidos: eu era o Leon, era como eu me apresentava, o nome pelo qual eu era chamado. Mas eu também tinha o nome pelo qual era invocado, um nome que só poderia ser escrito, nunca pronunciado. Era o nome que comandava minha própria essência, um sigilo conectado intimamente ao meu ser. Meu sigilo estava escrito no grimório e, sendo assim, qualquer um que tivesse o grimório podia me invocar quando quisesse.

A sensação de ser invocado era similar à de ter anzóis arrancando minhas entranhas pelo umbigo. Exigia obediência. Mas quando meu nome era meramente chamado pelo meu invocador, eu só sentia um cutucão, uma sugestão.

Então, quando senti Kent Hadleigh chamar meu nome pela primeira vez, ignorei.

Ele não tinha me incomodado desde a noite em que levei o corpo de Marcus para White Pine, e eu estava animado demais para permitir que ele estragasse tudo agora. Eu estava com minha mais nova presa preferida na mira: a pequena Rae, a desafiadora Rae, a *curiosa* Rae. Porra, o autocontrole que tive que exercitar para não a fazer *gritar* naquele beco foi absolutamente profano. Se eu não pudesse a ter de novo, ficaria completamente selvagem. Tê-la toda. Eu queria seu sangue, suor, lágrimas, gozo. Queria experimentar tudo.

Zane só riu da minha cara. Ele me conhecia há séculos, tinha me visto nos meus piores dias. Ele tinha sido um amante e um amigo, e eu não queria arrancar a cabeça dele. Ele repreendeu minha obsessão imediatamente, como se tivesse moral para falar alguma coisa. Ele caçava almas por diversão, estava sempre perseguindo o próximo prêmio com avidez. Já o vi perseguir humanos durante décadas só para convencê-los a prometer sua alma a ele pela eternidade.

— Não, não, você não pode comparar as duas coisas — disse. — Eu sou metódico. Concentrado. E você, bom, você fica fixado. Como

um cachorro com um osso na frente. Já vi o caminho pelo qual suas obsessões vão, Leon. Elas não acabam bem para você.

Motivo pelo qual eu raramente tinha *obsessões.*

E eu não estava obcecado.

Estava… interessado.

E, que inferno, Kent Hadleigh não parava de me *chamar*.

Ele estava nessa há tempo que já tinha se tornado um transtorno de merda. Ele devia estar furioso por eu não estar aparecendo, então por que ainda não tinha me invocado? Era seu método habitual: pegar o grimório, rabiscar meu sigilo e algumas runas no chão com giz e *exigir* que eu fosse. Eu não podia dizer não. O uso do meu sigilo não me deixava escolha.

O fato dele estar fazendo isso tão *gentilmente* era peculiar. Tão peculiar que despertou minha curiosidade o suficiente para obedecer, nem que fosse só para ver que diabos estava acontecendo.

Me teletransportar era exaustivo, então eu não fazia isso com frequência, mas também não estava a fim de correr atrás do Kent. Luz e sombra me cercaram rapidamente quando dispersei minha forma corpórea, antes de voltar a assumir minha forma física na sala de estar da casa dos Hadleigh. Tapetes perfeitamente brancos,

sofás brancos e um lustre de metal resplandecente acima. A principal parede do cômodo era toda de vidro, com vista para as árvores que cobriam a extensa propriedade dos Hadleigh. Era tudo tão limpo e delicado que só me dava vontade de quebrar tudo.

Kent estava parado à minha frente, com as mãos por trás das costas, e seu terno parecia um pouco mais amarrotado do que de costume. Seu amuleto de proteção de ferro, esculpido no formato de uma espada cruzada com uma varinha, não estava escondido por baixo da camisa hoje, como se o tivesse colocado com pressa. Os humanos não percebiam, mas essa coisa maldita deixava o ar com um cheiro metálico pungente, tão forte que me dava dor de cabeça. A esposa dele, Meredith, estava sentada no sofá atrás dele, e ficou rígida quando apareci – pelo menos um pouco mais rígida do que sua cara excessivamente cheia de botox já era. Jeremiah estava afundado em uma poltrona por perto, me observando com o queixo apoiado na mão, parecendo entediado e um pouco irritado. Everly assistia em silêncio do bar da cozinha, contorcendo as mãos no colo.

Tinha algo de estranho, mas eu não conseguia dizer *o que* exatamente.

— Por que demorou tanto? — A voz de Kent estava irritada, ansiosa. Isso era realmente incomum nele.

— Só estava fazendo meu trabalho. — Dei de ombros, estalando meu pescoço para aliviar a tensão que normalmente resultava de sair e entrar da minha forma física. — Não queria deixar o campus desprotegido. Achei que você podia esperar.

— Escravos não dizem a seus mestres para esperar — ralhou Jeremiah. — Olha essa boca.

— Ou o quê? — rosnei, me virando de seu pai para me concentrar nele. Ele de imediato se endireitou e contraiu a mandíbula ansiosamente quando me aproximei. — O que você vai fazer, hum? Quer me testar? — Ele se ajeitou na poltrona, disparando os olhos para o pai. Típico. — Melhor assim. Pelo menos sabe quando é hora de calar a boca. Devia ter medo, moleque…

— Kent, o *controle* — resmungou Meredith, e Kent pigarreou.

— Leon, já chega!

Devagar me levantei de minha posição debruçada sobre um Jeremiah que se encolhia. Nenhuma dor. Nenhuma punição. Kent amava procurar por qualquer oportunidade de me torturar, e ele tinha acabado de deixar um momento oportuno passar. Dei uma boa

olhada nele, mais uma vez examinando o terno amarrotado, as olheiras por baixo dos olhos, a forma como as mãos dele…

As mãos dele. Mãos vazias. Sem grimório.

Sem grimório?

Não… não, não podia ser. Kent nunca deixava aquela coisa sair de sua vista.

— Tenho uma tarefa para você, demônio. Uma alma destinada ao Das Profundezas voltou para Abelaum. Chegou a hora do próximo sacrifício.

Eu estava distraído, tentando determinar por que Kent não estava com seu grimório. O lance especial sobre o segundo nome de um demônio, sobre seu sigilo, era que não podia ser chamado de memória, e só podia ser gravado permanentemente por alguns meios específicos: se cicatrizado na pele ou se escrito por uma bruxa poderosa. Sem meu sigilo, sem o grimório, Kent não podia me invocar e não podia me conter.

Parecia bom demais para ser verdade.

— Você quer que eu sequestre alguém — murmurei —, ou só quer que eu seja babá do Jeremiah enquanto ele mutila outro sacrifício?

— Vai se foder! — Jeremiah ergueu a voz e recebeu um olhar preocupado de sua mãe. As narinas de Kent se expandiram com a força de sua exalação. Ele colocou a mão por dentro do paletó, tirou duas fotografias e as ergueu para eu ver. Precisei chegar mais perto para ver, e fui inundado por uma fúria gélida e esmagadora.

— O nome dela é Raelynn Lawson, mas a Victoria me disse que você já sabe disso, não sabe? — Kent me deu um sorrisinho. Ele estava segurando a foto da carteira de estudante dela ampliada, bem como uma dela sentada em um banco entre Jeremiah e Victoria. — A traga para nós, e garanta que ninguém te veja. Se certifique de não deixar marcas de resistência para trás. Faça parecer que ela saiu da casa dela por vontade própria, dirigiu até a costa e se acidentou. A traga para São Tadeu hoje à noite, à meia-noite: viva, ilesa e vendada.

Não peguei as fotos. Simplesmente olhei para ele.

— Não.

Kent riu.

— Você ficou louco? Seu invocador te deu uma *ordem*…

— Me force. Vá em frente, Kennyzinho. *Me. Force.*

Sei o que aconteceria em outras circunstâncias. Ele abriria o grimório, passaria o dedo sobre meu sigilo para que lhe concedesse

poder sobre mim, e pronunciaria algum feitiço daquelas páginas para me causar dor. Quebrar meus ossos, esmagar meus pulmões, me dar a sensação de estar sendo queimado vivo – os feitiços de punição que estavam dentro daquele livro eram perversos, e a quantidade de dor que eu conseguia suportar tinha limite. Mas, ao invés disso, ele só contraiu a mandíbula e fechou as mãos vazias.

Ele tinha perdido o grimório. Estava impotente.

— Ela é uma Lawson — disse, como se pudesse me persuadir a fazer o que ele queria. — Uma descendente dos Três Primeiros Abençoados, uma das escolhidas do Deus. — Pelo canto do olho, pude ver Everly agitada no assento. Ela era a única pessoa nessa sala que tinha nascido com habilidades mágicas, mas será que se atreveria a usá-las contra mim? — Ela precisa ir até o Das Profundezas, e você vai levá-la.

Então era por isso que os fedelhos Hadleigh tinham grudado nela tão rápido, como malditas sanguessugas ansiosas para se banquetearem na benevolência do Deus. Agora fazia sentido: Rae tinha nascido aqui, a família dela provavelmente tinha estado aqui desde o surgimento da cidade. Algum ancestral infeliz dela tinha entrado na mina e saído carregando a marca do Deus em si para sempre.

— Se você se jogar na tarefa logo, ainda vai ter horas com ela antes da meia-noite — disse Jeremiah. — Eu te vejo encarando ela no campus, a boceta dela pode ser sua recompensa por…

Ele nem me viu me aproximar.

Em um instante, ele estava se debruçando animado para frente na poltrona, assistindo à fúria se espalhar pelo meu rosto, e no seguinte eu o estava erguendo pelo pescoço por cima da minha cabeça, enquanto sua mãe gritava e seu pai praguejava.

— Eu devia esmagar essa sua cabecinha patética — rosnei, apertando sua garganta até ele gorgolejar e seu rosto começar a ficar roxo. Ele balançou os pés, tentando me chutar, como se seu contorcionismo medíocre pudesse me deter.

Eu ia matar todos eles. Primeiro Jeremiah, depois Meredith e então Victoria, e eu gostaria de cada segundo. O amuleto que Kent usava, benzido com magia antiga, me impedia de machucá-lo, mas eu massacraria toda sua família de bom grado e o faria assistir.

— Leon! — A voz de Kent estava alta, mas mesmo com a proteção pendurada em seu pescoço, ele não ousou se aproximar de mim. Meredith estava gritando histericamente. Everly assistia de sua cadeira, com todo o rosto drenado de sangue. Gargalhei, e o som reverberou pela sala enquanto minhas unhas afundavam no

pescoço de Jeremiah, arrancando sangue. — Solte-o! Me obedeça! Me obedeça agora mesmo!

— Obedeça? — Ri mais uma vez, me virando para ele, segurando Jeremiah no alto com uma mão. — Obedeça ou *o quê?* O que você vai fazer? O que vai fazer sem seu precioso grimório? — Kent pareceu que eu o tinha esbofeteado. — Você realmente achou que eu não ia descobrir? Que eu não ia notar? — Apertei um pouco mais, e um guincho lento saiu da boca de Jeremiah, como o ar escapando de uma bexiga. — Depois de todos esses anos, achou mesmo que eu te deixaria escorregar por um segundo que fosse, Hadleigh? Todos esses anos te servindo, arriscando minha vida por você, enquanto você continuava nessa sua jornada tola para agradar um Deus que vai te esmagar como um mosquito na primeira oportunidade que tiver.

Kent estava abalado, mas não derrotado. Ao invés de se dirigir a mim, seus olhos se direcionaram às minhas costas, e senti um toque de magia na minha coluna.

Olhei para trás. Everly estava de pé com lágrimas escorrendo pelo rosto. Foi a magia dela que eu senti.

Magia de bruxa.

Ela era jovem e não tinha treino, mesmo assim eu não queria lidar com lutar contra uma bruxa.

Voltei a olhar para Kent enquanto Jeremiah continuava se contorcendo no meu aperto.

— Me dispense. Agora. E vou deixar seu filho viver.

— O dispense, Kent! — gritou Meredith. — Se livre dele!

Kent odiava perder. O rosto dele se contorceu de fúria, sua mente provavelmente estava procurando outra opção. Mas Jeremiah estava pendendo frouxo agora e, com mais alguns segundos, eu apertaria com mais força ainda e esmagaria sua traqueia.

— Está dispensado, demônio — Kent grunhiu as palavras. — Saia da minha presença. Saia desta casa. Volte para o Inferno.

Meu Deus, como era gostoso vencer. Jeremiah caiu no chão em um montinho flácido e eu me dissipei, sorrindo e mostrando os dois dedos do meio.

10

Rae

Tinha algo de estranho naquele dia, mas eu não conseguia definir o que era.

Talvez fosse a sensação de estar sendo observada enquanto atravessava o campus, o formigamento bizarro na minha nuca que me dizia que havia olhos dirigidos para mim, mas eu não conseguia descobrir de onde. Talvez fosse a experiência do meu professor de Roteiro, o Sr. Crouse, ter lembrado a mim – e somente a *mim* – que eu podia procurá-lo em seu escritório depois das aulas se precisasse de alguma ajuda. Talvez fosse o fato de Jeremiah não ter ido para a faculdade naquele dia, e parecia que Victoria não conseguia guardar o cigarro eletrônico durante toda a duração do almoço. Senti cheiro de álcool no hálito dela de novo.

— Problemas familiares — disse Inaya, suspirando tensa antes de nos afastarmos para nossas últimas aulas do dia. — Conheço Victoria há alguns anos e ela sofre quando os pais dela não estão se dando bem. Nenhuma família é perfeita. Só precisamos tentar estar presentes por ela.

Inaya era uma amiga melhor do que eu. Ela planejou levar Victoria para tomar um café depois da aula, mas as sensações esquisitas daquele dia tinham formado um nó sólido de ansiedade na minha barriga. E quando ela começava, não tinha jeito de argumentar com a ansiedade. Eu só queria ir para casa.

Eu só precisava *caminhar* para casa.

Achei que fazer esse trajeto para casa ao anoitecer ficaria mais fácil, mas não. O sol tinha mergulhado entre as árvores e a luz dourada do crepúsculo atravessava os galhos. Era bonito, mas a escuridão estava se aproximando. As nuvens tinham sido esparsas naquele dia, mas, ao horizonte, uma massa escura de nuvens de tempestade roxo-acinzentadas estava se formando e se aproximando cada vez mais. Provavelmente choveria a noite toda. A ideia de ficar aconchegada na cama com uma taça de vinho, assistindo a Pânico pela milionésima vez enquanto a chuva caía lá fora me fez andar mais depressa.

Desde que mergulhei nas investigações sobrenaturais, me treinei a considerar essas sensações e emoções estranhas como uma parte fundamental do processo de investigação. Era muito comum sentir medo, calafrios e pânico em locais assombrados. Então tentei dar ao desconforto da minha ansiedade a mesma consideração que eu daria se estivesse investigando uma assombração. Eu não afastaria o sentimento. Ele tinha um motivo para estar ali.

Eu só não sabia qual era o motivo.

Minhas botas esmagaram o cascalho quando atravessei a rua para caminhar ao longo da terra perto das árvores.

— Ai, que nojo. — Ergui a camiseta para cobrir o nariz. O vento tinha mudado, trazendo consigo o fedor horrível de um animal morto, azedo e podre. Olhei pelas árvores, esperando ver um gambá morto ou talvez um veado.

Mas tinha *outra* coisa parada entre as árvores.

Na luz fraca, achei que estava olhando só para alguns galhos descoloridos e nodosos entre o labirinto de árvores. Os membros cinzentos, parecidos com ossos, foram cobertos com musgo e abertos, alguns no alto, outros mais baixos, me lembrando uma teia de aranha. Mas não era uma teia, não era uma aranha. Na junção desses estranhos apêndices semelhantes a galhos, estava uma

caixa torácica com carne cinzenta esticada sobre os ossos. Havia um pescoço curvado, parecido com uma coluna, e uma caveira canina com a boca aberta e uma comprida língua preta caindo para fora.

Pisquei rapidamente com o coração batendo forte. Será que meus olhos estavam pregando uma peça em mim? Estava a pelo menos quinze metros de distância. Empurrei meus óculos para cima e me curvei para baixo, em uma tentativa de ver mais claramente entre os galhos. Parecia um animal mutante morto, em decomposição. Não estava se mexendo. Estava ainda mais imóvel do que as próprias árvores.

Provavelmente, era algum tipo de instalação de arte macabra.

Na verdade, *tinha* que ser uma instalação de arte. Aqueles longos membros retorcidos eram só madeira. As “costelas” estavam cobertas por algum tipo de tecido melequento tingido, ou talvez por silicone. Me dei um chacoalhão e estremeci quando comecei a me afastar. O Festival de Arte tinha sido há poucos dias – talvez fosse comum espalharem as esculturas pela cidade. Eu tinha que descobrir quem era o responsável por essa peça. Tinha sido posicionada de forma brilhante e era assustadoramente realística, exatamente o tipo de merda sinistra que eu gostava.

Arrepios subiram pelas minhas costas e andei um pouco mais rápido. Alguma coisa ainda estava *fedendo*.

Um graveto estalou atrás de mim. Engoli com força e continuei andando. Eu não ia me entregar àquele medo irritante e persistente.

Não havia nada a temer.

Crac.

Eu não estava muito longe da entrada de casa. Eu podia vê-la adiante.

Parei de andar.

Um barulho tinha soado ao meu lado, algo entre um latido e uma tosse rouca. E aquele cheiro, meu Deus. Por que estava tão forte?

Me virei.

A rua estava vazia. As luzes dos postes tinham acendido, criando pequenas poças de luz indo na direção de volta ao campus. Mas não havia ninguém ali. Nem uma única alma. Espiei entre as árvores, pelas catacumbas de galhos entrecruzados, em direção àquela escultura sinistra lá atrás.

Tinha desaparecido.

Havia um som estrondoso nos meus ouvidos, como se o oceano estivesse enchendo minha cabeça em ondas de terror. Dei um passo para trás, então mais um. Meus olhos dispararam pela

estrada, em direção à cada pequena sombra crescente. Eu tinha que estar errada. Eu tinha que estar. Onde diabos…

O brilho de faróis surgiu repentinamente às minhas costas. Me virei e vi uma pequena caminhonete branca disparando pelo asfalto. Os pneus cantaram ao parar abruptamente do meu lado, e forcei meus olhos no escuro para tentar distinguir o motorista pelas janelas escurecidas.

A porta do passageiro foi aberta por dentro e Leon me olhou feio do banco do motorista.

— Entra.

Eu estava tão assustada que nem parei para considerar que talvez me jogar dentro do carro dele não fosse a melhor ideia. Mas tinha que ser mais seguro do que o que eu tinha acabado de ouvir na mata. Assim que minha porta fechou, ele deu a volta e dirigiu na direção do meu chalé.

— O que você fazia andando no escuro? — Sua voz estava tensa, furiosa. Ele ficava olhando pelo espelho retrovisor. O que foi que eu tinha feito para deixá-lo tão irritado?

— Estou indo pra casa. Sempre vou a pé.

— Você acha que é uma boa ideia uma garota minúscula como você ficar andando pelo bosque no escuro? — retrucou.

— Qual é a porra do seu problema? — Olhei irritada para ele do outro lado do banco. — Se só vai ficar gritando comigo, me deixa sair. Onde, quando e como eu ando não é da sua conta! — Os dedos dele se apertaram no volante, sua mandíbula estava contraída. Mas ele não disse nada. Só continuou dando olhadas pelo retrovisor. O que ele estava fazendo aqui, aliás? Eu não tinha o visto no campus naquele dia e presumi que fosse seu dia de folga.

Não que eu tivesse *procurado* por ele especificamente no campus.

— Me leve pra casa — exigi quando os segundos passaram e ele continuou em silêncio. Ele escarneceu:

— Sim, é isso que estou fazendo. — Sem eu dar nenhuma direção, ele virou no estreito caminho de terra que seguia entre as árvores em direção à minha casa. Meus olhos arregalaram, meu estômago deu uma voltinha nervosa enquanto eu engolia em seco.

— Como você sabe que eu moro aqui? — Essa parecia uma pergunta perigosa de se fazer. Eu realmente precisava começar a pensar melhor nessas coisas. — Você já… você já me seguiu até em casa? Você tem me vigiado?

Meu chalé apareceu entre as árvores. Eu sempre deixava a lâmpada da cozinha acesa, para poder ver a luz ao chegar em casa

depois do anoitecer. De alguma forma, isso fazia eu me sentir melhor, menos solitária, como se a casa estivesse esperando por mim. Leon estacionou a caminhonete na frente da varanda, depois se jogou na poltrona e inspirou devagar.

— Leon. Como sabe que eu moro aqui?

— Não faça perguntas idiotas. — Ele estava batendo o pé no chão e esfregou as palmas das mãos na calça jeans. Era como se toda a energia da cabine tivesse sido sugada para dentro dele, estivesse aumentando cada vez mais e ele estivesse tentando manter tudo dentro de si sem explodir. Os olhos dele de repente se fixaram na minha SUV Subaru, estacionada bem do lado dele. — Comece a ir de carro pra faculdade. Não sei por que diabos você acha que é uma boa ideia andar por aí no escuro, mas precisa parar com essa merda.

Eu ri. Foi um riso nervoso, admito, mas a irritação tinha o costume de me deixar atrevida.

— Vou fazer o que eu quiser. Valeu pela carona.

Abri a porta, só para Leon passar o braço por mim e fechá-la de novo.

Minha respiração desacelerou. O rosto dele estava perto do meu, e seu braço estava ao redor do meu corpo para segurar a porta

fechada. Eu podia sentir o calor dele esquentando minha pele sem nem ao menos me tocar, era como estar perto de uma fornalha. Os olhos dele penetraram os meus, verde-claros como os líquens que cresciam em enormes pedras – mas, nas profundezas dessa cor, lampejos dourados brilhavam como vagalumes no escuro.

— Raelynn, não quero te pegar andando à noite de novo. — Seu tom era cruel, mas desesperado. Quase uma súplica. — Dirija a droga do seu carro. Não sei com o que você se acostumou na Califórnia, mas não importa quantos postes coloquem aqui, não vão afastar a escuridão. Nunca vão iluminar as árvores.

A imagem daquela coisa, daquela escultura, passou pela minha mente. Aqueles dentes, aquela língua preta, o rosto esquelético. Meus dedos se afundaram no banco quando pensei nela entre as árvores, imóvel como uma pedra na escuridão crescente. E então – nada. Para onde tinha *ido?*

Leon voltou a abrir a porta. Mas manteve os braços ao meu redor por um instante, me prendendo ali.

— Fique dentro de casa à noite. Não saia andando por aí depois que escurecer. Entendeu?

Minha primeira reação era retrucar. Mas, esmagada debaixo dele no banco, com seu olhar não deixando o meu por nem um segundo,

tudo que consegui dizer foi:

— Entendi.

Ele não se mexeu por um instante, como se fosse conseguir ver a mentira nos meus olhos se olhasse bem. Então um sorrisinho torto curvou sua boca, e ele disse baixinho:

— Se comporte, Raelynn. Ou vai sofrer as consequências na próxima vez.

Ele se endireitou, finalmente me deixando sair da caminhonete. Dúzias de palavras se embaralharam em minha língua, algumas irritadas, algumas curiosas, muitas confusas. Mas antes que eu pudesse colocar qualquer uma delas para fora, ele deu partida e acelerou pela entrada e o brilho de suas lanternas desapareceu entre as árvores.

11

Rae

O vídeo estava tremido e desfocado. Inicialmente estava mostrando o chão e o áudio ia e vinha, crepitando com a estática. O piso de azulejos estava sujo e respingado com alguma coisa escura – sangue.

Finalmente, o vídeo entrou em foco. Dois jovens homens pairavam sobre outro, deitado de costas no chão em uma poça de sangue. Um dos homens estava com o celular na orelha:

— Isso, na universidade… não, não, definitivamente tá morto… tem sangue por tudo…

Enquanto o outro usava o celular para tirar fotos.

Quem quer que estivesse filmando estava ofegante e ria ansiosamente.

— Não acredito nisso, cara… não dá pra acreditar nisso…

Ele deu um zoom no corpo. Os olhos estavam abertos, vidrados e vazios. A mandíbula estava solta e pendurada em um ângulo estranho. Os ferimentos de facada no peitoral da vítima tinham criado uma cratera entre suas costelas. O rosto dele estava inchado e arroxeado, a carne de seus braços cortada como se seu agressor tivesse golpeado descontroladamente. Um ato de crueldade, de violência desenfreada.

O vídeo terminou e eu rapidamente fechei a página, torcendo para que nenhum dos estudantes de passagem tivessem visto o que eu estava assistindo. Não era à toa que tinham fechado o Bloco Calgary. Me surpreendia não terem fechado a escola toda, especialmente considerando que quem quer que tivesse feito isso, ainda não tinha sido pego.

Alguém capaz de fazer *aquilo* estava à solta em Abelaum.

Talvez fosse por isso que Leon tivesse ficado tão furioso por me encontrar caminhando sozinha. Ainda havia um criminoso por aí, procurando por sua próxima vítima, e eu estava me oferecendo de bandeja. Era muito assustador ele saber onde eu morava, mas, ao mesmo tempo, a minha casa era uma das únicas perto da universidade naquela rua. Não precisaria de muito esforço para

supor que, já que eu andava para casa naquela direção, provavelmente o chalé seria meu destino.

Pensar no terror que senti por causa daquela estátua sinistra me fez rir um pouquinho agora. Eu tinha ficado nervosa por nada. Depois que entrei em casa, comecei a corar de vergonha pela minha reação. Corar pela reação, e corar pelo calor que o olhar de Leon tinha deixado em mim. Me senti como se estivesse perdendo o controle – não me lembrava da última vez que tinha me sentido tão assustada.

O que significava que era hora de me pôr à prova de novo. Eu tinha planos de filmar uma investigação em São Tadeu e prometi a mim mesma que ia subir um conteúdo bom em meu canal. Um conteúdo *bom*, embora não inteiramente verdadeiro. Os planos que eu tinha para o próximo vídeo eram um pouquinho menos que autênticos, mas se era disso que eu precisava para ter sucesso com um canal sobrenatural agora…

Então eu engoliria meu orgulho e faria.

No sábado, preparei minha mochila com o essencial – um medidor de campo eletromagnético, um gravador para fenômenos de vozes eletrônicas, minha câmera, uma faca embainhada para

minha proteção, e lanchinhos suficientes para durar a trilha toda. Acrescentei baterias extras, um pequeno kit de primeiros socorros e minha arma secreta: o grimório.

Um teatro bem-feito exigia os acessórios certos. Fiz o melhor que pude para estudar os rituais de invocação dentro do grimório, mas o resultado de usar tradutores on-line era, na melhor das hipóteses, meia-boca. Consegui reunir trechos e partes até ter uma sequência convincente de palavras. Uma prece ritualística, símbolos que eu desenharia no chão com giz e velas acesas forneceriam uma atmosfera sombria perfeita.

Eu filmaria um simulacro de invocação na velha igreja. Era um absoluto lixo para caça-clique, mas eu tinha que conseguir mais visualizações para o canal de alguma forma.

Meu posicionamento habitual era lidar com as investigações de forma séria e respeitosa. Se realmente houvesse espíritos dos mortos presentes, eu não estava lá para desrespeitá-los ou irritá-los. Mas talvez a magia encenada seria o suficiente para conseguir mais visualizações.

Eu não achava que qualquer coisa resultaria daquilo, de toda forma. Eu tinha feito uma versão tão remendada e falsa dos rituais descritos no grimório, que se algum ser espiritual notasse com

certeza iria revirar os olhos. Mas, só para ter certeza, eu estava deixando de fora uma parte fundamental exigida pelo ritual do grimório: derramar meu próprio sangue para completar a invocação. Por mais dramático que seria fazer um cortezinho em mim mesma e sangrar pelo chão inteiro, eu não estava tentando fazer um demônio aparecer *de verdade*.

São Tadeu ficava a quase uma hora de carro do centro de Abelaum. Não era um lugar que dava para simplesmente procurar no Google Maps, então estava confiando nas direções que encontrei em um fórum de Exploradores Urbanos do Reddit. Conforme dirigi, os comércios e chalés aconchegantes de Abelaum desapareceram e se transformaram em longas estradas rurais com grandes casas de família afastadas do asfalto. Os pinheiros pareciam estar prestes a consumir cada aspecto da civilização aqui, seus ramos envolviam as casas e cresciam sobre elas como se estivessem capturando-as lentamente em uma jaula viva. As nuvens se deslocavam no céu, com fragmentos claros pelos quais eu podia ver partes do céu azul e da luz do sol iluminando o solo. Ainda não estava chovendo e eu esperava conseguir terminar minha investigação antes que o aguaceiro começasse. Eu não estava com vontade de fazer trilha na chuva.

Aumentei o volume do rádio, ouvindo *London After Midnight* alto enquanto tomava meu segundo café enlatado. A antecipação pré-investigação me deixava a mil, mais até do que a cafeína. Muita gente me chamaria de tonta por ir sozinha a lugares abandonados – uma mulher fazendo *qualquer coisa* sozinha estava fadada a atrair desaprovação. Mas eu tinha minha faca e um spray de pimenta no meu chaveiro. Eu não ia deixar que a chateação de ninguém sobre minha segurança me impedisse de viver.

Admito que a única coisa que me deu a mais breve das hesitações foi pensar no aviso de Leon na noite em que tinha me pegado na rua. Eu teria preferido ouvir “se comporte, Raelynn. Ou vai sofrer as consequências na próxima vez” na cama. Não tive medo, saber que ir até essa igreja antiga provavelmente se enquadraria como mau comportamento na cabeça dele fazia eu sentir uma empolgação bizarra.

Ele podia me fazer pagar as consequências, se um dia conseguisse descobrir o que eu tinha feito.

A estrada ficou mais estreita. Eu não via uma casa há pelo menos vinte minutos, o asfalto estava gasto e a tinta amarela que dividia as duas pistas foi se apagando até se tornar invisível. A baía distante, minha companhia constante no trajeto ao leste até agora,

tinha desaparecido por trás das árvores. Minha música foi interrompida quando meu celular ficou sem sinal.

Seguindo as orientações, virei rapidamente em uma estrada de terra estreita. Claramente, não faziam manutenção nessa estrada, a terra tinha sido tomada por grama e folhas podres. Galhos pendendo baixo se esfregaram no capô do meu carro, e algumas gotas errantes de chuva pontilharam o para-brisas.

A estrada chegou ao fim em um portão de metal. Uma placa enferrujada de NÃO ULTRAPASSE estava pendendo da única corrente restante, e estacionei de lado, desligando o motor. De acordo com o que eu tinha lido, era aqui. Eu não conseguiria continuar de carro, teria que fazer uma trilha de vinte minutos entre as árvores.

Reuni meus suprimentos, chequei novamente a bateria da minha lanterna, e saí do carro. O caminho que encontrei entre as árvores era estreito e estava em grande parte coberto pelo mato, mas eu tinha esperado coisa bem pior. O vento balançava os pinheiros acima, e as agulhas caídas suavizavam cada passo. A chuva tinha parado, por enquanto, mas ocasionalmente eu sentia uma gota gelada cair no meu rosto.

Falei para a câmera enquanto andava, gravando um pouco do histórico do lugar para a audiência:

— Em 1899, quarenta mineradores desceram o elevador até o nível mais baixo das notórias minas de prata de Abelaum, duas semanas depois, somente três deles saíram vivos. — Era a mesma lenda que eu tinha ouvido pela primeira vez no ensino fundamental, a história que toda criança de Abelaum conhecia. A Tragédia de 1899 mudou Abelaum para sempre, levando sua indústria de mineração em expansão a um fim abrupto e constrangedor. — A mina sofreu um enorme desmoronamento, e os níveis mais baixos foram inundados rapidamente, deixando os mineradores presos lá dentro. Durante os dias seguintes, enquanto esperavam pelo resgate, os homens sobreviveram do único jeito que puderam: canibalizando os mortos e, mais tarde, matando os vivos para comer.

Fiz uma pausa quando cheguei a uma bifurcação no caminho. Eu sabia que tinha que ir para a direita. O caminho tinha um ligeiro declive e, após contornar uma curva acentuada, eu encontraria uma clareira e a catedral. Havia uma árvore no meio da bifurcação, e vi que algo estava enterrado entre os galhos e folhas amontoados na raiz. Segurei e puxei uma placa de madeira lascada pelo tempo. O

fantasma de antigas letras tingidas continuava na madeira, onde se lia: *Poço Central de White Pine, 1 quilômetro e meio.*

Segurei a placa na frente da câmera.

— Depois de duas semanas, a equipe de resgate finalmente conseguiu abrir um caminho para descer, bem aqui em White Pine. Somente três homens continuavam vivos, incluindo o proprietário da exploração mineira, Morpheus Leighman. Os corpos dos outros nunca foram recuperados.

Virei a câmera para o caminho à esquerda. Estava praticamente coberto, gravetos, galhos caídos e grama deixavam a passagem praticamente invisível.

— Quando foram libertados, os homens foram trazidos por essa mesma trilha. Registros do resgate os descreveram como enérgicos e fortes, apesar dos dias que passaram presos no subsolo. Aparentemente, canibalismo faz bem pro corpo. Mas os homens resgatados alegaram que tinham vivenciado outra coisa lá embaixo na mina, algo que não era deste mundo.

Apesar das instruções para ir pela direita, andei um pouco do caminho à esquerda. Alguma coisa estava pendurada em um galho baixo de árvore: um pequeno amontoado de gravetos presos com barbante, balançando gentilmente com a brisa. O arranquei e o

segurei parado para a câmera. Os gravetos tinham sido trançados em um círculo, e um padrão havia sido formado no centro usando mais gravetos, barbante e… espinhas de peixe.

Assim como as estranhas bugigangas que a Sra. Kathy costumava pendurar em seu alpendre.

— Até hoje as lendas sobre o que os mineradores vivenciaram no subsolo vivem na cultura local desta cidadezinha. Os homens resgatados alegaram ter encontrado um monstro, um Deus que esteve dormindo nas profundezas da terra. Eles alegaram que esse Deus lhes concedeu clemência e permitiu que eles escapassem em troca de sua adoração. De acordo com as lendas, Morpheus eventualmente comprou a igreja localizada perto do lugar de onde foram resgatados, e a dedicou à adoração do Deus subterrâneo.

Desliguei a câmera e voltei satisfeita em direção ao outro caminho na bifurcação. Após seguir a trilha e fazer a curva, as árvores se afastaram. Por um momento, olhar para São Tadeu me deixou sem ar. A catedral tinha três pináculos magníficos na frente, se estendendo para o céu, competindo com o topo dos pinheiros. A madeira tinha escurecido com o tempo, coberta por camadas de musgo e fungos. Um muro baixo de pedra estava desmoronando ao

redor do pátio de terra batida da igreja, e parecia que o telhado íngreme tinha cedido em um dos lados.

Comecei a filmar de novo, dessa vez em silêncio, deixando a vista falar por si mesma. A igreja era muito maior do que eu tinha esperado, era uma relíquia de requintada arquitetura gótica. Por baixo do pináculo central havia uma grande fileira de janelas de vitral, embora estivessem tão cobertas por terra e sujeira que eu não podia discernir o que retratavam.

As portas da frente, ainda cobertas em tinta branca lascada, estavam fechadas. Perambulei pela lateral da construção, examinando as janelas cobertas por tábuas, filmando tudo. Mais ou menos no meio da lateral da igreja havia uma única porta, e essa já tinha sido aberta: a corrente que um dia a trancou estava pendurada pela maçaneta, com seu cadeado ainda preso e os elos partidos.

Eu tinha lido na internet que essa era a entrada, mesmo assim segurei meu spray de pimenta pronto. Com a arma em uma mão e o flash da câmera iluminando o caminho, empurrei a porta com o pé e as velhas dobradiças rangeram. Uma cascata de poeira caiu pela entrada, as sombras estavam espessas lá dentro. Minha luz jogou um feixe amarelo doentio na penumbra da nave. Uma pilha de

entulho e tábuas quebradas estava embaixo da parte cedida do teto, e a luz fraca se derramava de cima.

Os bancos de madeira permaneciam, dispostos em longas fileiras por toda a nave. Hinários estavam guardados nas prateleiras nas costas dos bancos, inchados e mofados pela umidade. O ar era espesso, opressivo em seu silêncio. Não havia arrepios, calafrios, nem nada que me alertasse de energias sobrenaturais espreitando.

A igreja parecia morta. Como um vazio que dispersava toda sua luz, toda sua energia, deixando apenas ar bolorento para trás.

Mas ali, na frente da igreja, ao redor do púlpito, alguém tinha erigido algum tipo de altar. Me aproximei com cuidado, desviando das vigas dispersas do teto quebrado. Várias velas brancas estavam espalhadas, mais espinhas de peixe, mais barbante.

A poeira no chão estava deslocada. As pegadas eram novas. Hesitei, com a câmera congelada na mão enquanto olhava fixamente para aquelas pegadas. Não era como se esse lugar fosse desconhecido a outros exploradores. Eu não era a primeira a vir aqui, e não seria a última. Mas não posso dizer que fiquei feliz de encontrar a evidência tão fresca de uma visita.

Mas eu tinha vindo em uma missão. Eu tinha uma investigação a fazer.

Comecei com o gravador de som. Andei pela nave com a câmera fixa no corpo, fazendo perguntas ao ar vazio.

— Tem alguém aqui comigo?

— Qual é seu nome?

— Há quanto tempo você está aqui?

A velha construção rangia ao vento e, em algum lugar atrás do púlpito, um barulhinho me fez cair em silêncio. Eu não conseguia nem chutar o que tinha ouvido. Um sussurro? O vento? Será que alguma coisa tinha caído? Um passo ou uma batida?

Eu estava acostumada a sentir *alguma coisa* nesses lugares antigos. Conforme os minutos se arrastaram, e o silêncio continuou, foi isso que começou a me incomodar mais do que tudo. Não era só por eu *não estar* sentindo calafrios ou inquietude – eu não estava sentindo *nada*. A excitação por uma nova investigação tinha desaparecido. O deslumbramento pela arquitetura da igreja tinha esvanecido. O que tinha ficado para trás era um peso que deixava meus pensamentos morosos, como se eu estivesse dissociando.

Talvez vir aqui sozinha não tivesse sido uma boa ideia, no fim das contas.

Eu precisava acabar logo com isso, mas ainda tinha uma última coisa que eu precisava filmar. Instalei a câmera em seu tripé virada

para o púlpito, e abri espaço para mim mesma na frente do aglomerado de velas.

Era hora de criar um caça-clique demoníaco.

Eu tinha usado minhas anotações de tradução para marcar a página relevante do grimório, e me voltei a ela agora. Os olhos dourados do Assassino me saudaram. Na luz fraca, aqueles olhos pareciam mais brilhantes do que nunca, me encarando com um olhar acusador. Hesitei, deixando meus dedos passarem pela página. Aquele rosto era perigoso, aguçado, cruel…e tão absurdamente familiar.

Com o giz branco que eu tinha comprado em uma lojinha, desenhei dois círculos nas velhas tábuas, um dentro do outro. Depois, dentro da faixa criada entre os dois círculos, cuidadosamente desenhei os sigilos ilustrados no livro. O giz riscava a velha madeira, fazendo um som perturbadoramente semelhante ao arranhar de garras. Em seguida, posicionei as velas. Então usei um pouco de óleo que tinha trazido em uma garrafinha de água e o despejei em uma caneca de cobre que eu costumava reservar para Moscow Mules.

O cenário estava pronto.

A luzinha vermelha da câmera piscou, piscou, piscou. Gravando, assistindo – um olho inabalável para acolher tudo que eu fazia.

Coloquei o grimório aberto bem na beirada do círculo de giz. Acendi as velas e sua luz tremeluzente dançou pela superfície, pela ilustração do Assassino. Olhos dourados penetrantes me encararam no escuro e arrepios subiram pela minha espinha.

Eu tinha sido cuidadosa por anos. Eu sempre fui respeitosa. Eu nunca usei tabuleiros de Ouija, nunca mexi com coisas que tinham potencial de me expor a merdas sinistras e perigosas. Qualquer investigador sobrenatural que se preze teria balançado a cabeça em reprovação para mim, me chamado de tola e ignorante.

— Não vai acontecer nada — disse baixinho. Minhas palavras pareceram vazias na atmosfera morta da igreja. — Acabe logo com isso, Rae.

Minhas anotações eram compostas por retalhos de frases que eu tinha traduzido, trechos tirados de várias orações e instruções de invocação ao longo do livro. Eu as tinha escrito em inglês, embora latim com certeza soaria mais autêntico, mas eu tinha certeza de que teria dificuldade com a pronúncia e pareceria ainda mais boba do que já parecia.

Era minha última chance de recuar. Eu podia parar de filmar, jogar essas anotações fora e ir embora. Eu podia manter minha integridade enquanto investigadora.

Mas integridade não estava me levando muito longe.

Segurei minhas anotações sob a luz da chama da vela, inspirei fundo e li:

— Poderes do Mundo Ancião sob meu pé esquerdo e na palma de minha mão direita. — Minha voz falhou. Eu sabia que tinha que ser convincente, tinha que soar mais autêntica o possível, mas sentia que estava fazendo algo *errado*. — Glória e Eternidade, toquem meus ombros e me conduzam no Caminho da Vitória.

A chuva tinha começado a cair de verdade. Ela batia no telhado e pingava pelo buraco, formando poças de água parada por baixo das velhas tábuas bolorentas. O ar tinha cheiro de pó e terra molhada.

— Espíritos da Terra, me guiem através do Reino Abaixo. Grandes Anjos da Eternidade, me protejam. Vozes do Infinito, me fortaleçam.

Eu não estava me sentindo tão entorpecida mais. Havia um formigamento nas pontas dos meus dedos das mãos e dos pés. Senti que uma pedra de gelo tinha sido colocada em minha barriga. Os olhos do Assassino ainda me encaravam.

Assistindo.

Aguardando.

— Com este poder conferido a mim, emito esta ordem. — Deixei minha voz tão exigente quanto possível. Com o giz na mão, desenhei um último símbolo nas tábuas antigas no meio do círculo, embaixo da caneca com óleo. Um símbolo que, eu só podia supor, era um nome.

— Eu chamo por este servo do Inferno! Eu exijo que tu apareças, faz de ti carne e osso. — Eu riscava por cima do símbolo repetidamente enquanto falava, engrossando as linhas e colocando giz em cada pequena ranhura na madeira. — Exijo que tu venhas sem agressividade, exijo que tu não tragas nenhum mal a quem te invoca, exijo que tu venhas obediente e, porra… merda!

O giz quebrou. Eu estava segurando com tanta força que minha mão bateu no chão e ralei os nós dos dedos no assoalho. Droga. Algo me dizia que esse lugar estava longe de ser salubre. Levantei depressa e vasculhei na mochila. Precisava dos lenços antissépticos no meu kit de primeiros socorros e…

Meus olhos arregalaram. O ar congelou nos meus pulmões.

O sangue que tinha caído no círculo de giz estava *fumegando.*

Encarei, incrédula. Tinha que ter uma explicação para isso. Meu sangue estava quente e o ar estava frio então… então é claro que fumegaria. Mas não estava só fumegando, estava *coagulando.* As gotas engrossaram, estremeceram, começaram a se juntar. Elas se reuniram sobre os símbolos que eu tinha desenhado no centro e mergulharam nas letras, deixando-as vermelhas.

Não… não, não, não, isso *não podia* estar acontecendo.

O giz avermelhado derreteu pelas tábuas e se espalhou como cera grossa e líquida. A vermelhidão preencheu o círculo completamente e parou bem na beirada do giz. O vapor escureceu, se transformou em uma fumaça preta espessa que encheu o lugar com o cheiro de carvão. Com o peito apertado pelo pânico, passei as alças da mochila nos ombros e esperei ansiosa atrás da câmera. Ainda estava filmando. Estava capturando *tudo* isso… essa era a evidência pela qual estive procurando com uma esperança desesperada.

O que que eu fui fazer?

O flash da câmera piscou. A igreja gemeu como se um furacão estivesse passando por ela. Uma corrente de adrenalina me disse para correr. Algum instinto primitivo profundo ocupou meu cérebro com um grito ininterrupto: *perigo, perigo, perigo.* Uma fera estava

chegando, um predador desconhecido. Meu coração bateu contra minha caixa torácica e minhas pernas formigaram com o desejo de fugir.

O flash da câmera apagou, explodiu com o barulho alto de vidro estilhaçando. No brilho laranja das velas tremeluzentes, a fumaça começou a ganhar forma. Ficou alta, humanoide…

Ele abriu os olhos, e eram dourados.

12

Leon

Eu adorava uma entrada triunfal.

Eu sabia que isso ia acontecer. Quando deixei Kent naquela noite, mostrando o dedo do meio para ele enquanto me desmaterializava no éter, já sabia que eu provavelmente voltaria a ser arrastado na frente de um invocar muito em breve. Mas eu não podia sair de Abelaum ainda, podia? Alguém estava com o grimório por aí, então consequentemente os dedinhos de algum mortal estariam coçando para experimentar a magia contida nele. Eu precisava desse livro desgraçado, precisava destruir meu símbolo nele. Eu não era o único demônio cujo nome estava no livro, mas, com a sorte que eu tinha, seria eu o escolhido.

Que sorte a minha.

Eles tinham me apelidado de Assassino como um aviso, mas de alguma forma isso só me deixava mais atraente, não é? As mentes curiosas dos mortais não conseguiam resistir ao perigo.

Mandei fumaça antes de mim. Trouxe vento, encorajei a chuva, preenchi o espaço com cheiro de queimado. Quem quer que tivesse ousado me invocar saberia que não estava à altura. Com sorte, cometeriam um erro, fugiriam, sairiam de dentro de seu círculo de proteção e, quando saíssem – ah, quando saíssem, eu os faria gritar. A maioria dos mortais não tinha a sorte de possuir um amuleto de proteção, como o Kent. Era o único motivo pelo qual eu não o tinha matado em todos os anos que me manteve em cativeiro, e o pai dele antes, e seu avô antes disso.

O cômodo entrou em foco – um teto alto inclinado e tábuas antigas. O cheiro de pó e mofo, carne e sangue… menta e sálvia? Meu olhar penetrou a escuridão e atravessou a fumaça em direção à figura penosa parada lá, me encarando por trás dos óculos com olhos castanhos arregalados.

Não… de jeito nenhum, *porra.*

Ela estava cambaleando, mas, quando ganhei corpo, ela ergueu algo por cima da cabeça. Furioso, limpei a fumaça, a dissipando com um único sopro, mas a mantive em torno dos meus pés – para

criar um efeito dramático, é claro. Ali estava Raelynn Lawson, segurando um graveto como se fosse um taco de baseball.

— Se afaste! — gritou com a voz trêmula de medo, mas feroz mesmo assim. — Se. Afaste. De mim! — Ela pontuou cada palavra com um golpe do graveto, cada golpe chegando mais perto.

De todas as pessoas que podiam ter me invocado, de todas as pessoas malditas nessa cidade maldita, tinha que ser *ela*.

Comecei a rir do absurdo de tudo isso. Minha risada era sombria e alta, e preencheu a sala como um trovão. Ela se manteve firme, com o graveto preparado, me encarando ao invés de fugir. Mas quando meu riso se silenciou, o rosto dela se contorceu e seus olhos brilharam de reconhecimento.

— Mas que… — Abaixou o graveto e procurou o celular, desajeitada. Ela acendeu a lanterna e iluminou meu rosto, e eu rapidamente vesti meu disfarce. Os olhos dourados se tornaram verdes, minhas garras retraíram. O impulso de me disfarçar era uma reação automática a ter um humano olhando para mim, mas, pelo menos nesse caso, eu não podia deixá-la perder a cabeça completamente e sair correndo.

Eu não sabia como, mas ela estava com o grimório.

E ela ia entregá-lo para mim, de um jeito ou de outro.

— Leon? — sussurrou, com descrença absoluta na voz. Parei de rir e deixei o silêncio nos envolver. Abafei um pouco os barulhos também, então o silêncio se tornou sufocante. Eu queria que ela percebesse que isso tinha sido um erro. Eu queria que ela sentisse medo. Só medo o suficiente para cooperar, não para fugir.

Pelo menos essa era minha esperança.

Eu podia sentir o cheiro da adrenalina que corria pelo seu corpo, saborear o perfume de sangue, suor e sal. Ao invés de se afastar, ela ergueu o graveto mais uma vez em uma mão e continuou segurando o celular com a outra. Que diabos ela achava que estava fazendo?

— Mas que porra? — gritou. — Essa é sua ideia de pegadinha, seu cuzão?

Uma pegadinha… ela achava que isso era uma pegadinha. Eu ri, sem achar a menor graça.

— Ah, essa seria uma boa pegadinha, não seria? — Olhei ao redor, reconhecendo os bancos familiares, o altar atrás de mim, o fedor de velhas ervas queimadas e, por baixo, *muito* por baixo, o cheiro perturbador de água marinha. Estávamos em São Tadeu. Ela veio aqui, apesar dos meus avisos para não vir, e *me invocou*.

Essa *pirralhinha* teimosa, desobediente e tola.

Meus olhos vagaram novamente até ela, meu olhar gélido fez o graveto balançar em sua mão, pronto para atacar.

— O que pensa que está fazendo, Raelynn? Por que está aqui?

— Não é da sua conta — ela retrucou, mostrando os dentes para mim.

— Você *fez ser* da minha conta — disse irritado, dando um passo em sua direção. Ela atacou com o graveto descontroladamente, pronta e disposta a esmagar minha cara se eu chegasse muito perto. Pelo menos, ela era corajosa. Corajosa de um jeito tolo e cego.

Meu Deus, eu queria colocá-la em cima dos meus joelhos e lhe ensinar uma lição. Ela nem sequer tinha se protegido: nenhuma erva, nenhum sigilo ao redor de seus pés, *nada.* Ninguém com um pouco de bom senso faria algo tão ridiculamente perigoso, e para quê? Ela nem parecia ter noção do que tinha feito, achava que era uma *pegadinha* – mas então eu percebi a câmera posicionada no tripé.

Ela tinha gravado isso.

Ela tinha feito isso por um *vídeo.*

— Sua bobinha — disse baixinho. — Mulher cabeça-dura, insolente e imprudente.

— Cala a boca — disse ela, furiosa. — Que droga você tá fazendo aqui, seu esquisito? Qual é a porra do seu problema? Você me seguiu até aqui?

Ela realmente não estava entendendo nada. Ela achava que era uma coincidência eu estar aqui. Perceber isso me deixou verdadeiramente em um silêncio atordoado. Nunca, em todos os meus séculos de existência, eu tinha sido invocado por *acidente*.

Essa mulher era um desastre ambulante, um perigo colossal para si mesma, e nem sequer sabia disso.

Ela jogou o graveto no chão e passou pisando forte por mim, então ajoelhou para recolher um livro aberto do chão. Meu coração deu um salto quando percebi que era o grimório, e a ânsia de arrancá-lo dela fez meus dedos tremerem. Aquele livro era meu passaporte para a liberdade. Eu só precisava que ela o entregasse para mim.

O entregasse *de boa vontade*. Os feitiços protetivos naquela coisa maldita me proibiam de tirá-lo à força.

— Esquisito de merda — ela resmungou, olhando feio por cima do ombro enquanto recolhia sua câmera e tripé. — Quem faz uma merda dessas? Sua sorte é que não vou chamar a polícia!

Ah, o que eu não teria dado naquele momento para ver a cara dela se eu revelasse minha verdadeira aparência. Eu gostaria de ver aquela indignação toda escorrer do rosto dela, queria vê-la cair de joelhos, horrorizada.

— Por que não chama? — provoquei. — Chame a polícia, Raelynn, se é que seu celular tem sinal. Eu adoraria ver você tentando explicar por que invadiu uma propriedade privada e um imóvel particular. — Dei risada, saindo com facilidade dos restos do meu círculo de invocação mal desenhado. Ela andou para trás rapidamente, enfiou a câmera na mochila e ergueu o celular. Ela estava me filmando, e provavelmente seria uma atitude inteligente se as circunstâncias fossem diferentes.

Seria uma atitude inteligente se eu fosse humano.

— Era atenção que você queria? — Ela me encarou enquanto jogava o flash na minha cara. — Bom, agora tenho registrado em vídeo que você é um esquisitão que segue as mulheres no mato. Boa sorte em manter seu emprego depois disso! — O coração dela estava martelando um milhão de vezes por minuto. Eu podia sentir o cheiro de suor da pele dela.

O olhar dela disparou na direção da porta, considerando uma fuga. Então olhou para baixo, para a mancha escura que havia no

chão, no lugar onde seus desenhos em giz tinham estado. Ela olhou confusa, sua crença de que eu tinha só pregado uma peça nela não estava se alinhando com o que estava vendo.

— Como… como, porra?

Antes que ela pudesse fazer alguma coisa, segurei seu pulso e puxei o celular para baixo, tirando a luz irritante do meu rosto. A empurrei para trás até suas costas colarem no púlpito, entre todas as velas e bugigangas vis dos Libiri para o Das Profundezas. Era fácil demais esquecer a rapidez com que os humanos se desmanchavam sob minha força. Controlar essa força, especialmente quando estava frustrado, requeria uma grande quantidade de força de vontade. Tive certeza de sentir meu disfarce escorregar por um segundo quando a segurei – mas ela não poderia ter notado o lampejo nos meus olhos com a luz do celular empurrada para baixo.

Os olhos dela pareciam pratinhos me encarando, e sua respiração saía em ofegos nervosos. Me curvei para baixo, deixando o rosto a centímetros do dela, e fui banhado pelo seu cheiro. Porra, corpos mundanos eram muito reativos aos estímulos. Meu coração começou a bater mais rápido, a saliva se acumulou em

volta da minha língua e meu pau deu um espasmo de interesse quando o cheiro sedutor dela me envolveu.

— Eu te avisei, boneca — rosnei. Ela precisava aprender, e se dar um susto nela era o único jeito, então que fosse. — Não falei para você se comportar? Falei para não vir aqui, não meter o nariz onde não é chamada. Agora você *realmente* passou dos limites. — Segurando o pulso dela com uma mão, agarrei seu queixo com a outra. Minha mão envolveu a mandíbula dela completamente e forçou sua garganta. Eu podia sentir seu coração palpitante, acelerado como o de um coelhinho.

— Você… você não manda em mim — disse, mas toda sua ferocidade tinha desaparecido. Sorri triunfante ao vê-la tremendo. Isso aqui não era uma simples gracinha que pudesse ser gravada para conseguir fama na internet.

Isso aqui era vida ou morte. Era a *minha* liberdade que estava em risco.

— Você está mexendo com merdas das quais não sabe nada a respeito. — A puxei pela frente pelo queixo e a forcei a olhar no meu rosto com aqueles olhos desafiadores. — Curiosidade pode te matar, Raelynn. Não é fácil desfazer o que você começou aqui.

Os olhos dela esquadrinharam meu rosto em choque.

— Você está me ameaçando?

— Estou te *avisando*, Rae. — Ela estava grudada em mim, com as pernas entre as minhas, uma posição perigosamente tentadora. O desejo selvagem de reivindicá-la, ela *toda*, de corpo e alma, reverberou por mim. Eu queria vê-la de joelhos, implorando por perdão pelo seu erro. Eu queria sentir sua alma se mesclar com a minha em oferecimento. Eu queria senti-la se desmanchando na minha língua.

Meu rosto deve ter deixado passar algo, porque ela começou a lutar contra mim. O movimento de seu corpo entre minhas coxas me fez apertar mais instintivamente, um rosnado sair de mim, e suas pupilas dilataram quando ela sentiu que a estava restringindo.

Mas não de medo – de tesão.

Opa. Então é assim que ela queria, é?

Segurei os dois pulsos dela – que ossinhos tão quebráveis – e os coloquei acima de sua cabeça, bem em cima da cruz esculpida no púlpito, transformando seus dedos trêmulos em um Cristo blasfemo. Deslizei meu dedo sobre sua mandíbula teimosa, e parei ao sentir o ansioso *tu-tum, tu-tum* de seu coração.

— Você tem muita sorte, Raelynn — disse gentilmente, olhando nos olhos dela. — Por eu não te jogar em cima desse púlpito e te

ensinar uma boa lição sobre não brincar com coisas que você não entende.

Um choramingo escapou dela. Em algum estado entre incredulidade e desejo, ela rangeu os dentes e rosnou de volta:

— Gostaria de ver você tentar, cuzão. — Ela pisou com a bota no meu pé, como se conseguisse me machucar. Eu ri quando meus dedos alcançaram o queixo dela e a minúscula covinha delicada, logo embaixo de seu lábio inferior, e vi que estava fazendo beicinho. Ela ficou imóvel quando esfreguei sua boca, traçando o contorno de seus lábios, e sua respiração trêmula soprou em minha pele.

— Não me tente — grunhi. — Seja uma boa garota, me dê o livro e vá embora.

Ela tinha guardado o grimório na mochila, que estava pendurada em seu ombro, esmagada entre suas costas e o púlpito. Ela parou de resistir, então a soltei devagar e, por um momento, somente seus olhos se mexeram. Seu olhar me percorreu demoradamente, me analisando, avaliando o risco.

Então ela escapou.

Teria sido fácil demais alcançá-la. Virei para ela quando começou a se afastar em direção à saída com os nós dos dedos pálidos de apertar o celular. Se ela queria brincar, como eu poderia recusar?

— Raelynn. — Sorri, me aproximando lenta e despreocupadamente. — Me dê o livro. É a melhor coisa a se fazer, sinceramente é.

Ela negou com a cabeça.

— Não. O livro é *meu.*

— Esse livro nem devia *existir*! — Em seu desespero de se agarrar àquele grimório miserável, a voz dela tinha saído com um tom petulante e possessivo que voltou a despertar minha fúria.

— Fica longe! — Ela estava andando para trás com pressa à medida que eu avançava. A bobinha preferia correr a colaborar. Ela queria uma perseguição, não queria? Ela queria uma caçada?

Então ela ganharia uma caçada.

Parei de avançar. Assisti-a recuar com o sorriso aumentando no meu rosto.

— Me entregue o livro. — Minha voz era um aviso suave. — Caso contrário, você vai se arrepender muito.

Ela contraiu a mandíbula.

— E o que você vai fazer? — zombou, mais audaciosa agora que estava longe de mim. — Me ameaçar mais?

— Não faço ameaças vazias. Se você correr daqui — e eu sabia que ela ia correr —, eu vou te caçar. Vou te pegar. E quando eu

pegar… — Milhares de possibilidades passaram pela minha cabeça. Milhares de torturas deliciosas. Milhares de formas de incitar aquele tesão dentro dela até ela explodir. — Quando eu pegar, vou te fazer gritar.

Aquela merdinha me deu um *sorrisinho.*

— Certo. Mais ameaças. — Ela puxou a mochila mais para perto. Estava quase saindo pela porta. — Não vem atrás de mim. Só… fica longe.

Ela se virou e saiu correndo, e eu nem me dei ao trabalho de correr atrás. Andei tranquilamente atrás dela, fiz uma pausa quando cheguei à porta. O vento uivava e a chuva caía, o sol estava obscurecido pelas nuvens espessas no céu.

O cheiro de sangue e magia estava no ar, uma mistura intoxicante, uma isca certa para os Antigos. Eu não seria o único a seguir o cheiro dela. Assisti à sua figura desaparecer cada vez mais profundamente entre as árvores – fugindo cega e teimosamente, incentivada por sua ingenuidade.

Tinha sido sincero no que disse. Eu não fazia ameaças vazias. Mas dessa aí eu nem precisaria ir atrás.

Ela viria atrás de mim. Não conseguiria resistir. Por enquanto, minha única preocupação era me certificar de que ela saísse desse

bosque sem ser comida viva.

13

Rae

Disparei pela chuva torrencial, tropeçando em raízes e esmagando gravetos sob meus pés. As folhas no alto farfalhavam com o vento, seus ramos gemiam como as vozes dos condenados. Apesar da capa de chuva, meu cabelo e calça ficaram encharcados imediatamente e eu estava tremendo de frio.

Esperei Leon me agarrar por trás a cada passo. Aquele completo *cuzão*. Como ele tinha feito aquilo? Como tinha conseguido entrar sorrateiramente na igreja e se esconder sem eu saber? Como sabia que eu estaria lá? Como tinha feito sangue coagular, fumaça surgir e meu círculo de giz *desaparecer*?

Só quando senti que minhas pernas iam ceder que desacelerei e ousei olhar para trás. A vegetação era espessa e as sombras mais espessas ainda, e a chuva forte tinha deixado o mundo embaçado.

Eu tinha que continuar em frente. Tinha sorte de não ter perdido a trilha em minha corrida desenfreada. Conferi meu celular, na esperança de poder mandar uma mensagem para alguém, qualquer pessoa, mas ainda estava sem sinal – por que eu não tinha feito isso logo no começo? Por que eu tinha de ser tão teimosa a ponto de nem dizer para ninguém aonde ia?

Eu não disse para *ninguém*, então como é que Leon sabia?

Pelo menos, eu o tinha filmado, pelo menos eu tinha prova – não apenas de sua pegadinha, mas de suas ameaças. Eu ainda não tinha certeza se ele tinha ameaçado me machucar ou… ou fazer outra coisa. Uma coisa que deixava meu cérebro embriagado e fazia minhas coxas contraírem de desejo. No momento em que ele me prendeu contra o púlpito e abaixou a voz naquele tom intimidador, eu sabia que estava perdida. Perdida mental e moralmente, se fisicamente não.

Crac.

Virei para trás. Aquele graveto não tinha sido quebrado pelos meus próprios pés, tinha vindo de outro lugar, de algum ponto atrás de mim. Empurrei meus óculos molhados pela chuva para cima e forcei meus ouvidos a procurar pelo som de passos, esperando ver Leon parado ali entre as árvores.

Mas a floresta estava vazia. Absolutamente vazia.

O vento soprou com força e, nesse momento, um cheiro estranho pinicou meu nariz. Repulsivamente amargo e ligeiramente doce – o fedor de carne podre.

Cheiro de alguma coisa morta.

Arrepios subiram pelas minhas costas. Já tinha sentido esse cheiro antes. Era o mesmo cheiro doentio que senti ao ver aquela estátua estranha. A memória descontrolada de seu rosto ósseo assustador e de sua longa língua preta tomou minha mente.

Afastei a memória antes de ficar verdadeiramente apavorada. Não devia pensar nesse tipo de coisa enquanto andava por esse mato sozinha.

Mas que *cheiro* era aquele?

Continuei andando, tentando ouvir qualquer barulho de estar sendo seguida. Era só uma floresta, a mesma floresta na qual eu tinha andado mais cedo sem nenhum problema. Criaturas morriam na floresta o tempo todo.

Só que eu não tinha sentido aquele cheiro quando cheguei. Sendo lógico ou não, meu cérebro estava alarmado. *Anda, anda, anda. Não para.* Eu queria correr, e senti a tensão subir pelas minhas costas e descer pelas minhas pernas, a adrenalina me

mandando fugir. Mas uma parte do meu cérebro me disse outra coisa.

Quando eu era pequena, um cão excessivamente empolgado tinha me dado um susto no parque, e quando eu corri seu corpo grande se atirou no meu por trás, me derrubando na grama. Enquanto eu chorava, minha mãe me disse gentilmente:

— Cães gostam de perseguir. Não corra. Não se transforme em uma presa.

Não se transforme em uma presa. Não sei por que me lembrei disso agora. Eu nem sabia se esse conselho ia me ajudar. Mas me obriguei a caminhar, rapidamente, mas com a maior calma que consegui. Andei até, finalmente, suspirando aliviada, ver o portão à frente e meu Subaru estacionado do outro lado.

Sentada no banco do motorista, com as portas trancadas e apertando o volante, acendi os faróis e olhei para as árvores. Devo ter ficado sentada ali por uns cinco minutos só olhando… aguardando… assistindo. A chuva caía sobre o carro, e os aquecimentos internos e dos bancos finalmente começaram a afastar o frio do meu corpo. Eu estava ensopada, cansada, abalada; queria ir para casa.

Queria ir para casa e ver que merda eu tinha conseguido registrar em vídeo.

De volta em casa, a primeira coisa que fiz foi abrir o chuveiro na temperatura máxima e cozinhar embaixo da água escaldante. O calor afastou o frio, aliviou a tensão nos meus músculos e lavou o sangue seco na minha mão. Deixei a água jorrar em minhas costas, de olhos fechados, com o vapor se erguendo ao meu redor.

O inexplicável era exatamente no que eu brilhava. Eu *queria* ver algo que não tinha explicação. Mas isso era diferente. Não tinha sido só uma voz sem corpo, ou uma aparição vaga. Esse era um homem vivo, de carne e osso, que respirava – um homem cuja própria presença parecia alcançar as profundezas de minha escuridão interior e arrancar de mim toda minha vergonhosa luxúria secreta.

Por que ele tinha estado lá? *Como*?

Seus olhos estavam gravados em minha alma – o jeito como ele tinha me olhado enquanto passava os dedos sobre meus lábios. O tom rouco cruel de sua voz ainda ecoava em meus ouvidos. Ele tinha ameaçado me caçar, ameaçado me fazer gritar. E mesmo

assim, eu sabia que se ele me pegasse – *quando* ele me pegasse – não seria para me machucar.

Não, ele faria algo muito pior.

Ele faria eu me entregar.

Todos aqueles pensamentos lascivos que ele despertava em mim? Ele sabia que estavam lá. Ele podia *vê-los*, de alguma forma, como se meu crânio fosse feito de vidro. Eu não tinha dúvidas de que ele exploraria cada um dos meus desejos até não sobrar nada em mim além luxúria carnal nua e crua.

Ele nem sequer precisaria tentar tirar o controle de mim, eu simplesmente o entregaria. Entregaria o grimório. Entregaria qualquer outra porcaria que ele quisesse. Isso não era natural. Isso não era *normal*.

Peguei uma garrafa de vinho barato na geladeira, servi uma taça grande e deitei na cama, nua por baixo das cobertas. A chuva batia na janela acima da minha cabeça, as árvores lá fora estalavam e balançavam com o vento. Coloquei música para abafar os uivos e fiquei ali deitada, até o vinho e a pura exaustão me forçarem a dormir.

Mas não por muito tempo.

Parecia que eu tinha acabado de fechar os olhos, mas a *playlist* que eu coloquei tinha acabado e a tela do meu notebook tinha apagado. A chuva tinha se reduzido a algumas gotinhas que batiam ocasionalmente na janela. Fiquei deitada por um tempo, atordoada, tentando descobrir por que tinha acordado.

O que eu tinha ouvido?

Me sentei devagar, franzindo a testa. Ainda estava meio adormecida, tentando me lembrar se tinha sonhado. Saí da cama, puxei o cobertor comigo e joguei por cima dos ombros. Independentemente do que eu tinha ouvido, precisava de água. O vinho tinha me dado dor de cabeça.

Na cozinha, enchi um copo na pia e virei, então enchi de novo para levar de volta para o quarto. Mas quando apaguei a luz da cozinha, parei.

Tinha alguém no quintal.

Só tive um vislumbre dele pela janela da cozinha enquanto apagava a luz. Quando olhei agora, estava vazio. Pisquei rapidamente, estreitando os olhos conforme olhava ao redor do meu carro, e depois mais adiante, em direção às árvores.

Eram três da manhã.

Por que alguém estava no meu quintal às três da manhã?

Para tentar ver melhor, fui até as portas de vidro que davam para a varanda e puxei a cortina de lado. As nuvens tinham diminuído só o suficiente para deixar um pouco do luar passar, mas a luz prateada mal conseguia penetrar a escuridão. Acendi a luz da varanda, iluminando o deque e só um pouquinho mais adiante.

Não tinha nada ali.

Provavelmente tinha sido só um veado. Era comum até ver alguns deles passeando no quintal de manhã. Eu só estava sendo paranoica.

Me certifiquei de que a porta estava trancada antes de voltar para a cama.

Acordei na manhã de domingo com o coração disparado. Eu tinha sonhado, mas as memórias do sonho estavam desbotando tão rapidamente que eu mal conseguia segurá-las. Eu estava caminhando na escuridão, em algum lugar escuro como breu e estreito. Mas tudo que restou agora foi o cheiro de água marinha, salgado no meu nariz como se eu tivesse acabado de mergulhar no oceano.

Depois que vesti calças confortáveis e um moletom enorme, coloquei um bule de café para passar. A lembrança do que tinha

acontecido ontem me deixou agitada, incapaz de ficar sentada quieta antes de beber meu café matinal. Meus planos eram passar todas as gravações de São Tadeu para o computador depois do café da manhã e começar a editar, mas eu também tinha aquele vídeo de Leon no meu celular. Senti um nervosismo bizarro em assisti-lo.

Olhei minha galeria, com o coração batendo forte, com um medo irracional do que iria encontrar. E se o vídeo não estivesse lá, e se fosse só estática ou o arquivo estivesse danificado?

Mas ainda estava lá, e era claro como o dia.

— Era atenção que você queria? Bom, agora tenho registrado em vídeo que você é um esquisitão que segue as mulheres no mato. Boa sorte em manter seu emprego depois disso!

Leon não tinha sequer olhado para a câmera que eu apontava para ele. Ele só olhou para mim, furiosa e ofegante embaixo dele, disparando aquele flash desagradável em seu rosto. Fiquei com vergonha de me ouvir, queria ter estado mais calma.

Leon segurou meu pulso, forçou a câmera para baixo, e o restante do vídeo foi só uma imagem borrada do chão empoeirado com o áudio abafado. Mas eu ainda pude discernir sua voz quando ele rosnou:

— *Eu te avisei, boneca. Não falei para você se comportar? Falei para não vir aqui, não meter o nariz onde não é chamada.*

Senti calafrios na barriga. A crueldade em sua voz despertou um sentimento imediato, visceral, dentro de mim. Não fazia sentido nenhum sentir tesão por isso, mas fazer o quê.

— *Não é fácil desfazer o que você começou aqui.*

O que ele quis dizer com isso? O que eu tinha *começado*?

— *Vou te pegar. E quando eu pegar, vou te fazer gritar.*

Estremeci por dentro. Puta merda. Um homem tinha me perseguido até a floresta e me ameaçado, e minha vagina decidiu me trair desse jeito? Tinha alcançado um nível novinho de perturbação.

Quanto mais eu ouvia a voz dele, mais eu ansiava por encontrá-lo de novo para – para fazer o quê? Pular no pinto dele? Exigir respostas? Me enfurecer com ele por me deixar confusa?

— *Me dê o livro. Caso contrário, você vai se arrepender muito.*

Pausei o vídeo. Essas não pareciam ser as palavras de um homem que tinha acabado de executar uma das pegadinhas mais bem elaboradas do mundo. Ele soava furioso, desesperado até. Recomecei o vídeo, avançando alguns segundos para o momento logo antes dele agarrar meu pulso.

Havia um quadro, um único quadro no borrão de movimento quando ele me segurou, que parecia diferente. Sofri por vários segundos para conseguir pausar no ponto certo, levando o vídeo para frente e para trás, até que…

Ali. Um único quadro. Um quadro que deveria mostrar Leon, mas não. Ao invés disso, mostrava uma figura sombria com o rosto de Leon, olhos dourados e um sorriso de dentes afiados.

Um único quadro ligeiramente desfocado que fez eu me sentir como se estivesse encaixando uma peça de quebra-cabeça no lugar.

14

Rae

A manhã de segunda-feira trouxe um céu limpo, frio e azul pálido acima de mim enquanto caminhava para o campus. Eu estava assustadiça, constantemente olhava por cima do ombro, como se Leon fosse sentir que eu sabia seu segredo e se livrar de mim antes que eu pudesse espalhar por aí. Tinha salvado uma captura de tela daquele quadro condenatório do vídeo no celular. Acho que o tinha encarado por horas, tentando extrair a verdade daquela imagem assombrosa.

Ninguém acreditaria em mim. Todo mundo acharia que eu forjei o vídeo, editei a imagem. Mas depois de encarar a figura de olhos dourados, desfocada, mas irrefutável, eu soube: Leon não era humano. A *coisa* naquela foto não era humana.

Eu acreditava que o ritual de invocação tinha funcionado.

Eu acreditava que tinha invocado um demônio.

Eu acreditava que o demônio era Leon.

E eu, talvez agindo completamente como a tola que ele alegava que eu era, planejava repreendê-lo por isso.

Mantive minhas mãos frias enfiadas nos bolsos da jaqueta para ninguém ver que eu estava tremendo. Eu estava em uma brisa bizarra, algo entre horror e euforia. Por um lado, todos meus anos procurando pelo sobrenatural tinham me trazido até aqui: eu tinha prova em vídeo de uma criatura não-humana, sobrenatural. Era verdade, era tudo *verdade*.

E o problema era exatamente esse.

Eu tinha um demônio muito verdadeiro vindo atrás de mim. Qualquer investigador paranormal de respeito diria para não se meter com o demoníaco. Em minha paranoia, até comecei a pesquisar no Google os nomes dos padres da cidade.

O que eu poderia fazer? Exorcizá-lo? Convencer um padre de que um guarda do campus era, na verdade, um demônio? Ele ia rir da minha cara.

Eu precisava fazer Leon ir embora de algum jeito, e sem entregar o grimório. Eu não sabia exatamente para que ele o queria, mas aquele livro provavelmente era o único poder que eu tinha sobre ele.

Eu não ia simplesmente entregá-lo só porque ele tinha pedido. Fiquei acordada até tarde na noite anterior, traduzindo mais de suas passagens, tentando descobrir se tinha algum jeito de me defender. Encontrei feitiços de punição, que se diziam úteis para “domesticar o servo indisciplinado”. E encontrei instruções para um círculo de retenção que diziam que manteria o demônio contido dentro dele.

Mas o que tornava a situação toda muito pior, era que parte de mim não queria que Leon fosse embora. Parte de mim estava gostando disso, parte de mim estava ansiosa para ver o que ele faria quando me caçasse. Ele estava brincando comigo, e eu sabia. Ele não poderia ter me pegado com facilidade na igreja, ou na mata, ou enquanto eu estava sozinha em casa?

Tudo fez muito mais sentido – o porquê de eu me sentir tão atraída por ele, porque eu estava tão disposta a deixá-lo enfiar as mãos na minha calcinha, porque parecia que ele tinha invadido meu cérebro com um desejo insaciável. Ele era um *demônio*. Literalmente a personificação do pecado e depravação.

Eu era o brinquedo dele agora, uma bonequinha com que brincar. Mas eu estava determinada a estar preparada quando ele viesse atrás de mim.

Eu não estava.

Cheguei ao fim das aulas incólume. O sol estava se pondo, uma luz laranja sem brilho por trás das silhuetas pretas dos pinheiros, e o campus estava esvaziando. Tinha ficado o dia todo cuidadosamente de olho no Bloco Calgary, meio que esperando ver Leon parado ali em seu lugar de costume, vigiando o local. Mas até agora nenhum sinal dele.

Não era muito fidedigno dizer que ele tinha aparecido do nada, mas com certeza foi o que pareceu. Em um momento, eu estava andando de encontro a um grupo de garotas vindo na direção contrária, meus olhos se desviaram por um instante – e lá estava Leon, andando atrás delas.

Congelei no lugar. Meu coração martelou minhas costelas, me injetando de adrenalina. *Corra, corra, corra.*

Me mantive firme, cruzei os braços e esperei. Se eu ia confrontá-lo, esse lugar era uma das melhores opções. O que ele poderia fazer com tantas testemunhas? Ele estava me observando com seus olhos claros astutos. Ele não estava usando seu uniforme de segurança, ao invés disso vestia um gorro de tricô cinza e tênis Converse preto com seu conjunto de jeans e moletom de sempre.

— Ora, ora, ora. — Ele parou na minha frente, sorrindo com um brilho perverso nos olhos. — Estava procurando por mim, Raelynn?

— Não — menti. — Achei que você ia se tocar e ficar longe de mim.

— Ai, tão malvada. — Ele fez um beicinho. — Te disse no que você tinha se metido. Te disse que iria te caçar e fazer você se arrepender de ter me desafiado. Foi divertido assistir você ficar olhando pra trás nas últimas horas, mas… — Encolheu os ombros. — É hora de ir ao ponto. Onde está o grimório?

— Em um lugar seguro, longe de você — eu disse. — Não vou dar ele pra você. Você precisa ir embora. Vade-retro!

Ele escarneceu e ergueu uma sobrancelha para mim.

— *Vade-retro?* Certo, Merlin, agora você vai acenar com sua varinha mágica pra mim? — Ele balançou a cabeça, esquadrinhando o campus com os olhos. Ele estava nervoso. Em busca de alguém… ou de algo. — O que você vai fazer, Rae? Vai correr, deixar a brincadeira um pouquinho mais animada? — Ele já estava perto de mim, dentro da bolha do meu espaço pessoal. Mas então ele estendeu a mão e bateu os nós dos dedos no meu queixo em provocação. — Olha só pra você, toda grandona e valente agora.

— Sei o que você é — murmurei. Esperei para ver sua fachada calma quebrar, torcendo para vê-lo se contorcendo de medo.

Mas ele só disse secamente:

— Então diga. Vamos ver se você acerta.

Pisquei rapidamente, de repente duvidando de mim mesma. Será que eu ousaria dizer, aqui e agora? Peguei meu celular, olhando nervosa para os alunos que passavam por nós. Estávamos no meio da calçada que cercava o pátio, ao ar livre. Abri minha galeria de fotos e mostrei a captura de tela para ele.

Ele estreitou os olhos.

— Que isso?

— É você — disse suavemente. — Por que você tem olhos amarelos, Leon? E dentes afiados? Garras? — Minha mão tremeu, mas contraí a mandíbula e continuei: — O que *diabos* você é?

— Pensei que tivesse dito que *sabia* o que eu sou? — Sarcasmo malicioso pingava de suas palavras. — Para mim, parece uma boa edição. Não sabia que você tinha tanto tempo à toa. — Seus dedos se moveram, batendo impacientemente onde estavam cruzados sobre seu braço. — Sua falta de cooperação é decepcionante. Achei que estaria pensando mais claramente depois de uma boa noite de sono. Mas aparentemente, não.

Subitamente, ele passou o braço por cima dos meus ombros. Dei um gritinho e me contorci, mas ele me apertou contra seu corpo e

começou a andar, não me deixando escolha além de cambalear junto. Me encaixei perfeitamente embaixo do braço dele, aconchegada no calor de seu peito e cercada pelo seu cheiro intoxicante.

— Você e eu teremos um problema, Rae — ele disse baixinho —, se você não correr para casa nesse exato instante, pegar o livro e trazê-lo para mim. — A voz dele estava gentil, mas uma ameaça pairava ali: uma ameaçava que fez a tensão crescer no meu abdômen e eu me sentir insignificante. Durante o tempo todo, continuamos caminhando casualmente, mas eu percebi para onde ele estava indo.

Estávamos indo em direção à Rua Universitária – para *fora* do campus.

Ele jogou a cabeça de lado para me olhar de cima, curioso.

— Que tensa, Raelynn — disse. — Se sentiria melhor se corresse? Poderia gastar toda essa energia ansiosa. — Ele riu de forma sádica e a ideia de correr dele me fez engolir em seco de expectativa. — Vou te pegar de novo, não se preocupe. Não tem como fugir.

Inspirei fundo e virei o rosto para olhá-lo. Ele estava olhando diretamente para frente, sorrindo, satisfeito consigo mesmo. Me

contorci, tentando me tirar debaixo do seu braço.

— Não vou te dar bosta nenhuma. Não vou jogar esse seu joguinho.

— Não? — Ele parou abruptamente e virou para mim como se estivesse em choque. — Não está a fim de brincar? Então tá.

Me soltei de seu braço – e não adiantou muito. Sua mão disparou e agarrou meu rosto, apertando minhas bochechas enquanto ele me puxava para perto e se curvava para baixo para olhar diretamente em meus olhos.

— Chega de joguinhos, então. Vamos na sua casa agora, você vai pegar o grimório e vai me entregar antes que isso se agrave mais. — Os olhos dele estavam mudando. Não estavam mais tão verdes, havia um brilho dourado neles. Eu não conseguia parar de encarar, estava presa em seu olhar. O toque dele se enterrava em minha pele.

— Mais ameaças — disse. Estávamos bem na extremidade do campus, se ao menos eu pudesse fugir… — Você não me assusta, Leon. Seus truques não vão me fazer te entregar o grimório.

Ele riu, aproximando o rosto do meu. Ele me examinou, me acariciou com seus olhos. Era como se seu olhar estivesse

arrancando minha pele, expondo meus ossos e todos os meus pensamentos depravados.

— Você ainda nem sabe quais truques estou guardando pra você, Rae — disse.

Sua mão livre prendeu meu cabelo por trás da orelha, seus dedos roçaram os piercings em minha cartilagem e me causaram arrepios, apesar de tudo. Quando seus dedos alcançaram aquele ponto sensível logo abaixo da minha orelha, a sensação causada pelo estímulo fez minhas pálpebras pestanejarem e minhas costas arrepiarem.

— Hmm, Raelynn… vai ser divertido quebrar essa sua máscara de teimosa. Você nem imagina… — outro arrepio me percorreu quando seu hálito acariciou meu ouvido — …as coisas absolutamente *horríveis* que vou fazer com você.

Meu corpo estava me traindo, mas ainda me restava *um pouco* de autopreservação. Me soltei de suas mãos, recuando com tanta força que tropecei em meus próprios pés e caí de bunda no chão. Ele me olhou de cima curiosamente, exibindo seus dentes em um sorriso sarcástico.

— Achei que você não quisesse mais brincar? — disse.

Ofegando, me levantei depressa e corri.

15

Leon

Raelynn correu. Ela correu e cada músculo meu contraiu como uma mola sendo pressionada. A corrente inebriante de adrenalina que a inundou só piorou a situação. Tive que parar por um momento só para me acalmar, caso contrário, eu a apanharia rápido demais e a diversão acabaria.

Humanos eram, e sempre tinham sido, nossa presa. Fazia tempo demais desde que eu tinha tido a oportunidade de caçar.

Andei atrás dela, seguindo seu cheiro depois que ela desapareceu da minha vista. Ela tinha ido a pé para o campus naquele dia: juro que essa mulher não tinha nenhum instinto de sobrevivência. Tinha um enxame de Antigos há dias, e mesmo assim ela insistia em se transformar em um alvo fácil. Quanto mais cedo o grimório e eu estivéssemos longe dela, melhor.

Ela tinha me invocado, mas, tecnicamente, já tinha me dispensado. Assim que o grimório estivesse em minhas mãos, eu iria embora dessa cidadezinha horrorosa e a vida dela seguiria normalmente. Bem, isso não era totalmente verdade. Não havia nenhuma garantia de que os monstros perderiam o interesse por ela. E os Hadleigh também não iam apenas deixá-la em paz.

Fechei a cara enquanto andava, a irritação estava me fazendo ir mais rápido. Com ou sem mim, os Hadleigh teriam Raelynn como sacrifício, apenas mais uma vítima perdida para o notório azar de Abelaum. Ela desapareceria, seu corpo nunca seria encontrado. Seus amigos e sua família procurariam, criariam campanhas e dariam entrevistas e chorariam ao vivo na televisão. Mas Raelynn teria partido e sua alma teria sido consumida por um Deus.

Isso me incomodava.

Que seja. Eu nunca tinha conhecido um humano que não me deixaria morrer e ainda me daria um chute só para garantir. O que aconteceria no mundo humano depois que eu tivesse partido não era da minha conta. Rae era divertida, mas não valia a pena arriscar minha vida e ficar por ela. Eu já tinha perdido muito tempo mantendo os Antigos longe dela.

Ela teria que se defender e, até agora, estava fazendo um serviço péssimo.

Ela ainda estava correndo, mas não em direção à sua casa, e fiquei confuso até virar em uma rua lateral e ver um relance dela desaparecendo – para dentro das grossas portas de carvalho da capela do Cemitério Westchurch.

É claro que ela correria para uma igreja. Típico.

O sol tinha se posto e a lua era uma mera fatia. Respirei fundo o vento gelado que correu por mim quando alcancei os degraus da capela.

Havia morte no ar. Eu tinha que ser rápido. Os Antigos caçavam à noite.

As dobradiças rangeram quando entrei. A capela cheirava a flores secas e fluido embalsamador, era um lugar do tipo estéril e frio. Deixei a porta bater ameaçadoramente atrás de mim e caminhei através dos bancos.

— Oh, Raaaelynn — chamei. — Apareça, apareça… eu disse que não ia te deixar escapar, ah, *cacete…*

Meu crânio vibrou, uma cortesia de alguma coisa pesada de madeira o golpeando. Me virei, esfregando a parte de trás da minha

cabeça, e encontrei Rae parada ali com um enorme crucifixo de madeira.

— Vade-retro, demônio! — gritou, atacando com a cruz. Ela realmente tinha posto força naquele golpe. Teria deixado um humano inconsciente. Impressionante.

Debochei.

— Ah, chega. Essa sua obsessão em tentar me espancar até a morte está perdendo a graça.

Ela vacilou, mas eu estava firmemente bloqueando sua saída, então sua determinação aumentou.

— Vai negar? — exigiu. — Você é um demônio, não é?

Revirei os olhos.

— Sim, boneca. Parabéns, você conseguiu! — Bati palmas, fazendo-a dar um pulo. — Você pegou o demônio grande e malvado. Que investigadora incrível você é. — Arranquei o crucifixo de suas mãos, o quebrei no meio e joguei de lado. — E agora, hein? Parece que você está em perigo, Rae. Parece estar um pouquinho indefesa. — Avancei, e ela desviou ao redor do banco mais próximo. Pulei por cima dele com facilidade, o que deu um susto tão grande nela que ela gritou e caiu sentada no assento.

Coloquei minhas mãos de cada lado dela e me debrucei sobre seu corpo. Ela engoliu em seco e colou as pernas uma contra a outra. Ela me olhava com olhos arregalados e os lábios abertos – seu rosto mostrava fúria, desafio e desejo mal contido.

Sempre achei estranho o desespero com o qual os humanos tentavam esconder seu próprio desejo, como se fosse algo de que sentir vergonha.

— Você é… você realmente é… — A voz dela falhou e ela engoliu. Sinceramente, era adorável o quanto ela estava perturbada.

— Um demônio? De carne e osso, querida. Acho que ganhei justamente. Você não tem mais para onde correr. Então, está pronta para buscar o grimório, ou precisa de um pouquinho mais de insistência? — Fiz uma pausa, estava gostando de como ela parecia pequena naquele banco: só uma garotinha católica inocente, acuada pelo mal. — Você fica tão bonitinha quando está irritada. Até suas sardas estão vermelhas.

Ela rosnou. Estava lutando contra si mesma, se contorcendo entre meus braços. O cheiro do tesão dela me deu vontade de rasgar suas roupas, morder sua carne, *usá-la*.

— Insistência? — zombou, mas sua voz estava trêmula e seu riso ansioso foi forçado. — Como assim, insistência? Você vai só tentar

se fazer de bonzinho, como se isso fosse… me fazer…

Eu estava brincando com o primeiro botão do suéter dela. Seu coração estava acelerado sob meus dedos. Fazia muito tempo desde que eu tinha olhado para uma mortal e sentido tanto desejo assim – e só estava piorando com a resistência inabalável dela. Ela estava determinada a me desafiar em tudo, enquanto qualquer outro humano teria tido o bom senso de recuar.

— Demônios não se fazem de bonzinhos, boneca — disse. — Fazemos travessuras.

Os olhos dela faiscaram. Eu tinha oferecido uma oportunidade, eu estava lhe dando a chance de ceder sem abrir mão de muito do seu orgulho. Era muito generoso de minha parte, mas poxa, eu não era completamente maligno.

— Travessuras? — Sua voz tinha se reduzido a um sussurro. — Quais travessuras?

Eu já tinha mostrado meus olhos, então decidi dar mais um gostinho do que eu era. Aproximei meus lábios dela para que nossos hálitos se misturassem. Passei a língua sobre meus lábios, separando as pontas bifurcadas para começarem de lados opostos da minha boca e deslizarem para se encontrar no meio.

Os olhos dela estavam do tamanho de pratinhos. Parecia que ela tinha se esquecido como respirar. As possibilidades que uma língua bifurcada apresentava costumavam causar esse efeito, mas tenho que admitir que fiquei *particularmente* satisfeito de vê-la tão abalada. Ela estava se remexendo de novo, mas dessa vez não era na esperança de escapar.

— Ai, droga — sussurrou. As ideias sobre o que essa língua podia fazer estavam correndo disparadas na mente dela. Sua resistência estava esmorecendo, ela estava sendo dominada pelo desejo.

Sorri e desci o rosto para sussurrar em seu pescoço:

— E aí, devo te mostrar minhas travessuras?

Bang!

O barulho fez Raelynn dar um pulo no banco e esbarrar em mim. As portas da capela tinham sido abertas com tanta força que bateram nos pilares por trás. O vento entrou uivando, trazendo consigo folhas amareladas e um cheiro amargo pungente.

— O que é isso? — A voz de Rae estava esganiçada enquanto tentava enxergar de atrás de mim. — O que… ai, meu Deus…

Suspirei pesarosamente. O barulho de garras batendo e arranhando as pedras da capela anunciou sua chegada, bem como

o rosnado baixo e ressonante que saía da garganta do Antigo.

— Pausa na brincadeira, boneca — disse, puxando-a mais para trás de mim. — Não pense que já terminei com você.

16

Rae

O monstro que entrou pelas portas da capela parecia ter saído diretamente dos meus pesadelos. Eu tinha achado que a coisa bizarra com caveira de cachorro no bosque tinha sido uma peça de arte – mas ver a coisa se movendo, se arrastando rente ao chão com sua longa língua preta para fora, pingando uma saliva espessa no piso, destruiu completamente minha certeza.

Aquilo não deveria ser de verdade.

Aquilo *não podia* ser de verdade.

Mas *era*. Rosnando, com os olhos brancos injetados por veias avermelhadas revirando em sua cabeça, a criatura entrou na igreja e se ergueu nos membros traseiros, delgados como os de uma corça. Ela bateu os dentes avidamente, e um som parecido ao de

um gato tagarelando ao perseguir uma presa saiu de suas mandíbulas de osso exposto.

— Leon — minha voz era um sussurro tenso e desesperado. Minhas mãos estavam enroscadas na camiseta dele. — Leon… faz alguma coisa…

— Faz alguma coisa? — Ele me olhou feio com os olhos apertados e disse em deboche: — *Ai, Leon, faz alguma coisa! Me salva, por favor, ai, por favor!* Onde foi parar o *vade-retro, demônio?* Onde foi parar sua tentativa de esmagar minha cabeça com um crucifixo?

O som de sua voz fez a criatura rosnar. Sua postura estava oscilando, se preparando para atacar. Seu fedor alcançou meu nariz e eu quase engasguei. Sob a luz fraca da capela, eu podia ver o corpo da criatura em todo seu deplorável horror: pele cinza e mofada, ossos marcados por buraquinhos de podridão, dentes escurecidos, afiados e irregulares.

— Que isso? — choraminguei, apavorada demais para me irritar com a petulância de Leon. — Que *porcaria* é essa?

Leon estalou os dedos e jogou os ombros para trás.

— Um dos Antigos. São criaturas muito antigas que nascem do sangue e da desgraça de lugares sinistros. — Ele olhou para mim

por cima do ombro. — São o tipo de coisa que vêm te visitar quando você se apega a artefatos mágicos perigosos que não deveria estar guardando.

Antes que eu pudesse responder, antes que eu pudesse ficar furiosa por ele escolher agora, de todas as horas, para encher meu saco por causa do maldito grimório, a criatura jogou a cabeça para trás e *uivou*. Não como um cachorro, mas como um homem. Como um homem agonizando, como um homem descarregando anos e anos de dor e fúria em um único brado de revirar as entranhas. Então ele deu um salto e, pelo que meus olhos conseguiram enxergar e meu cérebro conseguiu processar, Leon se jogou na criatura.

Eles caíram nos bancos, enviando lascas de madeiras pelo chão, e eu tive que pular para trás para evitar ser empalada por um banco. Me encolhi contra a parede, incapaz de dizer qual monstro estava ganhando em meio ao caos. Seus movimentos eram rápidos demais, antinaturais demais. Pisquei rapidamente quando minha vista embaçou, mas era só porque eles eram rápidos demais para meus olhos conseguirem acompanhar.

Eu já tinha visto cães grandes brigando antes – o rosnado, os guinchos e ladros tinham me assombrado durante dias. Mas isso

era muito pior. O barulho que eles estavam fazendo era profano. Retumbava pelos pisos de pedra da capela, ecoava de todos os cantos. Era o barulho de algo vivo sendo despedaçado, o barulho de um monstro abatendo sua presa.

De repente, Leon se levantou com a cabeça esquelética do monstro nas mãos e esmagou o crânio como se estivesse quebrando um ovo.

— Ai, meu Deus… ai, meu Deus… — Meu queixo caiu. O monstro de membros compridos e podres estava jogado no entulho dos bancos, destruído. O chão de pedra tinha arranhões profundos. O cheiro de morte estava mais forte do que nunca no ar. E Leon…

Leon não parecia humano mais.

Seu moletom tinha ficado em frangalhos na luta e exposto seu peito. A miríade de tatuagens coloridas não conseguia cobrir as grandes e profundas cicatrizes incrustadas em sua pele. As veias de seus braços estavam pretas, como raízes de tinta serpenteando a partir das garras nas pontas de seus dedos. Ele estava com a cabeça jogada para trás, recuperando o fôlego, e seus dentes estavam todos alongados e afiados. Leon passou uma mão ensanguentada pelo cabelo, manchando o loiro com o vermelho

opaco do sangue do monstro. Seus olhos, quando voltaram a olhar para mim, estavam tão brilhantes e dourados quanto o sol.

— Mas então — disse, inspirando fundo. — Onde estávamos?

— Mas que porra. — Segurei minha cabeça com as mãos e contornei os bancos revirados. Sangue e entranhas estavam espalhados pelo chão, e o corpo da criatura estava *derretendo*. Tinha se tornado de uma consistência viscosa e escurecida que se retorcia com vermes vivos. Cobri a boca com a mão. Eu ia vomitar.

— Outros virão atrás de você, Rae — disse Leon, arrancando os retalhos que restavam de seu casaco. Ele andou até a pia perto da entrada da capela e mergulhou as mãos na água benta, lavando o sangue e tingindo a água de rosa. — Eu te falei que não é fácil desfazer isso que você começou. Esse monstro não é *nada* perto do que pode vir te caçar. — Ele jogou água no rosto, e as gotas escorreram pelo seu peitoral.

Enquanto ele estava parado ali, sujo com o sangue de um monstro – com presas e garras, um monstro ele próprio – o achei, ao mesmo tempo, a coisa mais sexy e mais aterrorizante que eu já tinha visto.

Atordoada, completamente incrédula, me virei e saí pelas portas abertas da igreja. O cemitério estava sereno agora que os guinchos

e gritos tinham sido silenciados e só restava o chilrear dos grilos. O ar noturno estava fresco, revigorante e puro, o cheiro de morte estava enfraquecendo, agora que o corpo do monstro tinha se dissolvido.

Isso não podia ser verdade. Isso tinha que ser um sonho ou… ou um pesadelo. Esfreguei o rosto com as mãos. Eu estava achando que só tinha um demônio com quem lidar, mas a situação era muito pior.

— Estávamos no meio de algo, Raelynn.

Virei para trás. Leon estava parado na luz nos pés dos degraus da capela, com o cabelo molhado e manchas escuras de sangue no jeans. Então me lembrei – logo antes da invasão do monstro, eu estava prestes a fazer o inimaginável.

Eu tinha estado prestes a ceder. Prestes a implorar para ele enfiar aquela língua bifurcada profana na minha garganta. Depois do que eu tinha acabado de ver, eu deveria estar completamente brochada, horrorizada, enojada. Eu devia estar correndo.

Mas, ao invés disso, eu queria que ele fechasse aquelas mãos ensanguentadas na minha garganta. Eu queria que ele me tratasse com só uma fração da força que tinha usado para desmembrar aquela coisa. Eu estava olhando para o que era, muito

provavelmente, o homem mais perigoso de Abelaum, e eu queria que ele rasgasse minhas roupas bem ali, no meio daquele cemitério.

— Obrigada — disse tensa. — Eu… eu podia… se você não estivesse aqui…

— Você estaria desmembrada, mas viva, sendo arrastada até a floresta onde eles poderiam consumir seu corpo lentamente. — Ele sorriu. — E eu prefiro agradecimentos em gestos do que em palavras. Me entregue o grimório.

Recuei até minhas coxas esbarrarem em uma lápide atrás de mim. Leon avançou, com impaciência em cada passo, até parar bem na minha frente. O subir e descer de seu peito com sua respiração ofegante era hipnotizante. Seu corpo era magro, mas seus músculos tinham se destacado. Eu queria passar as mãos em suas tatuagens – santos e anjos e lobos rosnando – e em todas as cicatrizes sob elas.

— Por que quer o grimório tanto assim? — disse para ganhar tempo.

— Ele contém meu símbolo, meu sigilo — respondeu. — É o último registro restante dele na Terra, e estar com meu sigilo permite que alguém me invoque. Quando estiver com ele, vou destruí-lo. —

Os olhos dele brilharam. — E nunca mais vou voltar a esta cidade maldita.

— Se eu te der o livro — disse lentamente. —, essas coisas vão embora? Elas vão parar de vir atrás de mim?

Leon fez uma careta e encolheu um ombro ligeiramente.

— Talvez.

— *Talvez?* Que merda eu posso fazer, então?

— Tente me oferecer sua alma. — O tom dele estava presunçoso, mas forçado, como se só de má vontade tivesse permitido que as palavras saíssem. — Me ofereça sua alma em troca de proteção.

Olhei para ele, estupefata, então comecei a negar com a cabeça.

— Não. De jeito nenhum. Não vou te oferecer minha alma.

Ele encolheu os ombros de novo.

— Então, boa sorte. Agora… — Ele se debruçou sobre mim, curvando aqueles malditos lábios em um sorrisinho descarado. — Vai continuar ignorando esse seu probleminha por quanto tempo?

Franzi o cenho e cruzei as pernas, muito autoconsciente.

— Que problema?

O sorrisinho dele aumentou.

— Minha aparência está te deixando *ensopada*.

O sangue correu para minhas bochechas e o calor jorrou entre minhas pernas. Bufei e desviei o olhar – mas não consegui negar. Não consegui mentir.

— Vai se foder — murmurei.

— Gostaria.

— Por que você não manda ver logo? — estourei, jogando as mãos para o alto. — Você fica me ameaçando e provocando e… se *jogando* em cima de mim. — Olhei para ele, e fechei os punhos quando vi que estava rindo.

— “Manda ver logo?” — Riu. — Que, te botar de quatro logo e te comer aqui e agora? Mandar ver logo pra você não precisar dar o braço a torcer? Não, não, não. — Ele entrelaçou as mãos às costas. — Isso seria fácil demais. Quero ver você se contorcendo, quero ver você *implorando*. Se é para ser condenada à danação, precisa ser de boa vontade.

A tensão dentro de mim ia explodir. Sentia meu clitóris dilatando, minha calcinha estava encharcada. Ver Leon sem camisa e sujo de sangue, depois de ter botado seu verdadeiro eu infernal para fora para salvar minha vida, me deu um tesão inexplicável.

— Por favor, só…

— Awn, *por favor.* — Ele fez um beicinho, tirando sarro de mim de novo. — Por favor? Por favor, o quê? Vamos lá, use essa sua boquinha linda. *Fale.*

Rangi os dentes e um choramingo petulante escapou de mim. Estava condenada mesmo, assim como ele havia dito.

— Quer colocar a câmera pra filmar antes? — disse. — Isso atrairia um monte de visualizações, não? *Um Demônio Me Comeu Em Um Cemitério?* — Ele riu de si mesmo. — Eu assistiria a isso.

— Você é um cuzão — sussurrei.

— A gente é o que come.

— Puta merda — arfei, agarrando a lápide atrás de mim com as mãos como se isso, de alguma forma, fosse me manter sob controle. Eu não me sentia tão insuportável e irracionalmente excitada assim desde que tinha tomado ecstasy no meu aniversário de dezoito anos. Abaixei a voz, como se até os mortos fossem me ouvir e ficar horrorizados pelo que eu estava prestes a fazer. — Me come. Por favor.

Ele negou com a cabeça e aproximou o rosto do meu, gesticulando para sua orelha.

— Não estou te ouvindo. Um pouquinho mais alto, por gentileza. Te comer onde?

— Caramba, Leon…

— Acabei de estraçalhar um ser vivo, boneca. Estou num humor *muito* sádico e seria um prazer deixar você se humilhar aí a noite toda. Ou você pode simplesmente me dizer o que você *realmente* quer e eu vou te dobrar em cima dessa lápide, comer sua bocetinha até você escorrer pelas coxas e trepar com você até você esquecer seu próprio nome. Qual vai ser?

Engoli em seco. Nunca fui muito religiosa, mas senti que o certo seria fazer o sinal da cruz antes de ousar dizer:

— Me põe de quatro e… come… come minha boceta… por favor…

17

Rae

Leon agarrou meu suéter e *rasgou*, fazendo os botões saírem voando pela grama. Ele segurou minha cintura, enfiou as garras na minha pele quando minha boca se abriu para ele e sua língua bifurcada acariciou a minha. Seu gosto era o do mais delicioso veneno, fazendo minha boca formigar enquanto eu gemia desesperada por ele. Meus sons só o encorajaram mais, e o rosnado primitivo que me deu em resposta ficou mais forte quando ele fechou suas garras em volta da minha garganta e apertou – apertou até eu gemer, um gemido que mal passava de um ruído lamentável.

Ele sorriu para mim, mostrando todos seus dentes perversos e fome lupina.

— Awn, mortalzinha fofa. Tão fácil de *quebrar.* — Ele apertou mais, pressionando as laterais do meu pescoço até minha cabeça girar e eu ser inundada por euforia, e suas garras se enterraram na minha pele com a dorzinha mais deliciosa. Era o tipo de dor que me causava arrepios, me fazia querer mais. Ele mordeu meu lábio inferior e riu quando pairou perto de mim e sussurrou na minha boca: — Diga “por favor” se quiser respirar.

— Por… favor…

Ele soltou minha garganta, só para me erguer e sentar minha bunda na lápide. Ele abriu minhas pernas com os quadris e senti o frio da pedra passar pela minha saia. Ele inspirou fundo entre minhas clavículas, passou a língua por ali e subiu até alcançar meu pescoço, então mordeu. Leon enroscou os dedos no meu cabelo para puxar minha cabeça para trás e me morder de novo, se demorando no lugar em que minhas veias pulsavam, tão perigosamente perto da superfície. Ele ia me deixar cheia de marcas.

Eu estava entregue ao meu desejo por um demônio – queria tanto o corpo dele que isso me assustava. Arranhei as costas dele, afundando minhas mãos entre seus ombros com tanta vontade que

ele rosnou de entusiasmo. Ele soltou meu cabelo, se ajoelhou e segurou meus quadris possessivamente em suas mãos.

Até parei de respirar quando vi aqueles olhos brilhantemente dourados me olhando entre minhas pernas. Ele mordeu o tecido fino da minha meia-calça, o prendeu entre os dentes e fez um pequeno rasgo. Quando voltou a olhar no meu rosto, havia uma selvageria em seus olhos, uma voracidade que me injetou com adrenalina como se meu corpo estivesse me mandando fugir.

— Essa roupa toda tá na porra do meu caminho — rosnou, e rasgou um buraco na meia com as garras, deixando minhas pernas praticamente nuas. Então fez a mesma coisa no outro lado e continuou rasgando o tecido como se sua mera presença fosse um insulto. Me segurei na lápide para não cair, já que minhas pernas começaram a tremer. Quando não restava nada além de tiras da meia-calça, ele abaixou a cabeça e passou sua língua bifurcada na minha coxa até meu corpo todo tremer.

— Tão sensível — murmurou. Ele permaneceu no alto da minha coxa, mordiscando minha pele. — O jeito que você treme, porra, adoro ver você se contorcer. — Suas mãos se arrastaram pelas laterais das minhas pernas e por baixo da minha saia, onde

encontraram a renda da minha calcinha através do que restava da minha meia.

Essa calcinha foi sua próxima vítima. Ele rasgou o tecido e jogou de lado, mas só depois de pressioná-la no nariz e inalar profundamente. As pupilas dele dilataram e ele me olhou como se estivesse morrendo de fome. Suas garras pretas pinicaram minha pele sensível e deixaram gotículas de sangue para trás. Ele lambeu cada gotinha vermelha e, quando meu queixo caiu de choque, sorriu.

— Acha que não vou consumir até o último pedacinho de você? — disse, com uma voz tão grave e sinistra que pareceu subir deslizando pela minha espinha e envolver meu crânio. — Porra, vou te devorar viva, Raelynn.

Suas garras se enfiaram mais, e dessa vez eu não consegui conter um grito de dor. Ele me segurou e assistiu com olhos fascinados a uma gota de sangue brotar na minha pele e escorrer pela minha coxa – até ser pega pela língua dele.

— Só o seu sangue não vai me satisfazer, Raelynn. — Tremi em cima da pedra quando a boca dele chegou mais perto. Seus olhos passearam entre minhas pernas, brilhantes e inumanamente

dourados. — Seu sangue, mijo, suor, gozo, quero tudo. Você é minha. Deixe suas inibições de lado. Elas não vão te servir mais.

A língua dele apareceu e suas pontas se agitaram no ar. Eu já tinha visto línguas bifurcadas feitas em modificações corporais, mas a dele era alarmantemente comprida. Monstruosa. Me encheu com uma mistura tão forte de sentimentos, excitação e medo, que quando tentei abrir a boca pela primeira vez, tudo que consegui expressar foi um suspiro.

— Quero sentir — sussurrei. — Por favor…

Ele se levantou e me ergueu da lápide com facilidade. Minha cabeça girou quando ele me virou de costas para seu peito, com a cabeça pendurada perto do chão, completamente de ponta-cabeça em seus braços. Meus óculos escorregaram e caíram na grama. O mundo se tornou um borrão, mas eu não conseguia mais ficar de olhos abertos mesmo.

Minha boceta estava bem embaixo do rosto dele, exposta, já que minha saia era inútil para me cobrir nessa posição. Ofeguei desesperada – constrangida, ansiosa, completamente desnorteada. E aí – *ai, porra* – a língua dele deslizou sobre mim, lambendo meu tesão de cada vinco e, *meu Deus*, circulando meu clitóris. Estremeci, sacudindo involuntariamente, e ele me segurou mais

apertado. Suas garras estavam se enterrando onde me seguravam, mas a dor só deixava tudo melhor. Ele colocou a boca nos meus lábios e chupou como se fosse uma refeição, então colocou a língua de novo e a mexeu com foco e precisão sobre cada centímetro de pele sensível.

Minha cabeça estava pesada nesse ângulo, mas o sangue correndo para o meu crânio só serviu para aumentar mais meu prazer que crescia vertiginosamente. Foi arrebatador, quase insuportável. Cada toque impiedoso de sua boca me fazia gemer com as pernas envolvendo seu pescoço.

— Você é tão gostosa. — A voracidade em sua voz me fez tremer, voltou a despertar uma certa ânsia instintiva de fugir, de resistir apesar do quanto a sensação era deliciosa. Me contorci em suas garras, tentando inutilmente escapar de sua boca. Ele riu da minha cara e mudou de posição sem o menor esforço, me segurando com apenas um braço em volta da cintura, para poder colocar o outro entre minhas pernas e massagear meu clitóris com os dedos.

— Não tem como fugir, boneca. Você sabe qual é a sua palavra de segurança. — Então sua boca voltou ao trabalho. Logo, qualquer movimento voluntário se tornou impossível. Seus dedos

estimulavam meu clitóris e sua língua, sobrenaturalmente grossa e longa, forçou para dentro de mim. Arfei e me contorci enquanto ele me acariciava por mim, um estímulo que nunca pensei ser possível.

— Leon… Leon, *por favor*… — Minhas palavras estavam sufocadas e ele me esfregou mais rápido. Gemi e ele tirou a língua, só para metê-la em mim de novo. Meu corpo inteiro começou a contrair e tremer.

— Vou te fazer gozar, Rae — grunhiu. — E quero que continue implorando enquanto isso.

Meu orgasmo era iminente, estava chegando a uma velocidade desenfreada. Cobri a boca com as mãos para abafar meus gritos de "por favor, por favor, por favor" quando sua língua sádica transformou meu prazer em tortura.

Meu clitóris pulsou sob seus dedos e sua língua penetrou tão fundo que minha vagina contraiu em volta dela. Meus dedos curvaram dentro de minhas botas, minhas súplicas formaram um nó na minha garganta e tudo que eu podia fazer era tentar respirar e dar um jeito de impedir que minha alma abandonasse meu corpo.

— Que boa garota. — Ele me abaixou e fiquei deitada atordoada na grama, com os olhos fora de foco. Vi o borrão de Leon pegar alguma coisa do chão, então se inclinou para colocar os óculos de

volta no meu rosto. Ele limpou meu gozo do queixo e lambeu os dedos.

Então ele parou sobre mim, desabotoou o jeans e abriu o zíper. Abaixou a cueca preta, e *porra* – se eu ainda tivesse dúvidas de que ele não era humano, ver seu pau duro teria dispersado todas. Atrás da cabeça grossa havia dois sulcos adicionais, e na base havia uma parte mais grossa, o que tornava sua circunferência aterrorizante. Ele segurou o pau na mão, cuspiu no comprimento e se masturbou, mostrando seus dentes para mim.

Com um riso sinistro, sussurrou:

— Tente fugir.

Eu adorava resistir. Ele estava realizando meus desejos mais sombrios, um de cada vez. Eu me sentia lenta e entorpecida pelo prazer, mesmo assim tentei engatinhar, como se realmente fosse conseguir escapar. Me arrastei só alguns centímetros antes dele me alcançar e segurar.

— Patético — seus dentes mordiscaram minha orelha quando ele sussurrou. Ele empurrou minha cabeça na grama gelada com uma mão quente na minha bochecha, e a outra mão ergueu meu quadril para deixar minha bunda no alto, pronta para ele.

— É isso que você quer, Raelynn? — A voz dele era uma carícia, tão sinistra e intimidadora quanto o toque de uma cobra. Ele esfregou o pau em mim, deslizando no meu tesão. — Quer que eu destrua sua bocetinha?

— Sim. — Minha resposta foi um gemido, tensa de antecipação, trêmula. — Sim, por favor…

A cabeça texturizada pressionou minha abertura, então entrou, me alargando firmemente em volta dele com cada centímetro. Ele se curvou sobre mim e arranhou minhas costas com suas garras quando começou a meter. Quando disse que ia me destruir, caralho, tinha falado a verdade. Eu teria muita dificuldade de ficar nessa posição com a dor dele me esticando enquanto me comia, se ele não estivesse me segurando.

De quatro, com o rosto no chão e os quadris presos pelas mãos fortes das quais eu sabia que não poderia escapar – fiquei absolutamente ensopada.

Eu nunca tinha me incomodado com os barulhos que fazia, mas, meu Deus, como eu soava patética. Choramingava a cada estocada, um som que era uma mistura de palavras e grunhidos animalísticos. Ele comeu tudo que havia de humano em mim e me

transformou em um brinquedinho trêmulo e desesperado que pudesse usar.

— Como está se sentindo, boneca? — Seus dedos fecharam no meu cabelo, suas garras arranharam meu couro cabeludo. — Use sua voz, vamos lá. Ou será que não consegue nem falar mais?

— Tão bem, porra, que dor gostosa. — Minha língua se enroscou para dizer essas palavras. Estava difícil demais falar. Minha mente estava mergulhando rapidamente em uma escuridão quente e sufocante, mas eu ficaria muito feliz de sufocar ali, feliz de me afogar no êxtase. Arqueei minha coluna, me empurrando na direção dele apesar da dor. Sentir o pau dele era diferente de qualquer coisa que eu já tinha experimentado, tinha textura e proeminências em lugares onde o de nenhum homem poderia ter, então cada enfiada me surpreendia.

— Esse poderia ser o destino da sua alma. — Ele riu sadicamente. — Basta uma simples barganha pra você ser minha. Minha para eu usar e dar prazer como quiser. Minha para eu deixar marcas, minha para eu machucar. — Ele meteu em mim com força, tanta força que quase chorei. Porra, a dor deixava o prazer ainda mais delicioso. — Tudo bem se não está pronta pra me dar sua alma ainda, mas você vai dar, boneca. Já está se entregando.

Ele se enfiou em mim com estocadas longas e firmes. Não tinha nada que eu quisesse mais do que ficar cheia da porra dele dentro de mim.

— Leon… dá… me dá… — Eu não conseguia dizer as palavras. Estava gostoso demais. Ele me ergueu de quatro, segurou meu rosto e apertou minhas bochechas.

— O que foi? — rosnou. — Fala direito, Rae, não estou ouvindo.

— Quero… sua porra…

Ele apertou com mais força, forçando minha boca a abrir. Deslizou dois dedos para dentro e passou as garras perigosamente afiadas sobre minha língua. Ele obrigou minha boca a continuar aberta, salivando enquanto empurrava minha língua. Ele me transformou em um caos de todas as formas, e eu só consegui gritar quando ele se mexeu mais rápido e, subitamente, senti seu pau pulsar dentro de mim.

— Fala isso de novo — disse, se abaixando contra minhas costas. Sua voz no meu ouvido pareceu ecoar dentro da minha cabeça e cantar dentro do meu sangue. — Implore. Implore pelo que quer.

Eu não conseguia formar as palavras com os dedos dele dentro da boca, mas isso não me impediu de tentar. E foi naquele momento

que percebi – ajoelhada ali, balbuciando inutilmente, com baba escorrendo pelo queixo, praticamente chorando de prazer – que ele estava coberto de razão. Eu já estava me entregando. Eu disse que não lhe daria minha alma, mas eu praticamente já tinha dado.

Eu tinha me entregado a um demônio, e não tinha jeito de voltar atrás.

— Por favor… por… favor… — foi tudo que pude dizer. Quanto mais eu implorava, mais minha vagina contraía e apertava o pau dele. Meu último orgasmo tinha me abalado, mas este me prendeu em suas garras e não queria soltar. Foi tão forte que me fez chorar, e Leon enganchou os dedos um pouquinho mais profundamente na minha boca para eu não conseguir segurar os sons que estava fazendo. Eu tinha certeza de que estava fazendo barulho suficiente para acordar os mortos.

Meu prazer o trouxe até o ápice, e seu pau, que já era grosso, inchou mais ainda. Ele mordeu meu ombro enquanto pulsava e jorrava dentro de mim. Ele tirou os dedos de dentro da minha boca e puxou meu quadril para trás, meteu bem fundo em mim e me encheu, até eu sentir que estava escorrendo pelas coxas.

18

Leon

No instante em que ela me olhou com aqueles enormes olhos castanhos desafiadores e me disse para mandar ver, eu soube que essa mulher tinha me deixado ferrado. Descuidadamente, insanamente *ferrado.* Quando ela de bom grado se transformou em minha vítima, quis levá-la para o Inferno na mesma hora.

Eu não tinha planejado oferecer um acordo para ela. Colecionar almas humanas para subir de status no Inferno era a coisa preferida de alguns demônios, mas eu não estava nem aí pra isso. E eu não *deveria* ter estado nem aí pra isso. Mas agora não conseguia tirar essa ideia da cabeça: ela era minha. Eu precisava da alma dela. Trepar com ela, possuir seu corpo, ouvir aqueles gemidinhos fofos enquanto ela tremia de prazer – isso podia viciar muito rápido. Era o tipo de coisa que eu gostaria de garantir para minha eternidade.

E eu tinha oferecido um negócio muito bom para ela. Considerando as circunstâncias, ser protegida por mim deveria custar muito mais caro do que só sua alma.

Mas o que mais eu podia fazer? Ficar por aqui, arriscar minha vida e protegê-la por gentileza? Por *bondade?* Eu já tinha sido trapaceado por humanos demais para ser tão ingênuo assim. Ou ela pagava, ou eu daria o fora. Eu pegaria o grimório e seguiria meu caminho.

Ainda estava com seu gosto na minha língua e seu doce perfume no nariz. Me apoiei em uma lápide por perto e a abracei, esquadrinhando o cemitério escuro e vazio com olhos pesados. Os orgasmos tinham acabado com ela, mas não podíamos perder muito tempo lá. Mais Antigos viriam.

Rae suspirou e, por um instante, achei que ela estava dormindo. O pescoço e ombros dela estavam cheios de marcas vermelhas das minhas mordidas, marcas que se tornariam hematomas roxos amanhã. Eu já teria ido embora, mas ficaria marcado em sua pele durante dias.

Minha. Minha humana, minha boneca, minha pele macia, *minha*.

Talvez eu lhe desse mais um tempinho para pensar no acordo. Talvez ficar uns dias a mais na Terra não ia me matar… ou talvez ia

e eu já estava ficando desastrosamente obcecado por esse brinquedinho humano.

Ela se mexeu e, de repente, ficou rígida. Devagar, como se estivesse tentando não assustar um animal selvagem, se soltou dos meus braços e levantou. Ela limpou a grama da saia e puxou as folhas e gravetos que estavam em seu cabelo com as mãos tremendo levemente. Me toquei que ela devia estar com frio sem sua meia-calça – a meia-calça que eu tinha destruído completamente.

— Vou te levar pra casa — disse, sem me dar ao trabalho de levantar ainda. Estava gostoso sentir o frio da pedra nas costas. — Você vai me entregar o grimório, e eu vou embora.

Esperei ela reclamar, ansioso por mais de sua resistência atrevida. Mas não, de costas para mim, ela disse:

— Por que você estava em Abelaum? Antes de eu te invocar?

— Estava a serviço da pessoa que me invocou antes.

— E quem era?

— Kent Hadleigh.

Ela se virou com uma expressão tensa e preocupada no rosto.

— Está querendo me dizer que Kent Hadleigh é… um bruxo?

— Mago. — Encolhi os ombros. — Até o mortal mais desprovido de poderes pode fazer uso das palavras escritas em um grimório. Mas, a partir do momento em que não está mais com o livro, é impossível ele se lembrar do que estava escrito lá. Qualquer tentativa de cópia do texto rapidamente desbota e fica ilegível. Depois que eu destruir o grimório, ninguém nunca mais vai me invocar. — Sorri orgulhoso ao pensar nisso. Para ser livre, antes tarde do que nunca.

Me levantei e alonguei os braços para cima. O ar da noite estava fresco e o céu estava limpo, cintilando com as estrelas e o brilho fraco do luar. O canto dos grilos e o som da brisa balançando as agulhas dos pinheiros me deram vontade de correr por esse bosque uma última vez. Estava me sentindo bem pela primeira vez em muito tempo.

Rae estava me observando desconfiada, com os olhos apertados. Eu praticamente podia ouvir as engrenagens funcionando dentro da cabeça dela.

— E aí? — Acenei com a cabeça na direção do portão do cemitério. — Que tal mostrar o caminho de casa?

Ela cruzou os braços.

— Por que o Kent te invocou?

Suspirei fortemente. Que enxerida, essa garota. As perguntas não acabavam nunca.

— Pelo mesmo motivo que o pai e o avô dele me invocaram. Precisavam de proteção contra os Antigos.

Ela engoliu em seco. Olhou nervosa para trás, em direção à capela, onde tinha estado o corpo do último monstro.

— Como algo assim pode existir? — disse baixinho. — Me parece que estariam sempre matando gente, que seriam vistos.

— As pessoas desaparecem na floresta o tempo todo. — Parei ao seu lado, e ela olhou para mim. Seus olhos passearam pelo meu corpo, se demoraram no meu peito e fizeram questão de evitar olhar entre minhas pernas, apesar de eu já ter fechado o jeans da calça. Sorri. — Os Antigos são atraídos por magia. A não ser que um humano seja azarado demais para dar de cara com um deles bem no meio da floresta, é improvável que um mortal normal encontre um deles um dia. Os Antigos não se dão ao trabalho de entrar nas cidades humanas se não tiverem um bom motivo.

— Então qual é o motivo deles? — disse ela. — Eles estão atrás de mim porque estou com o grimório, já entendi isso. — Ela não *tinha entendido*, mas enfim. — Mas eles estavam indo só atrás do Kent antes, quando ele estava com o livro?

— Vou continuar falando se você começar a andar — disse, dando um empurrãozinho nela na direção do portão. — Quanto mais cedo tirarmos o grimório das suas mãos, melhor.

Ela fez bico, mas obedeceu pela primeira vez na vida. Os botões do seu suéter tinham sido arrancados, então ela o puxou em frente ao peito e cruzou os braços para mantê-lo fechado. Saímos juntos pelo portão e não vimos um único carro enquanto subimos a rua de sua casa.

— Preciso saber como me proteger dessas coisas — disse ela do nada. — Você disse que talvez eles não parem de vir atrás de mim, então…

— Mude de Abelaum — disse. — É a melhor coisa que pode fazer. Eles vão te seguir a qualquer lugar agora que você foi tocada por magia, mas morar em Abelaum é igual a enfiar a mão numa colmeia e se perguntar por que as abelhas estão te ferroando.

Ela olhou alarmada para mim, mas eu estava tentando ser sincero. Não tinha motivos para mentir para ela e dizer que as coisas melhorariam depois que o grimório fosse destruído. Para os Antigos, ela ficaria um pouco menos atrativa, mas os Hadleigh eram outros quinhentos.

— Eu não posso simplesmente me mudar — disse. — Eu não… não tenho dinheiro pra isso ainda…

— Então fique dentro de casa à noite. Coloque tábuas nas janelas, queime alecrim e sálvia do pôr ao nascer do sol, os Antigos odeiam o cheiro. E fique longe da merda dos Hadleigh.

Ela franziu o cenho.

— Por quê? Se Kent é um mago, ele pode me ajudar.

Ri de escárnio.

— Nem um único membro daquela família está interessado em *ajudar* qualquer pessoa que não seja a si mesmo.

O franzido na testa dela se transformou numa carranca.

— Eles têm sido gentis comigo. Só está dizendo isso pra eu sentir que não tenho nenhuma outra opção além de aceitar a sua *barganha.*

— Quer saber o que Kent *realmente* faz? — Parei de andar, exaltado de frustração. — Quer saber o que é a "Sociedade Histórica" dele — fiz aspas exageradas no ar com os dedos ao dizer o título inventado — de verdade? Tem coisa muito pior do que monstros em Abelaum. Você conhece as lendas. Já esteve na igreja. A Família Hadleigh não está interessada em te ajudar. Eles estão interessados em intensificar o próprio poder.

Ela mordeu o lábio, ainda de braços cruzados. Eu não podia culpá-la por estar desconfiada de mim – ela sabia que eu era um demônio, é claro que acharia que sou um mentiroso. Mas não importava se ela ia acreditar em mim. Contanto que me ouvisse. Contanto que eu pudesse dizer a mim mesmo que *tentei* avisá-la.

Culpa não era uma emoção natural aos demônios. Nós simplesmente nunca tínhamos oportunidade de aprendê-la. Se um demônio jovem fizesse merda no Inferno, provavelmente acabaria morto, assassinado por alguém muito mais poderoso, ou executado por um Ceifador se *realmente* irritasse alguém. Não havia oportunidade para se sentir *culpado*. Ou você se livra das consequências, ou faz a coisa certa de primeira.

Então estar sentindo aquele *peso* irritante, chato e desconfortável da culpa agora só serviu para me mostrar que eu estava há tempo demais na Terra.

Eu não devia absolutamente nada para essa mulher, mas com toda certeza estava sentindo como se devesse.

Ela tinha parado de andar. Estava me olhando fixamente, um pouco mais à frente de mim na rua, com os braços passados ao redor do suéter rasgado, tremendo de frio. Isso me fez querer

abraçá-la, envolvê-la, aquecê-la. Puta merda, eu estava muito sensível.

— O que as lendas e a igreja têm a ver com os Hadleigh? — disse suavemente.

— Morpheus Leighman era o dono das minas de Abelaum — respondi. — O filho dele, Benjamin, mudou seu sobrenome para Hadleigh depois da família quase ter sido posta pra correr da cidade por causa do culto do pai dele.

Morpheus: o primeiro em séculos a ter me invocado que não consegui matar. Ele era cuidadoso, obsessivamente cuidadoso. Um homem inteligente. Quando o poço desabou e ele ficou preso com seus funcionários no subsolo, ele encontrou muitas coisas naquelas cavernas há muito esquecidas. Encontrou os resquícios de uma religião arcaica, centrada em torno de um Deus enfraquecido que conversou com ele na escuridão. Encontrou o grimório, escrito há muito tempo por uma bruxa poderosa… e, consequentemente, encontrou meu nome. Encontrou o amuleto de ferro que a bruxa tinha feito, o que lhe ofereceu proteção adicional contra mim.

Por mais que eu quisesse, não consegui matá-lo, nem consegui matar seu filho Benjamin quando Morpheus lhe transferiu o grimório e o amuleto. Continuei preso, passei mais de um século a serviço da

mesma família enquanto seu poder aumentava, principalmente graças a mim.

— O culto da família dele — Rae murmurou, arregalando os olhos no escuro. — Está falando daquele Deus, né? Do monstro na mina? — Ela balançou a cabeça. — Essa é uma história idiota que contam pra assustar as crianças. Os únicos membros do culto em Abelaum são adolescentes alternativos que gostam de passear em São Tadeu e fingir que estão em comunhão com algum deus velho enquanto ficam chapados de LSD — zombou. — Fala sério. Meu hobby é literalmente pesquisar essas coisas. Não tenho medo das histórias de terror particulares de Abelaum.

Gargalhei.

— Tá bom. Não acredite. O Kent é obcecado em impedir que aquela igreja seja demolida e os poços da mina sejam fechados porque ele é só *muito apaixonado* pela história da cidade. Victoria e Jeremiah estão loucos pra serem seus amigos simplesmente porque são pessoas muito boas e gentis. — Passei por ela e andei na direção de sua casa. Eu podia sentir o olhar irritado dela na minha nuca.

— Mas o que exatamente você tá tentando me dizer? — Ela se irritou e correu para me alcançar. — E daí se o Kent acredita que

tem um Deus na mina? Ele quer enfiar isso goela abaixo em Abelaum inteira? Está querendo me recrutar para a causa?

— Te recrutar, não — eu disse. — Te sacrificar.

Ela riu, mas agora estava parecendo preocupada.

— Certo, ok. Os Hadleigh são todos membros de um culto que sacrifica humanos e eu sou a próxima vítima deles. Ah, *fala sério.* — Ela teria soado mais determinada se sua voz não estivesse tremendo de frio. — Seu plano pra conseguir minha alma não funcionou. Vou sobreviver perfeitamente bem sem seu acordo, muito obrigada.

— Diz a garota que acabou de trepar com um demônio.

— Você não tem direito de jogar isso na minha cara. — Ela jogou o cabelo por cima do ombro e ergueu o queixo, orgulhosa. — Uma mulher nunca deve se envergonhar de querer sentir prazer sexual.

— Não, não deve. — Tínhamos virado na pequena entrada de terra que levava até o chalé dela. Os grilos estavam perturbadoramente quietos, o que me deixou atento. — Mas uma mulher deve refletir quais são suas melhores opções depois de se meter num buraco de magia e monstros.

— Eu *estou* refletindo sobre minhas opções — disse, com a voz tão cheia de autoconfiança que eu soube que estava mentindo. —

Vender minha alma não é uma delas. Pode pegar seu grimório e ir embora, vou cuidar disso *sozinha*.

O chalé estava logo à frente, com suas janelas iluminadas por dentro de modo aconchegante. Me perguntei se ela deixava as luzes acesas porque esquecia de apagar, ou se porque gostava de ver a luz quando chegava em casa à noite. Ela ficou em silêncio por alguns instantes, depois disse baixinho:

— Mas então, preciso tomar pílula do dia seguinte ou algo do tipo? Por causa do… — Ela gesticulou para a saia. Isso me lembrou que a calcinha dela ainda estava jogada lá no cemitério, e tive um desejo súbito e desesperado de erguer Rae e a devorar de novo até ela gritar.

Resisti.

— A não ser que seja uma bruxa de sangue puro, não precisa ter medo — disse. — Posso gozar dentro de você quantas vezes quiser sem nenhuma consequência.

O rosto dela ficou vermelho, e meu caminhar ficou um pouco mais animadinho ao chegarmos ao alpendre do chalé. Franzi a testa quando o sensor de movimento acendeu a luz e iluminou um gato branco e laranja sentado logo acima dos degraus.

Os grilos estavam silenciosos demais.

A noite estava muito sem vida.

Algo estava errado.

— Cheesecake? — A confusão em sua voz ficou evidente quando ela pegou o gato no colo. O felino miou e esfregou a cabeça no queixo dela, depois piscou lentamente para mim. — O que está fazendo aqui fora, meu bem?

Meu sinal de alerta já estava soando, e só levou mais alguns segundos para os dela soarem também. Agora que a luz estava acesa, ela viu que a porta estava entreaberta e que a cortina estava balançando suavemente com a brisa.

— Eu tranquei a porta — disse baixo, apertando o gato contra o peito. — Eu fechei, sei que fechei.

Entrei na frente dela em um piscar de olhos, colocando meu corpo entre ela e a porta aberta. Espiei dentro da casa, farejei o ar, escutei. Eu ia deixar quem tinha invadido em pedaços antes que tivesse a oportunidade de encostar nela, se a pessoa ainda estivesse aqui.

Ela se aproximou um pouco mais de mim e espiou ao meu redor. Esse lugar estava tomado pelo cheiro dela, misturado com o cheiro dos animais da floresta que passeavam pelo quintal e do gato em

seus braços. Mas havia algo a mais também: um aroma suave, mas profundamente doce, como caramelo.

Uma bruxa. Uma bruxa tinha estado aqui.

E até onde eu sabia, só tinha uma bruxa em Abelaum: Everly.

Endireitei a coluna devagar, a tensão estava deixando meu corpo.

— O que foi? — disse Rae, com a voz alta de alarme. — O que aconteceu? Tem alguém aí?

— Não tem mais — respondi, me afastando da porta. — Uma humana esteve aqui, mas já foi embora.

— Mas que droga é essa? — Ela passou por mim, colocou o gato cautelosamente na mesa da cozinha e seguiu na direção da sala de estar em frente. O gato, contudo, não tinha nenhum interesse em ficar do lado de dentro. Ele saltou de volta para o alpendre e se sentou ali, vigiando a mata curioso com o rabo balançando. — Alguém mexeu nas minhas coisas! Os papéis estão espalhados, até abriram minhas caixas.

Comecei a ficar com o peito apertado de preocupação. Por que diabos essa bruxa tinha estado aqui? O que ela queria? Everly não era como o pai dela. Pelo que eu tinha observado, ela era tão sua prisioneira quanto eu tinha sido. Sua mãe tinha sido igual: se uniram por amor e pelo sangue compartilhado em sua filha. Kent protegia

Everly com a mesma obsessão possessiva com a qual alguém protegeria uma arma rara e agora, sem o grimório, ela era a *principal arma* dele. Era estranho ela ter vindo aqui sozinha.

— Merda! Ah não, que droga!

O grito sofrido e furioso me levou instantaneamente para o lado dela. Rae estava agachada em frente a uma estante baixa de livros, tirando volumes dali, procurando.

— O que aconteceu? — O alerta deixou minha voz ríspida, mas isso não a incomodou. Ela olhou para cima com o rosto ruborizado e a mandíbula contraída de fúria e medo.

— Levaram o grimório — sussurrou. — Ele sumiu.

Senti que tinham jogado água fria na minha cabeça.

— Tem certeza?

— Ele *sumiu!* — Ela ergueu as mãos e segurou a cabeça. Ela parecia estar à beira das lágrimas. — *Caramba,* sumiu, sumiu, caralho, mas que inferno!

Sumiu… o grimório tinha sumido, *de novo*. Teria Everly o levado de volta para Kent? Será que eu estava prestes a ser forçado a voltar?

Ou teria ela ficado com o livro? O grimório tinha sido escrito pela bruxa que fundou o coven de sua mãe. Era seu por direito, tinha

todo o conhecimento das bruxas que a antecederam. O poder de Everly ainda era feral, corria descontrolado em seu sangue. Mas se ela conseguisse dominá-lo, se ela escapasse de Kent e se treinasse a controlar sua magia…

Fiquei arrepiado, mas não tinha nada a ver com o vento noturno gelado soprando pela porta aberta. Com bruxa não se brinca.

— Precisamos pegar ele de volta! — Rae se levantou, fechando os punhos, com os óculos escorregando pelo nariz. — Precisamos descobrir quem foi o *merda* que pegou.

Segurei Rae abruptamente e tapei a boca dela com a mão para abafar seus insultos furiosos. Ela resistiu, mas só por um instante.

Aí ela também sentiu o cheiro.

Morte. Pungente e azeda no ar. Rae se sobressaltou contra meu corpo, seu coração estava palpitando como o de um pássaro. Pela porta aberta, nós dois podíamos ver seu gato parado na varanda, com as costas arqueadas e o rabo arrepiado. Um rosnado baixo e furioso saiu da garganta do animalzinho, dirigido para alguma coisa entre as árvores.

A casa rangeu, como se estivesse se preparando para algo. *Risp, risp, risp.* A cabeça de Rae disparou na direção do som quando

alguma coisa arranhou a lateral da casa. Estava se aproximando, vindo na direção do alpendre e da porta aberta.

E do gato.

Algo molhado encostou na minha mão, e percebi que ela estava chorando. Descobri sua boca, só para ouvir seus sussurros desesperados:

— Cheesecake… vem aqui, gatinho, gatinho… volta pra dentro… volta pra dentro, *por favor*…

As árvores grunhiram. O cheiro ficou mais forte. O gatinho corajoso abanou seu rabo branco e uivou como se fosse o maior e mais feroz animal naquele bosque.

Sempre gostei de gatos. E o fato de que esse gato pertencia à Rae, bom, talvez isso me deixasse um pouco mais determinado a não o deixar morrer. Acho que não suportaria ver o coração dela partir desse jeito. E, porra, a criaturinha era mesmo valente. Que outra coisa tão pequena assim enfrentaria um Antigo só com um rabo eriçado e garrinhas minúsculas?

— Não saia da casa, Rae — sussurrei com firmeza. — O que quer que veja, o que quer que ouça, não ouse sair desta casa. — A respiração dela estava acelerando, seu medo disparou ao perceber

que eu ia sair. Isso me deu vontade de segurá-la mais forte, mantê-la perto de mim, arrastá-la junto comigo.

Mas ela ficaria mais segura aqui dentro.

Ouvimos um barulho, um estalido breve de galhos – e o gato foi arrancado do alpendre.

19

Rae

No mesmo instante em que Cheesecake desapareceu, Leon desapareceu também. Em um segundo, seus braços me abraçavam apertados: seguros, aconchegantes, possessivos, um escudo contra a noite. Um escudo contra a coisa que espreitava lá fora, que arrepiava meus pelos e revirava meu estômago.

Então, em um piscar de olhos, ele tinha sumido.

A porta bateu com força. Fiquei sozinha e a noite estava absoluta e mortalmente silenciosa, a não ser pelo choro que fechava minha garganta.

Cheesecake não. Meu doce gatinho gorducho não. Não. Não, não, não.

Leon me disse para ficar do lado de dentro, mas ameaça nenhuma lá fora seria suficiente para me impedir de ir atrás do meu

gato. A mãe superprotetora dentro de mim despertou e, independentemente de autopreservação ou até mesmo do bom e velho bom senso, eu não ia ficar ali parada. Eu não ia abandonar Cheesecake para essas coisas. Sem chance.

Eu deixava um taco de baseball perto da porta da frente, e foi a única coisa que peguei antes de abrir a porta de uma vez e correr para a varanda. Minha mente estava agitada com a confusão e a fúria, eu estava cheia de adrenalina e, mesmo assim, o mundo parecia estar em câmera lenta ao meu redor. Esperei ouvir os horríveis lamentos do meu gato lutando por sua vida, mas a noite estava tão silenciosa. Tão fria. As lágrimas nas minhas bochechas pareciam gelo.

Fui em direção às árvores próximas da lateral da varanda, mais perto de onde Cheesecake tinha sido apanhado. Ergui o taco, pronta para atacar. Eu tinha visto Leon esmagar o crânio daquela *coisa* monstruosa, do Antigo. Eu sabia que eles podiam morrer. Se acertasse a cabeça deles com bastante força, pegaria meu gato de volta.

Dei um passo em direção às árvores. Então outro. E mais um. Meus sapatos esmagaram as agulhas dos pinheiros e gravetos caídos. Era impossível andar sem fazer barulho. Eu era um alvo

fácil. Não conseguia ver mais do que poucos metros à minha frente e, mesmo assim, somente formas escuras em contraste a um fundo mais escuro ainda. O cheiro vil da morte era forte, pinicava meu nariz e revirava meu estômago.

— Cheesecake? — sussurrei. – Aqui, gatinho…pss, pss… — Minha voz estava falhando. Meu pavor estava aumentando. Senti que estava vivendo um pesadelo.

Crac. Me virei para a esquerda. Aquele passo não tinha sido meu. Segurei o taco com mais firmeza em minhas mãos suadas, com os braços trêmulos, pronta para atacar. Me senti tão subitamente frágil, como se por mais que eu tentasse, a força simplesmente esvairia de meus braços no momento em que eu avançasse com o taco. Mas eu precisava tentar. Precisava.

Miau?

Por um momento, achei que meu coração fosse explodir no peito. Ouvir o miadinho incerto de Cheesecake na escuridão – vivo e sem dor – me fez correr na direção do som. Mas parei abruptamente quando percebi uma figura obscura encostada em uma árvore, aninhando meu gato em seus braços.

Leon.

Quase não dava para ver no escuro, mas, quando ele me ofereceu meu gatinho desgrenhado de olhos esbugalhados, tive certeza de ver algo escuro manchando seu ombro, escorrendo e deixando rastros pelo seu braço.

Abracei Cheesecake com força, suspirando aliviada. Leon estava respirando com dificuldade. Havia um cheiro distinto de ferro no ar.

— Que droga, mulher — rosnou. — Eu te falei, *te falei,* pra ficar dentro de casa.

Respirei fundo e comecei a voltar na direção da casa. Houve outro barulho na escuridão atrás de Leon, algo semelhante a um rosnado baixo.

— *Volta* pra dentro. Não se atreva a sair antes do nascer do sol. — Leon se afastou da árvore, seus olhos dourados estavam brilhando até mesmo no escuro. — Canela, alecrim e sálvia se tiver. Queime do lado de fora da sua porta. Deixe as janelas fechadas e as luzes acesas, eles odeiam luz. Não seja um alvo fácil.

Concordei rapidamente com a cabeça. Com meu gato seguro em um braço e o taco na outra mão, disparei de volta para casa. Vasculhei os temperos no meu armário, jogando potes de ervas no balcão até conseguir encontrar alecrim e canela em pó. Com as mãos tremendo, despejei ambos em um almofariz de pedra e usei

meu isqueiro para queimá-los. Fizeram brasas, mas não conseguiam manter uma chama. Teria que ser suficiente. Eu não fazia a menor ideia do que estava fazendo.

Coloquei o recipiente com as ervas ardentes do lado de fora da minha porta da frente. Fechei todas as janelas e acendi todas as luzes. Peguei a maior faca que eu tinha na cozinha e sentei no sofá, com o coração batendo forte, tentando recuperar o fôlego enquanto Cheesecake encarava a porta, ansioso.

Eventualmente, ouvi que os grilos tinham retomado seu canto. A tensão pareceu se dissolver do ar, qualquer que fosse a pressão que esteve esmagando meus pulmões, desapareceu. Cheesecake se enrolou no sofá ao meu lado e começou a se limpar, arrancando os gravetos do seu pelo. Eu estava zonza de exaustão e morta de preocupação, mas como Cheesecake não estava pressentindo o perigo mais, presumi que Leon tivesse afugentado os monstros finalmente.

Isso tudo era muito assustadoramente real. Depois de todos esses anos em busca do sobrenatural, de repente eu me vi bem no meio dele. De repente havia demônios, monstros e livros mágicos, e *eu* era testemunha de tudo.

Não apenas testemunha, eu estava tendo intimidades com essas coisas.

Quando fechei os olhos, pude sentir a língua de Leon em mim mais uma vez. Era tão errado que parecia certo. Eu tinha trepado com um ser não-humano, *um monstro*. Eu tinha olhado para suas garras e dentes afiados, visto o sangue espalhado por todo seu corpo, e tinha sentido desejo por ele. Tinha *implorado* por ele.

Aconchegada no meu sofá com a faca em mãos, torci para ouvir Leon chamar meu nome do lado de fora. Ele era um cuzão, mas eu me sentia mais segura perto dele. Muito embora ele tivesse me dito que me proteger teria um preço, ele já tinha me protegido de graça. Ele tinha protegido até meu bichinho. Eu tinha muita dificuldade em acreditar que alguém que arriscava se ferir para salvar um animal pudesse ser maligno.

Mas eu não podia aceitar sua barganha. Histórias contadas através do tempo alertavam sobre os perigos de ceder às tentações de um demônio, e com certeza vender minha alma em troca de proteção teria um preço catastrófico. Talvez eu já tivesse ferrado com a minha integridade enquanto investigadora, mas pelo menos eu não era ingênua o bastante para vender minha alma.

E de tudo que Leon tinha me dito, no quanto eu podia acreditar? Ele alegou que Deuses existiam, alegou que Kent Hadleigh era um mago comandando algum tipo de culto que sacrificava humanos. Magia, assassinato e monstros – tudo isso escondido na pacata e charmosa Abelaum?

A Abelaum da minha infância tinha me parecido um reino das fadas. Mas a Abelaum para a qual eu tinha retornado fazia parecer que o reino das fadas tinha sido invadido pela Malévola, que tinha espalhado espinhos e escuridão por ele.

Fiquei deitada no sofá, abraçando uma almofada em busca de consolo. Eu duvidava que fosse dormir muito, mas meus olhos estavam doloridos e sentia meu corpo pesado. Eu tinha que tentar descansar. Quaisquer que fossem meus pesadelos, não conseguiriam ser mais bizarros do que a realidade.

20

Rae

Acordei atrasada.

Dei um pulo no sofá e meu coração disparou com as lembranças da noite passada. Leon, os monstros, Cheesecake, o grimório – passei uma mão no rosto, incomodada de ter que tentar encarar as aulas daquele dia até o fim.

Precisava tomar um banho. Minhas pernas estavam grudentas, minha calcinha tinha sido abandonada em alguma parte do cemitério. Enquanto me lavava, percebi como estava dolorida. Tinha chupões espalhados no meu pescoço e ombros, e até nas minhas pernas. E também os arranhões, os pequenos cortes das garras de Leon. Estavam sensíveis sob meus dedos, mas eu não conseguia parar de tocá-los. A memória do seu pau pulsando dentro de mim quando ele gozou me deixou tão distraída, que quando finalmente

saí do chuveiro era impossível eu não me atrasar para a primeira aula.

Felizmente, Cheesecake não parecia abalado pela provação que passara. Ele se esfregou nos meus pés e miou de fome até eu encher seu pratinho.

— Nada de crise existencial pra você, né? — disse, despejando meu café em um copo para viagem. — Não está nem um pouco surpreso em descobrir que esse bosque está infestado de monstros?

Finalmente segui o conselho de Leon e fui para o campus de carro. Encontrar uma vaga no estacionamento, e depois pagar por ela, me atrasou mais ainda, e ganhei um olhar feio e um balançar de cabeça do professor quando entrei na sala de aula. Coloquei meu computador para gravar a explicação, porque era impossível eu conseguir registrar qualquer informação agora. Estava distraída demais tentando fazer minha mente assimilar o fato de que havia um enxame de monstros na floresta, que um demônio tinha me oferecido um acordo e que, aparentemente, a velha lenda sobre o Deus dentro da mina era verdade.

Não *podia ser* verdade, claro. Leon obviamente estava tentando me assustar o suficiente para eu lhe entregar minha alma. Os

Hadleigh não eram uma família de um culto esquisito, não existia um Deus subterrâneo. Mas eu não podia negar que os monstros eram reais. Tinha que descobrir um jeito de lidar com eles.

Eu tinha trazido meu cartão de memória com todas as gravações de São Tadeu. Ao invés de me juntar à Inaya e Victoria na hora do almoço, comprei um sanduíche na cantina e fui para a biblioteca. O murmúrio de estudantes conversando em voz baixa e o som delicado de páginas virando e canetas escrevendo acalmou um pouco da minha ansiedade. Bibliotecas sempre tinham um jeitinho de fazer eu me sentir segura.

Longas mesas de madeira estavam posicionadas entre as fileiras de estantes de livros no primeiro andar, mas eu precisava de mais privacidade. As salas de estudo no terceiro andar seriam perfeitas, então subi de elevador. Encontrei um lugar em uma das salas mais distantes, com cadeiras confortáveis e uma mesa posicionada entre duas grandes janelas com vista para o pátio. Coloquei meus fones de ouvido e esperei minhas filmagens carregarem. Eu tinha gravado várias horas da aventura toda, o suficiente para uma minissérie de duas partes.

Ninguém iria acreditar no que eu tinha filmado. Seria divertido, com certeza, e os rendimentos dos anúncios seriam bons, mas as

coisas tinham ficado sérias demais. Eu não estava mais interessada em ser responsável pelo último vídeo viralizado.

Eu ia postar as gravações, mas seria um grito de socorro. Eu estava sendo perseguida por monstros e minha melhor forma de defesa era um taco de baseball. Com certeza haveria alguém por aí que entendesse mais disso do que eu. Talvez, se eu fizesse olhos suficientes assistirem a essa gravação, alguém me ajudasse.

Assistindo novamente, mesmo tendo testemunhado pessoalmente, eu mal conseguia acreditar no que estava vendo. A fumaça cercando o círculo de invocação, o sangue coagulando – e aí tudo sendo interrompido por estática na hora em que Leon apareceu. Mas eu tinha a filmagem dele no meu celular, que poderia usar para preencher as lacunas. Eu teria que tentar conseguir uma gravação de um dos monstros, dos Antigos. Se eu instalasse câmeras no alpendre poderia gravá-los quando aparecessem no quintal de novo.

Comecei a editar, distraída com minhas músicas, até que notei uma pressão sutil na minha nuca, aumentando… depois *apertando.*

Arranquei meus fones de ouvido e resisti ao impulso de levantar da cadeira quando olhei por cima do meu ombro. Leon estava ali, apoiado nas costas da cadeira, balançando a cabeça de leve para o

som da música que estava ouvindo em seu fone sem fio. Me parecia casualmente humano demais um demônio estar ouvindo música com bluetooth, e ele nem estava se dando ao trabalho de esconder sua aparência monstruosa. Suas garras afiadas estavam batucando minha cadeira e, quando me deu um sorriso perverso, seus olhos dourados encontraram os meus.

— Tentando fazer a gente viralizar, boneca? Não recomendo.

Fechei meu notebook de uma vez.

— Por quê? Com medo do seu segredinho vazar? Com medo da igreja vir atrás de você?

Ele riu, tirou um fone e enfiou no bolso de sua calça de moletom cinza. Ele usar uma dessas era *maldade*: o contorno do seu pinto estava obsceno. Leon se jogou na cadeira à minha frente com as pernas abertas, e seu sorriso aumentou mais ainda quando me esforcei para continuar olhando em seus olhos.

Não olha para baixo, Rae. Não se atreva a olhar para aquele pedaço grosso de carne que deixou sua vagina latejando *até agora.*

Ele abriu um pouco mais as pernas.

— Se a igreja viesse atrás de mim, ia exorcizar você antes. Mas não é com alguns padres excessivamente diligentes que tem que se

preocupar. O Inferno vai vir atrás de você antes, se você começar a causar rebuliço a meu respeito para as massas.

Olhei feio. Contato visual, mantenha contato visual, Rae.

— Deixa eu adivinhar, um vídeo de demônio viralizar deixaria o departamento de relações públicas do inferno puto?

— Algo do tipo. — Ele encolheu os ombros e fez uma careta breve com o gesto. De repente me lembrei do sangue em seu ombro na noite passada.

— Está machucado.

Essas palavras o fizeram acenar com a mão.

— Não mude de assunto. Você parece um pouco mais calma hoje. Não tentou esmagar minha cabeça de primeira, então já é um passo na direção certa. — Ele passou as garras no queixo, do mesmo jeito que eu podia imaginá-las acariciando minha… — Por acaso, reconsiderou minha oferta?

— Não — disse terminantemente, cruzando os braços. — Não tem acordo.

— Awn, do que é que a bonequinha tem medo? Está preocupada com uma boa barganha quando deveria estar se preocupando com os *outros* monstros batendo à sua porta. — Sorriu. — Não vai ser

nem de longe tão divertido quanto as nossas brincadeirinhas se *eles* te comerem.

Fiquei com um nó na garganta. Seus lábios se afastaram ligeiramente, e pude ver sua língua bifurcada vermelha por entre seus dentes afiados. A sensação dela entre minhas pernas tinha ficado gravada em mim, como se meu clitóris pudesse se lembrar de seus movimentos lentos.

Posso jurar que esse demônio maldito conseguia ler minha mente.

— Vai receber muito mais daquilo se aceitar minha oferta — disse com a voz baixa enquanto se levantava da cadeira. — Diga-me, Rae, do que você tem medo? Está achando que o Inferno é só fogo e enxofre? O Inferno é igual à Terra: lindo de alguns jeitos, perigoso de muitos outros, mas eu te manteria a salvo. Cuido bem dos meus brinquedos.

Esse cuzão, insistindo que eu era seu brinquedo. Felizmente, ele não podia ver meus dedos dobrando dentro dos sapatos.

— E por que você quer minha alma tanto assim, aliás? O que ganha com isso?

— Status — respondeu. — Poder, também, quando a energia que te faz um ser físico estiver atrelada a mim. E, claro, uma nova

posse. — Ele deu uma piscadela. — Nós demônios temos um fraco por possuir coisas, caso você nunca tenha ouvido falar…

— Bem, eu não sou sua posse — disse rispidamente. — E não quero fazer acordo com você. Então some daqui.

Uma rachadura apareceu em sua fachada presunçosa: uma centelha de irritação que fez o canto de sua boca tremer. Ele afundou as unhas no tecido macio da cadeira em que eu estava sentada. Sorri, e ele apertou ainda mais os olhos.

— Como exatamente você acha que vai sobreviver sem minha ajuda? — perguntou.

— Vou pensar em algo. — Fingi indiferença. Em geral, eu achava que todo problema tinha uma solução. Eu só precisava analisar a situação pelo ângulo certo. Sempre *tinha* um jeito. — A internet está cheia de recursos. E tenho certeza de que Kent Hadleigh ficaria feliz em me ajudar.

Isso o irritou, assim como eu sabia que irritaria. Ele rosnou e aproximou ainda mais o rosto do meu.

— Mas será que você não ouviu uma única palavra do que eu disse? O Kent não é seu amigo. Os Hadleigh vão ter prazer em fazer você desaparecer na primeira chance que tiverem.

— Sim, sim, o Deus na mina, o culto… — Acenei desdenhosamente. — Se Kent é tão ruim assim, e você o odeia tanto, por que não o matou? Afinal de contas, o grimório te chama de *Assassino.* Era pra ser literalmente ou só uma referência a você ser um completo estraga-prazeres?

Ele bufou e levantou da cadeira. Me acomodei um pouco mais confortavelmente. Eu estava brincando com fogo aqui, mas admito que era excitante provocar um demônio desse jeito.

— Kent está bem protegido — disse, caminhando devagar ao redor da minha cadeira. — Os artefatos mágicos que ele coleciona são poderosos, e ele carrega um penduricalho que o protege de demônios. Eu teria matado ele de bom grado há muito tempo se pudesse. Teria matado o avô dele e acabado com aquela droga de linhagem inteira.

— Mas não matou — disse, resistindo ao impulso de olhar para ele quando desapareceu atrás da minha cadeira. Não conseguir vê-lo fez os pelos da minha nuca arrepiarem. — Que ótimo assassino você é.

— Ah, boneca. — A voz dele era um ronronado, e sua mão disparou de trás da minha cadeira e envolveu minha garganta. Suas garras afiadas repousaram na minha pele e um arrepio de medo

subiu pela minha espinha. — Fiz por merecer esse nome. Antes dos Hadleigh, não houve um único mago a me invocar que eu não tenha massacrado. Matar aqueles que me prendem contra minha vontade é minha maior alegria. Os demônios não podem matar a torto e a direito, mas se tivermos a oportunidade, matar aqueles que nos escravizam é um direito, ou até mesmo um dever.

A mão dele me apertou e forçou minha cabeça para trás, me obrigando a olhar para ele. Leon estava debruçado sobre as costas da cadeira, me assistindo intrigado, como um gato que tinha apanhado um rato particularmente interessado.

— Não matei Kent — murmurou. — E não matei você.

— Por quê? — Minha voz estava mais esganiçada do que eu gostaria, mas eu não podia realmente ser julgada por isso, já que havia uma garra demoníaca apertando minha garganta.

Ele franziu o cenho.

— Não sei. Talvez eu devesse reconsiderar minha decisão. — Outro apertão que interrompeu a entrada do ar que eu estava tentando inspirar. Agarrei o assento da cadeira embaixo de mim e observei suas íris dilatando de prazer ao me ver sofrendo.

— Que reação ao medo engraçada que você tem, boneca. Quando te assusto, sinto o cheiro do seu tesão. Me pergunto o

porquê disso? — Ele me soltou e desapareceu por um instante, só para reaparecer do lado da minha cadeira. Tentei puxar a mão, mas não fui rápida o suficiente. Ele pegou meu pulso, depois o outro, e os segurou. — Será que é porque você acha o estímulo do medo prazeroso? Já sei que gosta de sentir dor.

Ele puxou meus pulsos para si e parou por um instante quando um gemido escapou de mim. Lentamente, ele levou minhas mãos aos lábios e beijou meus dedos, um por um. O toque dele era hipnotizante, suas mãos estavam tão quentes em volta dos meus pulsos e seus lábios eram tão macios. Ele colocou a ponta do meu dedo na boca e fechou os lábios, e senti as duas pontas de sua língua bifurcada envolverem minha pele. Parei de respirar, e ele sorriu ao tirar meu dedo da sua boca.

— Não dá pra esconder de mim. — Ele se inclinou sobre o apoio de braço da cadeira e me prendeu ali novamente. Eu não tinha saída, e também não queria uma. — Aumento na transpiração, batimentos cardíacos acelerados, aquele cheiro delicioso da sua boceta já ficando molhada para mim… — Leon passou a língua sobre os dentes e eu quase derreti na cadeira. — Se eu te dissesse pra se apoiar na mesa bem aqui, no meio da biblioteca, e ficar

quietinha enquanto eu meto o dedo nessa boceta até você gozar, você obedeceria.

Não consegui nem pensar numa resposta. Ele estava certo. Ele estava certo e, meu Deus, como eu queria que ele fizesse isso.

— Ou talvez eu não devesse te recompensar por ser tão absurdamente teimosa. — Seu tom de voz ficou mais sinistro. — Talvez eu devesse te jogar nessa mesa e espancar sua bunda até ela ficar de um vermelho-cereja bonito e vibrante. Talvez eu devesse te obrigar a ficar com sua própria calcinha na boca enquanto faço isso, pra te manter calada. Talvez… — ele estava tão perto que seus lábios roçaram minha orelha, e o sussurro de sua voz deslizou pela minha cabeça e envolveu meu cérebro —… eu devesse fazer você abrir as pernas enquanto te espanco, só pra ver quão molhadinha você fica cada vez que deixo uma marca nova na sua pele.

Eu mal conseguia respirar. Já tinha virado uma porcaria de cachoeira nessa altura. Ele tinha soltado meus pulsos e eu nem tinha percebido. Nossos olhos se encontraram, e os dele estavam quentes como o inferno.

— Abra as pernas, boneca. Sei que você quer.

Obedeci sem hesitar nem um segundo. Meus nervos estavam formigando de expectativa pelo seu toque. Eu estava tremendo, queria tanto isso. Meu cérebro estava completamente entorpecido pelo desejo: sem nenhum pensamento, só necessidade.

Os olhos dele desceram até minhas pernas abertas, então voltaram para o meu rosto. Ele negou com a cabeça.

— Ah, Rae. Pobrezinha, que humana patética. Vai me implorar?

— Por favor… — Meu Deus, eu soava patética mesmo. Não estava nem aí. Ele tinha me dado corda como se eu realmente fosse um brinquedo, e eu não conseguia parar. — Leon, por favor.

Ele riu e se afastou da cadeira. Quando se afastou de mim, foi como se tivesse arrancado todo o ar dos meus pulmões de uma vez e me dado um tapa gelado na cara.

— É realmente uma grande pena para você que eu goste de ver você sofrer. Mas para ser honesto, imaginar você tendo que aguentar sua próxima aula com a calcinha ensopada e essa boceta implorando para ser penetrada deixa meu coração quentinho. — Ele sorriu alegremente e se virou, dando um tchauzinho com a mão. — *Au revoir, petit Jouet.* Sei que vai sofrer lindamente por mim.

Ele me deixou assim, excitada, tremendo na cadeira. Meu Deus, como eu o odiava. *Odiava.*

Com ou sem acordo, eu sabia que ele ainda não tinha terminado de brincar comigo.

21

Rae

Aguentar ao restante do meu dia não foi nada menos do que tortura. Eu já não estava com cabeça para me concentrar antes, mas Leon deixou meu cérebro em frangalhos e eu provavelmente parecia um zumbi durante minhas duas aulas seguintes. Fiquei esperando ele aparecer do nada de novo e cumprir aquelas promessas indecentes, mas como ele ainda não tinha reaparecido na hora em que deixei o campus, tive que aceitar que ele tinha dito a verdade.

Ele queria que eu sofresse. Provavelmente, estava me observando de algum lugar, rindo e batendo uma como o idiota pervertido que ele era. Ele tinha até conseguido me impedir de preparar o vídeo para ser postado, o que deve ter sido seu plano o tempo todo.

Mas a distração de sua boca suja não tinha sido o suficiente para me convencer a aceitar sua ofertazinha.

Estacionar em frente à minha casa no escuro me deu uma dose deprimente de realidade. Parei perto do alpendre, mesmo assim fiquei sentada ali por um momento, com o motor desligado, olhando para as sombras entre as árvores. A luz da varanda tinha acendido com o movimento do carro, mas a luz não alcançava muito longe. Se houvesse um monstro à espreita naquelas árvores, esperando por mim, eu não tinha como saber.

Saí do carro e fechei a porta com tanta suavidade quanto pude. Meu corpo dizia *corra*, meu cérebro dizia *não faça movimentos bruscos.* Minhas chaves tilintaram quando as tirei da porta, e meu coração batia com tanta força que chegava a doer. A noite estava fria. Pelo canto do olho, vi a escuridão se aproximar e as árvores balançarem lentamente.

Não percebi que estava prendendo a respiração até estar do lado de dentro. Tranquei a fechadura e encarei o quintal pela porta de vidro enquanto Cheesecake miava faminto aos meus pés. Nunca na vida eu tinha sentido medo do escuro, mas agora imaginar o que podia estar se escondendo nele me deixou enjoada. Esta noite, pelo

menos, não tinha nada lá quando esquadrinhei o quintal demoradamente.

Até meus olhos chegarem ao alpendre e bem ali, no canto por baixo da balaustrada, ter uma cabeça canina esquelética me encarando de boca aberta.

Fechei a cortina tão rápido que Cheesecake saiu correndo assustado. Me afastei da porta, cobrindo a boca com as mãos para impedir o grito desesperado que queria sair. O alpendre rangeu, e o barulho lento de garras arranhando a madeira surgiu.

O fedor mórbido de podridão se infiltrou na casa. A coisa estava farejando a porta, respirando grosseiramente. Recuei até a sala de estar, dividida entre correr para buscar uma faca na cozinha ou me trancar no banheiro.

Eu tinha visto uma dessas coisas lutar. Se ela quisesse invadir quebrando o vidro, faria isso com facilidade.

Um grito agudo, como de uma raposa, me fez dar um pulo, tropeçar e quase cair de bunda no sofá. Era tão alto, mas de certa forma abafado, como se estivesse com a boca colada na porta. Mais baixo, ao longe, um grito mais longo respondeu.

Então mais um.

E mais um…

Até se tornar uma cacofonia de gritos uivantes na noite.

Meus membros congelaram de pavor. A coisa estava chamando as outras. Ela sabia que eu estava aqui. Todas elas *sabiam*.

Eu tinha que chamar a polícia. Eu tinha que comprar uma arma. Eu tinha que…

Houve um rosnado rouco, um baque e um movimento rápido. E depois… silêncio. Silêncio absoluto.

Um minuto se passou, e o *tum tum tum* de passos atravessou o deque. Eles fizeram o degrau mais alto ranger e esmagaram alguma sujeira.

Então os passos desapareceram. A noite ficou silenciosa. Depois de mais alguns minutos, ouvi os grilos começarem a chilrear novamente.

Afinal de contas, Leon estava de guarda.

Dormi horrivelmente naquela noite. Usei o resto da canela e do alecrim que eu tinha e deixei fumegando em uma tigela bem na frente da porta, pelo lado de dentro, porque eu estava apavorada demais para abri-la. Pelo menos deixou a casa com um cheiro bom. De manhã, tomei dois comprimidos de ibuprofeno com meu café e comecei a trabalhar na edição das minhas gravações. Leon tinha

chegado bem a tempo na noite passada, mas eu não podia depender de um demônio continuar me salvando. Eu tinha que fazer essas evidências chegarem às pessoas que poderiam me ajudar, e logo.

Logo depois do meu segundo café, recebi uma mensagem de Victoria me convidando para estudar. Eu tinha um trabalho para entregar na segunda-feira, mas sinceramente, não estava dando a mínima. Provavelmente, acabaria fazendo tudo no domingo à noite em uma tentativa desesperada de acabar em tempo. Recusei o convite e quase imediatamente recebi outra mensagem, dessa vez de um número que não estava nos meus contatos.

Sei que recusou o convite da V, mas quer vir estudar comigo então? ;)

Eu fazia uma ideia, mas perguntei mesmo assim: “*Quem é?”*

Jeremiah.

Desculpa, kkkk

Talvez eu tenha roubado seu número quando você passou pra minha irmã.

Revirei os olhos. Sabia. Eu não disse a ele que *não podia* salvar meu número, mas senti que ele estava forçando para ver onde eu colocaria um limite. Como ele sequer sabia que eu tinha recusado o convite de Victoria?

Apesar de estar determinada a não acreditar nas histórias insanas de Leon sobre os Hadleigh serem membros de um culto, um pequeno alerta de desconfiança acendeu na minha mente. Eles não eram membros de um culto (até parece!), mas que Jeremiah estava me passando uma energia estranha, estava.

Bem, como eu disse para Victoria, já tenho planos pra hoje.

A resposta dele foi uma carinha triste: *Aaw, planos sem mim? Da próxima vez, quero um convite!*

Guardei meu celular. Não tinha tempo para lidar com outro moleque convencido, já tinha monstros com que me preocupar. Coloquei outro bule de café para passar, então corri para o andar de cima para tirar o pijama e me trocar.

Eu tinha acabado de vestir uma roupa confortável quando ouvi algo bater na lateral da casa. Senti calafrios de pavor e Cheesecake

correu para se esconder embaixo da cama. O barulho vinha de perto da pilha de lenha para a lareira, parecia que algo estava revirando as toras.

Pelo que Leon tinha dito, tive a impressão de que essas coisas só apareciam à noite. Eu não tinha mais ervas para queimar. Eu não achava que houvesse algum lugar dentro da casa onde eu pudesse me fechar e que um monstro não seria capaz de invadir.

Talvez eles fossem mais fracos durante o dia. Talvez eu não devesse me esconder desta vez.

Peguei minha faca e, depois, meu taco de baseball, que estava apoiado perto da porta. Entre facadas e pancadas, achei que conseguiria derrubar um desses monstros. Já fazia uns cinco anos que eu não jogava softbol, mas minha tacada ainda era decente.

Não ia me esconder de medo. Eu não estava indefesa. Esses monstros precisavam aprender a não mexer com Raelynn Lawson.

Me esgueirei para fora da casa. O dia estava fresco e nublado, os pássaros estavam cantando nas árvores. Havia arranhões profundos na madeira bem do lado de fora da porta, e me lembrei das garras enormes do monstro na capela. Eu tinha que ser rápida e espancar a coisa antes que ela tivesse chance de me golpear.

Ergui o taco quando me aproximei da quina da casa, com o cabo da faca preso na boca para poder usar as duas mãos para golpear. Isso era loucura. Eu devia ter ficado lá dentro. Quem eu estava achando que era, Van Helsing? Eu era uma investigadora do sobrenatural, não uma caçadora de monstros!

À medida que dava a volta na casa, o monstro estava vindo na direção contrária. Ataquei quando a coisa surgiu na minha frente, descendo o taco com um grito.

O taco fez contato com algo, mas não atingiu um monstro.

Ao invés disso, uma das imensas mãos de Leon o segurou e prendeu com firmeza.

— Ai… ai, meu Deus… — A faca caiu no chão quando minha boca abriu horrorizada. Leon estava inexpressivo, encarando o taco preso em seus dedos, a centímetros de sua cabeça. Ele tinha derrubado vários pedaços compridos de madeira para segurá-lo. Torceu a boca em uma careta de desgosto, olhou para a faca no chão, então novamente para o taco, e depois para mim.

E aí ele começou a rir, o riso de homem que tinha acabado de pegar alguém fazendo uma travessura muito, *muito* grande.

— Você é a mulher mais doida que eu já conheci. — Ele arrancou o taco das minhas mãos e o jogou na pilha de madeira ao seu lado,

mas, quando fez isso, também derrubou alguma coisa da sua outra mão. O baque me fez olhar para baixo, e eu quase dei outro berro.

— Que porra é essa, Leon? — Me afastei da pilha de cabeças que ele tinha derrubado no chão. *Cabeças* – as três cabeças esqueléticas decepadas de Antigos rolaram na terra. Me afastei enojada enquanto ele me olhava furioso.

— Puta merda, você precisa mesmo de toda ajuda que puder arranjar. Uma faca. Uma porra de taco de baseball — zombou, resmungando sozinho enquanto eu cautelosamente me agachava para recolher a faca. Ele pegou as cabeças do chão, segurando pelos tufos de pelo desgrenhado e cabelos compridos presos nelas, e também os pedaços de madeira que tinha escolhido. Ele passou por mim em direção à frente da casa, mancando ligeiramente com a perna direita.

Corri atrás dele.

— O que está fazendo? — Ele tinha ido até o limite das árvores perto da minha entrada de carros, derrubado as cabeças novamente, e estava alinhando um dos pedaços de madeira no chão. Estava vestido em uma camiseta preta e jeans justo, e seu cabelo despenteado exibia algumas manchas desbotadas de

sangue escuro. — O que aconteceu ontem à noite? Você matou todos eles?

As perguntas saíram atropeladas. O alívio que senti ao vê-lo – o monstro que queria me comer, não os monstros que queriam me matar – tinha me reabastecido de energia.

— Ai, você matou todos eles? — debochou ele, e cruzei os braços irritada pelo quanto ele deixou minha voz esganiçada. — *Não,* eu não matei todos eles. Levei eles pra longe, Raelynn, e matei os que consegui. Você espera que eu mate todas as merdas de Antigos que estão em Abelaum? — Bufou de novo. — Mata *isso aqui* pra mim, Leon. Agora mata *aquilo ali* pra mim, Leon, você faz ideia de como estou cansado pra caralho de vocês humanos querendo que eu *mate* as coisas pra vocês?

Ele estava em um humor muito pior do que da última vez que eu o tinha visto. Se tivesse que adivinhar, provavelmente tinha algo a ver com estar mancando. A irritação dele me deixou receosa, mas fingi indiferença.

— Você quebra ossos com as próprias mãos. Você, a pessoa mais forte, ahn, o… — Ele me deu um olhar lento e exasperado. — Você é o ser mais forte que eu já conheci, ok? Pensei que pudesse matar qualquer coisa.

— Praticamente — disse baixinho. Com um movimento violento repentino, ele enfiou a madeira no solo com as mãos, a parte mais fina enterrou na terra molhada e parou de pé. Então ele pegou uma das cabeças decepadas e a empalou no alto da madeira. Encarei horrorizada quando meleca preta vazou pela estaca.

— Leon, o que… o que você tá fazendo?

— Avisando os outros Antigos para manterem distância — murmurou. Ele recolheu as outras duas cabeças e saiu andando de novo, caminhando entre as árvores até encontrar a próxima localização que estava de seu gosto e alinhar outra estaca no chão. O acompanhei cuidadosamente, meus pés estavam descalços, já que eu não tinha tido o bom senso de calçar sapatos antes de sair para enfrentar os monstros. Me mantive ao lado dele, tentando não olhar para as cabeças.

— O crânio é a única parte deles que não se decompõe rapidamente — disse ele, perfurando o solo mais uma vez. — Deixar elas por aqui vai fazer os outros terem um pouquinho menos de vontade de entrarem no quintal.

Fiz uma careta de nojo quando ele enfiou a próxima caveira na estaca. Os olhos que antes tinham sido brancos nas órbitas

cadavéricas tinham murchado e escurecido, como uvas passas. Absolutamente repugnante.

— Eu não posso manter cabeças decepadas espalhadas no quintal — eu disse.

— Ah, *sinto muito*. — Leon se virou para me encarar. — Elas não combinam com o seu estilo? Será que *morte* ficaria melhor aqui? — Ele parou, me olhando lentamente de cima a baixo. Seus olhos se demoraram no meu pescoço, nos vários chupões que tinha deixado ali, e me deu um sorriso sádico. — Você fica bem de vermelho e roxo.

Minhas bochechas coraram e eu esfreguei meu pescoço. Desde nossa aventura no cemitério, eu sentia um prazer bobo ao olhar para essas marcas. Elas representavam o êxtase da dor que eu tinha aguentado. Eram minha letra escarlate, me identificavam como uma garota depravada e cheia de lascívia.

— Depois de todos os problemas que você me causou, eu devia deixar sua bunda da mesma cor — resmungou Leon, e eu resmunguei incompreensivelmente em protesto. — Perdeu o maldito grimório… deveria ter me dado ele já de cara, lá em São Tadeu. Agora vou ter que correr pelo Pacífico Noroeste inteiro atrás dessa coisa.

— Meu Deus, hoje você está ainda mais babaca do que de costume. — Cruzei os braços. Automaticamente, o tesão descontrolado que eu sentia quando ele me ameaçava surgiu de novo. Caramba, se espancar minha bunda o faria se sentir melhor, ele podia mandar ver.

Como eu disse: de autopreservação eu não tinha nada.

Conforme continuei andando atrás dele, comecei a perceber quão cansado ele parecia estar. Suas mãos estavam sujas, havia um rasgo nas costas de sua camiseta, sujeira espalhada pelo seu pescoço e no cabelo manchado de sangue, e um talho vermelho-claro sujo despontava do alto de sua camiseta, vindo do ombro. Tive um nó na garganta me lembrando do sangramento de duas noites atrás.

— Está com fome? Precisa fazer um lanche ou algo do tipo? Isso te acalmaria?

Ele só resmungou enquanto escolhia o próximo lugar para exibir meu amuleto de proteção mórbido.

— Por que voltou aqui, Leon? — perguntei quando ele empalou a última cabeça e passou as mãos sujas no cabelo. — Não estou com o grimório, e *não* vou te dar minha alma. — Seus olhos brilharam

quando me encararam. — Então por que você se dá ao trabalho de vir?

— …uma perda de tempo — murmurou. Ele enfiou as mãos nos bolsos e me olhou como se quisesse dizer mais alguma coisa, com os lábios contraídos em uma fina linha e severa.

Me aproximei e acabei com a distância entre nós. Ele não cheirava a suor, como eu teria esperado de um homem que correu pela floresta a noite toda. Não, ele cheirava levemente como lenha queimada e limão, o tipo de cheiro reconfortante que me dava vontade de chegar mais perto e fechar os olhos.

Estendi a mão para o colarinho de sua camiseta, e ele não moveu um músculo. Puxei para baixo cuidadosamente, expondo o restante da marca irritada vermelha que eu tinha visto em sua garganta. Mas era muito pior do que só uma mera marca. Um corte aberto e irregular descia pelo seu peito. A pele tinha rasgado, a ferida era profunda e cortava suas tatuagens. Estava suja de terra, avermelhada e inchada. Meus olhos arregalaram enquanto eu olhava.

— Leon…

— Vai sarar — disse com firmeza. — Os cortes dessas bestas são fundos. Eu estava tentando ser cuidadoso… — A voz dele ficou

mais baixa, quase imperceptível, quando disse: — Não queria… não queria machucar o gato.

— E você está mancando. — Fiz uma careta. — Você está *machucado*, Leon.

Ele pigarreou e deu um passo para trás, arrancando a camiseta da minha mão.

— Não é nada. Já aguentei coisa pior.

Mas não era “nada”. Ele sofreu esses ferimentos tentando me proteger, tentando proteger Cheesecake. Ele preferiu se machucar a arriscar machucar o animal que eu amava. Ele podia ter deixado Cheesecake morrer e me deixado sofrer o mesmo destino.

Mas não tinha feito isso.

Por que esse demônio se importava se eu morresse?

— Está sujo — eu disse. — Vai infeccionar…

— Os demônios se curam bem mais rápido do que os humanos. Vai melhorar.

— Entra. — Gesticulei em direção à casa. — Me deixa limpar o corte.

Ele piscou várias vezes rapidamente. Foi sutil, mas enquanto olhava entre o chalé e eu, pareceu realmente confuso.

— Entrar?

— Sim. Vem pra dentro. Toma um banho. Pelo menos me deixa limpar o corte. — Gesticulei para ele, tentando incentivá-lo a me acompanhar como um cãozinho perdido. — Só… vem. Por favor. Deixa eu te ajudar.

22

Leon

O sabonete cheirava exatamente como ela: hortelã e sálvia, misturado ao seu cheiro natural de todas as vezes que tinha sido esfregado em sua pele. O cheiro dela estava na casa toda – óbvio, ela morava aqui, mas estar cercado por ele por um período maior de tempo estava fazendo meu pau inchar.

Ainda não fazia nem dois dias que eu a tinha fodido, mas já parecia séculos. A deixar com vontade e desesperada no campus ontem não tinha sido tão fácil quanto eu achava que seria. Provocá-la tinha me deixado excitado demais, e fiquei tão agitado que voltei para o cemitério e encontrei a calcinha dela na grama.

Ainda estava no meu bolso, meu troféu particular.

Eu tinha marcado o pescoço dela, mas me lavar com seu sabonete também me marcaria. Como diabos eu deveria aguentar

isso sem ansiar por ela? Ela tinha infestado minha mente. Me deixado desesperado para possuí-la.

Afinal de contas, era isso que os demônios desejavam. Possuir, ter. Gostávamos de deixar as nossas marcas: algumas temporárias, outras mais permanentes. A argola prateada com a pedrinha verde na minha orelha tinha sido perfurada e colocada ali por Zane, e eu retribuí perfurando sua língua. Uma marca era um vínculo, uma declaração. Até os demônios que já não eram mais amantes há anos mantinham as marcas uns dos outros.

Mas vínculos eram fraquezas, vulnerabilidades. Como eu já estava dolorosamente sentindo, só podiam levar alguém a acabar machucado, especialmente quando se tratava de humanos. A delicadeza da própria natureza humana era o que os tornava mais atraentes: não era fácil mantê-los. Eles morriam, quebravam, desvaneciam. Tentar manter um humano vivo podia deixar alguém louco.

Balancei a cabeça e rosnei na água. Rae se recusava a dar ouvidos aos meus avisos, pirralha petulante. Ela achava que podia derrotar um Antigo com uma faca de cozinha e um taco de baseball – tinha sido um choque ela não ter trazido a câmera também para

registrar o encontro. Ela ia acabar morta, correndo em direção ao perigo desse jeito.

Eu tinha deixado a porta do banheiro aberta enquanto tomava banho. Não conseguia vê-la pelo vidro embaçado da porta deslizante, mas podia sentir seus olhos em mim. Ela estava sentada em algum lugar, provavelmente na sala de estar, fingindo estar desinteressada.

Já que ela seria uma tentação para mim, eu seria uma tentação para ela também. Iria tentá-la até ela ceder mais uma vez.

O impulso de reivindicá-la, protegê-la, *ficar com* ela, estava enraizado tão profundamente na minha mente que eu não conseguia me livrar dele. Aqui estava eu, massacrando monstros por causa de uma humana. Preocupado com uma humana. Arriscando minha vida e meus membros por uma humana.

Eu ainda precisava encontrar o grimório. Eu não sabia como Everly pretendia usá-lo, nem onde ela estava, mas não havia nada que eu pudesse fazer caso ela decidisse me invocar para si mesma. Eu teria que voltar à servidão, mais uma vez.

Fechei a água e saí do chuveiro, bem a tempo de ver Rae se virando rapidamente, sentando no sofá de cabeça baixa. Sorri olhando para sua nuca, e o chão rangeu quando me aproximei.

— Devo me sentar?

Ela olhou para mim, então rapidamente desviou os olhos com as bochechas corando. Não fazia sentido vestir minhas roupas se a intenção dela era cuidar das minhas feridas, e vê-la tentando, de forma desesperada, não olhar só deixava tudo melhor ainda. Ela levantou abruptamente do sofá e acenou para ele.

— É, ahn… senta. Senta aí. — Suas tentativas de desviar os olhos do meu pau eram uma gracinha, e absolutamente inúteis. Era engraçado como ela ainda estava corando, apesar de já saber como era sentir meu pau dentro dela. Mas então ela se distraiu ao ver meus ferimentos, que tinham voltado a sangrar por causa do banho.
— Jesus, Leon! Você precisa de pontos!

— Desnecessário. — Me acomodei no sofá, estiquei meus braços no encosto, e sua maciez firme imediatamente despertou uma estranha pontada de nostalgia. Eu tinha uma casa no Inferno – não colocava os pés nela há mais de um século, mas ainda estava lá, esperando por mim. Alguns confortos só podiam ser associados ao lar, com um lugar conhecido e seguro.

Porra, como será que era se sentir seguro?

Rae jogou as mãos para o alto e se afastou, resmungando:

— Então seus poderes mágicos demoníacos te dão a habilidade de resistir à gangrena? Ou de criar pele nova? Seu ombro está infeccionado! — Ela voltou, carregando um saco de algodão, uma garrafa de peróxido de hidrogênio e uma toalha molhada. Seus olhos pousaram no entalhe que saía da minha coxa e atravessava meu joelho, e ela fez uma careta ao soltar seus suprimentos.

— Meu Deus, o que você faria sem mim? — disse brincando, mas havia uma nota de preocupação verdadeira em sua voz. Me fez franzir a testa, e encolhi os ombros.

— Provavelmente, iria dormir na casa do Zane até passar — disse. — Alguns dias de sono profundo podem curar quase qualquer coisa. Embora, quando estava sob controle do Kent, eu só *torcia* para ter alguns dias para dormir quando me machucava. Ele aparentemente nunca assimilou o fato de que até demônios precisam de tempo para se recuperar.

Foi a vez dela franzir a testa, ajoelhando com a toalha na mão, limpando com cuidado as beiradas da ferida. Ela ainda não acreditava no que eu dizia a respeito de Kent – ou não queria acreditar. Mas eu gostava de vê-la de joelhos.

— Zane também é um demônio, né? — perguntou. Fiz que sim com a cabeça. — Tem outros? Em Abelaum?

— Pode ser que sim. Não os conheci. Mas os demônios estão em todos os lugares em que os humanos estão. Somos atraídos pela luz: as vidas humanas são um fogo que queima muito brilhantemente, mas por pouco tempo. Como uma explosão, uma chama ardente na noite. Nós, demônios… somos mais parecidos com um carvão em brasa. Continuamos queimando por muito tempo. Chamuscando sem brilho. Estamos sempre atrás de mais. Somos atraídos por essa luz, queremos pegá-la para nós, possuí-la.

— Por quê?

Sua curiosidade me fez rir um pouco.

— Por que humanos respiram oxigênio ou bebem água? É necessário. É irresistível.

Acho que minha resposta não a satisfez, mas ela ficou em silêncio por um tempinho.

— Você e Zane — disse lentamente. — Estão em um relacionamento?

Zombei:

— Estivemos um dia. Somos companheiros que compartilham de gostos prazerosos similares.

Ela riu, dando batidinhas leves em minha perna com uma bolinha de algodão embebida em peróxido de hidrogênio.

— *Companheiros,* certo, tá bom. Que ótimo jeito de não demonstrar nenhum sentimento. — Ela balançou a cabeça. — Os demônios são todos como você?

— Bissexuais? Sim, mas não sentimos necessidade de rotular nossas atrações como os humanos fazem.

Ela riu de novo.

— Não, não foi… não foi isso que eu quis dizer. Tipo, são todos tão… fechados? Você sempre substitui suas emoções por raiva ou sarcasmo. Vocês são todos assim?

Olhei seriamente para ela.

— Anos de tortura e solidão te ensinam que raiva é a emoção mais segura. A mais forte. É um fogo que te ajuda a seguir em frente na escuridão.

O sorriso brincalhão em seu rosto desapareceu, e ela continuou limpando minha perna em silêncio. O toque gentil de seus dedos na minha pele quase fez eu me encolher – não de dor, porque dor eu podia aguentar, mas por simplesmente estar sendo *tocado*. Eu raramente encontrava mãos gentis.

Um miadinho feliz anunciou a chegada do gato de Raelynn, que desceu a escada desfilando, com os olhos pesados de sono. Ele veio até mim, pulou no sofá e aconchegou seu corpo gorducho

laranja e branco na lateral do meu, então ronronou amassando as almofadas com as patinhas.

Raelynn fez uma pausa para me assistir afagar a cabeça do gato e usar minhas garras para lhe dar coçadinhas decentes no queixo.

— Ele raramente aparece quando tem visita — disse. — Costuma ser muito tímido.

— Gatos e demônios tendem a se dar bem — respondi. — É o único animal que pode ser encontrado tanto na Terra como no Inferno.

— Nenhuma surpresa. — Ela riu, mas então seu rosto ficou mais sério. — Obrigada por ter salvado ele. De verdade. Ele é muito importante pra mim.

— Você teria ido atrás dele se eu não tivesse ido. E aí teríamos um gato morto e uma mulher morta. Só tentei minimizar os danos.

Os olhos dela percorreram meu rosto, procurando, questionando. Era como se ela soubesse que eu estava mentindo. Se tinha uma coisa que eu nunca tinha feito em minha existência, era *minimizar* danos. Eu era um assassino. Um causador de destruição. Geralmente, eu não escolhia salvar as coisas.

Ela se levantou.

— Certo, vamos dar uma olhada nesse ombro.

Ela se debruçou sobre mim, empurrou os óculos para cima e torceu o nariz enquanto examinava o corte. Estava feio: a carne estava dilacerada e o sangramento continuava. Ela estava certa sobre a infeção, mas tanta precaução e cuidado com ferimentos era uma coisa que os humanos faziam. Meu plano costumava ser “esquece isso e dorme”. Se um ferimento fosse de grande risco para mim, eu saberia, porque eu provavelmente estaria em pedacinhos.

Ela pegou outra bolinha de algodão e o umedeceu.

— Você quer… é… botar uma calça?

Sorri, me aconchegando mais confortavelmente.

— Não.

Ela rolou os olhos, mas suas bochechas coraram. O jeito como o sangue preenchia o espaço entre suas sardas era adorável. Me fazia querer segurar seu rosto e sentir o calor sob meus dedos.

Ela afugentou o gato e, para ter fácil acesso, sentou com as pernas abertas no meu colo. Sua virilha apertou meu pau, e ela disparou os olhos para os meus quando a proximidade o fez pulsar, segurando o algodão erguido em pleno ar.

Arregalei os olhos em provocação:

— Está confortável?

Ela mordeu o lábio em silêncio e se inclinou para frente para limpar o ferimento, com movimentos lentos ao redor da carne sensível. Continuei sorrindo, suas coxas estavam tremendo levemente encostadas nas minhas e ela estava cheirando a tesão. Seus olhos estavam concentrados no que fazia, mas sua mente estava em outro lugar.

— Você disse que o Inferno é igual a Terra — disse, olhando para o corte como se pudesse forçar o tesão a ir embora se estivesse concentrada em sangue. — É verdade?

— É maior — disse eu. — É tão grande que somente os demônios mais antigos já viram tudo. Há enormes planícies desocupadas, florestas tão imensas e tão cheias de monstros que somente os mais fortes entre nós se atrevem a entrar. — Olhei para o teto enquanto me lembrava. Estive na Terra por cerca de cem anos. Eu não era tão velho, para um demônio. Passei quase um quarto da minha vida preso aqui. — Há oceanos cristalinos como vidro e outros tão pretos quanto tinta. Árvores maiores que as mais altas montanhas da Terra. As cidades… são uma obra de arte. Metal, vidro e pedra, mármore e madeira esculpidas.

Os olhos dela estavam arregalados. Agora ela estava totalmente sentada no meu colo, fascinada demais pelo que eu estava dizendo

para tentar ficar suspensa sobre mim. Fazia muito tempo que eu não falava de casa. Zane tinha sido educado o bastante para não tocar no assunto, e ele preferia passar a maior parte do tempo na Terra, de qualquer forma, já que achava os humanos muito divertidos.

Mas eu sofria de saudade do Inferno.

— O que você faz lá? — perguntou ela. — Os demônios… trabalham?

— A maioria sim. Fazer algo gratificante nos mantém ocupados. Mas perambulamos por aí à vontade. Os recursos são ilimitados. Não existe dinheiro ou economia. Metais preciosos são tão comuns lá quanto pó. Fazemos o que nos faz feliz.

— Parece mais o Paraíso do que o Inferno.

— O Paraíso é superestimado. Cheio de regras.

Dessa vez, quando riu, ela abaixou os olhos. Algo na timidez com a qual ela desviou o olhar e no som do seu riso estava me fazendo… sentir… coisas. Mas meu cérebro continuava confundindo qualquer que fosse esse sentimento avassalador com uma vontade de esmagá-la, como se pudesse descarregar esse sentimento irritante apertando o rosto dela entre minhas mãos.

Consegui me controlar.

— O que você faz lá? — A pergunta me arrancou de minhas fantasias de esmagá-la carinhosamente. — Para se divertir?

Ela não estava mais limpando minhas feridas. Estava escutando atenta, esperando ansiosamente pelo que eu diria.

— Tem muita coisa pra fazer. Tem…

— Não, não, o que *você* gosta de fazer?

Hesitei. Era estranho falar sobre o Inferno, e ainda mais estranho falar sobre mim mesmo.

— Eu… gosto de… — Porra, já fazia tanto tempo. — Eu gostava de explorar. Viajar. Eu queria ver todos os cantos do Inferno, todos os lugares onde os outros da minha espécie não queriam ir.

Nunca me senti tão selvagem quanto quando vagava pelo desconhecido, com quase nenhum plano e sem expectativas. Liberdade para mim era me deitar em um bosque sombrio em que nenhum demônio pisava há milênios, ou encontrar as ruínas de alguma cidade construída pelos deuses antigos.

— Sente saudade — ela disse com delicadeza.

— Todos os dias.

Nossos olhos se encontraram. Aqueles grandes olhos castanhos eram tão quentes quanto suas mãos, tão brilhantes quanto o sol, tão profundos quanto uma floresta. Aqueles olhos estavam procurando

respostas no meu rosto, procurando conhecimento, como se ela pudesse engatinhar para dentro da minha cabeça e fazer seu ninho ali como um passarinho.

— Essa sua bendita curiosidade — eu disse com gentileza. — Já fui assim um dia. Acho que sinto inveja de você, por ainda ver o mundo com tanto fascínio.

— Ainda pode fazer isso — disse ela, franzindo a testa. — Por que não?

— Quando você passa tempo demais na escuridão, se esquece de como é a luz.

Ela parecia querer argumentar, então jogou a bolinha de algodão na mesa de centro. Quando voltou a se virar, colocou a mão no meu peito de novo.

— Vai sarar melhor agora — disse. — É só… ficar de olho nele.

— Tenho coisas mais importantes em que ficar de olho. Vai melhorar.

— Pode parar de se fingir de durão: tem um corte aberto sangrando no seu peito que talvez esteja infeccionado. — Ela fez um beicinho de irritação. — Não sei se os demônios morrem, mas seria melhor se você não morresse.

— Vai ser preciso mais do que alguns poucos monstros para me matar. — Estalei o pescoço e fiz uma careta quando o movimento mandou uma pontada de dor do corte até meu braço. — Claro que morremos, mas eu teria que ser despedaçado, incapaz de me curar rápido o suficiente para impedir a perda de sangue e o choque. Eu me recuperaria mais rápido descansando, mas… preciso encontrar o grimório.

— Pode dormir aqui — disse ela. — O sofá é bem confortável.

Ergui uma sobrancelha para ela.

— Me tentando a ficar? Vai ter que oferecer mais do que um sofá.

Ela me olhou feio. Seu cabelo tinha caído para a frente e as madeixas pretas macias estavam ocultando parte de seu rosto. O prendi atrás de sua orelha, roçando os vários piercings e brincos que cobriam sua cartilagem com os dedos. Olhar para eles fez meu pau pulsar.

— Me entretenha, boneca — disse. — Me convença a ficar. Me conte seu desejo mais profundo, mais sombrio.

23

Rae

Meus desejos mais sombrios estavam escondidos no fundo da minha mente, eram o tipo de coisa das quais eu só tinha dado dicas para meus parceiros sexuais anteriores e torcido para eles darem um jeito de entender. Eu não tinha experiência em falar sobre esse tipo de coisa em voz alta, e o pedido de Leon me fez empurrar esses perversos pensamentos secretos mais ainda para o fundo de minha mente.

— Sei lá. — Era uma resposta tosca e, a julgar pela cara dele, no mesmo momento soube que eu estava mentindo.

Leon revirou os olhos e uma pressão bizarra apertou minha nuca.

— Ah, fala sério, Raelynn. Não se faça de sonsa comigo.

— Para de fazer isso.

— O quê? — Seu sorriso torto não era nem um pouco inocente.

— Esse lance de… truquezinho… mental. — Estremeci com a sensação de dedos percorrendo meu couro cabeludo. — Sei que é você. É… esquisito. — Esquisitamente delicioso, de um jeito que deixava minha mente vazia de tudo que não fosse luxúria.

— Te deixa com medo? — Ele arregalou os olhos. Ele era um colírio para os olhos desse jeito: totalmente pelado, recém-saído do chuveiro, tão perto que eu podia passar as pontas dos dedos nas linhas de suas tatuagens. — Acho que você já deixou claro que gosta quando eu te assusto, boneca.

Engoli em seco quando a mera sensação de um toque ao redor da minha garganta foi substituída por uma mão de verdade: sem apertar, só me segurando. Ele segurou bem perto do meu queixo para eu não conseguir abaixar o rosto, para não conseguir evitar seus olhos.

— Vá em frente — sussurrou. — Me conte seus pecados, garota má. Me conte no que pensa quando está sozinha e sua mente divaga. Me conte o que torna usar seus dedos irresistível.

Eu não tinha vergonha dos meus desejos – ou, pelo menos, tentava não ter, o que não era a coisa mais fácil do mundo, já que meus interesses fetichistas sadomasoquistas residiam consistentemente no reino do tabu. Não que eu achasse que um

demônio fosse me julgar, eu sabia que ele abraçaria o que quer que eu lhe dissesse. Essa era a parte assustadora: confiar a ele essas partes íntimas de mim que eu sabia que ele ficaria ansioso para satisfazer.

Inspirei fundo e, já que eu não podia desviar o olhar, fechei os olhos.

— Imagino você me causando dor, me fazendo sofrer e esfregando o quanto eu gosto disso na minha cara.

Eita porra, aí estava ela. A Rae Masoquista tinha saído da jaula.

Quando voltei a abrir os olhos, os dele alcançaram no fundo da minha alma e arrancaram de mim o restante de minhas palavras nuas e cruas.

— Imagino você me fazendo sangrar, me fazendo gritar, me fazendo gozar com tanta força que não consigo pensar direito. Imagino a facilidade com que você poderia me matar, mas não mata. Você me mantém viva só pra me usar como… como…

— Como uma boneca — disse ele, e havia uma voracidade tão pervertida em sua voz que me deixou arrepiada. O pau dele contraiu embaixo de mim e eu quase gemi, mal consegui conter o som. — Que bonitinha. Quer que eu te trate desse jeito? Como meu brinquedinho?

— Sim — sussurrei e minhas pernas começaram a tremer de expectativa. Eu tinha fantasias sobre ser desejada de forma tão intensa que nada podia deter aquela necessidade, de ser consensualmente machucada e devastada, de poder me deleitar em sensações que eram mais do que sombrias. Mas eu nunca tinha confiado essas informações a outro ser humano.

Mas aqui estava eu, confiando em um monstro.

Um monstro que já tinha salvado minha vida mais de uma vez.

Leon apertou minha bunda com uma mão e minha nuca com a outra, e juntou nossas bocas em um beijo feroz.

Fechei os olhos e me permiti me afogar nele. Enquanto me beijava, ele deu um tapa na minha bunda e eu exclamei dentro de sua boca, estremecendo com a pontada de seus dentes afiados mordendo meu lábio. Movi meus quadris para frente e para trás, me esfregando nele incentivada pelo impacto da palma de sua mão. Cada tapa enviava arrepios pela minha coluna e meu crânio, até eu estar ofegando, e ele voltou a colar minha boca na dele e roubou o restinho de fôlego que eu ainda tinha.

Era mais do que dor. Era mais do que prazer. Deu vida ao meu corpo. Me deixou faminta. Eu queria que ele me consumisse, que

tomasse o que quisesse e me usasse inteira, e queria consumi-lo também.

Sua grande mão apertou minha garganta, dando a volta nela com facilidade. A língua dele se arrastou sobre a minha, sentindo o gosto da minha boca enquanto o ar abandonava meus pulmões e só uma sensação fraca de estar flutuando ficar para trás. Como podia ser possível afogar no prazer? Como podia o êxtase substituir o oxigênio dentro de mim?

Ele se levantou, me levando junto – com uma mão fechada na minha garganta e a outra passada embaixo da minha bunda para me segurar, enquanto eu envolvia seus quadris com as pernas. As veias dos seus braços ficaram pretas como a tinta de suas tatuagens. Suas pupilas dilataram até o dourado de seus olhos ser apenas um aro fino, transformando seu olhar em um eclipse solar.

— Me implore pra eu te usar, boneca — rosnou, só me permitindo inspirar ar suficiente para continuar consciente, só o suficiente para sorrir atordoada e concordar com a cabeça. Ele me deu um chacoalhão cruel. — *Fala*, garota. Implore.

— Me usa… por favor… — Minhas palavras saíram fracas, um choramingo de dar pena que quase não conseguiu passar pela minha garganta.

— Você é a putinha do Inferno, não é? — disse. — Louquinha pra todas as coisas perversas saírem rastejando de lá pra te usar. Coisas perversas não são gentis, Raelynn. — Ele aproximou a boca da minha orelha e falou suavemente: — Todo esse tempo que passou brincando no escuro, estava esperando por isso? Pra alguma coisa maligna vir te pegar?

Ele me deitou na mesinha de centro, senti a superfície fria e dura embaixo de mim quando ele me prendeu contra a madeira.

— Vou acabar com você de todos os jeitos imagináveis. — Ele riu, então gargalhou, como se pensar no que estava prestes a fazer despertasse uma energia selvagem nele que não podia ser contida. — Vou te fazer gritar pra sentir mais dor. Vou te fazer chorar de desejo pela sua própria destruição.

Eu estava com medo – claro que estava com medo. Eu sempre tinha ido atrás do medo, para poder vivenciá-lo em meus próprios termos, exatamente do jeito que eu queria. No medo encontrei desejo. No medo residiam todas aquelas antigas sensações que exigiam que eu reconhecesse que estava *viva* e *resistindo* e *sentindo.*

Ele arrancou minha calça e meu moletom, e sorriu ao ver que eu não estava usando sutiã e que meus mamilos ficaram rígidos

quando foram atingidos pelo ar. Ele sentou em cima de mim, me deixando esparramada embaixo dele na mesa larga, e segurou meus peitos nas mãos, apertando e pinicando minha pele com as garras.

— Isso dói, bonequinha? — Ele beliscou meus mamilos com os dedos e os torceu levemente. Comecei a suspirar, cada puxão e apertão enviava tremores pela minha barriga. — Por que você nunca colocou um piercing neles, humm? Já enfiou agulhas nas orelhas, no nariz, aqui ficou com medo?

Observando meu rosto, ele fechou a boca no meu mamilo ereto e passou a língua na ponta. Meus quadris forçaram para cima e se esfregaram nele, mas ele segurou minha cintura com a mão livre e me empurrou para baixo. Ele estimulou meu outro mamilo da mesma forma torturante, até me deixar grunhindo desamparada, tremendo embaixo dele. Sua língua deslizou em movimentos circulares no meu seio antes dele fechar a boca em mim e chupar até eu gemer alto.

Se isso era pecado, eu compraria uma passagem só de ida para o Inferno feliz da vida.

Ele estava sondando minha mente de novo, usando qualquer que fosse aquele seu poder sinistro que o permitia me fazer sentir

toques que não existiam e impulsos além do meu próprio subconsciente. Ele estava me forçando para baixo, como se cordas estivessem lentamente envolvendo e apertando meus pulsos, tornozelos e abdômen, me amarrando na mesa. Eu não podia vê-las, mas minha mente tinha certeza de que as restrições estavam ali. Logo, só conseguia me contorcer. Não conseguia erguer os braços ou fechar minhas pernas abertas.

— O que está fazendo? — Minha voz era só um sussurro, pesada de desejo, trêmula com todas minhas terminações nervosas agitadas dentro de mim. Ele ergueu a cabeça e sua boca interrompeu a tortura impiedosa do meu mamilo.

— Só o que quer com tanto desespero — disse, e passou as garras na minha bochecha. — Você conseguiria resistir às restrições se quisesse. Seria muito fácil. Que engraçado… — Ele pairou sobre mim, aproximando os dentes afiados. — Não está nem tentando escapar.

Suas garras desceram pela minha garganta, passaram sobre o pulso delicado do sangue nas minhas veias, pelo meu peito, e desceram, desceram, até chegarem ao elástico da minha calcinha.

— Você realmente devia parar de usar isso de uma vez — disse. — Eu vou continuar estragando todas.

Suas mãos rasgaram a calcinha com facilidade. Senti meu coração disparar no peito quando uma única garra circulou meu clitóris, uma ameaça e uma promessa contidas em um único gesto cruel.

— Lembre-se, bonequinha — rosnou, abaixando a cabeça devagar entre minhas pernas. — Diga *misericórdia* se quiser que nossa brincadeira acabe. Mas implore para eu parar e suplique por sua vida se quiser continuar.

Cada palavra que ele dizia estava me empurrando mais para dentro daquela ligação cavernosa existente entre as nossas imaginações, mais profundamente na fantasia do medo e cativeiro que ele estava fabricando. Na fantasia de que eu estava indefesa e era sua presa resistente.

Mas aquela fantasia não era a realidade, por mais que eu me permitisse participar dela. Ele estava prestando atenção na minha respiração, observando minhas pupilas dilatarem. Podia sentir o cheiro de cada reação química que eu sofria, podia ouvir meu coração acelerar e desacelerar. Ele conhecia todas as minhas reações em um nível muito mais primitivo do que eu.

Ele pararia se eu dissesse a palavra. Eu sabia disso. Confiava nele.

Mas parar estava muito longe do que eu queria.

Me dizer para implorar pela minha vida? Isso despertou aquele meu desejo intenso por medo, minha fome de perigo.

— Me solta — choraminguei. — Por favor, por favor me solta… não…

— Cala a boca. — Ele segurou meu rosto e falou em um tom terrível: — Abra a porra da sua boca, agora.

Obedeci, felizinha. Ao seu cuspe na minha língua à espera se seguiu seu pau grosso, e eu gemi quando ele deslizou até minha garganta. Era tão grosso, e do ângulo em que ele estava de cima de mim, nem dava para ele enfiar tudo. Leon segurou meu cabelo e moveu minha cabeça sobre si mesmo, então riu do meu engasgo quando meteu fundo demais.

— Awn, foi demais pra você, bonequinha? Mas bonequinhas aguentam tudo que o mestre delas quiser, não aguentam? — Ele me segurou ali por mais um instante, me fazendo engasgar mais uma vez antes de me soltar e eu voltar a repousar minha cabeça, arfando.

Ele segurou meus quadris e me virou de bruços. Aquelas cordas invisíveis me apertaram de novo e mantiveram minhas pernas abertas. Ele apertou minha bunda e me abriu ainda mais.

— Sua boceta ainda está ardendo?

Ele enfiou dois dedos em mim e eu gritei e me contorci enquanto ele esfregava o dedo em mim impiedosamente.

— Ainda está. — Suspirei, mas também gemi conforme ele mexia o dedo dentro de mim. Estava gostoso, apesar da dor, as pontadas só deixavam mais prazeroso.

— Bom, neste caso seria maldade da minha parte usar sua vagina de novo, não seria? Suponho que vou ter que meter em outro buraco, então.

Tive calafrios só de pensar nele enfiando aquele pau grosso dentro da minha bunda – *impossível* – mas então a língua dele estava entre minhas nádegas e qualquer pensamento desapareceu da minha cabeça. As pontas bifurcadas sondaram e lamberam o orifício com tanta vontade que nem tive tempo de me sentir constrangida por ele estar com o rosto lá. Estava gostoso demais, e seus dedos ainda estavam estimulando minha vagina.

— Tão molhadinha — murmurou. — Que bonequinha sexual deliciosa. Tão disposta a ser destruída.

Ondas de prazer reverberavam pelo meu corpo com cada estocada de seus dedos, cada movimento de sua língua. Meus olhos rolaram para trás e as cordas invisíveis apertaram mais. Eu

estava quase lá e, bem quando meu orgasmo me atingiu, ele tirou a boca e enfiou um dedo no meu cu, mesclando o alongamento com o prazer que já estava avassalador.

Gritei quando meu corpo todo pulsou, com dois dedos na minha boceta e um no meu cu se movendo ritmadamente para prolongar meu clímax a um nível tão impossível que me deixou tremendo, incapaz de me afastar, de boca aberta, até o último pensamento racional abandonar meu cérebro.

— Porra, essa minha putinha é muito boa — disse ele, curvado sobre minhas costas, soprando o hálito quente na minha nuca. Sua língua deslizou sobre minha pele, por cima das marcas que ele tinha deixado em mim, e um riso retumbou em seu peito quando me desfiz em seus dedos. — Você fica tão linda com as minhas marcas. Todinha minha, como é pra ser. Sua alma é a próxima, Raelynn. Só dizer uma palavra e você vai ser eternamente minha.

Entre o prazer, a dor e as endorfinas estonteantes me deixando chapada, eu quase lhe dei minha alma. *Quase*.

— Você tem lubrificante, bonequinha?

Em meu aturdimento, consegui compreender de alguma forma que ele tinha me feito uma pergunta.

— Quarto… lá em cima… ahn, gaveta da mesinha…

Ele só ficou ausente por alguns segundos, então já estava debruçado em cima de mim de novo. Suspirei ao sentir uma gota gelada de lubrificante perto da minha entrada, mas os dedos dele a aqueceram rapidamente quando ele começou a espalhar o gel no meio das minhas nádegas. Ele me penetrou com um dedo, profunda e lentamente, me estimulando de novo enquanto eu ainda vibrava com os tremores secundários do meu último orgasmo.

Então, ele acrescentou um segundo dedo no meu ânus, e a dilatação me fez choramingar. Ele mordeu meu ombro e deu um rosnado gutural enquanto movia os quadris ansiosamente contra mim.

— Leon, por favor… por favor… porra… — Minhas súplicas não faziam sentido, eram só as únicas palavras que eu conseguia articular. Forcei meu quadril contra ele, encorajando seus dedos a entrarem mais fundo. Os dedos se abriram e me apertaram à medida que se esforçavam para me relaxar.

— Ah, meu brinquedinho quer mais? Um pouquinho mais de dor? — Ele forçou mais fundo e eu gemi, seus dedos entravam e saíam lentamente de mim. — Humanazinhas como você gostam de brincadeiras brutais, mas é tão fácil quebrar vocês. Vai me dizer se for muito, entendeu?

— Sim — consegui sussurrar. — Sim, por favor…

Ele me ergueu de quatro subitamente. Segurou meu cabelo e enfiou os dedos de novo, que entraram no meu ânus com muito mais facilidade do que da primeira vez.

— Seu cu é meu de agora em diante, Raelynn — disse. — *Meu.* Vou encher esse buraquinho apertado de porra, entendido?

— Porra… sim… — Gemi de novo quando tirou os dedos e os substituiu com a cabeça grossa e aterrorizante do seu pau na abertura. Comecei a ofegar, a mera expectativa já estava me fazendo tremer. Ele me ergueu e me abraçou com força, me deixando de joelhos, apoiada em seu corpo, com seu pau posicionado para entrar.

Leon beijou meu pescoço e sussurrou:

— Shh, shh, bonequinha. Respira. Está pronta?

Inspirei fundo devagar várias vezes. Minhas mãos estavam tremendo soltas, minhas pernas estavam fracas, meu corpo era uma bagunça inundada de endorfinas. Ele deixou mais beijos no meu pescoço, na minha mandíbula, e virou meu rosto para beijar minha boca. Eu queria chorar – não de dor, mas por causa da intensidade, do barato de tudo isso – e algumas lágrimas escaparam quando nossos lábios se afastaram.

— Pronta — sussurrei.

Ele não teve pressa para me penetrar, e porra, como eu precisava de sua calma. Eu já tinha brincado com plugs anais pequenos antes, mas não eram nada comparados a ele. Ele mal tinha colocado a primeira crista da cabeça e eu já estava batendo em sua perna, me contorcendo. Ele me segurou no lugar e me tranquilizou, um monstro gentil, apesar de toda a perversão.

Mais fundo – mais apertado – devagar, ele me penetrou completamente. Leon curvou seu corpo sobre o meu, me envolvendo com firmeza nos braços, segurando meu rosto com uma mão em um aperto que era meio carinhoso, meio brutal. Ele inclinou minha cabeça para trás para repousá-la em seu ombro, e minha coluna arqueou.

— Todinha minha, boneca inflável — sussurrou, deslizando dentro de mim. Fechei os olhos e ele acariciou meu corpo com a mão, desceu até entre minhas pernas e massageou meu clitóris. — Todinha minha.

Ele me fodeu devagar, mas profundamente. O toque de sua mão me excitou mais, o prazer contraiu meus músculos e me fez apertar o pau dele, e seu ritmo ficou mais brusco. Eu estava maravilhada

por ele caber dentro de mim – maravilhada por eu conseguir aguentar – e ele ia me fazer gozar de novo comendo meu cu.

— Goza no meu pau, boneca — exigiu. — Goza pra mim.

Meu orgasmo não foi uma explosão, foi um massacre – irrompeu dentro de mim e me deixou chorando, sem ar, tremendo com o gozo escorrendo pelas minhas pernas. Ele me segurou com tanta força que eu não consegui me mexer nem um centímetro. Só conseguia ficar ajoelhada ali, presa em seus braços, sendo arrebatada pelo meu próprio corpo.

Boneca inflável. A boneca inflável *dele.* Era a única coisa que ainda conseguia pensar. Eu estava flutuando na escuridão, coberta pelo pecado, vibrando com o ápice depravado de todas minhas fantasias ganhando vida. Ele estava sendo mais agressivo, agora que meus músculos estavam relaxados o suficiente para aguentar. Quando o pau dele começou a vibrar dentro do meu ânus, pude sentir cada pulsação.

O jeito como ele gemeu antes de gozar dentro de mim foi, com toda certeza, a coisa mais sexy que eu já tinha ouvido. Derreti quando seu calor cresceu dentro de mim. Levei uma mão trêmula para trás, encontrei o cabelo de sua nuca e agarrei, como se nunca mais fosse soltar, como se pudesse mantê-lo ali para todo o sempre.

24

Rae

Leon me deitou no sofá e me deixou ali, mas eu podia ouvi-lo andando em algum lugar da casa. Portas de armários fechando com suavidade, tábuas do assoalho rangendo, o som de água borbulhando. Houve um breve período no ensino médio em que tive a ideia de praticar atletismo, mas naquela época, mesmo depois de um treino extremamente intenso, nunca me senti tão absolutamente esgotada. Cada gota de energia tinha esvaído do meu corpo, meus membros estavam moles e incapaz de fazer mais do que um tremelique ocasional.

Ele tinha sido sincero quando disse que ia acabar comigo. Era exatamente o que ele tinha feito. Eu estava deitada ali, dolorida, chapada com o pós-orgasmo, olhando para a mesinha de centro

com os olhos pesados. Eu nunca mais conseguiria olhar para essa coisa do mesmo jeito.

Era o altar do meu sacrifício, o santuário onde ofereci meus pecados para um demônio devorá-los.

— Raelynn.

Sentei de um pulo, só para grunhir com a tontura que isso me deu. Eu não tinha nem ouvido ele se aproximar. Ele tinha se vestido e, quando me reclinei no sofá, me ofereceu um prato e uma caneca fumegante.

— Chá e biscoitos? — Recebi a oferta e pisquei várias vezes rapidamente, chocada. Ele tinha feito meu chá de menta preferido, não que tivesse algum jeito de ele saber que era o meu favorito, e empilhado três biscoitos com gotas de chocolate no prato.

Ele se jogou no outro lado do sofá, parecendo mais cansado do que eu já o tinha visto. Nossa festinha depravada deve ter acabado com o restante da sua energia, até o dourado de seus olhos estava sem brilho.

— Você queimou um monte de calorias e perdeu nutrientes importantes no suor. Talvez sinta alguns sintomas leves de choque por causa da adrenalina. — Ele suspirou pesarosamente e acenou

com a mão como se tudo isso devesse ser óbvio. — Se eu soubesse que você não tinha comido nada ainda hoje…

Fechei a cara com a boca cheia de biscoito. Ele estava correto, é claro. Eu estava tremendo e meu estômago estava queimando de fome.

— Como você sabia que eu não tinha comido?

Não recebi resposta. Quando voltei a olhar para ele, seu queixo estava apoiado no peito, ele dormia profundamente, ressonando.

Caramba. Acho que eu tinha acabado com ele também.

Leon nunca admitiria, mas estava óbvio para mim – ele tinha se forçado até seu limite. Eu não sabia quantos daqueles Antigos havia por aí, mas ele tinha matado três e lutado com mais ainda. Seus poderes demoníacos misteriosos não curavam machucados instantaneamente, e seus ferimentos eram alarmantes, para dizer o mínimo. Correr por aí machucado desse jeito não era saudável, fosse ele um demônio ou não.

Mas agora tinha um *demônio* dormindo no meu sofá. Ou isso era o sonho de qualquer investigador do paranormal, ou era o pior pesadelo. Depois que deitei sua cabeça em uma almofada e joguei um cobertor sobre ele, fiz o que qualquer investigador decente faria:

peguei minha câmera. Tirei fotos de suas garras, das veias pretas ainda um pouco visíveis em seus braços, de suas orelhas levemente pontudas por baixo do cabelo, que eu não tinha notado antes.

Ele não era tão intenso dormindo. A energia monstruosa com a qual ele se portava tinha se acalmado. Apesar das garras, ele parecia mais humano do que nunca. Tranquilo. Vulnerável.

Vulnerável. Ha-ha. Até parece que era. Eu não podia me permitir subestimá-lo: nem quando estava enfraquecido, nem quando dormia.

Eu não tinha dúvidas de que esses registros invasivos o irritariam. Mas eu estava literalmente lidando com uma espécie humanoide desconhecida na minha sala de estar. Alguém realmente poderia me culpar?

Dei zoom nas cabeças nojentas que Leon tinha empalado lá fora ao redor da casa. Meu Deus do Céu, eu só podia rezar para Inaya não resolver aparecer sem avisar. Podia até ser início de outubro, mas as cabeças esqueléticas eram assustadoras, mesmo que se passassem por decoração de Halloween. Bizarramente, o fedor não era tão forte quanto quando estavam vivos, mas ainda havia um aroma bolorento e podre ao redor delas.

E para quem eu poderia mostrar esses vídeos? Para um padre? Um demonologista? Um criptozoologista? Eu tinha alguns conhecidos que também eram youtubers e ficariam fascinados, mas eu não precisava despertar fascínio. Eu precisava de ajuda que não custasse minha alma.

Mais uma vez pensei sobre os Hadleigh.

Será que Leon estava mesmo mentindo quando disse que eles eram meus inimigos? Eu tinha que continuar dizendo a mim mesma para não o subestimar, que com certeza um demônio colocaria seus próprios interesses em primeiro lugar, mas estava ficando cada vez mais difícil continuar acreditando nisso. Ele tinha realizado todas as minhas fantasias masoquistas, e eu não tinha me sentido em risco nem mesmo uma vez. Eu confiava nele – mas, por algum motivo, ainda tinha dúvidas.

Afinal, sua oferta ainda era a barreira que evitava que eu recebesse sua proteção integral. No fim das contas, ele tinha seus próprios objetivos para estar atrás de mim.

Os Hadleigh eram minha única outra possibilidade de ajuda.

Leon dormiu o resto do dia e a noite toda, não se mexeu nem quando preparei o jantar e liguei a televisão. Ele continuou curvado

debaixo do cobertor, imóvel como uma pedra, com exceção de sua ocasional respiração lenta. Cheesecake, apesar de todas as minhas tentativas de impedi-lo, pulou no sofá e logo se aconchegou encostado em seu novo melhor amigo demônio. Ele amassou o cobertor ronronando alto, e depois se enrolou ao lado de Leon.

Me senti mais segura ao deitar na cama sabendo que ele estava lá embaixo, mesmo assim passei alguns minutos olhando pela janela do quarto, vigiando as árvores lá fora. Os grilos estavam cantando, não tinha nada na noite. Talvez aquelas cabeças realmente mantivessem os Antigos afastados.

Fiquei deitada na cama ouvindo música baixinho, até o sono finalmente me levar. A escuridão por trás de minhas pálpebras se intensificou até a consciência estar à beira de me escapar…

— Lawson.

A voz era grave, masculina – desconhecida. Fiz uma pausa, nem sabia o que estava fazendo para precisar parar para ouvir. Estava frio. Quase completamente escuro. O cheiro de barro estava pesado no ar, o aroma mineral intenso das pedras molhadas dificultava a respiração.

Onde eu estava?

— Lawson. Por aqui.

Me virei. Eu estava olhando para um túnel longo e estreito. O teto era baixo, e uma série de trilhos de madeira e metal estavam dispostos no chão – como se para algum tipo de carrinho.

Havia uma luzinha acesa no fim do túnel. Parecia estar flutuando no ar quando a voz chamou de novo:

— Vamos logo, Lawson. Diz o chefe que vamos descer ao nível novo.

Meu estômago revirou de pavor, mas eu não sabia bem o porquê. Avancei, sentia meu corpo pesado e desajeitado, desconhecido. Olhei para baixo – botas de couro, jeans rígidos, algum tipo de macacão grosso.

Eu não era eu… esse não era eu… esse não era meu corpo.

Segui a luz que balançava devagar à minha frente. Eu mal conseguia ver a silhueta do homem que a estava segurando: forte, barbado, com uma picareta presa ao cinto que batia em sua perna conforme andava.

— Cê sabe que aquele nível não tá estável. — Minha língua se moveu, minha voz produziu aquele som, mas não era minha voz. Era rouca, grave e desconhecida. — Fede lá embaixo também. Parece peixe morto.

— Mas o Leighman não se importa com isso, se importa? — A voz na minha frente riu. — Ele vai estar lá hoje. Acha que os garotos encontraram um veio novo. Quer todo mundo trabalhando nele.

O túnel estava chegando ao fim. Uma estrutura de tábuas de madeira estava suspensa sobre um poço escuro, e o homem que eu estava seguindo subiu nela, fazendo a madeira ranger sob seu peso. Eu não conseguia fazer meus próprios pés pararem, era uma mera observadora ao subir na plataforma ao lado dele. Meu estômago estava afundando sabendo o que havia lá embaixo – nada além de uma escuridão profunda e interminável.

O elevador ultrapassado balançou quando meu companheiro puxou uma alavanca.

— E vamos descer.

Descemos… descemos… descemos. O homem continuou em silêncio ao meu lado. Eu estava ansiosa para ver seu rosto, mas estava muito envolto em sombras.

— Tô com uma sensação ruim pra hoje, Kynes.

Ele concordou com a cabeça.

— É. Tô contigo.

Ele ergueu um pouco sua lanterna e, finalmente, meu rosto virou. Mas, ao invés de um rosto, o homem parado ao meu lado no

elevador estava absolutamente em branco. Sem olhos. Sem boca. Sem nariz. Nada. Como se sua carne fosse de argila, nivelada e esquecida.

Eu queria gritar. Eu não devia estar aqui. Estava tudo errado. Sonhando… sim, claro, eu devia estar sonhando, tinha que estar.

Algo gelado pingou no rosto, e eu olhei para cima. Água… tinha água pingando de cima… e cheiro de salmoura, de água salgada parada, de peixe preso na areia sob o sol.

Acordei assustada, ofegando, tentando inspirar ar suficiente para lutar contra a sensação de estar me afogando. Eu estava deitada na cama e a luz pálida da manhã se infiltrava pela abertura na minha cortina.

Tinha sido só um sonho. Apenas um sonho.

Então por que tinha parecido uma memória?

25

Rae

Concordei em me encontrar com Inaya e Victoria para almoçarmos no fim de semana. Leon ainda estava dormindo como um morto, e me senti mal de deixá-lo sozinho. Eu não sabia bem se era normal um demônio dormir por tanto tempo, mas eu não ia tentar acordá-lo. Victoria estava atrasada, então Inaya e eu nos sentamos em um pequeno café que servia brunch aos domingos, em uma mesa no canto, perto da janela pela qual podíamos ver a chuva.

— A gente devia assistir *Midsommar* — disse Inaya, enquanto bebericávamos nossas mimosas e planejávamos a próxima maratona de filmes. — Ou talvez a gente deva começar com alguns clássicos e escolher *O Exorcista*.

— Você sabe que eu sempre sou a favor da genialidade do Friedkin — respondi. As mimosas aqui eram à vontade: sorte a

minha, porque eu já tinha virado uma inteira. Estava inquieta e um pouco desesperada, e achei que sair de casa ajudaria, mas não tinha feito muita diferença ainda. — A gente podia encher a cara de vinho e assistir *Abracadabra* depois.

— Ahhh isso, garota, vou levar esse Pinot novo que experimentei. É tão bom. Sinceramente, é um crime eu ainda não ter ido te visitar. Me desculpa.

— Não se atreva a pedir desculpas. — Ri. — A casa está uma bagunça mesmo. — Uma bagunça… sitiada por monstros, atualmente hospedando um demônio adormecido… pois é, não estava adequada para receber visitas. Eu ainda estava refletindo se deveria insistir para fazermos nossa noite de filmes no apartamento dela, considerando que eu não fazia ideia de quando Leon iria acordar. Ou iria embora. Ou…

Se eu queria que ele fosse embora.

Ela estava olhando uma lista de filmes de terror no celular, tentando encontrar algum que eu ainda não tivesse visto. Deixei meus olhos relaxarem, encarando a chuva nebulosa lá fora. Invejava Leon por conseguir dormir direto por alguns dias, *eu* estava precisando de um sono desses. As pessoas passavam com os capuzes erguidos, chapinhando a água das poças crescentes com

os sapatos. Eu adorava ver a chuva, mas o dia cinzento estava me deixando ainda mais sonolenta.

As nuvens estavam espessas e escuras no céu, como se uma tempestade estivesse se formando. Elas estavam se deslocando rapidamente, rodopiando e se aglomerando como vapor de gelo seco.

Inaya estava falando de novo, mas sua voz estava entrando e saindo de foco. As nuvens estavam estranhas. Nunca as tinha visto se comportarem desse jeito. Estavam tão escuras, quase pretas. O brilho pálido de relâmpagos fulgurou por trás delas, mas a luz me fez ver que aquelas espirais cinza-escuras, na verdade, não eram nuvens.

Eram tentáculos: imensos tentáculos grossos se deslocando pelas nuvens.

Foi como se minha cabeça estivesse sendo esmagada abruptamente. Cada batida do meu coração ficou pesada demais, lenta demais. Eu queria desviar o olhar. Eu queria fechar os olhos. A sensação de estar afogando queimou meus pulmões, como se o sonho da noite passada estivesse tentando me puxar de volta. O cheiro de lama, salmoura, podridão – meu peito ficou apertado com o pânico.

Além das nuvens, além dos tentáculos escuros, a silhueta vaga de algo incompreensivelmente gigantesco estava se movendo.

— Ei! Raelynn!

Arfei e Inaya se afastou de surpresa. Ela tinha segurado meu braço por cima da mesa e isso tinha me arrancado de minhas alucinações bizarras. O céu estava normal. Sem tentáculos. Sem silhuetas. Nada além do barulho da chuva e da cobertura espessa das nuvens escuras.

Inaya estava me encarando preocupada, com os olhos arregalados.

— Que porra acabou de acontecer? — Ela alcançou minha testa do outro lado da mesa, sua mão estava fria na minha pele. — Está doente? Você estava tremendo e seus olhos estavam pestanejando.

— Estou bem — disse baixinho, tirando os óculos e esfregando os olhos como se assim fosse conseguir tirar a memória da cabeça. Aquela silhueta gigante… fiquei enjoada só de lembrar, como se meu corpo estivesse rejeitando a ideia de algo tão *ruim* existir no mundo. — Eu só, é…

— Oláááá, madames! — Victoria se aproximou da mesa. — Desculpa o atraso, ai, mais drama familiar. — Ela se sentou ao meu lado e me deu um abraço breve. Colocou a bolsa rosa-choque de

grife na cadeira entre nós e um Tupperware em cima da mesa. — Vocês já pediram? Aaai, meu Deus, mimosas, isso! Preciso de uma banheira cheia dessa merda. — Ela começou a acenar para o garçom, estalando os dedos para apressá-lo.

Eu nunca tinha alucinado antes. Nunca tinha vivenciado um terror que me consumisse tanto. Talvez tivesse sido um ataque de pânico, ou um pesadelo enquanto estava acordada. Talvez o estresse de tudo que estava acontecendo estivesse me abalando mais do que eu tinha percebido.

Ou talvez Leon não estivesse mentindo. Talvez realmente houvesse um deus na mina. Talvez aquele horror, aquela coisa que eu tinha visto nas nuvens, era a coisa mais próxima de um deus que eu podia imaginar.

— Rae. — Inaya ainda estava me observando e, pelo visto, sua voz era a única coisa que ainda estava me prendendo à realidade.

Victoria olhou curiosa para nós.

— Qual o problema? O que foi que eu perdi?

— Nada — eu disse em voz baixa. — Estou com fome, acho. Dissociei um pouco. Estou bem.

A expressão no rosto de Inaya deixou claro que ela não estava acreditando em mim.

— Bem, então vamos colocar comida em você, garota! Aqui, vocês podem ser minhas críticas culinárias. — Victoria tirou a tampa do Tupperware e revelou os cupcakes de chocolate que estavam lá dentro. Cada um deles estava belamente decorado, salpicados com glitter comestível roxo e fantasminhas de açúcar. — Vou fazer uma fornada pra festa de Halloween, mas queria testar a receita antes. Estão alcoólicos o suficiente? São de chocolate com conhaque.

Era, com absoluta certeza, um dos melhores cupcakes que eu já tinha comido. Eu sabia que era um jeito ridículo de julgar o caráter de alguém, mas eu não achava que o membro de um culto assassino faria cupcakes deliciosos para suas amigas. Será que eu realmente deveria acreditar que Victoria adorava algum deus milenar? Ou Jeremiah? Ou o Sr. Hadleigh que fosse?

A imagem que eu tinha de um culto maligno simplesmente não combinava com essa família.

— Isso tá tão delicioso — Inaya disse efusivamente. — E vai ter bebida suficiente na festa, garota, você não precisa embebedar a gente com os cupcakes também.

— Rae, considere este seu convite formal, se eu ainda não tiver te convidado. — Victoria sorriu radiante. — Eu sinceramente não

lembro quem eu já convidei ou não convidei. Tipo, metade do campus vai estar lá.

Uma festa de Halloween… seria perfeito.

— Não perderia nunca! — Fiz um joinha para ela, caso minhas palavras estivessem abafadas demais pela minha boca cheia de bolo. Leon tinha mencionado que Kent tinha artefatos e algum tipo de amuleto de proteção. Se eu pudesse aproveitar a festa para bisbilhotar um pouco, talvez achasse algo para me proteger. Era arriscado, mas se alguma coisa que Leon tinha me dito sobre os Hadleigh fosse verdade, *pedir* ajuda estava fora de cogitação.

Comemos e conversamos, e quase me esqueci dos monstros na floresta e do demônio no meu sofá por algumas horas. Mas quando nos levantamos para ir embora, Victoria disse de repente:

— Ah, a propósito, se vocês puderem dar uma ligada pra mim ou pro Jeremiah se virem a Everly, vai ser ótimo.

— Se nós a virmos? — perguntei. — Por quê? Algum problema?

Victoria rolou os olhos.

— Ela… foi embora. Já faz um tempinho e papai está… preocupado. — Ela forçou um sorriso. — Ela não está batendo bem da cabeça, sabe? Vai saber em que tipo de encrenca vai acabar se metendo? Fiquem de olho. Estamos morrendo de preocupação.

Nós nos afastamos e, enquanto andava até meu carro, a comida revirou no meu estômago. Algo me dizia que Victoria não estava preocupada com Everly.

Algo me dizia que para Everly ter saído de casa, ela tinha um motivo bom pra caramba.

Não vi nenhum sinal de que Leon tivesse se mexido no tempo que fiquei fora. Me atrevi a puxar a gola da camiseta dele para dar uma espiada no machucado, e fiquei chocada ao descobrir que só o que restava dele era uma cicatriz irritada atravessando suas tatuagens. Nem mesmo meu toque o despertou. Ele suspirou um pouco ao sentir o toque dos meus dedos, mais nada.

Eu não esperava que os demônios dormissem tão profundamente, mas não estava reclamando. Se ele estava lá, eu estava segura. Talvez meu toque não o acordasse, porém eu tinha a impressão de que um monstro acordaria.

Mas eu não sabia se ele ia continuar por aqui depois que acordasse. Eu não tinha aceitado sua oferta, e ele ainda estava obstinado a encontrar o grimório. Eu planejava procurar alguma coisa para me proteger na casa dos Hadleigh, só que ainda faltavam

semanas para a festa. Eu só precisava que ele ficasse mais um tempinho aqui.

Alguns minutos de pesquisas intensas na internet me ofereceram uma solução.

O site que eu tinha encontrado não parecia muito confiável, tinha sido montado de qualquer jeito por alguém cujo conhecimento de web design tinha parado nos anos 90, mas a informação era boa. *Como Restringir e Dar Ordens a um Demônio* parecia ter saído diretamente da capa de uma revista de teorias da conspiração, mas nessa altura eu não ia torcer o nariz para qualquer coisa.

Fale clara e corajosamente.

Enuncie seus comandos de forma tão direta e detalhada quanto possível.

Mantenha o demônio confinado dentro de um círculo de retenção, de onde só possa sair com ordens explícitas.

Um círculo de retenção. Eu me lembrava de ter lido algo do tipo no grimório. Era *disso* que eu precisava.

Com alguns desenhos e palavras esquisitas, eu tinha conseguido reunir magia o suficiente para fazer um demônio responder ao meu chamado. Então por que eu não conseguiria obrigá-lo a fazer outras

coisas que eu exigisse? Tipo ficar aqui e me proteger, para início de conversa.

O site suspeito, por sorte, continha instruções para desenhar o círculo de retenção. Com o notebook em uma mão e giz branco na outra, desci as escadas para prender meu demônio.

Eu não ia parar para pensar em como isso o deixaria furioso. Era questão de vida ou morte, e eu precisava sobreviver. Tirei o tapete do caminho e desenhei um círculo meticuloso no assoalho ao redor do sofá. Desenhei as runas, conferindo e conferindo de novo cada parte, até ter certeza de que tinha reproduzido tudo perfeitamente.

Agora eu só precisava esperar. Se ele acordasse e não conseguisse sair, eu estaria com a vantagem de novo. Poderia exigir que ele me protegesse, ou até eu conseguir sair de Abelaum ou até os monstros perderem o interesse por mim.

Se o círculo de retenção *não* funcionasse, bom, seria bem óbvio o que eu tinha tentado fazer. As ameaças anteriores de Leon de espancar minha bunda provavelmente pareceriam fofas em comparação com qualquer vingança que ele inventaria por eu ter pensado em tentar capturá-lo.

Mas eu tinha outros problemas com que lidar até meu prisioneiro demônio acordar, isto é, disfarçar as cabeças decepadas

escandalosas que estavam empaladas no meu quintal.

A loja de departamentos mais próxima ficava a quinze minutos de distância. Fui direto para a seção de Halloween e peguei cordões de luzinhas ultravioletas, lápides de mentirinha, dois esqueletos de plástico e algumas caixas de teias de aranha falsas. Minha ideia era que a melhor coisa a se fazer seria esconder as cabeças de monstros à plena vista. Ninguém acharia estranho se fossem só parte da decoração.

Era isso ou evitar que qualquer um chegasse perto da minha casa por um tempo indefinido no futuro. Que droga, apesar de estar sendo caçada por monstros, eu ainda estava tentando viver uma vida normal.

Já estava entardecendo quando cheguei em casa, e Leon ainda estava dormindo. Mas ele tinha mudado de posição, então pelo menos eu sabia que ele estava começando a despertar. Fiquei ansiosa o imaginando acordando, e conferi o círculo que tinha feito, provavelmente pela décima segunda vez.

Ia funcionar. Tinha que funcionar. Ele ficaria preso e não teria escolha, senão obedecer.

Ele ficaria *puto.*

Eu não estava feliz de ter feito isso. Mas estava determinada a sobreviver.

Embora ainda estivesse claro, enrolei os fios de luzinhas ultravioletas em volta das estacas que sustentavam as cabeças, para deixá-las mais festivas. Eu teria que comprar algumas abóboras para esculpir, mas isso podia esperar alguns dias. Enquanto experimentava colocar meus esqueletos de plástico em diversas poses provocativas no quintal, decidi que era hora de ligar para a única pessoa que eu conhecia, fora os Hadleigh, que talvez tivesse alguma noção das merdas bizarras que estavam acontecendo em Abelaum.

Meu pai.

— Olá, docinho — ele atendeu usando o apelido que tinha me dado quando eu era um bebê. Percebi que eu não tinha considerado que devia ser muito mais tarde na Espanha, mas papai sempre foi um ser noturno. — Já decidiu vir se juntar a nós?

Meu pai não tinha ficado particularmente feliz quando optei por voltar para a cidade em que ele tinha nascido, ao invés de ir junto com eles para a Espanha, e eu estava começando a suspeitar que ele tinha um bom motivo para isso. Mas eu não podia simplesmente

dizer que estava sendo perseguida por monstros e fazendo uma tentativa de dominar um demônio.

— É uma oferta tentadora, mas acho que está tudo sob controle aqui. — Sorri, apesar de ser uma mentira deslavada. Eu não tinha nada sob controle. Nem um pouco. — Só queria te dar uma ligada, ver como estão as coisas. Como está o clima aí?

Papai adorava falar depois que começava, ele me contou tudo sobre a casa e prometeu que mamãe mandaria fotos dela em breve. Os passeios deles consistiam em explorar o litoral, conhecer pequenas cafeterias e se apaixonar pelo café espanhol. Continuei decorando e o deixei falar, apesar da minha ansiedade estar aumentando. A voz dele era um consolo para mim – um pedacinho de casa, de normalidade.

Mas nada continuava normal.

— Fez alguma amizade nova por aí? — Ele finalmente me deu espaço para falar, mas ainda precisei pensar por um momento antes de responder.

— Ahn… é… sim. Sim, todo mundo aqui é muito legal.

Papai deu risada.

— Cidades pequenas assim podem ser muito simpáticas, ou extremamente incômodas. É o povo que tem que te dar as boas-

vindas.

— Eles têm sido muito acolhedores. — Me afastei para analisar a mais nova posição dos esqueletos, em que um deles estava de quatro na frente do outro, por cima de uma tora. Me fez rir, então decidi deixar assim. — Na verdade, conheci alguém que disse que estudou com você. Kent. Kent Hadleigh? Reconhece o nome?

Houve uma longa pausa. Por um instante, achei que a ligação tivesse caído.

— Hadleigh — disse papai devagar. — Sim. Sim, me lembro do Kent. Família rica. Tem uma casa grande… subindo a… — ouvi-o estalar os dedos tentando se lembrar —… subindo a Rua Water Crest. Onde o encontrou?

— Em um Festival de Arte da cidade. Fui com os filhos dele, que têm sido muito legais comigo. — Por que eu estava tão nervosa de perguntar isso? O que eu tinha tanto medo de ouvir? — Você conhecia bem o Kent? Eram amigos?

Ele riu.

— Não, não diria que éramos amigos. Andávamos com grupos diferentes. A família dele era, bom… os Hadleigh eram um tanto peculiares.

— É mesmo? Como assim? — Peculiares do tipo excêntricos? Ou peculiares do tipo sou-líder-de-um-culto-do-mal?

— Ah, só coisa de cidade pequena — papai murmurou, e eu quase pude vê-lo balançar a cabeça. — As fofocas circulam, as pessoas imaginam todo o tipo de coisa. São supersticiosas e coisa e tal, sabe como é. O tipo de coisa que você gosta, eu acho, mas elas levam muito a sério. Os Hadleigh moram há muito tempo em Abelaum. São uma das famílias fundadoras, se me lembro bem.

— Nossa família também está aqui há muito tempo, não?

— Ah sim, seu tataravô, Titus Lawson, se mudou praí quando a cidade ainda era só a mina. Sempre teve um Lawson um Abelaum, pelo menos até nós e sua avó sairmos daí. — Ele fez uma pausa. — E, bom, agora tem uma Lawson aí de novo. Acho que esse lugar atrai a gente de volta, né?

— Acho que sim… — Senti uma mistura bizarra de alívio e decepção. Alívio, porque a reação imediata de meu pai ao nome Hadleigh não tinha sido pavor. Mas agora eu tinha ainda mais perguntas do que respostas. — Aliás, como a vovó está? O que ela…

— RAELYNN!

A voz retumbou da casa como um trovão, o que me fez soltar um gritinho e quase derrubar o celular. Os pássaros saíram voando das árvores, fugindo aterrorizados. Alguma coisa pinicou minhas costas, como se unhas estivessem passando freneticamente na minha pele tentando, e falhando, me agarrar.

— Rae? Raelynn? Que merda foi essa? — Papai pareceu alarmado, e eu rapidamente tentei acalmá-lo.

— Ah, uhn, não é nada. Tá tudo bem, pai. Eu liguei a TV e o volume tava… alto demais.

— QUE PORRA É ESSA, RAELYNN!

Merda. Merda, merda, *merda.*

— Tenho que ir, pai, desculpa, minha, ahn, amiga acabou de chegar.

Senti que estava martelando o primeiro prego do meu caixão quando desliguei o celular. Guardei o aparelho no bolso com os dedos subitamente muito gelados, e me virei para a casa.

Leon estava acordado.

26

Leon

Eu não ia matá-la.

Eu não ia matá-la, *maldita seja.*

Mas, ah, eu a faria se arrepender *pra caralho* disso.

Eu devia ter suspeitado. Eu devia ter dado ouvidos aos meus instintos. Não dava para confiar nos humanos. Os humanos eram coisas egoístas, aproveitadoras, condescendentes que tirariam vantagem de você assim que tivessem oportunidade. Os toques gentis dela, seu corpo absolutamente irresistível e depravação tentadora – tinham me distraído e eu baixei minha guarda. Eu queria tanto ter um lugar seguro para dormir, para poder simplesmente descansar por um momento.

Eu não tinha considerado que Raelynn fosse tentar um círculo de retenção depois da absoluta presepada que foi me invocar em São

Tadeu. Tolice minha. Fraqueza minha. Aprendi a porra da lição.

O gato estava me encarando com as orelhas tão achatadas de preocupação que estavam grudadas na cabeça e o rabo arrepiado. Andei por todo o círculo, que englobava o sofá e a mesinha de centro, procurando pelo menor errinho, por um símbolo faltante ou uma falha nas linhas que fosse, mas não tive sorte. Tinha sido construído perfeitamente. Era impenetrável. Uma barreira de magia primitiva, simples, mas eficaz.

Eu nem conseguia começar a chutar o que diabos ela achava que ia conseguir com isso. Ela tinha me capturado, mas me controlar era outra história. A não ser que ela tivesse descoberto uma forma mágica de me causar dor, teria que me manter nesse círculo até eu apodrecer, porque não podia me fazer obedecer.

Garota teimosa. Garota tola.

Ouvi um passo leve e me virei, descobrindo que ela tinha se aproximado da porta da frente. A brisa tinha despenteado seu cabelo, a ponta do seu nariz estava rosa por causa do frio e as sardas de suas bochechas estavam coradas. Ela empurrou o óculos para cima com os dedos trêmulos de ansiedade, então enfiou as mãos nos bolsos para tentar parecer durona.

Apontei o dedo para o chão.

— O que, em nome de Satanás, é isso?

Ela engoliu em seco. Seu coração disparou. O medo dela deixava um gosto doce no ar, mas seria ainda mais doce quando ela estivesse presa embaixo de mim para ser punida adequadamente. Ela ficou agitada, voltou a tirar as mãos dos bolsos e disse:

— Um círculo de retenção. Se quiser sair dele, vai ter que fazer o que eu mandar.

Se eu arregalasse mais os olhos, minhas sobrancelhas iam sair voando da minha cabeça e parar no teto.

— Ah, então é *isso* que essa coisinha é? Minha *nossa, muitíssimo* obrigado pela gentileza de explicar, porque é óbvio que eu *nunca* antes encontrei um maldito CÍRCULO DE RETENÇÃO.

A casa rangeu quando minha voz subiu, e Rae estremeceu, mas contraiu a mandíbula e endureceu seus olhos castanhos para me olhar.

— Eu não queria fazer isso, Leon. Mas eu precisava da sua ajuda e…

— EU TE OFERECI A PORCARIA DA MINHA AJUDA! — Tenho certeza de que ouvi uma janela rachar. O gato estava definitivamente mais preocupado, e Rae estava ficando tensa como

uma mola, minha fúria a estava deixando mais forte. — Sua alma em troca de proteção. É uma barganha, Raelynn.

Ela estava negando com a cabeça.

— Não é *fácil* assim, Leon. Isso aí quer dizer eternidade. Eu não posso… não posso simplesmente…

Escarneci e voltei a andar de um lado para o outro, mal estava conseguindo controlar meu ódio o suficiente para falar direito. Eu queria destruir a porra das tábuas do assoalho. Eu queria gritar até quebrar todas as janelas e abalar a fundação da casa. Aquela armadilha esmagadora, doentia e sufocante estava acabando comigo. Lembrei-me da prisão de concreto do Kent, de todas as horas sozinho no escuro, todos os anos tendo que escolher entre dor e obediência.

Não. *Nunca* mais. Nem mesmo por ela.

— Eu só preciso que você me proteja — Rae disse, tranquila, como se achasse que suas palavras pudessem me acalmar. — Só por um tempinho, não pra sempre. Só até…

— Até *o quê?* — rosnei. — Até você conseguir se mudar pra longe daqui? Até você fugir pra tão longe que talvez os monstros não te encontrem de novo? — Ri ironicamente. — Caramba, Rae,

você não está entendendo? É você. Eles querem *você.* Vão continuar indo atrás de você. *Eu te disse*.

Ela pareceu confusa.

— O que… o que tá tentando…

— Eu te disse o verdadeiro motivo pelo qual os Hadleigh são tão legaizinhos com você — retruquei. — Eles vão continuar atrás de você, não importa o quão longe daqui você chegue. — Deixo-a ficar mais tensa. Quero que ela absorva isso. Quero que ela fique aterrorizada, como deveria estar. — Você está destinada ao Deus deles, Raelynn. Você é o sacrifício deles.

Suas mãos se fecharam em punhos.

— Por que eu?

— Três sobreviventes do desastre de 1899. — Ergui três dedos. — Três que comeram a carne de seus companheiros. Três que foram escolhidos pelo Das Profundezas. Três vidas poupadas, mas aquele Deus não poupa ninguém de graça. Essas vidas precisam ser devolvidas.

Ela tinha ficado pálida. Estava negando com a cabeça. Enfiei a faca mais fundo e torci.

— Algum ancestral seu sobreviveu naquela mina, Raelynn — disse, com as pontas dos dedos dos pés encostadas na beirada do

círculo. — O Deus *permitiu* que ele sobrevivesse. Em troca, exigiu uma vida: a sua.

Parecia que ela tinha visto um fantasma. Sua voz estava abalada.

— Não. Você é um mentiroso. Só está tentando me convencer a…

— Eu não disse nenhuma merda de mentira pra você, Raelynn! Nenhuma! — rosnei tão alto que ela deu um passo cambaleante para trás e se apoiou no balcão da cozinha. Eu sabia que estava absolutamente monstruoso naquela altura. Cada músculo estava contraído, minhas garras estavam estendidas ao máximo, meus dentes tão afiados que eu nem conseguia fechar a boca. — Porra, eu fui mais honesto com você do que com qualquer outro humano que conheci em quatrocentos anos! E fui mais gentil, mais misericordioso, do que fui com *qualquer pessoa* que já ousou me invocar.

Eu queria prendê-la contra aquele balcão. Eu queria arranhar o pescoço dela com minhas garras e enfiar minhas presas ali e fazê-la gritar – mas que inferno, mesmo agora, *mesmo agora,* eu não queria machucá-la. A ideia de lhe causar agonia indesejada me era vil.

Eu odiava essa ideia. Absolutamente odiava.

— Por que você acha que me chamam de Assassino, Rae? — rosnei. — Acha que é porque sou um protetor que mata os inimigos do meu mestre? Que é porque eu sou a porra de um cão de guarda que só morde os invasores? — Parecia que ela queria sair correndo, mas para onde ela iria? Já que ela queria me manter preso aqui, eu não ia facilitar as coisas para ela. — Eu matei absolutamente todos que já me invocaram. Absolutamente cada um deles, e fiz isso feliz da vida. Vocês humanos acham que podem simplesmente *usar* qualquer coisa que quiserem em vantagem própria. Como se eu fosse uma ferramenta que vocês podem manusear e guardar e explorar até eu quebrar. *Vão se foder.* Transformei todos que invocaram meu nome em exemplos para aqueles que ousassem considerar fazer isso mais tarde. Joga no Google. Paris, 1848. Londres em 41. Istanbul um ano antes. Quer ter uma boa visão geral do meu trabalho? Cairo, 1771. Ainda contam lendas sobre esse. Meu *melhor* extermínio, sinceramente.

Ela parecia estar passando mal, como se finalmente tivesse entendido no que tinha se metido. Foi difícil fazer isso de dentro de um círculo de retenção, mas consegui colocar uma coisinha na mente dela: a imagem daquela morte da qual eu tinha tanto orgulho,

dos três invocadores que deixei em pedaços quando se atreveram a me fazer obedecer.

— Para! — Ela segurou a cabeça com as mãos, afastar a minha influência foi mais fácil do que espantar uma mosca. — Entendi, você tá puto! Mas eu… eu não sei o que fazer… eu…

— Apaga o círculo, Rae — disse. — Agora.

Ela negou desesperada com a cabeça.

— Não. Sem chance. Não vou deixar você ir embora. Ainda não. Só… só me dá mais um tempo…

— Raelynn. Já.

Mais negações com a cabeça. Mais punhos cerrados. Pirralha maldita. E então meus olhos pousaram em Cheesecake, aquele gatinho gordinho extremamente curioso.

Mas é claro. Era muito mais fácil influenciar um gato do que um humano.

Dei um cutucãozinho mental nele, e ele veio desfilando. Ele já estava na beirada do círculo quando Raelynn se tocou do que estava acontecendo, e começou a estalar a língua desesperadamente e pedir:

— Ah não, não, não…pss, gatinho, pss, pss, gatinho…

Cheesecake se jogou no chão e começou a rolar de um lado para o outro. Ele esfregou seu pelo fofinho por cima do giz, e eu senti a magia que me prendia se desfazer e vazar como água. O gato continuou rolando, esfregando seu rostinho animadamente no giz e o esfregando com o pelo.

Raelynn cobriu a boca com as mãos, horrorizada. Pobrezinha, estava assistindo aos seus planos virarem ruína – rá! Entrelacei as mãos às minhas costas, sorri, dei um passo por cima do gato para sair da armadilha que ela tinha preparado para mim.

— Ah, Rae. Você não conseguiu resistir à tentação de descobrir o que acontece quando se irrita um demônio, não é?

27

Rae

A última coisa que vi antes da casa mergulhar em escuridão foi o largo sorriso cheio de dentes de Leon e seus olhos dourados queimando com merecida fúria. Eu tinha feito merda. Eu realmente tinha feito merda. Como pude achar que eu conseguiria controlar um demônio? Por que fui pensar que isso daria certo? Um pouco de giz e o Google não me transformaram em uma maga – mas com toda certeza me transformariam em um cadáver.

A casa estava em completa escuridão. Não escuridão como a da noite – escuridão como a de um buraco negro, como se toda a luz tivesse sido sugada. Eu não conseguia ver minhas mãos na frente do rosto, não conseguia ver o assoalho sob meus pés. Mas eu conseguia sentir o frio, me cercando como mãos congeladas tocando minhas costas. Ouvi um *tum, tum, tum* baixinho e um

sininho quando Cheesecake disparou escada acima. Boa ideia a dele.

Fuja.

Tentei encontrar a escada, mas bati o pé em algo duro e xinguei, tropeçando na escuridão. Ouvi uma risada reverberando sinistramente por todos os lados ao meu redor. Ouvi o som de garras arranhando algo em algum lugar acima de mim, se arrastando de um jeito assustador pelo teto, como em um filme de terror.

— Para com isso, Leon! — O medo estava me deixando sem ar. Estendi as mãos, tentando apalpar alguma coisa, *qualquer coisa,* no escuro. — Já entendi, tá bom? Você tá puto! E provavelmente mereço. — Um sopro no meu ouvido me fez virar de uma vez e atacar o nada. Mais risos. Virei de novo, furiosa, com os pelos de cada centímetro do meu corpo arrepiados.

— Leon! Apareça! Para de brincar comigo desse jeito! Se quiser me punir, pune logo, porra! — A isso se seguiu o silêncio. Silêncio completo e absoluto, e tão pesado que precisei prender a respiração porque o som pareceu tão alto. Inspirei fundo e sussurrei: — Leon, por favor… por favor, apareça…

Dois olhos dourados subitamente surgiram do outro lado da sala. Somente os olhos, sem corpo, sem rosto. Olhando para mim, penetrando meu ser. Se olhares pudessem matar, o dele teria me feito pegar fogo.

— Estou em Abelaum desde 1902. — Apesar de seus olhos estarem do outro lado da sala, a voz dele sussurrou diretamente no meu ouvido. — Há mais de cem anos, Raelynn. Cem anos de servidão. Indo e vindo somente quando invocado. Matando quando mandavam. Lutando quando me obrigavam. Sem dormir. Sem segurança. Meses e meses passados no escuro, *confinado.*

Seus olhos desapareceram. Dei a volta, com as mãos esticadas, tentando encontrar a escada, o sofá, uma parede, qualquer coisa para me localizar.

— Leon, me desculpa, tá? Eu entendo, entendo mesmo, não devia ter tentado te prender.

— Eu te fiz uma oferta. — A voz dele estava bem acima de mim agora, e soava mais intensa e menos humana do que nunca. — Uma oferta boa pra caramba. E estou sendo muito generoso, porque a oferta ainda está de pé. Vou te contar um segredo, Raelynn.

Um pouco da luz retornou: cinzenta e fria, só o suficiente para eu ver minha respiração formar uma névoa na frente do meu rosto.

As mãos deles me seguraram por trás, uma na minha cintura e a outra na minha garganta. Elas me prenderam contra seu corpo quando sua língua lambeu minha orelha e ele rosnou:

— Eu quero muito sua alma, Raelynn. Quero tanto que isso me deixa puto. Quero que você seja *minha*, de agora até a eternidade.

Seus dentes mordiscaram minha pele e sua língua deslizou para provocar aquele lugarzinho sensível bem atrás da minha orelha, até eu estar me contorcendo.

— Você merece ser castigada — disse. Consegui concordar com a cabeça, embora sua mão segurasse minha mandíbula.

— Eu sei.

A mão que estava na minha cintura desceu e agarrou meu quadril com tanta força que suas garras perfuraram meu jeans.

— *Porra,* o que foi que eu disse sobre usar calcinha?

Ele me empurrou para frente e eu cambaleei, mas consegui me equilibrar. Imediatamente tirei minha jaqueta, arranquei a camiseta e comecei a descer minha calça justa pelas pernas, pulando de um pé para o outro. Eu só conseguia ver sua silhueta no escuro, me observando com os olhos brilhantes.

— Quer dizer que vai tentar ser uma boa garota agora? De repente ficou tão cooperativa. Acha que aceitar o castigo de bom grado vai fazer eu pegar leve com você?

Ele me pegou de novo enquanto eu estava com o jeans nos tornozelos, e me empurrou contra a parede, colando o corpo no meu. Um misto bizarro de medo e necessidade me fez gemer quando sua coxa pressionou entre minhas pernas. Ouvi-lo falar sobre seu cativeiro tinha sido como ter meu coração perfurado lentamente com agulhas. A culpa estava me corroendo. Eu tinha agido por desespero, mas tentei tirar vantagem dele.

Fosse ou não um demônio, ele não merecia isso. Ele não merecia se sentir preso no lugar em que achou que estava seguro.

Eu merecia qualquer punição que ele escolhesse. Eu precisava fazer essa culpa horrível desaparecer.

— A bonequinha queria brincar de estar no comando. — Uma garra desceu pela minha bochecha enquanto ele balançava a cabeça condescendente. — Conseguiu o que queria?

Neguei freneticamente com a cabeça.

— Nã-não… não funcionou…

— Não, não funcionou mesmo. — O estrondo em sua voz me causou calafrios. Ele se debruçou sobre mim, encostou a testa na

minha, e perguntou gentilmente: — Misericórdia?

Eu sabia o que tinha feito. Sabia o que merecia.

— Não. Sem misericórdia.

Ele deu uma risada sinistra enquanto se afastava, me dando espaço para respirar.

— Resposta certa. — Ele desafivelou o cinto. O metal tilintou e o couro fez um barulho suave quando deslizou para fora da sua calça jeans. Ele o deslizou nas mãos, dobrou no meio e estalou as duas metades. — Sem misericórdia.

Vi com os olhos arregalados ele erguer uma mão e curvar um dedo para mim.

— Vem aqui. Agora.

Obedeci arrastando os pés no chão demoradamente. Estava com medo. Estava com vontade. Precisava disso. Eu sabia exatamente o que ele ia fazer, o que eu ia deixá-lo fazer. Parei na frente dele, nua, exceto pela calcinha que ele tinha me repreendido por estar usando e sutiã. Ele andou ao meu redor, sem pressa, estalando o cinto eventualmente e rindo de mim quando o barulho me sobressaltava.

— Parece que está um pouquinho nervosa, boneca. — Ele parou mais uma vez na minha frente, apoiou o cinto embaixo do meu

queixo, e ergueu meu rosto na direção do dele. — Diga, o que você acha que vai acontecer já, já?

Engoli em seco.

— Você vai… vai bater em mim.

Ele sorriu.

— Vou te dar umas cintadas, Rae, até sua bunda ficar vermelha e você implorar para eu parar. Depois vou te colocar de joelhos e você vai engasgar no meu pau até me provar o quanto está arrependida.

Meu corpo estava pegando fogo. Culpa, humilhação e tesão realmente formavam um coquetel muito intoxicante. Concordei com a cabeça.

— Entendi.

— Mãos nos pés.

Deixei um choramingo escapar quando obedeci. Me senti muito mais vulnerável nessa posição: curvada pela cintura, com as mãos nos tornozelos, praticamente nua. Ele passou o braço pela minha cintura e me prendeu na lateral de seu corpo, então o couro macio se arrastou de leve sobre minha pele.

— Essa é uma lição muito importante, boneca — disse, então parou de me tocar com o cinto. — Não irrite um demônio.

O cinto desceu e estalou na minha pele, causando uma dor que me fez dar um gritinho. Não tentei levantar, nem opus resistência. Uma segunda açoitada chegou, pousando exatamente onde a primeira já tinha deixado minha pele sensível. Meu grito foi mais alto dessa vez, e mordi meu lábio.

— Garota malcriada. Acha que não merece isso?

Outra cintada, outro grito. Ardia como fogo quando atingia minha pele. Resistir ao impulso de tentar escapar era quase impossível. Inspirei fundo e disse:

— E-eu sei… sei que… que mereço.

O cinto desceu mais uma vez, e de novo, queimando cada vez mais, até que berrei e ele fez uma pausa. Minhas pernas estavam tremendo, minha respiração estava trêmula, e meus olhos estavam marejando com as lágrimas que eu sabia que não conseguiria segurar por muito mais tempo.

— Como estamos aí, boneca? — disse em tom de conversa, e até o suave toque repentino do cinto roçando minha pele fez eu me encolher. — Acho que você ainda não aprendeu a sua lição, mas, meu Deus, está soando tão *deplorável*. Está arrependida?

— Sim — choraminguei. Sabia que ele ainda não tinha acabado. — Me desculpa.

Assim como eu tinha suspeitado, o cinto me atingiu de novo. Soltei um grito agudo, os dedos dos meus pés descalços se curvaram, e me vi agarrando a perna de sua calça jeans só para ter onde segurar. Aquelas lágrimas que estive contendo escaparam, mas não eram de tristeza – eram catárticas.

Era bom chorar. Era bom aguentar a dor. Amenizou a culpa que eu sentia e alimentou o fogo escaldante do meu desejo. Ele me acariciou lentamente com o cinto mais uma vez, pinicando minha pele ardente.

— Se estivéssemos no Inferno, eu faria isso em público — disse. — Os demônios amam assistir a um bom açoitamento. Tem algo de especial nesse tipo distinto de *sofrimento*. — O cinto estalou, e eu teria caído de joelhos se ele não estivesse me segurando. — É muito bonito de se ver.

— Sinto muito! — gritei. — Leon, eu… eu sinto muito.

— Sente *mesmo?* Ou é só uma mortalzinha patética com tesão, querendo gozar?

Ofeguei quando ele esfregou dois dedos por cima da minha calcinha. Mas sentir o molhado por cima do tecido não foi suficiente, então ele o empurrou de lado e enfiou os dedos em mim. Eu estava

tão excitada que ele entrou com facilidade, estalando a língua em reprovação enquanto metia e tirava os dedos de mim sem cuidado.

— Então quer dizer que o cinto te deixa molhadinha. Pobre coisinha pervertida.

Ele continuou me penetrando com os dedos, só parava para me açoitar e voltava a enfiar os dedos em mim de novo. Meus gritos tinham se transformado em gemidos. Meus olhos rolavam para trás cada vez que seus dedos entravam. A dor era tão gostosa. Minha bunda ia continuar ardendo durante dias, mais uma marca que ele tinha me dado.

Outro sinal de que não importava o quanto eu resistisse em lhe dar minha alma, eu pertencia a ele.

Fiquei ofegante depois de três açoitadas rápidas. Enquanto eu tentava recuperar o fôlego, Leon perguntou de novo:

— Está arrependida, boneca?

— Sim. — Um soluço fez minha voz falhar, mas ela estava carregada de desejo. — Me desculpa, Leon, eu sinto muito, sinto mesmo, prometo, eu sinto tanto.

Ouvi o barulho dele jogando o cinto no chão. Ele me ergueu, e fiquei zonza por um instante, enquanto me acostumava a ficar de cabeça para cima de novo. Ele me segurou assim, com uma mão no

meu cabelo e outra na minha mandíbula. Não havia raiva em seu rosto. Somente desejo e alguma emoção desesperada, quase angustiada, que eu não conseguia nomear.

— Prove — disse baixinho, e eu concordei com a cabeça enquanto ficava de joelhos.

Precisei abrir bem a boca para o pau dele, e ele ainda nem tinha colocado tudo quando alcançou minha garganta e me fez engasgar. Ele não me segurou, me deixou fazer isso sozinha, me deixou segurar no seu quadril e olhar em seu rosto enquanto eu deslizava a língua sobre seu comprimento. Ver o rosto dele contorcer de prazer e seus lábios abrirem um pouco enquanto eu deslizava a boca sobre ele, foi quase tão prazeroso quanto sentir seus dedos dentro de mim.

— Boa garota. Aguentando tão bem por mim.

Senti meu interior contrair e não resisti me tocar enquanto continuava chupando. Estava com uma mão no meu clitóris e a outra masturbando o pau dele enquanto eu o forçava na minha garganta. Ele soltou um suspiro forte e pulsou na minha boca, pingando fluido salgado na minha língua.

— Assim mesmo, porra. Vai engolir até a última gota pra mim?

Concordei enfaticamente com a cabeça, admirando seu rosto de prazer ao segurar minha cabeça por trás e meter dentro de mim. A grossura dele me fez engasgar, mas eu podia aguentar. Ele gemeu, um gemido grave e gutural, e esse som foi o que eu precisava. Tremi de joelhos, me esfregando com os dedos até chegar ao orgasmo, mantendo a boca relaxada para agradá-lo.

O pau dele pulsou na minha língua e ejaculou na minha garganta. Ele tinha um gosto quente e salgado, agridoce. Engoli tudo, chupei até a última gota antes de tirá-lo da minha boca e sorrir para ele, aturdida e fraca de prazer.

— Muito bom, minha bonequinha.

Eu não conseguia me levantar, então ele se agachou e me envolveu em seus braços, onde relaxei.

Ficamos envoltos em tranquilidade, marcada pelo fogo da minha pele. Olhei no rosto dele. Minha respiração estava desacelerando e parou completamente quando ele se inclinou e beijou meus lábios.

Eu não tinha esperado sentir tanto carinho daquela boca perversa.

28

Rae

A luz do fim de tarde era fraca embaixo das árvores, quase obscura. O cheiro dos pinheiros, o chacoalho das folhas dos álamos ao vento e o cheiro do solo fértil molhado me transportavam diretamente à infância. Correndo por essas matas. Enfiando a mão na terra. Assistindo aos esquilos escalarem as árvores.

— Senti falta de sair à noite — eu disse baixinho. Leon estava por perto, apoiado em um tronco atrás de mim. Ele tinha andado comigo entre as árvores com um braço sobre meus ombros, e estava em silêncio agora que eu tinha tirado toda a raiva de seu organismo. Uma parte do terreno ficava atrás do chalé, onde um imenso pinheiro tinha caído anos antes de eu nascer, e sua carcaça ainda estava lá, coberta por musgo e líquens. Eu estava empoleirada sobre ela, batendo minhas botas na madeira enquanto balançava as

pernas. Ouvi um isqueiro acender, e o cheiro amargo de maconha flutuou pelo ar.

Será que todos os demônios fumavam tanta maconha assim? Não que Leon *parecesse* estar chapado. Na verdade, o humor dele variava de “calma perigosamente silenciosa” a “fúria prestes a causar o apocalipse”.

— Então você *tem* me dado ouvidos — disse. — É seguro você sair depois do escurecer, contanto que eu esteja aqui. Os antigos não vão chegar perto quando eu estiver com você, a não ser que fiquem particularmente corajosos. Já aprenderam que sou perigoso.

Encarei as árvores enquanto balançava minhas pernas, como se meus olhos pudessem atravessar a escuridão. Como os humanos sequer sobreviveram antes da eletricidade, antes do fogo? Como conseguimos sair da escuridão um dia?

Provavelmente, foi tendo muito mais instintos de sobrevivência do que eu. Passei anos correndo no escuro sem pensar, gritando com ele, esperando alguém me responder.

— Eu andava à noite o tempo todo na Califórnia — disse. — A gente morava tão perto da praia que eu podia andar alguns quarteirões pra ouvir as ondas. Ficava sentada por horas no píer quando a lua estava cheia e a névoa subia.

Voltei a olhar para ele. A ponta vermelha do baseado em sua boca chamejou na escuridão, jogando seu rosto em um brilho laranja.

— Onde sua família está agora? — perguntou. — Se mudou pra cá sozinha.

— Na Espanha. Meu pai finalmente se aposentou e minha família por parte de mãe mora lá. Agora eles têm uma casa numa cidade litorânea linda. — Ri um pouco amargamente. — Eu poderia ter ido junto. Eles queriam que eu fosse. Mas eu queria ser “independente”. — Fiz as aspas no ar na última palavra. — Minha vida estaria sendo tão diferente se tivesse ido.

Algo que deve ter sido uma carranca passou pelo seu rosto, então desapareceu tão rápido quanto surgiu.

— Então é a família do seu pai que é daqui?

— Eu nasci aqui. Morei aqui até os sete anos, depois mudamos pra Califórnia. Meus avós saíram daqui mais ou menos na mesma época. A vovó mora em Colville, agora que vovô faleceu.

— Você deveria visitá-la. Tenho certeza de que sente saudade sua.

— Está tentando me fazer sair da cidade.

— Com certeza.

Meus dedos puxavam continuadamente um pedacinho teimoso de musgo no tronco atrás de mim. A temperatura tinha despencado à medida que o sol se pôs, e o frio me fez tremer.

Leon gesticulou com um dedo para mim.

— Vem cá.

Pulei de cima da árvore e fui até ele, ele me puxou contra seu corpo e me ofereceu o baseado. Seu calor me aqueceu quase imediatamente, e ele segurou o baseado nos meus lábios enquanto eu dava um trago.

— Você gostava daqui? Quando era criança?

— Quando era criança, eu achava que Abelaum era mágica — disse. — Me convenci de que as fadas moravam na floresta. Bem ali. — Apontei para o tronco caído, repleto de rachaduras e fendas, e pequenas aberturas na parte de baixo, onde o musgo tinha formado uma cortina. — Eu tinha o costume de vir aqui com farelos de biscoitos e garrafinhas cheias de mel, e deixava para as fadas.

— Tenho certeza de que gostaram.

Olhei para ele com os olhos arregalados.

— Fadas existem?

— Existem. Mas não são muito bacanas. E é muito improvável que veja uma um dia a não ser que a deixe muito irritada. — Ele

ficou rígido. — Não se atreva a tentar irritar uma por causa da porra de um vídeo. — Eu ri, e ele fechou mais o braço sobre meus ombros, o passando por baixo do meu queixo e apertando minha garganta. — Estou falando sério, Rae. *Não* provoque os feéricos.

— Não vou — disse com dificuldade de respirar, mas ainda sorrindo, por que, como eu poderia resistir a sorrir com seus músculos pressionando minha garganta? Ele relaxou e se apoiou um pouco mais confortavelmente contra a árvore. Passamos alguns minutos em silêncio, fumando juntos, e a erva me fez relaxar junto com ele.

Após vários minutos, perguntei:

— Mas e aí… quantos anos você tem?

— Não sei bem. — Ele jogou a bituca do baseado e o esmagou sob a sola do sapato. — Não tenho memórias de antes do século 18. Minha espécie não liga muito pra idade.

— Então você é imortal?

Ele encolheu os ombros.

— Não vou morrer de idade avançada ou de doenças. Eu poderia ficar entediado e desvanecer como alguns fazem. Ou eu poderia ser desmembrado, isso me mataria. Se esmagassem meu crânio, eu provavelmente não conseguiria me recuperar. Sou imortal se sou

cuidadoso, e se eu quiser ser. — Ele deu um sorrisinho torto. — Não sou muito cuidadoso. Viver para sempre não é tão importante assim.

— Então o que é importante?

— Liberdade — disse com leveza. Os grilos tinham começado a chilrear, e algumas gotas esparsas de chuva atravessaram as árvores e pingaram no meu rosto. A escuridão estava se aproximando mais agora, como um cobertor frio caindo sobre nós. De dentro do chalé, a escuridão parecia mais sinistra, porque preenchia as janelas e mal era afastada pela luz do alpendre. Mas estar parada sob ela, com calma e tranquilidade, não era nem um pouco sinistro.

Havia paz na escuridão.

— Leon — disse, depois que passamos outros muito minutos em silêncio. — Você disse que o Deus exige uma vida em troca da do meu ancestral. O que… o que isso… — Eu não sabia como concluir a pergunta. Eu sabia o que precisava perguntar, mas não *queria* perguntar.

Ele entendeu.

— Três sobreviventes, três sacrifícios. O Das Profundezas prometeu poder aos que cumprissem suas exigências. Ele está dormindo há muito tempo, está fraco. Mas vai ser libertado com três

almas, e o mundo dos humanos ficará mais uma vez sob o jugo de um Deus antigo.

Isso soava tão *impossível* quanto ficção fantástica. Mas eu tinha ouvido aquela voz me chamar nos meus sonhos. Tinha visto coisas, sentido coisas.

— Os Hadleigh já me mandaram atrás de você — ele disse, e um nó se formou no meu estômago. — Foi a última ordem que Kent me deu: te levar viva para ele. Fazer seu desaparecimento parecer um acidente. Não deixar nenhuma evidência de que você tinha sido levada para ser assassinada. Sua família não teria corpo para velar.

Ele disse isso com tanta calma, mas havia algo parecido com fúria em sua voz. Não precisava de muito esforço para imaginar o quão apavorante seria ser caçada por Leon, caçada *de verdade*.

Eu jamais teria escapado.

— Por que não obedeceu?

— Kent já tinha perdido o grimório. Eu não precisava fazer bosta nenhuma que ele pedisse mais.

— Mas se ele ainda tivesse o livro… você teria vindo atrás de mim?

Ele ficou um pouco tenso, e continuou em silêncio. Depois, disse com a voz rouca:

— Kent já falhou ao tentar sacrificar uma garota antes. Juniper Kynes. Ele mandou Jeremiah e Victoria levarem ela pra floresta. Eles drogaram ela. E, quando ela fugiu, ele me mandou ir atrás. — Ele bateu os dentes, várias vezes: um estalo lento e irritado. — Eu a perdi na mata. Eu sofreria as consequências se falhasse em cumprir as ordens de Kent, então fiz tudo que pude para encontrá-la. Mas ela escapou.

Eu nem conseguia imaginar alguém conseguindo escapar dele. Parecia impossível.

— Ela escapou? Sobreviveu?

— Ouvi dizer que sim — disse. — Fico chocado por ela ter conseguido se livrar dos Antigos por todos esses anos. Kent teve que aceitar a perda, então foram atrás do irmão dela. Com esse ele teve sucesso. Marcus está dormindo com o Deus agora.

Saí debaixo do braço dele e o encarei horrorizada.

— Marcus? O garoto que foi esfaqueado no campus?

Ele concordou com a cabeça.

— O primeiro sacrifício. Ainda faltam dois.

— Foi você quem o matou? — sussurrei, o nó no meu estômago estava ficando cada vez mais apertado.

— Não — respondeu com a voz firme, e seus olhos brilharam no escuro enquanto enfiava as mãos nos bolsos. — Kent nunca permitiria que um demônio efetuasse o sacrifício. Precisa ser um membro do seu pequeno culto, seus *Libiri*, empunhando a faca. Precisam se provar para o Deus deles. Seria um desperdício da benevolência do Deus se eu fizesse essa parte.

Respirei trêmula, mas aliviada. Ele já tinha admitido ter matado pessoas – muitas pessoas, provavelmente dúzias – mas, por algum motivo, ainda importava para mim se ele tinha ou não matado um inocente como Marcus.

Ele estava me olhando atentamente. Me observando. Me consumindo com as chamas dos seus olhos.

— Será que isso me torna menos monstruoso? — disse com voz baixa no escuro. — Será que, de alguma forma, sou digno de redenção porque não empunhei a faca? Porque só exumei o cadáver dele? Porque só fiz o trabalho braçal posterior? — Ele não estava realmente esperando uma resposta e continuou em frente. — Por acaso, as atrocidades que cometi são perdoáveis na sua cabeça porque tive que escolher entre obedecer ou ser torturado? Você teria me perdoado por te levar, se soubesse que eu estava evitando sofrer?

Inspirei fundo. A voz dele estava tensa, como se ele ainda estivesse sofrendo, como se qualquer que fosse a tortura que Kent infligiu nele para forçá-lo a obedecer, ainda estivesse acontecendo.

— Você não teria me levado.

Ele bufou.

— O que diabos te dá tanta certeza disso?

— Não teria — sussurrei. Não sei por que eu tinha tanta certeza disso. Talvez fossem meus instintos de sobrevivência deficientes novamente, me fazendo achar que eu era especial demais para morrer.

Ou talvez fosse porque eu me lembrava vividamente dele me dando carona em sua caminhonete enquanto eu ia a pé para casa no escuro. Talvez fosse porque eu ainda podia ouvir a fúria na voz dele me dizendo “não sei por que diabos você acha que é uma boa ideia andar por aí no escuro, mas precisa parar com essa merda”.

— Por que me protegeu, Leon?

Minha pergunta o deixou perplexo. Ele balançou a cabeça, mas insisti:

— Por que está me protegendo? Por quê? O que me faz diferente daquela última garota?

Ele estava com uma verdadeira carranca no rosto agora, suas mãos estavam agitadas dentro da jaqueta, como se estivesse fechando e abrindo os punhos. Sua mandíbula também estava contraída. Mas o deixei refletir sobre a última pergunta. Eu queria uma resposta. Tinha uma porrada de coisas acontecendo que eu não entendia, mas ele? Nós? O que quer que isso entre nós significasse, eu queria saber.

— Eu decidi que te queria — ele disse simplesmente, mas as palavras mal tinham conseguido passar entre seus dentes. — Eu te vi, e… e me senti… — Fez uma careta, como se a palavra tivesse lhe causado uma pontada. *Senti.* O que será que demônios sentiam? — Não raiva. Nem ódio ou fúria. Você… — Ele desviou o rosto e voltou a olhar para as árvores. — Você é uma luz, e eu passei tempo demais na escuridão.

Senti suas palavras como punhos socando meu coração. De certa forma, doeu ouvir algo tão genuíno vindo dele. E me assustou sentir o puxão dessas palavras, sentir esses punhos agarrarem meu coração e *puxarem*.

Ele olhou novamente para mim, e me esqueci de como respirar.

— Eu quero você. Irrevogavelmente. Mas não posso aceitar menos do que você *toda.* Corpo e alma, Raelynn. Quando nós

demônios vemos algo de que gostamos, precisamos que seja nosso. É da nossa natureza.

Ele deu um passo na minha direção, e eu dei um passo para trás. Ele me deu um sorriso zombeteiro, com seus dentes afiados ainda mais brancos no escuro.

— Isso te dá medo? Ser desejada? Saber que eu te quero independentemente de tempo ou distância? Saber que eu quero que você seja minha, que seja completamente possuída sem questionar?

Como eu poderia sentir medo daquilo que eu mais queria? Eu nem conseguia imaginar ser tão absolutamente desejada que a eternidade seria uma exigência, não um problema. Não era só uma promessa de proteção, de me manter em segurança. Era uma promessa de dominância. Desejo. Submissão. A garantia do para sempre.

— Não posso aceitar menos. — Ele andou ao meu redor, lentamente, esmagando as folhas e gravetos com os sapatos. Sua voz se agravou até um rosnado quando disse: — É o suficiente para me deixar louco, Rae, te querer com *tanta* intensidade. Mas já estou há tempo demais na Terra. — Ele riu sem achar graça de nada, e eu senti aquela conhecida carícia invadindo minha cabeça, sua

influência sutil que fez minha espinha arrepiar, como dedos roçando minha pele. — Quero ter você, mas só posso se você aceitar. É a maldição dessa história toda. Não posso…

Ele interrompeu o que estava dizendo, lutou com as palavras por um momento, e então:

— Não posso continuar aqui e ver você morrer.

Pisquei várias vezes rapidamente, como se ele tivesse me dado um tapa.

— Eu não… não vou morrer.

— Ah, mas vai sim. Vai morrer, como todos os humanos morrem. Essa luz vai se apagar e a morte vai te *tirar* de mim. — Estava tão escuro que eu já não conseguia ver seu rosto. Somente os olhos, sobrenaturalmente brilhantes. — Mas se eu tiver sua alma, a morte não vai poder tocar em você. O Deus não vai poder tocar em você. Nada, *nada* vai tirar você de mim.

Senti meu peito apertado. O peso do que ele dizia era sufocante, e talvez fosse culpa da falta de oxigênio eu estar sentindo meu rosto esquentar tanto.

— Você tinha o costume de vir aqui alimentar suas fadas — disse. — Acreditava em algo que não podia ver, não podia tocar. Já fiz isso também. *Boulevard du Temple*, em Paris. 1755. Conheci um

jovem homem com um violino e muita paixão. Eu acreditava, com absoluta certeza, que ele seria meu. E eu era jovem. Tinha tanta imaginação. — Ele negou com a cabeça. — Os humanos envelhecem tão rápido. A vida de vocês dura um piscar de olhos para quem tem toda a eternidade pela frente. Mesmo assim, continuei levando mel para algo com que eu não podia ficar, não podia ter. Ele morreu. — Leon concordou com a cabeça, como que para reafirmar a si mesmo que era verdade. — A paixão dele se foi. Tão *facilmente.* E aí meu nome foi chamado por estranhos, no Cairo. Até eu conseguir me liberar e voltar para a França… — Abanou a mão. — Nunca encontrei o túmulo dele. Procurei. Assombrei cemitérios por tanto tempo que começaram a contar histórias sobre mim. Foi lá que Zane que me encontrou. — Balançou a cabeça. — Ele me arrastou de volta pro Inferno. Disse que eu estava louco. Louco por causa de um humano cuja alma nunca poderia ser minha.

— Leon… — Eu não sabia o que dizer. Já fazia séculos, mas a voz dele ainda estava carregada de dor. Tantos anos sendo assombrado pela morte de um único humano.

Que irônico que um assassino fosse assombrado pela morte.

— Já passei tempo demais vagando em cemitérios — disse ele. — Se me desse sua alma, nem deuses nem homens poderiam tirar você de mim. E isso te assusta.

— Claro que assusta. — Fiquei surpresa ao ouvir minha própria voz falhar. Era assustador porque não parecia verdade. Parecia impossível.

Términos eram fáceis, fáceis demais. Porque eles precisavam de espaço, porque simplesmente não estava dando certo, porque eu estava de mudança, porque eu era intensa demais. Mas compromisso? Pertencer a alguém? Ser real e verdadeiramente desejada? Isso era difícil.

Os humanos não eram bons no “para sempre”. Não éramos feitos para isso.

— Raelynn. Venha cá.

Fui sem hesitação e parei na frente dele me sentindo tão pequena, em algum lugar entre assustada e esperançosa, como se existisse alguma coisa que ele pudesse dizer que faria tudo isso fazer sentido.

Seus dedos acariciaram meu rosto, e eu me aconcheguei em sua palma. Por um momento, o mundo todo estava no toque de sua

mão. Em seu calor. No cheiro de fumo e cítricos dele. Por um momento, considerei a eternidade.

— Estou indo embora.

Abri os olhos.

— Quê?

— Preciso encontrar o grimório. E aí meu tempo na Terra vai se acabar. Já estou aqui há tempo demais.

Senti que tinha tomado um balde de água fria. Eu não queria ouvi-lo dizendo essas coisas, mas não podia evitar. Eu não podia dizer as palavras que o fariam ficar. Eu não podia dizer nada. Só podia deixar que a decisão que eu não conseguia tomar se fechasse ao redor dos meus pulmões e apertasse até doer.

Talvez ele tenha pensado que eu diria algo. Mas o silêncio se estendeu entre nós e ele tirou a mão do meu rosto. Estava frio. Tão frio. Ele inclinou o rosto para baixo, e o espaço entre nossas bocas ficou tão curto, mas ao mesmo tempo parecia um abismo.

— Entre — disse ternamente. Uma dispensa tão simples. Ele tinha pegado toda aquela paixão, todo aquele desespero, dobrado e guardado direitinho, como se nunca tivessem estado lá. Meu estômago revirou, o nó apertou mais e mais. Meus pulmões foram esmagados, ficaram cada vez menores.

— Não quero que você vá — eu disse. Ele franziu o cenho.

— Então me faça ficar. Do jeito certo. Sem truques mesquinhos de magia.

Entregue sua alma.

Aterrorizante, tentador. Era tudo que eu queria e morria de medo de conseguir. Um peso tão grande que esmagou as palavras dentro de mim.

Leon deu um sorriso torto.

— Entra, boneca. Por esta noite, ficarei de guarda. Pela manhã, vou embora.

— Não é justo. — Minha voz soou petulante. Desesperada.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não é. Ainda não encontrei justiça em nenhum lugar da Terra.

Eu tinha que me afastar. Tinha. Então me virei e retornei entre as árvores, me recusando a olhar para trás. Por que olhar para ver se ele estava vindo atrás ou se já tinha desaparecido? Por que fingir que ele era só um cara mortal a quem eu podia convencer a ficar *só um pouquinho mais*, até as coisas ficarem sérias demais e tudo ficar sufocante e eu não valer mais o esforço?

Por que fingir que ele não tinha oferecido exatamente o que eu queria, e eu tinha dito não?

29

Rae

À medida que o Halloween se aproximava, os dias rapidamente ficaram mais frios. Um dia começou a chover, e não parou mais. O aguaceiro durou horas e, mesmo depois que diminuiu, gotas grossas ainda batiam nas janelas e criaram um pequeno sistema fluvial que se espalhava pelo campus. Inaya e eu almoçávamos juntas dentro do prédio, grudadas uma na outra nos bancos de madeira do grande refeitório, rindo e bebericando café quente para aquecer nossas mãos.

Victoria e Jeremiah frequentemente se juntavam a nós.

Consegui fazer amizades nas minhas aulas, e Inaya tinha me apresentado a mais dos seus amigos, então tentei criar o costume de convidar outras pessoas, mas os Hadleigh apareciam até nos dias em que eu menos queria sua presença. Quase parecia que

eles sabiam que eu estava tentando manter distância deles, então forçavam mais proximidade do que nunca.

Sua presença me deixava ansiosa, os avisos de Leon reverberavam em minha cabeça. Às vezes, saber que eles estavam no refeitório já era demais para mim, então eu encontrava um lugar para comer do lado de fora para poder evitá-los. Eu queria contar a Inaya sobre eles, mas não sabia o que podia lhe dizer. As coisas que me preocupavam soariam ridículas para qualquer pessoa que não tivesse visto as mesmas coisas que eu.

Soariam ridículas para qualquer um que não tivesse aprendido a confiar na palavra de um demônio.

Havia um pátio atrás da biblioteca onde eu almoçava às vezes, sentada em um banco dentro de uma pequena alcova na lateral do prédio. Estava frio, e meus dedos estavam adormecidos enquanto eu comia meu sanduíche, mas estava determinada a aguentar. Victoria tinha me mandado mensagens a manhã toda. A quantidade de eventos para os quais ela tinha me convidado na última semana era absurda. Cada vez que eu recusava um, ela inventava um novo.

Poderia ter parecido muito inocente e amigável, mas eu acreditava nos avisos de Leon. Eu não estava segura perto dos Hadleigh.

— Aí está você.

Quase derrubei o sanduíche. Jeremiah estava parado ali, com o capuz erguido, sorrindo. Seu casaco estava pingando água da chuva, e eu deslizei para longe rapidamente no banco quando ele se sentou ao meu lado. Eu sabia que sua última aula do dia seria do outro lado do campus. Não havia motivos para ele estar aqui – a não ser que estivesse procurando por mim.

— Não está com frio? — Olhou para minhas mãos trêmulas e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, envolveu minhas mãos com as dele. Fiquei tensa e instintivamente quis me afastar. As pontas de seus dedos estavam geladas, e ele soprou para aquecer minhas mãos.

Tentei não ter calafrios.

— Fica muito abafado lá dentro — respondi. — Às vezes é bom ficar sozinha com meus pensamentos.

Ele fez uma pausa e fechou seus olhos nos meus.

— Sozinha com seus pensamentos…é. Entendo. — Ele sorriu, mas seus olhos não acompanharam. — Victoria estava preocupada porque você não respondeu as mensagens dela. Aí pensei em te procurar.

Senti meu celular vibrar. Eu nem tinha me dado ao trabalho de olhar.

— Ah. Bom. Aqui estou eu. Perfeitamente bem. Minha bateria acabou mais cedo, então… — Dei de ombros. Por favor, vá embora. Vá embora, vá embora.

Ele riu e balançou a cabeça. Ainda não tinha soltado minhas mãos.

— Tenho um carregador extra. Pode pegar emprestado quando voltarmos pra dentro.

— Bem, tenho que ir pra minha aula daqui alguns minutos, então…

— Tem? Que ir pra aula? Já? — Ele olhou para seu relógio. — Você ainda tem meia hora, não tem?

Arranquei minhas mãos das dele. Não tinha mais ninguém aqui. Ninguém vinha nesse pátio, principalmente quando estava chovendo.

— Quero chegar antes para falar com o professor.

Ele concordou lentamente com a cabeça.

— Certo, certo. Ok. Você é engraçada, Rae. — Eu não estava achando graça nenhuma. Para ser sincera, parecia que ele não estava também. — Você tem falado com a Everly?

— Com a Everly? Não, eu… achei que ela estivesse desaparecida. Não tenho visto ela.

Jeremiah sorriu abertamente.

— Ah, ela não está desaparecida. Não tem necessidade de usar uma palavra dessas. Isso pode deixar as pessoas assustadas. Ela só saiu de casa. Às vezes ela tem umas ideias loucas na cabeça e acaba se machucando.

Comecei a recolher minhas coisas.

— Eu tenho que ir mesmo. — Ele segurou meu braço com força.

Encarei a mão dele, então voltei a olhar para seu rosto, e disse:

— Se você não me soltar, vou começar a gritar nessa porra.

Ele esperou um segundo antes de me soltar.

— Desculpe. Desculpe, Rae. É só que… fiquei preocupado que talvez Everly tivesse espalhado algum rumor e que você tivesse ouvido.

Estreitei os olhos.

— Que tipo de rumor?

— Ela inventa umas coisas muito *perturbadoras*, Rae — disse, se inclinando para perto. O hálito dele estava esquisito, parecia peixe. — Ela teve essa ideia louca de que eu e Victoria estávamos

tentando matar ela. — Riu. — Louca, né? Quem inventaria uma coisa dessas sobre a própria família?

Concordei com a cabeça. Qualquer coisa para ele me deixar ir embora.

— Aham, louca.

— Eu só queria ter certeza de que você não tinha acreditado em algo do tipo — ele disse ternamente. — Não somos daquele jeito. Só queremos que você se sinta bem-vinda. — Debruçado sobre o banco, sua mão tinha se aproximado. Os nós de seus dedos estavam tocando minha coxa. — Só quero que você se sinta em casa.

Me levantei abruptamente, abraçando a mochila no peito, deixando o sanduíche abandonado no banco.

— Bom, eu não falei com ela, e vou te avisar se a vir por aí.

Ele se recostou no banco. Não estava sorrindo. Estava só me encarando, passando seus olhos por mim lentamente.

— Tudo bem. Te vejo na festa de Halloween, certo?

Me esforcei para sorrir.

— Sim, claro. Não perderia por nada.

— Boa garota. — Um calafrio me percorreu da cabeça aos pés. Não queria ouvir isso saindo da boca dele nunca mais. — Te vejo lá,

então. Não quero que você se atrase pra essa conversinha com seu professor.

O chalé estava muito silencioso, especialmente com a chuva caindo por dias a fio. Silencioso e solitário. Eu gostava de ficar sozinha, e Cheesecake era uma companhia carinhosa, mas havia um vazio que ele não conseguia preencher. Tentei me ocupar com os trabalhos da faculdade. Tentei ignorar a ansiedade cada vez maior por causa da festa de Halloween.

Tentei não pensar em Leon. Tentei não me lembrar de como era delicioso sentir seus braços em volta de mim.

Mas, quando eu não estava tendo pesadelos do meu nome sendo chamado em longos túneis escuros, estava sonhando com ele. Sonhando com sua voz, com seus lábios nos meus, suas mãos fortes me segurando. Sonhei com o que ele tinha dito, várias e várias vezes.

Me faça ficar. É o suficiente para me deixar louco, Rae, te querer com tanta intensidade.

Talvez fosse resultado da chuva, mas a mata ao redor da minha casa estava ficando mais silenciosa. Não havia grilos. Nenhum pássaro cantando. Nenhum cervo no meu quintal nas primeiras

horas da manhã. Somente o batuque interminável da chuva e as árvores grunhindo ao vento.

Eu provavelmente só estava sendo paranoica, mas quando andava para o carro para ir para as aulas, meu pescoço ficava arrepiado, como se algo estivesse me observando. Mas não importava quantas vezes eu esquadrinhava as árvores, não tinha nada lá.

Nada que eu pudesse ver.

As cabeças decepadas que Leon tinha trazido estavam começando a se desintegrar, se desfazendo e apodrecendo, caindo das estacas e se misturando ao solo. Por quanto tempo eu ficaria segura sem elas? Por quanto tempo os Antigos ficariam afastados? Comprei mais canela e alecrim, e encontrei uma loja na cidade que vendia pacotes de sálvia. Liguei para minha avó, e claro que ela ficou em júbilo para me receber no feriado de outono. Mas faltava quase um mês para isso.

Eu passava horas depois do pôr do sol olhando o quintal pela janela, observando. Aguardando com a câmera em mãos. Revi a gravação de Leon dormindo, sendo consolada pela imagem do seu rosto. Eu tinha registrado isso na esperança de enviar para alguém que pudesse me ajudar, mas agora eu me sentia estranhamente

protetiva com relação a essas imagens. O mais perto que cheguei de tentar falar com alguém foi um e-mail que comecei a escrever para um clérigo da cidade, mas tudo que consegui foi escrever um *“Caro Padre Patterson”* antes de deletar. Um padre não saberia lutar contra monstros.

Eu não estava nem perto de estar dormindo o suficiente. Meus pesadelos estavam piorando. A chuva não parava de cair, mas eu ainda estava esperando pela tempestade.

Algo estava vindo. Algo estava de olho.

No fim de semana antes do Halloween, aproveitei a chance de passar um sábado no apartamento de Inaya, só nós duas. Enfiei uma garrafa de vinho na bolsa, me empacotei no meu agasalho mais aconchegante e estava tentando trancar a porta correndo, com a chuva caindo ao meu redor, quando algo no balaústre da varanda chamou minha atenção.

Pendurado por um barbante preso na madeira, estava um X formado por gravetos e ossinhos finos brancos amarrados. Alguma coisa redonda e grumosa estava presa no meio do X com um alfinete.

Cutuquei o negócio com o dedo e meu estômago revirou de repugnância.

Era um *olho*. O olho de um peixe, pregado no meio dos gravetos e ossos.

A coisa se afastou da minha mão e balançou para frente e para trás no barbante enquanto meu corpo se enchia de pavor. Olhei ansiosa pelo quintal. Quem tinha deixado esse negócio aqui? Não estava aqui no dia anterior, o que significava que alguém tinha vindo aqui durante a noite, entrado no meu quintal e amarrado a coisa repulsiva do lado de fora da minha porta. Enjoada, entrei correndo em casa, peguei uma tesoura e soltei a coisa do alpendre. Fui até o limite das árvores e, com toda a força que consegui, a atirei na floresta.

Parada ali, tremendo, ouvi um galho estalar.

Fiquei paralisada, olhando para o caleidoscópio de folhas e galhos. O som da chuva, que estava pingando pelo meu capuz e se acumulando na lama aos meus pés, parecia estática no meu ouvido. Algo tinha se mexido. Em algum lugar por aqui, nas sombras, tinha alguma coisa me vigiando.

Com medo de deixá-lo sozinho, coloquei a guia no Cheesecake e o levei comigo para o carro. Ele já tinha andado o suficiente de carro para estar tranquilo, e olhou curioso pela janela enquanto eu dirigia até o apartamento de Inaya. Eu queria continuar dirigindo mais e

mais até sair dessa cidade, desse Estado. Eu iria dirigir até parar na Califórnia ou, droga, faria as malas e iria encontrar meus pais na Espanha.

Eu não entendi o que era aquilo, mas encontrar um olho de peixe pendurado na minha varanda não podia ser nada bom.

— E aí, garota. Eita. Ai, meu Deus, você está bem? — Inaya fez uma careta no instante em que olhou para mim.

— Sim, estou bem, só um pouco… é… — Engoli fundo e bati os pés para tirar o excesso de chuva das botas, tremendo. — Trouxe o Cheesecake, desculpa, é que, é…

Eu estava assustada. Eu estava assustada pra caramba.

— Eita, nossa, é, você devia sentar. — Deixei Cheesecake pular para o chão, Inaya me levou até o sofá e me fez sentar. Só o que consegui fazer por alguns minutos foi inspirar fundo para acalmar o pânico, enquanto ela esfregava minhas costas. Cheesecake, louco por atenção, subiu ao lado dela e começou a dar cabeçadinhas em seu corpo, na esperança de ganhar uma coçadinha no queixo.

Quando ergui o rosto e vi Inaya esfregando minhas costas com uma mão e fazendo carinho no meu gato com a outra, quase chorei.

— Desculpa. Sinto muito ter vindo aqui nesse estado.

— Rae, fala sério, para de pedir desculpa — disse Inaya gentilmente. — Você sabe que pode vir aqui até com um corpo no porta-malas que eu vou buscar uma pá. — Ela me deu um sorrisinho e um olhar de soslaio. — Mas espero que o problema não seja esse.

Eu ri e soltei um ronco meio nojento enquanto limpava as lágrimas do rosto.

— Não tenho nenhum corpo no porta-malas desta vez, amor. Só uns esquisitos deixando umas merdas da Bruxa de Blair no meu quintal.

Contei a ela sobre o penduricalho, sobre a sensação de estar sendo observada, até sobre minha ida a São Tadeu e meu receio de que isso possa ter atraído atenção para mim – embora não tenha mencionado especificamente atenção de *quê.* Ela ouviu em silêncio, com Cheesecake dormindo feliz sobre sua calça de moletom rosa, ganhando carinho. Quando finalmente parei para respirar depois de descrever o horror do olho do peixe, ela disse:

— Bom, isso foi superbizarro. Rae, é sério, você precisa parar de ir nesses lugares sinistros sozinha. E se alguém tivesse sequestrado você? E se você tivesse se machucado? E se…

— Sim, sim, mãe, tá bom, da próxima vez te levo junto! — Nós duas rimos e ela passou a mão no rosto, exasperada.

— Olha, nós sabemos o quanto as pessoas conseguem ser estranhas aqui — disse. — Sinceramente, alguém provavelmente deve ter visto que você foi na igreja e quis pregar uma peça em você. Ou talvez a Sra. Kathy achou que estava sendo uma boa vizinha. — Ela rolou os olhos. — Ou, pensando bem, é *outubro.* Deve ter sido só alguém fazendo uma pegadinha de Halloween.

— É, você… deve estar certa…

— Passe algumas noites aqui — disse ela. — Trent vai passar a semana em São Francisco, vamos pegar uma mala pra você amanhã e aí a gente fica por aqui. Vai ser bom pra você sair do bosque por um tempinho.

Meus ombros relaxaram de alívio. Eu precisava desesperadamente passar mais tempo longe do chalé. Quanto mais tempo passava lá, mais me sentia presa; encurralada pelas árvores, abraçada pela escuridão, com a chuva e a névoa fazendo eu sentir que estava sozinha em mundo cinzento e úmido.

Dormi melhor naquela noite na casa de Inaya do que tinha dormido em semanas. Aconchegada no sofá com Cheesecake, nem

mudei de posição até começar a ouvir os sons delicados dela andando na cozinha de manhã, fervendo água para o chá.

Não tive sonhos estranhos. Não temi o que me espreitava à noite. Só dormi.

É claro que Cheesecake não conseguia compreender os motivos pelos quais o café da manhã dele não ficou pronto imediatamente. Decidi ir ao chalé e pegar tudo que eu precisaria por uma semana antes que ele começasse a berrar em protesto por estar prestes a morrer de inanição.

Eu estava me sentindo mais leve. Mais feliz. Apesar do céu escuro e das nuvens carregadas de trovões, senti um pouco de esperança.

Eu poderia sobreviver a isso. Eu daria um jeito.

O apartamento de Inaya ficava perto da enseada, a cinco minutos de carro da minha casa. As ruas do centro de Abelaum tinham um brilho acolhedor, mesmo na chuva. Ao fim da tarde, os bares estariam cheios de alunos empolgados para começarem as comemorações da semana de Halloween. Eu não podia evitar me perguntar se Leon estaria entre eles, camuflado entre os inocentes, em busca de outra alma.

Apertei o volante com mais força. Ele disse que sentia *algo* por mim, algo que o fez querer a minha alma para toda a eternidade. Mesmo assim, foi embora. Ele *foi embora*.

Dei um suspiro pesado. Ele não me devia proteção. Depois de tudo pelo que tinha passado, por que eu deveria esperar que ele ficasse? Ele foi um prisioneiro aqui por tanto tempo, por que escolheria passar sua liberdade correndo atrás de uma garota humana desastrada?

Ele já devia estar bem longe. Provavelmente encontrou o grimório e voltou para o Inferno, que era o seu lugar. Já foi tarde. Eu não *precisava…*

Afundei o pé no freio quando alguma coisa passou correndo na frente do meu carro. Minha cabeça chicoteou para frente e meu torso todo contraiu no esforço de não bater a cabeça no volante. Ofegante, ergui os olhos e empurrei os óculos para cima. Meus faróis iluminaram a estrada à minha frente, uma piscina de luz amarelada que reluziu com a garoa.

Que merda eu tinha acabado de ver?

A estrada estava vazia, mas eu podia jurar que tinha visto algo. Algo pálido como o luar, humanoide, mas nu. Comprido, comprido demais de um jeito todo errado. Com chifres – chifres de um veado.

Mas não tinha nada ali.

Tirei o pé do freio lentamente e dirigi mais devagar. Deve ter sido um cervo. A ilusão de que tinha uma forma humanoide era só isso: uma ilusão, meu cérebro aterrorizado inventando coisas assustadoras na floresta. Talvez eu precisasse me consultar com um médico e começar a tomar alguma coisa para ansiedade. Eu já tinha percebido que estava afetando minhas notas.

Freei de novo. Tinha alguma coisa na estrada. Não apenas *uma coisa*, mas três.

Três figuras altas e esbranquiçadas.

Seus pescoços eram longos demais. Seus ombros eram curvados e os braços – compridos demais, finos demais – estavam pendurados frouxamente. Eu não sabia dizer se estavam cobertos por trapos, ou se suas peles eram decrépitas e enrugadas. As longas pernas terminavam em cascos bizarros com duas pontas, como se estivessem usando sapatos com saltos gigantes *virados para trás*. Eles estavam espalhados no meio da estrada, como se estivessem vagando e minha aproximação os fez parar.

Estavam todos olhando para mim com olhos brancos leitosos, com seus enormes pares de galhadas cobertos por estranhas folhagens escuras – algas marinhas?

Com dedos trêmulos, consegui encontrar o botão para trancar as portas e o pressionei. O som os sobressaltou, mas fora isso, continuaram completamente imóveis. Não balançavam. Não moviam os peitos com a respiração. Poderiam até ser de pedra, não fossem aqueles olhos, que enxergavam até minha alma.

Eu não podia dirigir em frente sem atropelá-los. Estavam espalhados no asfalto, então não tinha como contorná-los. Torci para ver faróis atrás de mim, ou à frente, mas a estrada estava desocupada, a não ser por nós. Meu cérebro lógico exigiu que eu achasse que eram só pessoas comemorando o Halloween mais cedo, vestidos em fantasias muito boas. Não eram de verdade. Não tinha possibilidade de ser verdade.

Então, o que estava mais perto do carro se moveu.

A coisa se aproximou lentamente, e cada movimento foi acompanhado pelo estalo de suas juntas, que eu conseguia ouvir mesmo com as janelas fechadas. Os nós dos meus dedos perderam a cor no volante. Se eu ficasse parada, talvez não o provocasse. Se ficasse parada, talvez aqueles olhos leitosos não me vissem.

A coisa parou bem do lado da porta do motorista. Continuei olhando diretamente para a frente, com os olhos lacrimejando, choramingando cada vez que eu respirava.

O que é que eu podia *fazer?*

A criatura se inclinou para frente e apoiou sua pálida mão esquelética na minha janela. Umidade vazava de seus dedos finos, como se estivessem empapados, chorando no vidro.

Então, de trás do crânio de cervo, a coisa falou em um sussurro rouco que atravessou o vidro:

— Ele está esperando por você, Raelynn. Ele está esperando no lugar profundo e escuro.

Enterrei o pé no acelerador. Eu não dava a mínima se ia esmagar seus corpos ossudos embaixo dos meus pneus, mas quando meu carro avançou em sua direção, eles pularam para fora do caminho, com uma agilidade bem diferente da marcha lenta e coxa que testemunhei do primeiro. O carro estava guinando para o lado, o volante vibrou quando meus pneus sofreram com a velocidade e a pista molhada. A suspensão me sacudia quando eu passava voando por cima de quebra-molas e buracos, e estava afundando quando cheguei à entrada de terra que levava ao chalé.

Não disse nada sobre isso para Inaya quando voltei. Reclamei várias vezes sobre o quanto estava frio para explicar minhas mãos trêmulas. Aleguei que só estava comemorando o fim de semana

quando me servi uma taça de vinho antes do meio-dia. Eu queria chorar. Queria me esconder.

Mas eu precisava descobrir como resistir.

Eu não ia morrer sendo sacrificada. Eu não ia desaparecer, esquecida nesse bosque maldito.

30

Leon

Eu não conseguia deixá-la. Então alterei meus planos.

Durante o dia, eu procurava o grimório e a bruxa que o tinha roubado. Mas eu voltava à noite e vigiava o chalé de Rae no escuro, para me certificar de que os monstros não chegassem perto demais. Eles estavam famintos. Tão absurdamente famintos que estavam saindo da terra como vermes quanto mais frio e úmido ficava. Os relatos de trilheiros desaparecidos começaram a pipocar no rádio, então eu sabia que os monstros estavam comendo, mas isso não os manteria ocupados por muito tempo.

As coisas estavam piorando.

Os Gollums tinham despertado. A floresta inteira estava fedendo com sua podridão. Cogumelos estavam brotando loucamente. Se os servos humanos do Deus não Lhe dessem o que Ele queria, Ele

mandava os Gollums buscarem: criaturas esbranquiçadas que vagam pela floresta em silêncio, de uma inteligência muito superior à dos Antigos.

Eu só podia torcer para que eles não a encontrassem.

Eu estacionava minha caminhonete na estrada e me escondia na escuridão das árvores. Assistia à sombra dela passar pelas janelas, a ouvia cantarolar enquanto preparava o jantar e o barulho dela dançando de meias no chão de madeira.

Eu sabia que não devia me apaixonar por uma humana. Os humanos existiam para ser brinquedos, não joias. Mas meu coração doía. Porra, *doía.*

Nem os monstros podiam convencê-la a aceitar a eternidade. Talvez simplesmente me faltasse humanidade demais para entender o medo do para sempre, o pavor que a humanidade sentia quando precisava tomar decisões para a vida após a morte.

Às vezes, os demônios se uniam uns aos outros à primeira vista, mas ela não podia…

Ela não podia. Não fazia sentido devanear sobre isso. Ela não podia, e teria sido mais inteligente da minha parte me afastar.

Mas eu não conseguia.

Essa realmente era uma situação completamente maravilhosa pra caralho.

Os crânios que eu havia instalado para afugentar os Antigos tinham apodrecido, então deixei a única outra coisa que eu sabia que poderia detê-los: um daqueles penduricalhos hediondos que os Libiri amavam tanto. Gravetos, ossos, barbante – e um olho de peixe, que simbolizava o olho do Das Profundezas, geralmente botavam medo nos Antigos.

Botou medo em Raelynn também, mas pelo menos a fez sair de casa por alguns dias. Escondida em um apartamento no centro, seria mais difícil encontrá-la. Ficaria mais segura, pelo menos por um tempinho. O que queria dizer que eu podia caçar a bruxa à vontade.

Everly estava provando que sabia se esconder. Ela não estava mais com os Hadleigh, de alguma forma tinha conseguido escapar da vigia cuidadosa que Kent mantinha sobre ela. Toda pista que eu conseguia era rapidamente levada pelo vento, e eu nunca fui muito bom na longa e disciplinada arte do rastreamento. Nunca tive paciência para isso e, agora que precisava, simplesmente não tinha as habilidades necessárias.

Mas eu conhecia alguém que tinha.

Era quase uma da madrugada quando encontrei Zane na enseada. A chuva tinha se reduzido a uma garoa nebulosa, se parecia com estática atravessando o nevoeiro que se arrastava lentamente para fora da água. O mundo estava desbotado e a brasa do baseado de Zane ardeu no escuro.

— Estou surpreso por você ainda estar aqui. — Zane deixou a fumaça se desenrolar de seus lábios quando falou. — Achei que ia dar o fora assim que estivesse com o grimório.

— Era o plano. O problema é que eu não estou com essa droga. Foi roubado dela, da Raelynn. — Zane me olhou de olhos arregalados. Ele sabia da importância daquele livro miserável, que toda a minha liberdade dependia de destruir meu nome daquelas páginas. — Mas sei quem pegou, e queria saber se você pode me ajudar a encontrá-la. Tem alguma coisa ocultando o cheiro dela. — Fiz uma carranca. Eu não gostava de admitir que não era um bom caçador, mas o Zane já sabia disso. Não era por vergonha que eu não estava colocando a culpa toda em mim.

Tinha *mesmo* alguma coisa ocultando o cheiro da bruxa, fazendo com que fosse mais difícil encontrá-la, jogando seus rastros por todos os lados para eu nunca saber se devia ir para leste ou oeste.

Zane encolheu os ombros e me passou o baseado.

— Vou fazer o que puder. Quem está com ele? Sabe o nome?

— Everly Hadleigh. A jovem bruxa.

— Aaahh. — Zane deu um gemido demorado. — A porcaria da bruxa? Sério mesmo?

— Sério mesmo. — Dei um trago, mais uma vez desejando que a erva da Terra fosse mais parecida com a do Inferno. O produto deles tinha melhorado nos últimos anos, mas ainda nem se comparava. E porra, como eu precisava daquele barato.

Eu estava ficando frustrado. E, quando eu ficava frustrado, ficava descuidado.

Não podia me dar ao luxo de ser descuidado agora. Nem com o grimório, nem com Rae.

Zane estava balançando a cabeça.

— Deixa pra lá, Leon. Esquece o grimório, volta pro Inferno. — Eu não estava acreditando no que estava ouvindo. *Zane* estava me dizendo para desistir? — A bruxa não vai invocar você, acredite em mim.

Franzi a testa.

— E por que não invocaria? Por que eu deveria correr o risco?

— Ela não vai — insistiu ele, pegando o baseado de volta. — Ela já tem um Arquidemônio.

Quase engasguei com o resto da fumaça na garganta. Arrepios se espalharam pelos meus braços e deixaram meus dedos gelados.

— Como diabos você sabe disso?

— Porque ele quase matou minha garota — Zane disse mal-humorado. — Assim.

Hesitei.

— Um Arquidemônio quase matou sua… você fez um acordo com uma humana?

— Fiz. — Zane sorriu orgulhoso, mas sua cara fechou. — E essa mulher tem uma porrada de roupa suja pra lavar. — Ele me olhou de cima a baixo rapidamente. — Vou me esforçar ao máximo pra ela não te ver.

— E por que isso?

— Porque ela vai te reconhecer. — Ele batucou com um dedo na têmpora. — Ela sabe mesmo pegar ranço. — Vendo a confusão no meu rosto, ele se debruçou e disse baixinho: — Juniper Kynes. Não posso dizer que todo esse lance de quase ter sido sacrificada tenha deixado ela com vontade de *perdoar*.

— Que merda.

— Ela quer o sangue de todo mundo que a prejudicou. Tem sido divertido, mas *cacete*. — Ele jogou fora o resto do baseado, que

desapareceu na água da enseada. — Acho que vai acabar me matando.

— Juniper — murmurei. Havia poucas coisas que eu tinha feito para Kent pelas quais eu conseguia sentir um pouco de remorso. Mas aquela noite em que Juniper fugiu pela floresta, chapada de LSD e coberta pelas runas de sacrifício, estava entre as coisas nas quais eu gostaria de não ter participado. — De todas as humanas pelas quais você poderia ter se fascinado, tinha que ser essa. Ela te entregou a alma dela?

— Ela ofereceu — disse. — Eu já estava atrás dela, mas o acordo foi ideia dela.

Eu não ia admitir que estava com inveja.

— Então agora ela é *a sua garota*, hein? O que aconteceu com não se apaixonar por humanos?

— Não disse que estou apaixonado. — Zane fechou a cara e mudou de posição. Ele mentia mal demais. — Mas claro que é minha. Eu a reivindiquei.

Dei risada, embora eu estivesse sendo um hipócrita por provocá-lo quando eu mesmo estava me lamentando por uma situação absolutamente infrutífera.

— Então, a Everly — disse. — Você sabe onde ela está? E esse Arquidemônio dela, é muito forte?

Zane soltou um suspiro pesaroso.

— Em uma luta até a morte, nós dois juntos contra ele… — Encolheu os ombros. — A gente aguentaria alguns minutos. Talvez.

— Caralho.

— Melhor não ir atrás dela, Leon.

— Entendi. Onde ela está?

— Maldito bastardo cabeça-dura. — Zane fez uma careta e enfiou as mãos nos bolsos. — Na antiga casa de um coven, a noroeste daqui. Te mando as coordenadas por mensagem, o mais perto que posso estimar. Juni e eu fomos lá procurar por…

— *Juni?* — debochei. — Puta merda.

— Ah, cala a boca. — Ele me deu um empurrão e pegou outro baseado na jaqueta. — Acho que nós dois sabemos que você é um romântico incurável de merda, Leon, então não vem tirar sarro de mim. — Ele colocou o baseado nos lábios, acendeu e o cheiro azedo flutuou ao nosso redor. — Enfim. Estávamos procurando pela bruxa mais velha, Heidi. Não a encontramos.

— Eu poderia ter te dito que ela morreu anos atrás. — Zane ergueu uma sobrancelha para mim, e eu neguei com a cabeça. —

Suicídio. Não fui eu, mas acho que o Kent ia acabar me mandando fazer isso, mais cedo ou mais tarde.

— Ah, bom… em vez disso, tivemos uma outra surpresinha bem desagradável. Achei que ele ia fazer picadinho da gente, mas a Everly deixou ele calmo que nem um cordeirinho. Tivemos sorte dela estar disposta a conversar. Se não estivesse, bem… — Encolheu os ombros. — Eu não estaria aqui agora. Aquele demônio teria matado nós dois.

— Sabe o nome?

— Callum. — Zane jogou as cinzas ao vento. — Nunca ouvi falar. É muito antigo. Está fora do Inferno há muito tempo, se eu tivesse que dar um palpite.

— Talvez o coven o tenha invocado há muito tempo e feito um acordo com ele.

— Talvez. Porra, até eu ficaria por aqui em troca da alma de uma bruxa. — Ele me deu um olhar de esguelha significativo. — Tem que fazer o incômodo valer a pena.

— Ah, é? O incômodo com a Juniper está valendo a pena?

Ele exalou com força.

— Ela é uma monstrinha. Perversa como o diabo e com o corpo de uma porra de súcubo. Vale a pena.

A noite ficou mais fria à medida que continuamos ali, passando o baseado de um para o outro em silêncio. Era sempre a mesma coisa com Zane: sempre estável, a única constante em todos meus poucos séculos de vida. Podíamos passar décadas sem nos ver como se não fosse nada, e depois passar séculos na companhia um do outro.

A noite foi cortada por um uivo, e Zane e eu olhamos na direção das árvores na outra extremidade da costa. Figuras escuras com pernas compridas se arrastavam entre as sombras, vagando como aranhas gigantescas,

Zane cuspiu na areia.

— Merda de Antigos. Fazia séculos que não via tantos num lugar só.

— Eles têm caçado a Raelynn — disse friamente. — Cercado a casa dela. Estão formando bandos, quase perdi um braço pra eles. — Rolei o ombro, que estava sensível por dentro, perto do osso. Em algum momento se curaria.

— Estão vindo atrás da Juniper também, mas ela consegue se defender bem. Eles desenterraram o irmão dela do quintal.

— Marcus?

Zane fez que sim com a cabeça.

— Ela o enterrou no quintal do chalé dela e os monstros desenterraram.

Balancei a cabeça de incredulidade.

— Ela desceu lá na mina e tirou o corpo dele?

— Isso. Fui junto. Não recomendo. Lugarzinho horroroso.

Fui obrigado a rir. Estive sentindo pena de mim mesmo, mas pelo menos Raelynn não estava me arrastando até a porta da casa do Deus.

— Que louca.

— Totalmente. Os próximos vão ser os Hadleigh. — Ele sorriu para mim. — Acho que não vou conseguir reservar o cretino velho pra você matar.

— O que importa é estar morto. — Dei de ombros. — Manda ela se apressar. Manter a Raelynn viva é difícil demais. A droga do senso de autopreservação da mulher está com defeito.

— Se ela tá passando tempo com você, isso é óbvio.

— Idiota. — Bati os nós dos dedos no ombro dele ao me virar para ir embora, e ele pegou meu pulso e o segurou preso.

— Ei. Vê se não morre — disse gentilmente.

Zombei:

— Vou ficar bem.

— Você vai ser *imprudente.*

— Isso ainda não me matou.

Seus dedos se deslocaram do meu pulso para minha garganta, apertaram e me puxaram até ficarmos cara a cara.

— Vê. Se. Não. Morre. — Cada palavra foi enfatizada por um apertão. O prata do piercing em sua língua reluziu quando ele falou: — Entendeu, garoto?

Fechei a cara.

— Odeio essa porra.

— Eu sei. — Ele me soltou com um empurrão e deu outro trago no baseado. — Me chama, se precisar de mim.

— Acho bom você fazer o mesmo.

Caminhei pela praia em direção à estrada, onde meu carro estava estacionado embaixo de um poste tremeluzente. Logo antes de alcançá-lo, me virei e gritei:

— Ei! Vou ficar muito puto se você morrer!

Ele riu.

— Bom, não quero te deixar puto, Leon. Já vi o que acontece com os pobres bastardos que fazem isso.

Também te amo, cuzão.

31

Leon

As coordenadas que Zane me passou me mandaram às profundezas das florestas do noroeste. Era perpetuamente úmido e de um verde vibrante, o ar carregado com os cheiros de terra e decomposição natural, e logo detectei o cheiro que estive procurando: levemente doce e forte, como frutinhas esmagadas nos pinheiros. O ar estava tão permeado pela magia de bruxas quanto pela chuva. Era inescapável e inconfundível.

O grimório era seu legado sob qualquer direito humano: mas meu nome, meu sigilo e minha liberdade, que dependiam dele, eram meus. E eu os recuperaria, de um jeito ou de outro.

Encontrei a casa do coven nas primeiras horas da manhã. A luz se infiltrava pelas árvores em feixes pálidos e úmidos, e iluminou uma mansão coberta por trepadeiras das quais brotavam

minúsculas flores brancas. Parecia uma catedral assaltada pela vida selvagem: suas três torres em forma de pináculo se erguiam entre as árvores, cujos galhos as envolviam carinhosamente e as raízes se curvavam próximas à fundação, como se para proteger a casa em um ninho de flores e abetos, musgo e samambaias.

De início, me mantive afastado, espreitando à distância do meio das árvores, vigiando as janelas e portas, tentando conseguir alguma pista do que havia por trás dessas paredes. Eu tinha pouca experiência com a realeza intimidadora do Inferno, mas durante quase uma hora tive a certeza de que Zane estava enganado: não podia haver um Arquidemônio naquela casa.

Eu não sentia cheiro de um, não pressentia a presença de um, não vi nenhuma pista de um. Somente o poder da bruxa estava reverberando neste lugar.

Então fiquei mais atrevido.

Excessiva e descuidadamente atrevido.

Eu não poderia apenas entrar pelas portas da frente – especialmente considerando que as enormes portas duplas vermelhas da casa tinham sido fechadas com compridas cordas pretas, intricadamente trançadas e atadas, que formavam feitiços de proteção poderosos ao redor da entrada. Descobri que as janelas

estavam protegidas de forma semelhante. Mas, bem no fundo da casa, quase escondido por baixo de uma pilha de terra, folhas e musgo, encontrei uma portinha de madeira instalada na fundação da casa.

Um porão.

Era impossível abrir as dobradiças enferrujadas sem fazer barulho, mas não tive pressa em soltá-las e entrei no espaço úmido. Ramos de ervas estavam pendurados do teto, ao lado de prateleiras de produtos em conserva e velhas caixotes trancados. Encontrei uma escada de madeira na outra extremidade da sala e subi, então me vi em uma grande cozinha desconcertantemente antiquada, que cheirava fortemente à canela, cravo e laranja.

Eu estava me sentindo muito confiante. Eu tinha encontrado a casa quando o Arquidemônio da bruxinha nem estava ali. Um piano estava sendo tocado delicadamente no andar de cima quando me infiltrei no saguão de entrada e, estranhamente, dava para ouvir pássaros cantando. Apesar da pouca luz lá fora, a casa estava bem-iluminada como um dia de primavera.

Estava percorrendo a distância até a grande escadaria que levava ao andar de cima quando alguma coisa agarrou minha garganta, apertou como um torniquete, me puxou para trás e me

mandou voando no ar até eu atingir a parede mais longe, com tanta força que posso jurar que todo meu ser voltou para o Inferno por um instante.

Mas somente por um instante.

Depois fiquei de pé, com os músculos contraídos e as garras estendidas, pronto para…

Fui pego de novo, meu braço foi deslocado quando fui atirado na outra direção. Caí com força no piso de pedra e derrapei na superfície lisa. O movimento foi tão rápido que não consegui ver nada além de um borrão escuro, nada além de…

Fui agarrado de novo, jogado e, dessa vez, minha cabeça atingiu o balaústre e eu desci rolando os degraus até cair deitado sem forças na base da escada. Eu podia aguentar tomar porrada, mas, puta merda, o ar tinha sido arrancado dos meus pulmões, meu braço estava deslocado, e meu corpo estava esquentando dramaticamente tentando reparar o que, com certeza, eram inúmeras fraturas no meu crânio. Nem sequer tentei me mexer quando ouvi o baque de passos lentos no chão, vindo em minha direção, e então a sola de uma bota pressionou minha cabeça para baixo.

Pressionou – me esmagou na pedra – com mais força – minha visão ficou branca.

— Caralho, porra, para… para! — Minha voz falhou, mas que diferença fazia, considerando que meu crânio estava prestes a ser quebrado como um ovo? Me contorci no chão, mas aquele pé repousando sobre mim poderia muito bem ter o peso de um elefante.

— Mas já vai implorar por misericórdia? Que sem graça. — A voz que falou era muito rouca, sombria como a noite, intensa como as profundezas mais distantes do Inferno. O piano tinha parado, assim como o canto dos pássaros. Tive calafrios da cabeça aos pés e parei de resistir, só lambi o sangue de meus lábios e concentrei toda minha energia em me recuperar o mais rápido o possível.

— Callum — disse rapidamente. — Você é o Callum, não é?

Houve uma pausa, então a bota saiu de cima da minha cabeça e dedos se fecharam no meu cabelo e me ergueram até eu estar pendurado na ponta dos pés – encarando o Arquidemônio que eu tinha certeza absoluta de que não estava aqui.

— Te conheço, inférnico? — Era impossível saber para onde seus olhos completamente pretos estavam olhando, mas tentei manter um rosto firme. Demonstrar dor seria fazer exatamente o que

ele queria, exatamente o que lhe daria gás. Ele era mais alto do que eu, mas mais magro. Tinha cabelos escuros, lábios finos e uma mandíbula severa. Como diabos eu não tinha sentido seu cheiro, eu nem imaginava. Ele fedia a sangue e lenha queimada, e a energia de sua presença era palpável. Estar tão perto dele era quase insuportável, como sentir minha cabeça latejar com um baixo que não podia ouvir.

Mas quando ele me ergueu, deixou o pescoço exposto. O que me deu uma abertura para…

Só foi necessário o menor movimento da minha mão para minha cabeça ser jogada na parede mais distante de novo. Atordoado, ergui o rosto do chão e cuspi sangue na pedra. O Arquidemônio caminhava pelo corredor, estalando os dedos no ritmo de uma música imperceptível.

Eu odiava esse cara. Eu queria, desesperadamente, despedaçá-lo.

Ele nem se incomodou em me atirar de novo. Ao invés disso, afundou o calcanhar na minha cara e eu senti alguma coisa estalar na minha mandíbula.

— Tá bom! — Ergui uma mão, e o senti a agarrar, o cretino torceu minha mão para trás e quebrou meu pulso como se fosse um

graveto. O puxei de volta e o segurei contra o peito enquanto gritava furiosamente: — Mas que inferno, para! Vou embora, eu vou embora porra, *que merda*…

— Embora? — Ele riu, ou pelo menos achei que estava rindo. O som era apenas um estrondo profundo na minha cabeça latejante. — Você é sem graça demais mesmo. Por que não tenta se arrastar até a porta? — Ele se agachou perto de mim, ainda estalando a merda dos dedos. — Vou te deixar chegar lá, prometo. Não vou te deixar *passar* por ela, mas não vai ser bom…

Dessa vez, minhas garras fizeram contato com seu rosto, e ele deu um salto para trás e parou na base da escada.

— Vai se foder — rosnei e fiquei de pé, com sangue jorrando do meu nariz e a mandíbula fazendo um estalido realmente bizarro enquanto se reparava. Intrigado, Callum tocou no próprio rosto, onde eu tinha cortado sua bochecha até atingir os dentes, e olhou para o sangue em seus dedos com uma curiosidade calma demais.

— Esperto — murmurou. — E eu aqui, achando que você não aguentava a dor.

— Passei o último século todo sentindo dor. — Cuspi no chão mais uma vez e estalei meu pescoço rígido. Alguma vértebra na

base do meu crânio estava bem miserável. — Não vim aqui criar problemas pra você ou pra sua bruxa, só quero…

Fui jogado de costas de novo, o ar escapou dos meus pulmões e Callum se agachou sobre mim com uma expressão clinicamente indiferente. Seu rosto já estava se fechando, e ele enfiou as garras na minha bochecha e começou a rasgar.

— Não me importo com o que você quer, inférnico, não mais do que uma aranha se importa com as vontades de uma mosca.

Tentei não gritar, mas porra, estava *doendo.* Pela primeira vez, comecei a achar que não ia sair vivo daqui.

— Que dentes bonitos você tem, inférnico.

— Callum, chega!

O Arquidemônio ficou imóvel como uma estátua, ainda com as garras enfiadas no meu rosto. Ali, no alto da escada, estava Everly Hadleigh em um vestido verde-claro, com os longos cabelos loiros presos em um coque bagunçado no alto de sua cabeça. Ela desceu os degraus lentamente, com um rosto soturno, mas assustado, e o olhar fixo no meu rosto.

Ofereci um sorriso muito cheio de sangue para ela.

— Olá de novo, Everly.

Ela se aproximou, parou a uma distância em que eu ainda não podia alcançá-la, e me olhou como se eu fosse um espécime desagradável que ela precisava estudar. Ela parecia saudável, seus olhos estavam brilhantes e seus passos descontraídos. Se libertar das garras do Kent fazia um bem danado para qualquer um.

— Leon — disse baixinho, quase decepcionada. — O Kent te mandou atrás de mim?

— Porra, não. — As garras de Callum estalaram contra meus dentes de um jeito muito desagradável e, em retaliação, tentei mordê-lo, na esperança de atingir pelo menos um dedo. Não tive sorte, mas Callum não tentou me machucar de volta. Tão obediente às ordens da bruxa. — Preferiria arrancar minhas próprias entranhas a obedecer a Kent de novo. Vim pelo meu sigilo. Sozinho.

Ela pareceu confusa por um momento, então seus olhos arregalaram quando entendeu.

— Ah… o grimório, é claro… — Ela repousou a mão sobre um grande bolso na saia do vestido, um bolso que eu podia ver que estava pesado com algo de um formato muito parecido com o do grimório. — Então você já fez uma visitinha à Raelynn. Ela… ela ainda está…

— Viva? — ofereci. — Absolutamente. Tenho cuidado disso.

Everly sorriu.

— Tem mesmo, é? Jamais teria esperado isso de você. — Ela ficou em silêncio por um momento, roendo a unha enquanto pensava. — O grimório nunca deveria ter ido parar com Raelynn. Tomei a decisão de roubá-lo de Kent impulsivamente, mas do jeito que ele estava sempre de olho em mim, não podia esconder comigo mesma. Enfiei dentro de uma caixa. Achei que pudesse voltar para pegá-lo depois, mas… — Deu um suspiro lamentoso. — Às vezes o destino é cruel.

Então isso tudo tinha sido obra dela. Eu devia ter imaginado. Kent nunca teria perdido o grimório por si mesmo, era valioso demais para ele. Ninguém poderia ter pegado o livro, com exceção de Everly, cuja magia teria sobrepujado a necessidade do grimório ser transmitido de bom grado de um dono a outro.

— Quando Kent me contou que Raelynn seria o próximo sacrifício, não suportei. Eu não podia deixá-lo me transformar em uma assassina, ou me fazer *auxiliar* em um assassinato. — Ela fechou a cara e bateu a mão ansiosamente na lateral do corpo. — Kent queria que Jeremiah fizesse isso, e eu deveria ajudar. Eu deveria norteá-lo durante o sacrifício, para ele não fazer a sujeira que fez da primeira vez. — Ela soava enojada e engoliu com força.

— Durante toda a minha vida, achei que você fosse um monstro por obedecer a ele. Kent me alertou que demônios eram cruéis, que eram perversos. Mas no dia em que você foi embora… você a protegeu. — Ela entrelaçou os dedos nas costas, subitamente muito séria. — Por que a protegeu? Por que desafiou Kent por ela?

Era difícil fingir indiferença na posição em que estava, mas tentei mesmo assim.

— Só não tava mais a fim de obedecer àquele velho cretino.

Ela riu suavemente, mas as garras de Callum sacudiram meu rosto.

— Preciso de uma resposta verdadeira, Leon. Me responda com sinceridade, senão não vai sair vivo daqui.

Até hoje, só tinha visto Everly ser dócil e silenciosa. Mas a frieza em sua voz me disse que havia todo um lado dela que eu nunca soube que estava lá. Eu não tinha muita escolha. Ou contava a verdade, ou deixava Callum me desmembrar lentamente.

Mas porra, qual era a verdade?

Por que eu a tinha protegido?

Por que estive arriscando minha vida por ela?

Eu sabia qual era a verdade – mas saber e aceitar eram duas coisas muito diferentes.

Callum me deu uma joelhada fraca.

— Minha dama te fez uma pergunta, inférnico.

Minha dama. Que nojo. Esse merda. Nenhum dos dois sabia como era difícil descrever sentimentos para os quais eu não tinha palavras, mas porra, eu tentaria.

— Me importo com ela. Quero protegê-la. Quero que ela continue viva, porque… — Porque quero sua alma? Porque quero sentir o prazer de seu corpo?

— Por que…? — A voz de Everly estava paciente. — *Por que,* Leon?

Fiz uma careta e, por um instante, lutei para me soltar de Callum como se isso fosse adiantar alguma coisa. Ele não vacilou nem um centímetro.

— É porque eu sinto algo por ela, tá bom? — explodi. — É o bastante pra você?

Ela franziu a testa. Parecia estar realmente confusa.

— O que você sente?

Meu Deus, isso era tortura. *Prefiro dor e tormento a qualquer momento no lugar dessa merda.*

— É…é… porra, que desgraça… acho que a amo, tá bom? Não suporto a ideia de a perder. Cada merda de segundo em que estou

aqui, desperdiçando tempo com vocês dois tentando recuperar meu sigilo, é um segundo que ela passa desprotegida, e se alguma coisa acontecer com ela, vou considerar vocês dois responsáveis por terem desperdiçado meu tempo!

Minha voz ecoou pelo amplo saguão. Callum piscou lentamente e olhou para Everly:

— Satisfeita?

Ela concordou com a cabeça.

— Satisfeita.

Ele me soltou e se afastou, parando do lado de Everly. Me levantei com dificuldade, sibilando pelo desconforto do movimento, ainda sem confiar de que o Arquidemônio não ia me atirar pelo cômodo de novo.

— Bom pra caralho esse sistema de segurança — resmunguei.

— Eu tinha esperanças de que você fosse mantê-la viva — disse Everly, cutucando o vestido com seus longos dedos. — Nunca achei que veria um demônio com vontade de proteger uma humana. — Ela olhou de esguelha para Callum, que ainda estava me observando como a uma mosca que ele gostaria de esmagar. — Quando percebi que estava desafiando Kent por ela, isso mudou tudo.

— Então me ajude — disse. Eu não tinha como ultrapassar uma barreira como Callum. Ia acabar um bagaço ensanguentado no chão. Precisava que a bruxa cooperasse. — Só preciso do meu sigilo. E você nunca mais vai precisar se incomodar comigo.

Ela franziu a testa e levou a mão ao bolso de forma protetiva mais uma vez. Sua expressão ficou mais severa quando disse:

— Estou disposta a te dar seu sigilo, Leon. Mas precisa me prometer uma coisa.

— Demônios não fazem promessas. — Tecnicamente, não era verdade, mas eu não ia correr para prometer nada para uma bruxa. — A não ser que esteja tentando fazer um acordo?

Minha sugestão fez Callum rosnar, como um cachorro com ciúme do seu osso. Era uma sugestão tola, de qualquer forma: Everly já tinha dado sua alma para ele. Almas não podiam ser oferecidas em parcelas, era tudo ou nada.

Everly colocou a mão no braço dele, e o rosnado parou. A gentileza de seu toque me fez lembrar de Rae sentada no meu colo, de como suas mãos foram ternas quando limparam minhas feridas, e alguma coisa bizarramente quente pareceu jorrar no meu estômago.

Será que estava segura? Será que estive ausente por tempo demais? E se ela…

— Preciso que mantenha Raelynn viva — disse a bruxa. A exigência foi tão inesperada que meu rosto deve ter transparecido a confusão, já que ela acrescentou rapidamente: — O tempo está acabando. O Das Profundezas está impaciente, e meu pai sabe disso. Se ele pegar a Raelynn, então eu… — Inspirou fundo. — Talvez não consiga matar o Deus.

Gargalhei.

— Você… quê? Está tentando matar o Deus? — Isso só podia ser uma piada. Uma piada terrível, mesmo assim. — Você não pode estar…

— Ela está falando sério — disse Callum bruscamente. — Estou vivo há tempo suficiente para ter visto deuses morrerem, inférnico. Eles não estão acima da morte.

— Vou dar um basta em tudo isso. — Everly enfiou a mão no bolso e, finalmente, pegou o livrinho maldito. — O Das Profundezas nunca deveria ter sido despertado, e não pode ser libertado jamais. — Ela folheou as páginas, movendo seus dedos rapidamente, parecendo saber exatamente onde deveria abrir. Ela rasgou minha página, a que tinha meu sigilo gravado, e a ergueu. — Você disse

que *acha* que a ama, mas é óbvio que ama. Ficou claro no momento em que Kent te mandou buscá-la.

Amor. Que palavra horrível, bela e aterrorizante.

Somente ousei oferecê-la para alguns poucos seres. O único humano para quem me atrevi pronunciá-la, antes de Raelynn, bem – eu tinha me arrependido. Tinha aprendido exatamente o quanto doía perder algo que *amava*. Prometi a mim mesmo que nunca mais viveria aquilo de novo. Não me daria ao trabalho. Não valia a pena.

Mas aqui estava eu, muito absolutamente certo de que ela valia a pena, de todas as formas possíveis.

— Farei o que posso — disse, embora o que quisesse dizer era que eu mataria qualquer coisa que tentasse machucá-la, e que se mantê-la em segurança significasse vigiá-la toda merda de dia para me certificar de que ela não se metesse em confusão, então eu faria isso. — Mas não sou um cão de guarda.

Achei que Everly fosse insistir, mas foi Callum quem deu um sorrisinho e disse:

— Você não esconde seus sentimentos pela mulher humana muito bem. — Ele se virou e passou os braços em volta de Everly, aconchegando-a sob seu queixo, e disse: — Ele irá protegê-la. Mande ele embora. Quero continuar nossa brincadeira.

As bochechas dela ruborizaram e ela estendeu o braço para me entregar o sigilo. Pela primeira vez, notei as marcas de corda ao redor de seus pulsos.

Porra. Eu também estava ansioso para voltar a brincar.

Segurar aquele sigilo em minhas mãos foi uma sensação surreal. Quase esperei que fosse virar pó no momento em que meus dedos o tocaram. O último registro do meu nome na Terra, a última coisa que me prendia a esse lugar. Minha liberdade.

Eu poderia ir embora. Podia ir e nunca olhar para trás. Não havia mais nada me mantendo aqui. Nada.

Exceto…

Dobrei a página e a guardei no bolso, então me virei para a porta sem dizer mais nada. Se a bruxa mataria o Deus, se Abelaum inteira pegaria fogo ou se a humanidade toda fosse ficar presa na mão de um Deus sádico, não era problema meu.

Mas Raelynn? Ela era minha. E eu não ia desistir do que era meu.

32

Rae

— Caramba, isso é uma casa ou um museu de arte moderna?

Inaya riu de mim, eu estava com o nariz grudado na janela do carro enquanto ela dirigia pela serpenteante rua de entrada da casa dos Hadleigh – ou propriedade, mansão, literalmente um museu, talvez. O lugar era gigantesco, aninhado entre as árvores de seu terreno extenso cercado por muros de pedra.

— Garota, eu te disse que era um exagero. Você nunca foi a uma festa como as que os Hadleigh dão. A casa deles é surreal.

Surreal era um termo adequado. A casa tinha sido construída de tal forma que o andar de cima era maior do que o de baixo, e parecia estar flutuando acima do chão. Era toda em ângulos retos, metal, concreto, vigas de madeira e imensas janelas de vidro. Eu

podia ver as pessoas aglomeradas pelo vidro, dançando ao som de batidas retumbantes que eu nem precisava sair do carro para ouvir.

O nó de ansiedade na minha barriga estava ficando mais apertado a cada dia que levava a 31 de outubro e à esta festa lendária de Halloween da qual metade do campus parecia estar falando de repente. Acho que agora me consideravam “íntima” dos Hadleigh, porque mais de uma vez fui abordada no campus por alguém que eu nem conhecia, perguntando como podiam arranjar um convite, ou se a festa era “só, tipo, aberta pra todo mundo?”.

Sair do carro, vestida em um suéter laranja, saia curta e meias 3/4, como a Velma de Scooby-Doo, só consolidou o nó de ansiedade dentro de mim. Eu não me sentia segura aqui. Na verdade, eu tinha certeza de que *não estava* segura aqui, mas que merda os Hadleigh poderiam fazer com tanta gente em volta? Me sacrificar no meio de todo mundo como algum tipo de showzinho mórbido de Halloween?

Além disso, o sol estava se pondo. A luz dourada do pôr do sol se infiltrava pelas árvores, mas as sombras estavam carregadas embaixo delas. Eu sabia o que estava à espreita naquela escuridão. Eu sabia que os monstros viriam atrás de mim aqui, só esperando por uma oportunidade de me apanhar.

Aparentemente, as cabeças repugnantes cumpriram seu papel de mantê-los longe do meu quintal, mas aquelas coisas já estavam quase completamente podres agora. Continuei dormindo no apartamento da Inaya, já que Trent estava em uma viagem de trabalho, ela gostava da companhia. Mas eu tinha voltado a ouvir os uivos à noite, mesmo no apartamento dela. Inaya achou que fossem raposas gritando, mas eu sabia que não. Eu sabia o que se escondia no escuro.

Eu não tinha vindo me embebedar, mas tinha certeza de que precisaria do álcool para me encorajar, mesmo assim. Em algum lugar dessa casa, tinha que haver alguma coisa que pudesse me ajudar. Uma arma, ou talvez alguma pista de como fazer os monstros me deixarem em paz. Talvez algum feitiço para fazer o Deus perder o interesse por mim.

Não tinha a menor ideia do que estava procurando, só sabia que tinha que achar *alguma coisa.*

Ou talvez eu devesse ter aceitado o acordo de Leon, mas nãoooo. Tive que ir lá e estragar tudo.

Olhei para a casa, mordendo o lábio. Minhas esperanças de que Leon voltasse estavam diminuindo mais a cada dia, e agora estava achando que talvez fosse melhor fingir que ele nunca tinha existido

– como se minha vagina fosse me deixar esquecê-lo, essa piranha traidora. O demônio provavelmente tinha voltado para o Inferno e levado o grimório consigo.

Eu não tinha tempo para me arrepender. Precisava sobreviver.

A frente da casa estava repleta de carros. Assim que abrimos a porta da frente, a música retumbante reverberou através do meu corpo. Apesar do frio lá fora, os corpos aglomerados dentro da casa deixaram o ar quente. Sentia o cheiro de marijuana e álcool cada vez que inspirava, e o constante murmurinho das conversas gritadas tornou impossível ouvir o que Inaya disse quando se virou sorrindo para mim e gesticulou para algum lugar, mais para dentro da casa. Entrei atrás dela na multidão, mas só demos alguns passos antes de eu ouvir meu nome ser chamado com um gritinho agudo.

— Rae! Ai, meu Deus, fico tão feliz que tenha vindo! — Braços me envolveram por trás, e o cheiro conhecido da colônia de baunilha de Victoria flutuou ao meu redor. Ela deu um beijão na minha bochecha, depois cumprimentou Inaya de um jeito parecido. Ela estava vestindo um macacão preto justo, sapatos de salto vermelhos e uma máscara de coelho, de couro, cobria seus olhos, e seu longo cabelo castanho estava preso em um rabo de cavalo alto.

Ela entrelaçou um braço com o meu, o outro com Inaya, e nos levou por entre a multidão.

— Vamos pegar umas bebidas pras madames! Amei as meias, Rae, tão fofinhas!

Suas palavras estavam arrastadas, e Inaya e eu trocamos um breve olhar achando graça. Ela nos conduziu pela imensa sala de estar, onde a música estava tocando de um grande sistema de som encostado na parede. Um comprido bar branco, iluminado por baixo com luzes LED azul-claro, separava a sala de estar da cozinha, e estava coberto por várias garrafas de bebida, coqueteleiras, enfeites… e Jeremiah.

Ele estava de pé no bar, servindo shots de tequila diretamente da garrafa nas bocas abertas de duas mulheres debruçadas sobre o balcão. Elas babaram com o álcool e pegaram metades de limão para enterrar o gosto, enquanto Jeremiah ria.

— Quem é a próxima? — gritou, rindo conforme se virava no bar. Ele nos viu entrando e gritou: — Ei! Raelynn! Sua vez!

— Neeeem, obrigada! — respondi rapidamente ao mesmo tempo em que Victoria começou a escolher várias garrafas no bar, como uma bruxa selecionando suas poções e venenos.

Venenos… meu estômago revirou um pouquinho. Mas ela não faria… faria?

Me questionar se minha amiga estava prestes a me matar foi uma experiência verdadeiramente bizarra. Como se uma parte da minha mente ainda não tivesse entrado em sincronia com a outra, ainda havia uma vozinha na minha cabeça gesticulando desdenhosamente, dizendo *“Victoria não vai te matar, tolinha”*.

Inaya balançou a cabeça quando Jeremiah pulou de cima do bar e caminhou até nós, se recostou contra o balcão e me deu um sorriso malandro. Ele estava sem camisa, usando calça branca, suspensórios e um chapéu-coco, com o rosto pintado como o de um mímico. Eu nunca o tinha visto sem camisa, o futebol o mantinha esbelto, mas musculoso, com o abdômen rígido definido e bíceps que contraíram quando ele ergueu a garrafa de tequila para nós.

— Fala sérioooo — provocou. — Uma dose pequenininha.

— Como se você soubesse a definição de dose *pequenininha* — zombou Inaya.

Meus olhos devem ter divagado um pouco demais, porque o sorriso de Jeremiah aumentou e ele disse baixinho:

— Viu alguma coisa de que gostou?

Por um instante, não consegui respirar. Dedos fantasmagóricos seguraram minha garganta com firmeza, deram uma apertadinha possessiva, e sumiram. Arfei de leve e disparei os olhos pela sala, escaneando a multidão.

E o merda do Jeremiah achou que eu estava arfando por *ele*.

— Relaxa, Rae. — Ele se afastou do balcão e o jeito como seus olhos deslizaram por mim fez eu me sentir suja. — A noite hoje vai ser insana. Se permita ser um pouco mais impulsiva. — Ele deu uma piscadinha e, por sorte, se virou antes de ver minha careta. Ele não fazia ideia do quanto eu podia ser impulsiva, só não era com ele que queria ser.

A pressão que tinha continuado na minha nuca desapareceu assim que Jeremiah saiu do cômodo, mas meu coração ainda estava disparado. Eu conhecia essa sensação, esses toques espectrais bizarros.

Mas o que é que Leon estava fazendo *aqui?*

— Um brinde à noite mais selvagem do ano! — Victoria comemorou enquanto enfiava um copo plástico vermelho na minha mão e outro na de Inaya, depois virou o próprio copo e engoliu qualquer que fosse a mistura que tinha preparado para nós. Apesar da ansiedade disparando alarmes dentro da minha cabeça, tomei

um grande gole: doce, refrescante, um pouquinho amargo, quase não entregava o quanto de álcool tinha ali. A bebida desceu espalhando calor dentro de mim e se assentou no meu estômago. Se Victoria ia servir bebidas tão fortes assim, eu teria que ser cuidadosa.

Precisava encontrar uma oportunidade de sair de fininho e explorar, mas não podia fazer isso com Victoria grudada na gente. A festa estava a toda, mas as pessoas ainda não estavam nem de longe bêbadas o suficiente. Eu daria mais uma hora, ou talvez duas, então achava que seria seguro o bastante para escapulir.

— Onde seus pais estão no meio disso tudo? — gritei por cima da música enquanto Victoria dançava no ritmo das batidas.

— Na casa de férias — disse. — Eles têm uma casa à beira-mar, perto do estreito. Às vezes eles passam, tipo, uma semana lá para *reacender o fogo da paixão.* — Ela revirou os olhos, mas pelo menos agora eu sabia que não teria que me preocupar com dar de cara com seus pais enquanto bisbilhotasse. Ela me olhou, suas pálpebras estavam pesadas e seus olhos, turvos. — Onde estão os seus pais?

— Na Espanha — disse, eu tinha certeza quase absoluta de que já tinha dito isso a ela antes. — Foram viver a aposentadoria lá. Eu

podia ter ido junto, mas ah, sei lá… queria ser independente ou algo do tipo. — Eu ri, mas ela continuou inexpressiva.

— Provavelmente seria melhor ter ido junto — disse, e seus olhos azuis olharam diretamente nos meus com uma perspicácia que eu não estava esperando em seu estado de embriaguez.

Mas então a expressão dela ficou mais amarga, e ela se apressou a dizer:

— Hum… já volto… — Ela se afastou rapidamente, cobrindo a boca com uma mão, mas ainda segurando sua bebida com determinação. Apesar do álcool, me senti muito fria. Virei o resto da minha bebida e voltei ao bar para buscar outra.

Eu não podia perder a coragem agora.

Enquanto me misturava às pessoas, comecei a achar que tinha só imaginado o toque invisível possessivo de Leon. Talvez fosse só desejo de que ele estivesse lá, só meu cérebro reagindo a uma interação constrangedora imaginando que o demônio estava por perto, me observando, me protegendo.

Dei um gole na minha bebida e fiz uma careta. Eu tinha colocado álcool demais na coqueteleira, e estava prestes a voltar ao bar para tentar consertar quando Jeremiah surgiu do meu lado.

Ele estava com dois copos na mão.

— Não parece que você está gostando disso aí — disse, gesticulando para meu drinque malfeito. Ele não esperou pela minha confirmação para tirar a bebida da minha mão e substituir com uma das suas. — Experimenta.

Dei um golinho – é claro que estava melhor que o meu. Refrescante, cítrico, espumante. Concordei com a cabeça.

— É, esse tá bem melhor.

— Se quiser outro, é só me procurar — disse fazendo uma reverência, então voltou para a cozinha, provavelmente para jogar fora a bagunça que eu tinha feito com álcool. Eles eram bons anfitriões, embora secretamente estivessem tramando me matar.

Continuei nas beiradas, dançando com a minha bebida, assistindo aos casais se esfregarem uns nos outros no ritmo da música. Inaya tinha sumido e eu ainda estava tentando reunir a coragem para escapulir quando notei um casal no outro lado da sala, de olho em mim.

Eles estavam vestidos em ternos pretos idênticos e gravata borboleta, com os rostos pintados como caveiras. O longo cabelo preto ondulado da mulher estava preso em um rabo de cavalo, e o do homem era escuro e estava penteado para trás. Ambos eram altos, com tatuagens coloridas despontado das mangas e golas de

seus paletós. Eram aquele tipo de casal que parecia ser absurdamente atraente – era quase irritante ter aquele tanto de *sex appeal* acumulado em só duas pessoas.

Eles continuaram olhando para mim por tanto tempo que comecei a corar. O cara me parecia vagamente familiar, como se eu o tivesse visto por aí no campus… talvez estivesse em alguma disciplina minha. Foi a mulher quem tomou a iniciativa e atravessou a sala de estar lentamente até parar do meu lado na parede. Apesar do terno, ela estava usando botas com ponteiras de metal e parecia uma *torre* perto de mim.

Quando me deu um sorriso, tive uma súbita certeza de que ela poderia literalmente pisar em mim e eu diria “obrigada”.

— E aí. — Sua voz era rouca. — Está se divertindo?

Concordei com a cabeça, ruborizada pra caralho por uma garota bonita assim estar falando comigo do nada.

— Sim, essa festa tá bem louca. Definitivamente a maior em que já estive.

— Meu nome é Sam. — Ela me ofereceu a mão, e houve uma hesitação muito sutil em sua voz ao dizer seu nome. Seus dedos estavam quentes e calejados, como se trabalhasse muito com as mãos. — Você gostaria… — Ela acenou com a cabeça para seu

parceiro, que me deu uma piscadela quando olhei. Tão familiar. De onde eu o conhecia, caramba? — Gostaria de dançar?

Era mais provável eu tropeçar nos meus próprios pés do que realmente dançar com os dois. Mas a mão dela estava tão gostosa na minha, e o parceiro dela estava do outro lado da sala, passando pelas músicas na televisão, e selecionou uma chamada *Distance,* do Apashe.

Sorri e fiz que sim com a cabeça, e ela me puxou pela mão para atravessarmos a sala. Seus olhos castanhos olharam no meu rosto quando ela me aproximou do seu homem. E aí ela estava na minha frente, com os braços em volta do meu pescoço, e ele estava atrás de mim, com as mãos na minha cintura, e nossos corpos se moveram no ritmo sombrio e estimulante. Nem importava que eu não soubesse dançar, porque eles me moviam do jeito que queriam com o meu corpo colado entre os dois.

O corpo da Sam se aproximou, sua coxa se enfiou entre minhas pernas e seus dedos acariciaram minha nuca quando ela abaixou o rosto – seus lábios roçaram minha orelha quando ela sussurrou:

— Você precisa parar de beber isso aí, gata.

Mas o lance era que eu não queria parar de beber. A bebida que Jeremiah tinha feito para mim estava gostosa, e o álcool finalmente

estava aliviando aquele nó de ansiedade na minha barriga. Não só aliviando – o destruindo completamente. Me sentia ótima. Me sentia quentinha. Sentia vontade de rir. E, meu Deus, estava com tesão. O toque de seus dedos era excitante e deixou minha pele arrepiada, e ergui o copo para meus lábios mais uma vez.

Ela me puxou para frente, e então estava me arrastando pela multidão. A mão do seu homem estava segurando meu braço, e fiquei confusa pra caramba sobre por que a gente não estava dançando mais, e aí a gente entrou no banheiro, e ele trancou a porta, e ela…

— Eu mandei você parar de beber isso — ela repreendeu e me segurou pela nuca enquanto ele arrancava o copo das minhas mãos. — Desculpa, gata, é pro seu próprio bem.

Bem quando abri a boca para perguntar que porra era essa, ela me puxou para frente, me dobrou na frente do vaso e enfiou os dedos na minha garganta.

Já fazia horas que eu não ingeria nada além de bebidas alcoólicas cheias de açúcar, então vomitei a maior parte do líquido no vaso. Tentei empurrá-la para longe, mas ela era tremendamente forte, e me empurrou para baixo com mais força e voltou a enfiar os dedos – mais ânsias, mais vômito. Seu homem estava assistindo,

parado na frente da porta como um guarda. Ela só me soltou quando tive ondas de náusea e nada saiu, então escorreguei atordoada pela parede enquanto ela dava descarga e despejava o resto da minha bebida no vaso.

— Qual… qual é a porra do seu problema? — disse ofegante, segurando a barriga, com a garganta irritada pelos seus dedos e as costas doloridas pelo esforço de tentar me soltar dela. Sam deu um longo suspiro enquanto lavava meu copo na pia, então o encheu de água da torneira, ajoelhou e o ofereceu para mim.

— Vai precisar ser muito mais inteligente que isso se quiser sobreviver, Raelynn — disse ela, e eu me toquei que nunca tinha lhe dito meu nome. — Nunca, *jamais*, consuma qualquer coisa que Jeremiah Hadleigh te sirva.

Bebi a água cautelosamente, disparando os olhos entre ela e o homem – e foi aí que percebi: os olhos dele eram dourados.

— Zane — sussurrei, e ele acenou alegremente.

— Demorou tanto pra me reconhecer. — Ele fez um beicinho de zombaria. — Puta merda, o Leon não estava mentindo quando disse o trabalho que dava te manter viva. Você engole um monte de Boa Noite, Cinderela como se não tivesse nenhuma preocupação nessa vida.

— Boa Noite, Cinderela? — Minha voz subiu um oitavo de preocupação. — O que…

— Tinha droga na sua bebida, gata. — A mulher suspirou pesarosa. — Vou deixar isso perfeitamente claro: os Hadleigh não pretendem deixar você sair dessa festa. E eu tenho coisas a fazer, então vai bebendo essa água e coloca a cabeça no lugar, porque eu preciso que você se recomponha e vá embora.

Minha cabeça estava girando, e não só por causa do vômito e da droga que continuava na minha corrente sanguínea. Zane estendeu a mão para mim e me ofereceu uma bala de menta para aliviar o gosto nojento de bile na minha boca. Zane estava aqui… então será que isso significava que…

— O Leon tá aqui? — soltei. Zane só encolheu os ombros.

— Está por perto — disse. — Não perto o suficiente pra ficar de olho em você, isso é fato.

Sam me ajudou a levantar e apertou meu bíceps com os dedos.

— Olha, a gente vai chamar um Uber e você vai dar o fora daqui. Vai dar o fora da porra da cidade, de preferência. Não vou deixar meus planos serem arruinados só porque o próximo sacrifício dos Hadleigh está prontinha pra deitar no altar voluntariamente.

Ela acenou para Zane, que balançou a cabeça para mim e abriu a porta.

Então descobrimos que nossa saída estava bloqueada por um homem vestido de preto.

33

Rae

Entorpecida pelo resto da droga que ainda estava no meu organismo, por um instante achei que estava olhando para um assassino prestes a me matar. O homem me encarou com um olhar furioso através dos buracos na balaclava que ocultava seu rosto. Mas aquele olhar furioso era dourado como o sol e, assim que minha ficha caiu, me soltei da pegada de Sam e joguei meus braços em volta dele.

O perfume de Leon me envolveu, um leve cítrico e fumaça. Conforto. Segurança. Eu nunca imaginei que sentir os braços de um demônio me envolverem com força me causaria essa sensação, mas eu podia até chorar de alívio por vê-lo de novo. Ele estava completamente vestido de preto: calça cargo, botas, e algum tipo de

jaqueta militar justa. Uma fantasia perfeita para esconder sua identidade completamente.

— Estava começando a achar que tinha se esquecido de mim, boneca — rosnou, me abraçando forte com uma mão segurando minha nuca apertado. — Foi um showzinho bonito o que você deu dançando com esses dois, mas tive a sensação de que tinha esquecido a quem você pertence.

Zane riu, mas Sam estava olhando furiosa para ele:

— Talvez se estivesse prestando um pouquinho mais de atenção, não teria sido necessário.

Leon jogou a cabeça de lado, intrigado, seus dedos estavam brincando com meu cabelo, dando puxadinhas de leve como se estivesse resistindo ao impulso de puxar de verdade. As únicas partes de seu rosto que eu conseguia ver eram os olhos e a boca, que estava retorcida em um sorrisinho sardônico.

— Juniper Kynes… você cresceu.

Suspirei ao ouvir o nome. Juniper – o último sacrifício. O sacrifício que *deu errado*.

Ela continuou com uma carranca no rosto.

— Não sou mais uma menininha assustada. E ando melhor armada do que quando tinha quinze anos.

— Que bom que se lembra de mim. — Leon olhou cuidadoso para o corredor. Ele não estava mais me segurando contra seu peito, mas manteve um braço em volta dos meus ombros e continuei ao seu lado. — Agarre-se a essa raiva. Te deixa forte.

Eu nunca vi uma pessoa se mover tão rápido. Juniper sacou uma arma que estava guardada por baixo do paletó e encostou a lâmina na boca de Leon. Zane grunhiu, e senti Leon ficar só um pouco mais tenso quando prendi minha respiração.

— A sua sorte é que Zane tem carinho por você — disse entredentes. — Porque você era o primeiro da minha lista.

Meus dedos apertaram a jaqueta de Leon quando minha mão se fechou em um punho. Se essa vaca estava achando que podia ameaçar *meu…*

— Calma, garota. — Eu não sabia se Leon estava falando comigo, com ela ou com as duas. Toda a tensão o abandonou. — Isso parece divertido demais pra uma ameaça.

Quando ela não afastou a faca imediatamente, Leon passou sua língua bifurcada pela lâmina. Ao lamber a ponta da faca, o sangue brotou, pingou em seus lábios e estava manchando seus dentes quando ele sorriu para ela.

— Aproveite a festa — disse, deu uma piscadinha para Zane, e saiu andando, me mantendo perto de si.

Mas ele não me levou de volta para a festa. Ele nos conduziu na direção contrária, penetrando mais no corredor, onde a casa estava mais tranquila e a música era só uma batida sutil ecoando pelo piso. A parede à nossa direita era toda de vidro e oferecia uma vista do gramado que levava para as árvores. Ele não disse uma palavra, mas senti que estava ficando tenso de novo, sua pele estava quente e rígida. Viramos um canto, perto de uma escada que levava para o andar de cima e, com um movimento tão ágil que me deixou tonta, ele me tirou de seu lado e prendeu na parede.

Ele me deu um beijo com gosto de ferro ao mesmo tempo em que sua mão fechou em volta da minha garganta, a força da pegada estava muito mal contida enquanto sua língua ensanguentada brincava com a minha. Ele tinha perguntado se eu tinha me esquecido dele, mas meu corpo nunca poderia esquecê-lo. Seu beijo acendeu fogos de artifício na minha cabeça, um barato instantâneo que causou arrepios no meu corpo todo, até os dedos dos meus pés. Seu sangue se espalhou na minha boca como uma oferenda depravada. Minhas entranhas contraíram quando seu corpo colou no meu e senti a rigidez do seu pau no meu quadril.

Seu gosto era de violência, e seu sangue o pecado mais delicioso que eu já tinha consumido.

Ele apertou minha garganta, arrancando um choramingo de mim quando nossas bocas se afastaram por um breve momento, e me deu um sorriso ensanguentado.

— Porra. — Minha voz falhou e eu ofeguei. Ele estendeu sua língua bifurcada, com o sangue ainda brotando do corte que a atravessava, e eu não consegui resistir. Experimentei o gosto de sua língua com a minha, a segurei entre meus lábios e chupei até nossos lábios se encontrarem novamente: sangue e depravação, perverso pra caramba.

— Que merda você acha que está fazendo, vindo aqui, Rae? — A voz dele estava rouca de exasperação. — Já está tentando sentar no próximo pinto demoníaco que encontra?

— A gente tava só dançando — murmurei. — Eu…

— Ah, boneca, não se preocupe. — Ele fez carinho no meu rosto com seus dedos, e usou o polegar para limpar seu sangue em torno da minha boca, sem soltar meu pescoço. — Não sou ciumento. Você está tão desesperada que é bonitinho. Mas acho que sabe que mais ninguém vai te comer do jeito que eu como.

Inspirei fundo e olhei para ele, pairando sobre mim.

— Você foi embora — disse baixinho. — Você me deixou.

Ele encolheu os ombros.

— Você não me fez ficar.

— Porra, fiquei tão assustada, Leon.

Ele relaxou o aperto, e uma careta apareceu em seu rosto. Mas não se afastou nem um pouco de mim, como se temesse que eu pudesse escapar e fugir.

— Puta merda, Rae. Por que diabos você veio aqui?

— Eu não tenho lá muita escolha — disse, fechando a cara apesar de estar com tesão. — Preciso achar um jeito de me proteger, e achei que talvez fosse encontrar algo aqui.

Os olhos de Leon dispararam para o corredor, e qualquer barulho que tenha ouvido o fez parar por um instante, antes de retornar seu olhar incrédulo para mim.

— Então está aqui para fuçar na casa do próprio Kent Hadleigh? Para procurar uma arma?

— Sim — disse, cruzando os braços, embora o movimento não causasse muito uma imagem petulante enquanto estava sendo presa na parede pela garganta. — Vai me ajudar ou não?

— Te ajudar. — Deu uma risada ríspida. — Eu vou é te ajudar a apanhar na bunda, isso sim.

Ele voltou a apertar meu pescoço, e outro gemidinho escapou de mim, esse cheio de expectativa. Sua mão livre desceu, parou perto do meu quadril e então apertou minha bunda, logo antes de me dar um tapa forte.

A pegada no meu pescoço estrangulou minha tentativa súbita de puxar o ar ao sentir a ardência do tapa.

— Sabia que devia ter te marcado — rosnou. — Não sou um ser ciumento, Rae, mas não gosto de te ver fazendo graça por aí sem ter sido marcada como minha antes de qualquer outra pessoa. — Seus olhos desceram, e então abaixou a cabeça também. Ele empurrou meu suéter para cima e beijou meus peitos por cima do sutiã lenta e carinhosamente, e depois me mordeu com força o suficiente para me fazer gritar.

— Eu disse que queria colocar um piercing neles — disse. — Você ficaria tão linda com meu metal no corpo.

O quanto essa ideia me assustava só deixou tudo mais sexy. Pensar em Leon perfurando meus mamilos para me “marcar” estava me deixando molhada e, sem nem perceber o que estava fazendo, esfreguei meu quadril nele. O estímulo foi só o suficiente para me deixar arrepiada, antes que ele voltasse a me empurrar contra a parede.

— Isso foi um “*Por favor, faça isso?”* — disse. — Ou essa sua vontade toda é só imaginação minha?

Porra, eu queria – *precisava* dele, bem aqui e agora. Essas semanas sem Leon tinham parecido uma eternidade. Mas eu não conseguia me esquecer de onde estávamos, e não podia esquecer o motivo pelo qual tinha vindo aqui.

— Se me ajudar a procurar pela casa, pode me marcar — disse gentilmente. Os olhos dele se estreitaram e ele contraiu a mandíbula enquanto considerava minha oferta.

— Hum, que oferta mais malcriada, Rae. — Ele estava tão perto que eu mal conseguia respirar, precisei de todo meu autocontrole para não envolver seu pescoço com os braços e beijá-lo novamente, sentir seu gosto novamente. — Não quero você nesta casa.

— Vamos ser rápidos — eu disse.

— Por que acha que tem qualquer coisa aqui pela qual valha a pena arriscar sua vida?

— Você disse que Kent tinha artefatos mágicos. Se ele tem um amuleto que o protege de você, talvez tenha algo que possa me proteger do Deus. — Os olhos dele estavam apertados. Ele não estava gostando, mas eu não estava errada. — Me ajude a

encontrar. Já que não vou me cadastrar no seu Serviço de Proteção Demoníaca, vou precisar de *alguma coisa* para me defender.

Ele não parecia feliz me encarando por trás da máscara, mas, finalmente, sua expressão relaxou:

— Então eu te ajudo a encontrar o estoque do Kent e aí vou poder perfurar esses mamilos bonitinhos, é? É essa a proposta?

Engoli em seco, mas ainda tinha álcool o suficiente no meu organismo para conseguir parecer absolutamente confiante ao dizer:

— Isso. Essa é a proposta.

— Então tá bom. Faça silêncio e fique perto de mim.

Subimos a escada discretamente e emergimos no andar de cima, perto de uma segunda sala de estar, com uma mesa de sinuca coberta e grandes poltronas brancas com almofadas fofas. Que bom que estavam conseguindo restringir a festa à frente da casa. De jeito nenhum teríamos conseguido subir aqui se os convidados tivessem se espalhado. Mas o andar superior estava no escuro, todas as luzes estavam apagadas e as portas estavam fechadas.

Um sinal claro de que não era para ninguém estar aqui em cima.

Eu estava coçando para abrir todas as portas, mas Leon sabia aonde estava indo. O corredor terminava em forma de cruz, e Leon se dirigiu à direita, nos conduzindo por outro corredor com uma

parede de vidro com vista para o quintal escuro. A casa era tão grande que as batidas da música pareciam muito distantes agora. Fiquei esperando sentir meu celular vibrar no bolso, logo Inaya começaria a questionar onde eu estava. Com sorte, ela estaria distraída o suficiente – bêbada o suficiente – para esquecer de mim por mais um tempinho.

O corredor terminou em um par de portas cinza. Leon levou o dedo aos lábios em aviso, depois deu uma boa e demorada olhada nas maçanetas, e então na fissura entre as portas.

— O que está procurando? — sussurrei, só para ele gesticular de novo para eu ficar quieta. Ele abriu a porta devagar, só alguns centímetros, então seus ombros relaxaram e ele a empurrou totalmente.

— Estava conferindo se tinha alguma magia protetiva — disse. — Escapar de um Deus só para ser morta instantaneamente por encostar numa maçaneta seria um jeito bem idiota de morrer.

Saber que existiam feitiços que poderiam me matar com apenas um toque me fez atravessar a soleira com muito mais cuidado. O quarto era espaçoso, tinha pisos lustrosos de madeira e um grande tapete branco. Era tudo em tons monocromáticos, do lençol cinza às

almofadas brancas, e às cortinas pretas abertas na parede de vidro do outro lado do quarto.

Leon fechou a porta sem fazer barulho depois que entramos, e olhou feio para o quarto como se o cômodo o tivesse ofendido pessoalmente.

— Nunca achei que me encontraria aqui de novo. Odeio este quarto.

— Esteve aqui muitas vezes?

— Uma ou duas, e já foram vezes demais. Kent tinha um fraco por administrar punições enquanto relaxava aqui. Suponho que, pra ele, quebrar uns ossos meus magicamente quando eu ferrava suas ordens era um passatempo relaxante.

Era terrível imaginar um cômodo tão luxuoso sendo usado de uma forma tão sinistra. Era mais difícil ainda imaginar Leon sob o controle de alguém: ele tinha tanto poder, uma força tão devastadora, que a ideia de ele receber ordens de um mero humano parecia absurda.

Mas até um demônio poderoso poderia ser derrotado pela dor.

Tudo aqui parecia caro: o moderno lustre de vidro e aço no teto, a lareira de mármore preto embaixo da imensa televisão de tela plana, a enorme pintura em uma moldura dourada sobre a cama. Retratava

uma mulher parada no meio de um mar revolto, com o braço estendido apontando uma adaga para o céu. Tentáculos pretos estavam enrolados em seu braço, como se segurando a adaga com ela. Poderia até ter sido pintado durante a Renascença, lindo e dramático. Mas não era uma arma.

Nada aqui se parecia com uma arma.

A janela aberta só exibia nossos reflexos, até eu passar na frente dela e um refletor acender lá embaixo, iluminando uma grande parte do gramado. Movimento chamou minha atenção e, quando olhei, vi algo esquelético e escuro rastejando entre as árvores.

Eles tinham me seguido até aqui. É claro que tinham. Eu não conseguia me livrar desses monstros, não importava aonde eu fosse.

Os braços de Leon me abraçaram por trás, e seus dentes mordiscaram minha orelha quando ele disse:

— Por que ficar com medo deles espreitando por aqui, quando sabe que a coisa mais perigosa nesta casa sou eu? — Ele me virou em seus braços e ergueu meu queixo com os dedos. — E, para sua sorte, estou do seu lado.

Arrepios subiram pelas minhas costas viradas para a janela. Odiava saber que eles estavam lá fora. Odiava essa sensação

constante de estar sendo perseguida.

— Está mesmo?

Ele franziu o cenho.

— Perdão?

— Você está do meu lado? De verdade?

O rosto dele ficou mais sério, quase furioso. O sorriso zombeteiro tinha desaparecido.

— O que diabos te passou a ideia de que eu não estou, Rae?

Mordi o lábio e balancei a cabeça.

— Você está planejando ir embora de novo, não está? Não sei o que vou fazer se não encontrar alguma coisa aqui pra me proteger. Essas coisas não vão me deixar em paz. — Tentei olhar pela janela de novo, mas Leon segurou meu rosto e não deixou.

— Eu voltei — disse. — Isso não significa nada?

— É temporário — respondi, tentando manter a voz firme. Mas estava assustada, e estive mantendo todos meus medos e frustrações em silêncio, como eu poderia falar sobre essas coisas?

Quem, além dele, entenderia?

— Pra mim não existe *temporário*. — A voz dele era um rosnado quando entrelaçou as mãos por trás das costas. Agora, quando ele fazia isso, me parecia uma ameaça. Era um sinal de seu

autocontrole, um esforço para não fazer nada até eu estar implorando para ele fazer. — Você esqueceu *mesmo:* você é minha, Rae. Sinceramente, eu deveria te punir por se atrever a sugerir outra coisa.

Minha boca tinha ficado seca, mas minha vagina não. Ela estava esquentando rapidamente ouvindo essas palavras, inchando de expectativa. Passei a língua sobre os lábios e percebi como estava sendo tola. Todas essas semanas de solidão e medo tinham me afetado, e eu sentia mais falta da atenção dele do que eu podia explicar. Tinha sentido falta de seu fogo, de sua brutalidade, de sua certeza inabalável de que eu pertencia a ele.

Eu precisava dessa certeza agora, desesperadamente.

— Você não vai me punir aqui — disse. — No quarto do Kent, você não ousaria…

— Acha que não? — A voz dele tinha despencado a um tom perigosamente grave. Ele caminhou em volta de mim, que fiquei parada ali, com o coração disparado pela adrenalina que era provocá-lo. Eu queria uma reação, e se desafiá-lo me traria uma, então era isso que eu faria.

— E se você tivesse me pegado aqui alguns meses atrás, Leon? — perguntei, resistindo à vontade de me virar enquanto ele estava

atrás de mim. Ele tinha conseguido limpar minha mente do medo que senti do monstro à espreita lá fora, voltando toda minha atenção para si e para o que estava fazendo.

Para o que *planejava* fazer.

— E se — murmurou ele, então riu. — E se, não é mesmo? Está tentando sugerir que, se eu tivesse te encontrado aqui enquanto ainda estava a serviço de Kent, teria te machucado? — Ele roçou os dedos pela minha nuca, acariciou meu cabelo, e arranhou minha pele de leve com suas garras. — Você me subestima, Rae. Kent nem teria que ficar sabendo que te peguei aqui. Mas eu teria que te punir mesmo assim, nem que fosse só para te ensinar uma lição sobre se meter onde não deve.

Engoli em seco. Suas mãos deslizaram pela minha cintura, suas garras se enfiaram no tecido do meu suéter e pinicaram meu quadril. Seus lábios passaram suavemente pelo meu pescoço, então acariciaram a pele embaixo da minha orelha e, quando minha respiração se tornou trêmula, fechei os olhos.

— Tão nervosa — disse ele baixinho. — Do que precisa, boneca?

— De uma distração — sussurrei. — Preciso me sentir segura. Preciso… preciso de você.

Senti seus lábios se curvarem na minha pele em um sorriso.

— Uma distração? Devo te distrair com a ideia de que, mesmo que Kent ainda me controlasse, eu não te machucaria? — Leon deu a volta e parou na minha frente mais uma vez, arrastando as garras pela minha mandíbula até elas pressionarem a pele macia bem sob meu queixo. — Por mais que eu te castigue com a crueldade e brutalidade que eu desejar, vou continuar te protegendo. É essa a distração de que precisa?

— Sim. Por favor.

— *Por favor.* — Deu uma risadinha. — É tão bonito quando você diz isso. Vai se submeter de bom grado, ou vou ter que te forçar a aceitar o que deseja?

Lentamente, dei um passo para trás, depois mais um. Eu estava agitada, com os membros trêmulos, formigando de adrenalina e com a necessidade de resistir, de fugir.

— Ah, então vai ser à força. — Ele veio atrás de mim, cada passo seu era tão lento e calculado quanto os meus. Meu rosto estava quente e ele inspirou profundamente, depois seus olhos brilharam dourados e ele me deu um largo e astuto sorriso. — Estou sentindo o cheiro. Está ensopada de tesão, louca de desejo por mim.

Neguei com a cabeça, mas por dentro estava gritando *sim.* A fantasia de ser dominada por Leon – à força, como uma punição –

fez minha boceta pulsar. O horror verdadeiro estava lá fora, mas, aqui dentro, eu estava segura em suas mãos. Segura, embora ele regesse meu medo como um maestro.

Essas fantasias arriscadas eram catárticas quando havia tantas coisas de que ter medo de verdade.

— Você não deveria perambular em lugares proibidos, boneca. Está vendo o que acontece quando faz isso?

Ele avançou de uma vez na minha direção, e eu me joguei por cima da cama para tentar alcançar a porta. Eu sabia que não chegaria lá. Não tinha nenhuma vontade de escapar. Mesmo assim, meu coração bateu na garganta quando ele me agarrou e me puxou para trás, me jogando no colchão. A força dele era irresistível, ele me jogou como uma boneca de pano e me virou, então acabei deitada com ele sentado sobre mim.

Foi uma sensação boa usar meus punhos contra ele, chutar e balançar o quadril e me contorcer. Eu sabia que era inútil, que eu não ia escapar. Mas lutar aliviou minha tensão, aliviou aquela energia ansiosa de dentro de mim. Quando ele segurou meus pulsos e os prendeu na cama com uma de suas mãozonas, e usou a outra para segurar minha garganta, o calor do tesão me percorreu como um incêndio florestal.

Comecei a ofegar embaixo dele e ele se curvou para baixo, rindo perversamente:

— Diga que se lembra, Rae. O que faz a brincadeira acabar?

— Misericórdia — sussurrei.

— Boa garota. — Ele me apertou bruscamente, enterrando as garras no meu pescoço. De máscara, ele parecia aterrorizante e desconhecido, e eu podia imaginar que ele era um verdadeiro estranho, um demônio que eu nunca tinha encontrado e que me pegou bisbilhotando onde não devia.

— Melhor ficar quieta — rosnou. — Não quer que meu patrão descubra sobre isso, quer? As coisas só podem piorar pra você se ele ficar sabendo. — Ele riu quando virei o rosto em desafio, e arrastou a língua na lateral do meu rosto. A sensação me fez estremecer, e deixei escapar um choramingo quando ele mordeu minha orelha.

— Me solta. — A pressão de sua mão me fez guinchar e me contorcer inutilmente. Contraí as coxas de desejo quando sua língua bifurcada apareceu entre seus lábios para zombar de mim. — Por favor, me solta.

— Sem chance. — Ele me arrastou para a beirada do colchão. Parou atrás da cama, me puxou pela beirada, e me segurou de

barriga para baixo, dobrada por cima da lateral do colchão. A mão dele deslizou por baixo da minha saia e suas unhas rasgaram o tecido fino de minhas meias pretas. — Por mais que você chore e implore, você não me engana: vai amar cada segundo do que eu vou fazer. Eu vou acabar com você, porra.

— Porra, Leon… — A mão dele esfregou entre minhas pernas, rude e descuidadamente. Percebi que estava me esfregando nele de novo, ansiosa por mais estímulos, desesperada para sentir seus dedos no meu clitóris. Ele afastou a mão e a usou para empurrar meu rosto contra o colchão pela parte de trás da minha cabeça, então deu três tapas na minha bunda, um atrás do outro.

— Putinha suja. — Ele voltou a levar a mão entre minhas pernas, rasgou minha meia e puxou minha calcinha para o lado para enfiar dois dedos em mim. Gritei enquanto ele metia os dedos impiedosamente, agarrando os lençóis elegantes embaixo de mim, sendo brutalmente dominada pelo prazer.

— Awn, tão molhadinha. — Leon tirou os dedos, me deixando ofegante, e os colocou na frente do meu rosto. Sua pele cintilou com o meu tesão, que formou fios entre seus dedos quando ele os abriu. Ele riu de um jeito sinistro e deu um chacoalhão brusco na minha

cabeça. — Que garota depravada. Você ama ser jogada por aí, hein? Abre a boca.

Ele forçou os dedos entre meus lábios e o gosto do meu próprio tesão me fez gemer. Chupei seus dedos e deslizei a língua entre eles e até as pontas – ele tinha feito a gentileza de retrair as garras para me masturbar. Leon deu outro tapa na minha bunda e eu dei um gritinho, mas logo voltei a lamber até a última gota que eu mesma tinha deixado nele.

— Que coisinha mais safada — rosnou. — Vamos fazer bom uso dessa sua boca, que tal?

Ele me empurrou para o chão, me controlando com uma mão no meu pescoço e a outra no meu braço. Eu resisti, só para experimentar aquela sensação eufórica de recusar algo que eu queria descontroladamente, sabendo que aconteceria de qualquer forma.

Eu queria brigar e, mesmo assim, conseguir o que queria.

Ele me forçou a ficar de joelhos e abriu o cinto. O tilintar da fivela e o conhecido som do zíper deslizando para baixo me deixaram com um nó na barriga de necessidade. Minha boca estava salivando. Eu sabia o que ia acontecer. Observei atentamente ele puxar o pau

rígido para fora, grosso, cheio de veias e monstruoso, e o segurar na frente do meu rosto.

— Abra.

Olhei para ele de baixo e sorri desafiadoramente.

— Não.

Seus olhos brilharam, ele jogou os ombros para trás e balançou a cabeça. Ele me puxou mais para cima nos meus joelhos e se inclinou para baixo até nossos rostos estarem a poucos centímetros de distância.

— Não. Se. *Atreva.* A dizer. *Não.* Para *mim.* Ou vou arrancar esse sorrisinho atrevido do seu rosto no tapa.

Sorri mais ainda.

— Me bate, Leon — sussurrei. — Me bate.

As veias de seus braços pareceram ficar mais espessas com o esforço de se controlar.

— Garota corajosa — disse baixinho. — Tem certeza disso? Está pedindo para um demônio bater em você, estou acostumado a brincar com aqueles que podem sangrar sem morrer, que posso jogar longe sem quebrarem.

— Você não vai me quebrar — disse. — Porra, me *bata,* seu cuzão.

A palma de sua mão atingiu meu rosto, pesada, ardente – mas perfeitamente sob controle. Ele estava moderando sua força. Só me deu o suficiente para arder, atenuando o impacto com a outra mão, que impediu minha cabeça de girar na direção contrária. Ele fez uma pausa comigo, e eu sabia que estava me observando, analisando minha reação.

Voltei a erguer meus olhos, petulante, e cuspi:

— Não tenho medo de você.

— Não? — Me deu um puxão no cabelo e ver a ferocidade daqueles dentes afiados por trás da máscara escura me deu calafrios na espinha. — É medo que você quer, sua pirralha? — Alguma coisa estava mudando. Seus dentes estavam mais compridos. Suas pupilas tinham dilatado, deixando apenas um fino círculo do dourado. Sua língua, que serpenteou para fora para lamber meu rosto em provocação, estava *preta*. — Vou te dar algo do que temer.

Me deu outro tapa, então mais um. Minha cabeça estava vibrando com a mistura de dopamina e adrenalina que essa dor ardente estava injetando dentro de mim. Seus tapas eram pesados e deixavam pontadas de formigamento no meu rosto. Eu não estava só gostando da dor – estava me deleitando com a minha tolerância,

com resistir às suas ordens por tanto tempo quanto conseguisse. Quando ergui meus olhos marejados para seu rosto, ele realmente estava parecido com um monstro, algo saído direto dos meus pesadelos que me deixou indefesa em suas mãos.

— Está assustada agora, garotinha?

Assustada – apaixonada – arrebatada – necessitada pra caramba. Essa parte perversa da minha imaginação, que me permitia existir como assustada e calma ao mesmo tempo, este jogo perigoso, era onde eu queria estar.

Neguei desafiadoramente com a cabeça e me encolhi quando seus dedos acariciaram a pele que ele tinha acabado de estapear.

— Não estou. Não tenho medo de você.

— Tão corajosa — disse, e fez um beicinho de deboche. — E tão bobinha, caralho. Mortalzinha patética. É gostoso desafiar um demônio, não é? — Ele apertou minhas bochechas com uma mão e forçou os dedos da outra mão pelos meus lábios, obrigando minha mandíbula a abrir. — Deixa eu ver essa boquinha linda, perfeita pro meu pau. — Seus dedos forçaram minha língua. Quase engasguei, e o esforço para não engasgar fez as lágrimas escorrerem dos meus olhos. Eu podia sentir minha boceta pingando e se contraindo de desejo.

Ele olhou para mim como se eu não passasse de um brinquedo, mas, quando abaixou a voz e falou novamente, suas palavras foram de adoração:

— Sua boca é perfeita. Seu corpo é perfeito. Sua mente, essa maldita mente curiosa, é perfeita. — O aperto com que me segurava não era gentil, mas o beijo que deixou na minha testa foi. — Você é minha, mesmo que não acredite nisso. E eu cuido muito bem do que é meu. Agora, abra a porra da sua boca.

Dessa vez, obedeci.

Ele forçou seu pau entre meus lábios. O gosto de sua pele na minha língua era intoxicante, e minhas pálpebras pestanejaram até fechar quando ele se enfiou dentro de mim. Ele fodeu minha boca sem piedade, me castigando – me recompensando. Foi só quando um engasgo me sacudiu que ele desacelerou, mas continuou segurando minha cabeça no lugar, usando minha boca em busca do seu prazer.

— Porra, você chupa meu pau tão bem. — A rouquidão em sua voz me fez gemer. Pude ouvir o prazer mal contido no que ele disse, e passei minha língua pela sua pele, ansiosa para senti-lo pulsar. — Ah… porra, gatinha.

O apelido despertou algo em mim, algo leve, esvoaçante e quentinho dentro da minha barriga. Ele nunca tinha me chamado disso antes. Os apelidos que me dava sempre carregavam um tom de provocação, mas esse – esse estava carregado de prazer, esse escapou de seus lábios como se nem tivesse pensado, como se tivesse surgido em um momento de vulnerabilidade.

Fez com que a excitação intensa que me encharcava queimasse mais quente. Segurei seus quadris quando comecei a mover minha cabeça no ritmo de suas estocadas. Enterrei meus dedos em sua pele, então levei minhas mãos até suas costas e arranhei. Eu queria deixar minhas marcas nele. Queria arrancar sangue. Não sabia nem se seria possível fazer esse monstro sentir dor, mas queria tentar.

Suas estocadas ficaram ainda mais fortes e ele colocou a mão na minha bochecha ardente, me encorajando a olhar no seu rosto.

— Vai engolir tudinho, não vai? — rosnou, e eu consegui concordar com a cabeça, apesar de sua grossura. Sentia saudade do gosto dele, queria tanto senti-lo que gemi. Ele segurou minha cabeça no lugar, meteu fundo enquanto seu pau pulsava na minha língua, e então encheu minha boca de porra.

Engoli até sua última gota. Me agarrei a ele, o segurei no fundo da garganta para não perder nada. Cada vez que minha boca

contraía em volta dele para eu engolir, seu quadril empurrava para frente e tremores subiam pelas suas costas.

Ele tirou o pau da minha boca, segurou meu queixo e, com meus lábios ainda molhados por ele, me beijou com uma voracidade de quem queria se arrastar para dentro de mim, de quem queria me engolir inteira. Mordi seu lábio e ele me mordeu de volta, e então sua língua estava na minha boca e me senti flácida em seus braços, intoxicada pelo coquetel de todos os seus gostos na minha boca.

— Porra, como você é suja — sussurrou, se afastando só o suficiente para falar. Sorri com o rosto manchado pelas lágrimas, sêmen no queixo e rímel escorrendo.

— Me deixe mais suja.

Ele cuspiu nos meus lábios e, enquanto me observava lamber o cuspe, achei que fosse perder o controle. A malícia em seus olhos, a voracidade, não era nada menos do que aterrorizante. Aterrorizante, mesmo assim, eu nunca quis alguém tanto assim. Cada terminação nervosa do meu corpo estava incendiada, sensível ao toque. Controlei um gritinho quando ele me ergueu do chão e me jogou na cama, onde pousei no lençol luxuoso e nos travesseiros macios. Me arrastei em mais uma tentativa inútil de resistir, mas ele me prendeu de costas e puxou minha saia.

— Você ainda tá duro? — Suspirei, como se não pudesse ver o óbvio. Era como se ele nem tivesse tido um orgasmo: seu pau ainda estava duro feito pedra, com uma gota perolada de lubrificação escorregando da cabeça quando ele abriu minhas pernas.

— Lembre-se do que eu sou, gatinha — rosnou. — Fico duro pelo tempo que quiser. — Ele se debruçou para sussurrar em minha pele: — E eu prometi acabar com você.

Eu estava ensopada, mesmo assim gritei quando ele entrou em mim e me esticou. Leon cobriu minha boca com a mão, abafando meus sons enquanto me preenchia profundamente.

— Lembre — disse com severidade, mordendo meu pescoço. — Três tapas se quiser parar. — O lembrete do gesto me trouxe de volta por um instante, me lembrou da realidade, antes que eu flutuasse de volta para aquela fantasia deliciosa e sombria.

Vê-lo em cima de mim, com uma máscara no rosto, olhos brilhando e as marcas ensanguentadas dos meus dentes nos lábios, me levou à beira de um orgasmo quase imediatamente. A extensão de seu pau dentro de mim e seus dedos esfregando meu clitóris me jogaram pelo precipício e me fizeram cair no êxtase.

Contraí em torno dele, gritando contra sua mão enquanto ele me comia até não restar mais nada de mim. Leon diminuiu o ritmo para

prolongar meu prazer por quantos segundos pudesse. Mas então, quando as ondas de prazer se retraíram e eu consegui recuperar o fôlego, atordoada, ele sussurrou:

— Ainda não acabou. Quero te ver gozar de novo. Grita pra mim de novo.

Ele ergueu minhas pernas e as segurou no alto para conseguir alcançar um ângulo ainda mais profundo. Minha boceta, que estava latejando, contraiu mais uma vez, cada toque no meu clitóris dilatado, excessivamente sensível, me causou espasmos. Eu estava suplicando “por favor, por favor, favor” na mão dele, minha mente mergulhando em uma euforia sem pensamentos. Ele mordeu meu pescoço e curvou seus lábios em um sorriso contra minha pele quando arqueei a coluna contra seu corpo, quase incapaz de respirar com a tensão ficando cada vez mais forte.

Gritei como um animal contra sua mão e me contorci embaixo dele, chorando com a enxurrada de endorfinas no sangue. Só percebi que estava chorando quando suas mãos estavam secando minhas lágrimas, ele beijando meu rosto e murmurando:

— Calma, gatinha. Você foi tão bem, e é linda pra caralho.

Virei a cabeça e colei o rosto no peito dele quando se deitou ao meu lado. Me senti uma boba por chorar: eu não estava triste, não

estava assustada, não estava ferida. Mas tinha sido tão gostoso, tão selvagemente esgotante, que chorar no peito dele por mais um minuto foi uma catarse.

— Desculpa. — Funguei e dei uma risadinha, estava completamente atrapalhada. — Desculpa pelo choro…

Ele encostou um dedo nos meus lábios para me silenciar.

— Não se atreva a pedir desculpas. Tenha a reação que precisar ter. Estou aqui com você.

Ficamos deitados ali em silêncio, ouvindo as batidas distantes da música. Enquanto eu me recuperava, percebi que o nó de ansiedade que esteve me atormentando durante dias tinha desaparecido. Leon o tinha soltado com os dedos, a língua e suas palavras indecentes. Nada que me esperava lá fora era tão perigoso quanto ele.

Eu era dele. E ele cuidava bem do que era seu.

— Já deu de distração? — Ele me deu um sorrisinho, e eu tirei sua máscara porque queria ver seu rosto. Não fazia tanto tempo assim que eu não o via, no entanto ele tirou o meu fôlego. Sua beleza era perigosa, fascinante. Como aqueles sapos venenosos de cores vibrantes, cuja aparência implorava para que você tocasse neles, mas que te matariam após um toque leve de seus dedos.

Mas toquei nele mesmo assim, fazendo carinho em seu rosto com meus dedos.

— Foi uma boa distração — eu disse.

— Espero ter te comido o suficiente pra tirar esses pensamentos ansiosos da sua cabeça. Não desperdice esse medo delicioso com bestas vis enquanto eu estiver aqui.

Mas por quanto tempo você vai continuar aqui?

Não podíamos ficar deitados ali para sempre. Ele me disse para não ter medo, mas eu sabia que ele ainda estava em alerta: procurando por barulhos de passos, disparando os olhos na direção da janela e da porta. Ele estava ansioso para que eu não precisasse ficar. Mas, por mais um minuto, foi bom só ficar ali, só respirar, só sentir seus dedos brincando com o meu cabelo.

— Um demônio usar palavra de segurança me deixa surpresa — murmurei, olhando para o lustre no teto. A cama era absurdamente confortável, mas a pintura da mulher atrás de mim me dava a ilusão de estar sendo observada.

Ele bufou e balançou a cabeça.

— Nós, demônios, valorizamos o livre-arbítrio antes de tudo. Podemos brincar com a ilusão de alguém estar sendo forçado, mas qual seria a graça se sua vítima não te desejasse

desesperadamente? Porém não chamamos assim no Inferno, de *palavra de segurança.* Todos sabemos que temos que pedir misericórdia se a brincadeira tiver que acabar. É um jeito mais educado, e bem mais íntimo, de dizer “pare, senão vou te fazer parar”. — Ele encolheu os ombros e, depois de um instante, levantou da cama com um sorriso no rosto.

— Sempre quis profanar esta cama — disse ele, oferecendo a mão para me ajudar a levantar. — Finalmente tive a oportunidade de deixar ela suja do jeito certo.

— Talvez o Kent tenha que pôr fogo nela — falei, enquanto ele me envolvia em seus braços e me abraçava apertado. Seus lábios beijaram o alto da minha cabeça, e eu sussurrei: — Estava com saudade.

Era verdade, mas dizer em voz alta fez meu coração disparar. Ele ficou tenso, e me apertou ligeiramente mais.

— Por quê?

Porque você faz eu me sentir segura, reconfortada, desejada, e tem um pau monstruoso que me dá os melhores orgasmos da minha vida.

Não consegui olhar em seus olhos.

— Gosto de te ter por perto.

Quando finalmente ergui os olhos, tinha um vinco entre suas sobrancelhas, como se o que eu disse fosse confuso. Ele me soltou para esfregar a mão na parte de trás de sua cabeça, bagunçando o cabelo.

— Bem, você com certeza é uma das primeiras humanas a dizer isso. — Ele pigarreou desconcertado. — Já passamos tempo demais aqui. Vamos descer.

34

Leon

Eu nunca vi Kent abrir a passagem que levava ao porão, como meu círculo de retenção ficava lá embaixo, eu podia simplesmente me teletransportar para lá quando Kent mandava. Eu só conseguia sair do círculo com sua permissão, e ele normalmente enunciava suas ordens de tal forma que eu precisava retornar para lá imediatamente ao terminar minhas tarefas. Eu nunca mais queria colocar meus pés nesse porão, nunca mais queria vê-lo ou sentir seu cheiro ou chegar perto dele.

Mas aqui estava eu.

Eu sabia que a entrada ficava em algum lugar de sua suíte master, e suspeitava que tinha algo a ver com a enorme estante de livros que ocupava a parede mais longe, com um vão estranho por

baixo, como se houvesse um trilho ali. Foi nela que procurei primeiro.

Brincar com a Rae, gastar a energia do meu estresse com ela, enquanto ela fazia o mesmo comigo, tinha acalmado um pouco da minha inquietação por estar nessa casa desgraçada. Mas a sensação continuava, um formigamento de ansiedade na parte de trás do meu crânio. Eu odiava esse quarto. Odiava o cheiro dele. Odiava os tapetes perfeitamente prístinos e paredes brancas, e ainda havia um leve cheiro no ar daqueles charutos que Kent adorava fumar. Eu não queria ficar aqui mais tempo do que o necessário, ouvindo as vozes distantes de Jeremiah e Victoria na casa enquanto eles ficavam mais bêbados e mais barulhentos. A tentação de ir lá massacrar os dois era grande, mas a realeza no comando do Inferno fazia cara feia quando os demônios davam um showzinho desses na frente dos humanos.

Matar os irmãos Hadleigh cruelmente na frente de uma multidão de universitários bêbados seria divertido, mas não valia o preço que consequentemente eu teria que pagar no Inferno.

— Então quer dizer que você não encontrou o grimório? — perguntou Rae às minhas costas, me assistindo apalpar por baixo da estante.

Ah, sim, eu encontrei o grimório. Mas estou obcecado demais com você para te deixar, então aqui estou, ainda arriscando minha vida e um braço para ficar perto de você, ainda ficando absolutamente louco com sua voz e cheiro e olhos.

— Não, ainda não encontrei. — Olhei para trás por cima do ombro e lhe dei uma piscadela. — Sorte sua.

Quanto mais eu a lembrava de quanta “sorte” ela tinha por eu ainda estar aqui, mais me sentia um completo cuzão. Insinuar que o grimório era a única coisa que me impedia de ir embora era uma mentira péssima, uma na qual não seria possível ela acreditar por muito mais tempo. Eu admitiria numa boa que eu, em geral, era um babaca, mas Rae me fazia querer ser… legal… com ela.

Somente com ela. Todas as outras pessoas podiam ir tomar no cu.

Na extremidade da estante, meus dedos passaram por cima de uma placa fria de metal instalada na madeira. A pressionei, me afastei, e a estante se deslocou silenciosamente no trilho, afundando na parede e exibindo uma escada que descia para a escuridão. Rae arfou e avançou, ansiosa, pronta para descer correndo de uma vez para o desconhecido. Empurrei seu peito com

a mão, a impedindo na hora em que luzes fluorescentes acenderam piscando e iluminaram a escada fria de concreto.

— Tem câmeras lá embaixo? — sussurrou, como se as próprias escadas pudessem ouvir e fofocar. — Ou sensores de movimento?

Encolhi os ombros.

— Não sei. Só estive em um quarto lá embaixo. Precisamos ser rápidos.

Ela concordou determinada com a cabeça. O rosto dela estava ruborizado e seus batimentos cardíacos tinham acelerado novamente. Ela estava empolgada – é claro que estava. Encarar uma aventura perigosa? Aparentemente era melhor do que passear no parque.

Havia algo de tão dolorosamente sexy na bravura insensata desta mulher minúscula.

Ela foi na frente e eu a segui, apertando outra placa de metal na parede da escada para fechar a estante depois de entrarmos. Descemos dois lances de escadas e mais luzes acenderam sobre nós.

— Uau. — Os olhos da Rae arregalaram enquanto ela estudava o local. — Isso aqui parece o covil de um supervilão.

— Meio que é mesmo. — Eu estava começando a ter calafrios, uma sensação desagradável subindo pela minha espinha por estar aqui. As paredes de concreto pintadas de preto e o piso de madeira não conseguiam disfarçar o peso da claustrofobia esmagadora desse lugar. Demônios não foram feitos para ficar no subsolo, mas sempre foi onde os Hadleigh me mantiveram.

— Essa é a mesa de reuniões malignas dele? — disse Rae, sorrindo da própria piada enquanto dava a volta na lustrosa mesa comprida de madeira posicionada no centro da sala, cercada de cadeiras. Ela tinha tirado o celular do bolso e o ergueu para filmar enquanto perambulava. Eu não tinha muita fé no sistema judiciário dos humanos, mas quanto mais registros existissem de seu paradeiro, mais difícil seria para os Hadleigh fazerem minha garota sumir. Filmar essa exploração provavelmente era uma boa ideia.

— Eu ouvia eles conversando às vezes — disse. — Ele se reunia aqui com os membros dos Libiri mais próximos.

— E por trás dessas portas? — Ela olhou de um lado a outro da sala, para as espessas portas de metal guardadas por pequenos teclados. — Como a gente pode entrar?

— Fechaduras eletrônicas são bem fáceis de controlar — respondi. — Escolha. Não sei o que tem atrás de nenhuma delas, a

não ser da última.

Ela olhou na direção da extremidade mais distante da sala e da insossa porta de metal que ficava lá. Quando eu estava sob o controle de Kent, só podia ir e vir daquele quarto com a permissão dele. Agora? Estava longe de sentir vontade de colocar meus pés lá mais uma vez.

— O que tem lá? — perguntou Rae, e eu suspirei, então direcionei minha energia para o outro lado do cômodo para influenciar a eletricidade na fechadura da porta, que abriu.

— Veja você mesma.

O rangido das dobradiças da porta era conhecido. Eu podia jurar que essa era a única porta na casa inteira que Kent permitia que fizesse barulho. E o cheiro lá dentro – estagnado, úmido, poeira, mofo. Dei as costas para a porta aberta, só para não ver a familiar trepidação da lâmpada fluorescente fraca.

Eu costumava quebrar aquela lâmpada todos os dias, até Kent descobrir o que eu estava fazendo. Aí ele retribuiu quebrando meus dedos.

Eu não queria estar aqui. Eu não queria sentir o cheiro do concreto frio úmido, o cheiro metálico do ferro. Eu não queria ouvir o burburinho do sistema de filtragem do ar pelas saídas de ar. As

paredes eram de concreto sólido, com exceção daqueles respiradouros que sopravam ar gelado e estéril para dentro. Ar que cheirava a nada, que era tão opressivo e asfixiante quanto as paredes.

— Não tem nada — disse ela. — É só um quarto vazio de concreto. É gelado.

— Olha pra baixo.

Acho que ela olhou, julgando pela forma como inspirou o ar com força. Me distraí destrancando as outras portas, até ela me chamar com uma voz trêmula:

— Leon, era… era aqui que ele te deixava?

Não respondi. Ela queria uma arma além de mim, então eu encontraria uma para ela. Abri a primeira porta quando a fechadura foi desativada, e encontrei um escritório simples lá dentro: escrivaninha, estante de livros, cadeira. Inútil. Me virei para a próxima porta.

E a encontrei parada ali, impedindo o caminho.

— Leon. — Tinha sofrimento em sua voz. Dor. Odiei isso. Eu não queria que ela soasse assim. — O Kent te mantinha naquele quarto? Aquilo no chão é um círculo de retenção, não é?

— Então dá mesmo pra aprender magia no Google — murmurei. Soou maldoso, e talvez *fosse* maldoso. Eu nunca tinha dado a mínima para como eu soava até a conhecer, até começar a ver a emoção naqueles grandes olhos castanhos por trás dos seus óculos. Tentei dar a volta em Rae, mas ela entrou na minha frente de novo.

— Sim, eu era deixado lá dentro — disse, mais ríspido do que planejava, mas rispidez era uma opção melhor do que dor, do que medo. — Saindo e voltando durante cerca de cem anos. Aquele era o porão da casa antiga, antes de Kent a reconstruir com aquele bloco chique de vidro e concreto lá de cima. Eu costumava assistir às raízes brotarem nas paredes sujas, até que Kent jogou mais concreto e trancou a porta, e aí não sobrou nenhuma luz, nenhum calor, nada. — Voltei a encarar aquele quarto por cima da cabeça dela. Eu tinha passado horas, dias, semanas lá dentro, quando as várias gerações de Hadleigh não tinham utilidade para mim. Era só uma ferramenta, guardada no escuro até eles pensarem em uma nova tarefa para mim. Preso naquele quartinho desgraçado, naquele círculo minúsculo desgraçado, olhando para as paredes até minha mente ficar entorpecida.

Isso me fez passar mal. Me fez querer…

Os braços dela estavam em volta de mim. Ela tinha abraçado meu torso com força e apoiado a cabeça no meu peito. Ela fungou e apertou um pouquinho mais.

— Eu sinto muito — sussurrou. — Sinto tanto.

Meu primeiro instinto era me afastar. Eu não precisava de consolo, não precisava dos sentimentos dela, não precisava que sentisse pena de mim. Eu odiava pena. E o sentimento era vazio, porque não tinha sido *ela* quem tinha me trancado aqui embaixo. Durante séculos os humanos tinham aprisionado minha espécie sempre que podiam, e fugido de nós quando não podiam. Em troca, nós os tentamos, caçamos, usamos. Humanos eram egoístas e fracos, oportunistas de vida curta. Não se podia confiar neles, só serviam para o prazer.

Mas os braços dela ainda estavam firmes em volta de mim, e tremeram quando ela fungou de novo. Por que diabos isso a tinha magoado? Por que ela dava a mínima para o que tinha acontecido comigo?

Retribuir passando meus braços ao redor dela foi uma sensação… estranha. Mais confortável do que deveria ter sido. Mais leve. Quanto mais ela me segurava, mais eu percebia que não queria soltá-la. Meus principais instintos ainda estavam relutando,

me pressionando, disparando cada alarme que eu tinha para informar que me permitir me demorar neste momento era uma fraqueza inútil.

Mas essa raiva, essa fúria que tinha me feito seguir em frente, não era para ela. Nada disso era para ela. Eu tinha construído muros para me proteger, não para mantê-la de fora.

— Não temos muito tempo. — Minha voz saiu rude, mas só para que não saísse fraca. Ela se soltou um pouco de mim, e rapidamente secou os olhos. Eu realmente não conseguia entender por que ela estava chorando por mim, mas os humanos faziam coisas esquisitas quando sentiam empatia por outra pessoa.

Que peculiar, ter uma humana preocupada com a minha dor.

Mas as mãos gentis que limparam as minhas feridas também tinham sido as dela.

— Certo. — Ela ergueu o queixo e sua mandíbula estava contraída em determinação. — Vamos encontrar alguma coisa pra foder com esses malditos.

Eu queria abraçá-la de novo. Eu não queria que ela lutasse. Queria que ela estivesse em segurança, protegida, que fosse *minha*. Ao invés disso, a observei abrir a porta seguinte e, quando as luzes lá dentro se acenderam, seus olhos brilharam.

— Bingo — disse e, quando espiei por cima de seu ombro, logo entendi o motivo.

As paredes pretas ali dentro estavam repletas de prateleiras cobertas por artefatos que fediam a tempo e magia. Mais prateleiras se encontravam no meio da sala, e havia caixotes manchados de água, com crustáceos mortos acumulados na superfície, empilhados nos cantos. Quando Rae entrou e olhou pelo cômodo, seus olhos estavam arregalados.

— Tem o cheiro do oceano — disse baixinho. Concordei com a cabeça.

— Tudo isso deve ter vindo da mina. — Passei os dedos pelas lombadas rachadas de vários livros empilhados em uma das prateleiras. — Me lembro de algumas dessas coisas. Depois que a mina inundou, o avô do Kent, Morpheus, me invocou e uma das primeiras tarefas que me deu foi descer na mina e trazer pra cima tudo que eu encontrasse.

Naquela época, eu não fazia ideia de onde tinham me metido. Era a primeira vez que me invocavam em mais de cinquenta anos e, diferente da maioria dos que fizeram isso, Morpheus não cometeu erros. Ele era cuidadoso, calmo, calculista. Enunciava cada ordem com clareza. Na verdade, no começo, ele até me tratou bem.

Até o Deus enfiar Seus tentáculos mais fundo na cabeça dele. Sussurrar no seu ouvido. Desviar sua mente de uma simples curiosidade para ganância.

— Os túneis lá embaixo estão todos inundados. — Andei entre as estantes cobertas pelas muitas bugigangas que eu me lembrava de ter buscado. — Passei semanas nadando neles, encontrando essa merda e trazendo pra cima. E quanto mais tempo você passa lá embaixo, mais alto escuta o Deus. Mais Ele Se interessa. Ele tenta entrar na sua mente.

Cumbucas, ferramentas, velas. Livros, estatuetas, joias. Tudo e qualquer coisa em que eu pude colocar minhas mãos nas câmaras mais profundas, as que os mineradores tinham aberto por acidente, estava guardado aqui. Outras pessoas tinham adorado o Das Profundezas também, há muito tempo, e eram seus artefatos que Morpheus queria.

Esses eram os artefatos que eu temia que Kent fosse descobrir como usar e os voltasse contra mim.

Chegamos ao fim da sala, onde uma vitrine de vidro guardava uma série de punhais pretos. Seus cabos tinham sido intricadamente esculpidos e envolvidos com cordões vermelhos com nós e, quanto mais me aproximava deles, mais certeza tinha de que

não poderia tocá-los. Estavam vibrando com uma energia poderosa o suficiente para revirar meu estômago, alguma magia ancestral que tinha fermentado durante anos, ficando mais forte e mais maligna, até que simplesmente olhar para essas lâminas me causasse calafrios na espinha.

— Esses — disse Rae. — Preciso de um desses.

A vitrine estava trancada por um bom cadeado antiquado, então requeria um método antiquado de arrombamento. Afundei o cotovelo no vidro para quebrá-lo, e Rae deu um gritinho de surpresa.

— *Jesus Cristo,* Leon — disse entredentes. — Podia ter me avisado!

Ri e me afastei rapidamente da vitrine para não ter que ficar perto daquele burburinho mágico desagradável.

— Escolha a sua, boneca. E não chame Cristo, até parece que aquele bastardo vai chegar perto de mim.

Ela revirou os olhos, olhou curiosa para o vidro quebrado por um instante, então cuidadosamente escolheu uma faca entre os cacos de vidro. Ela a tirou da bainha e revelou uma lâmina reta preta como tinta, assim como o cordão amarrado em torno do cabo. Rae a empunhou contra mim de brincadeira, e ficou em choque quando dei

um pulo para trás. Pela cara dela, parecia que eu tinha me teletransportado dois metros para trás.

— Eita. — Ela encarou a faca, então voltou a olhar para mim. — Por acaso isso… por acaso isso aqui te assusta de verdade?

— É desagradável — resmunguei. — Tem uma magia antiga e selvagem nela. Não vá tendo ideias, se essa coisa me cortar, não vou me recuperar rapidamente. Mas o mesmo pode se dizer sobre os Antigos. — Sorri. — A mantenha perto de você, mas longe de mim. Ela fede.

— Não estou sentindo cheiro nenhum. — Ela torceu o nariz confusa e farejou a lâmina, como se suas narinas humanas fossem detectar aquele cheiro mágico. Dei um tapinha no braço dela.

— *Longe de mim,* Rae. Guarda isso, que merda. — Ela rapidamente a enfiou no cós da saia, por baixo do suéter. — Precisamos dar o fora daqui. Os Hadleigh não devem estar felizes por você estar fora da vista deles tanto tempo.

Ela concordou entusiasmada com a cabeça, satisfeita como uma criança que tinha acabado de ganhar um doce. Rae tinha conseguido o que queria, mas eu não estava me sentindo melhor. Eu não queria que ela tivesse que usar uma faca velha, eu não

queria que essa pequena humana tivesse que se defender de monstros. Eu era mais do que capaz de protegê-la sozinho.

Só que eu tinha restrito minha proteção a estipulações e acordos, e ela estava determinada a improvisar sua segurança.

— Gostaria de ver os Antigos virem atrás de mim agora — disse ela enquanto subíamos a escada. Eu podia ouvir as batidas da música e os humanos bêbados, rindo e gritando. Barulho demais para conseguir ouvir conversas específicas, o que me deixava ansioso. Aqui embaixo, o cheiro de charuto estava forte. Talvez até mais forte do que tinha estado no quarto. Estava torcendo para essa faca valer a pena, porque passar esse tempo todo aqui era um risco que não deveríamos ter corrido.

Rae chegou antes à porta e pressionou a placa de metal para que a estante abrisse deslizando.

— Queria ver eles tentarem colocar aquelas garras em mim e tomarem na cara… oh.

Aquele *oh* caiu como uma pedra na minha barriga.

Kent Hadleigh estava sentado ali, com um charuto na boca, esperando por nós.

35

Rae

Kent não parecia irritado, e também não parecia surpreso. Ele estava sentado em uma poltrona confortável de couro, bafejando seu charuto, espalhando o aroma de baunilha e mogno pelo quarto. Seu terno cinza-claro estava desabotoado, como se ele tivesse acabado de se aconchegar para passar uma noite relaxante.

Ele nem devia estar aqui. O sorriso que me deu foi como gelo escorrendo pelas minhas costas. Meu coração começou a bater com uma força dolorosa. Olhei para trás, só para me certificar de onde Leon estava: próximo, bem ao meu lado, parado como uma estátua.

O gelo escorrendo pelas minhas costas assentou firmemente na minha barriga. Minhas palmas começaram a transpirar. A faca que

eu tinha furtado estava beliscando meu quadril e eu tinha certeza de que a culpa estava transparecendo por todo meu rosto.

— Senhorita Raelynn, ora, ora, que cordeirinha curiosa você é — refletiu Kent, cuidadosamente depositando as cinzas do charuto em uma pequena bandeja de pedra na mesa ao seu lado. Deve ter câmeras aqui. Ele devia estar assistindo a tudo. — E você… tire a máscara, garoto.

Leon não se mexeu. Sua tensão era palpável, uma força física emanando do meu lado. Kent estalou a língua em desaprovação, e mostrou as palmas da mão em um gesto inocente.

— Ninguém está encrencado aqui. Mas considerando que os dois entraram de fininho nos meus aposentos particulares, é uma questão de cortesia que eu saiba quem são. Agora… — Houve um brilho, um metal reluzindo, e Kent de repente estava com uma pistola na mão. Parecia que meu coração disparado tinha parado completamente e estava doendo no meu peito. — A máscara, moleque. Não estou de brincadeira.

Dessa vez, Leon se mexeu. Eu não precisava olhar para saber que ele tinha descoberto o rosto: a expressão de Kent me disse tudo. Pela primeira vez, ele pareceu surpreso.

E depois furioso. Tão furioso que seu dedo tremeu na arma, e um barulho entre um choro e um arfar engasgado escapou de mim.

— Demônio. — Acenou lentamente com a cabeça. — E estava eu, pensando que você tinha ido embora da Terra depois de quase matar meu filho, mas não. Ainda está aqui se metendo nos meus assuntos. — Leon tinha tentado matar Jeremiah? Por um breve momento, minha curiosidade tentou se sobrepor ao medo, mas o clique ameaçador do cão da arma sendo puxado para trás empurrou meu terror de volta para o lugar.

— Isso não vai me matar — disse Leon rapidamente. Estava me sentindo zonza, e desesperadamente queria me segurar em alguma coisa para não cair. Mas estava certa de que qualquer movimento em falso resultaria em uma bala atravessando meu crânio. — Quantas balas você tem, Kennyzinho? Cinco? Seis? O suficiente para me atrasar antes que eu te deixe em pedaços?

O rosto de Kenny não se alterou, estava congelado em um estado firme de desgosto. Então, a arma foi movida imperceptivelmente, e passou a apontar para mim.

— Porra, Sr. Hadleigh, espera. — Ergui as mãos, senti calor, e depois frio. Eu não podia morrer assim. Não aqui. Mas Kent não estava nem olhando para mim.

— A garota morre com uma única bala — disse calmamente. — Não é o jeito ideal de oferecer o sacrifício, mas o que importa é estar morta.

— Sacrifício… — A palavra escapou pelos meus lábios como uma oração, sendo envolvida pela descrença e pela súplica. — Eu não… não sou… não sou um sacrifício… não sou…

— Você gosta dela, não gosta? — Kent riu, balançando a cabeça. Ele ainda estava concentrado em Leon, e pareceu achar muito divertido o que quer que tenha visto nele. — Que engraçado. E pensar que o demônio não quer que quebrem seu brinquedo. Se eu soubesse que podia ser controlado tão facilmente, não teria me esforçado tanto para te punir com magia. Mas é claro que você foi querer logo o brinquedo com que não pode ficar. — Ele suspirou, como se estivesse lidando com uma criança petulante e, devagar, desviou os olhos de volta para mim. — Entendo que o inevitável possa ser um choque, senhorita Raelynn. Pode ser aterrorizante. E não tenho dúvidas de que esse demônio esteve te contando mentiras sobre nós. Sobre nosso Deus, nosso propósito. A corrompendo.

— Ele tem me protegido — sussurrei e me atrevi a dar um passo para mais perto de Leon. Seu braço imediatamente me envolveu e

me empurrou para trás dele.

— Se você a matar — rosnou —, vai carimbar sua própria morte.

Kent sorriu.

— Então estamos em um impasse. Que reviravolta do destino. O assassino se torna o guardião. Por quê? — Ele riu e fumou o charuto como se isso tudo fosse só um joguinho maravilhoso. — A boceta dela é tão gostosa assim? Pode continuar usando depois que ela estiver morta. Que bonito de se imaginar: você lá embaixo na mina, comendo o cadáver dela como um cão raivoso.

Me senti enojada. As garras de Leon estavam se estendendo, e o calor que estava emanando dele era quase quente demais para suportar. A porta estava tão perto, só a alguns passos de distância.

Alguns passos e uma arma.

— Tudo a seu tempo — disse Kent, ainda rindo de sua piadinha interna. — Temo que hoje não seja o dia em que você vai morrer, senhorita Raelynn, embora meus filhos *tenham* achado que teriam sucesso. — Deu batidinhas no charuto. — São impacientes, aqueles dois. Estão sempre competindo. É um mecanismo de enfrentamento saudável, na minha opinião. Também estão enfrentando o inevitável, sabe. As três vidas que outrora foram poupadas são três almas que

agora devem ser oferecidas. Nosso Deus, é claro. Um Lawson, um Kynes, um Hadleigh. Três vidas, três almas.

— Você vai sacrificar um dos seus próprios filhos — sussurrei quando finalmente entendi. Kent concordou solenemente com a cabeça e soprou a fumaça mais uma vez. Como se não fosse nada. Como se isso fosse normal.

— Meu pai me preparou para esta possibilidade — disse. — Sinto muito que o seu não tenha feito o mesmo por você. Seu pai, paranoico que era, sempre preferiu manter suas crenças firmemente assentadas em lógica. Nunca se permitiu pensar no grande esquema das coisas. Mas existem coisas que desafiam a lógica. Coisas que desafiam o conhecimento humano todo, a ciência toda. — Ele apagou o charuto e levantou sem abaixar a pistola. Leon me empurrou para o lado, na direção da porta, e Kent ergueu a mão. — Ainda não acabei. Podemos estar em um impasse, demônio, mas ainda tenho algo a dizer para a senhorita Raelynn. Algo que ela merece ouvir.

— Ela não merece ouvir suas palavras mentirosas — rosnou Leon. Mas a arma ainda estava apontada, ainda mirando, e nem mesmo um demônio podia segurar uma bala disparada.

— Meus filhos me disseram que você se interessa por ocultismo — disse Kent. — Que é fascinada por ele. Então eu sabia, *sabia*, que você teria a sabedoria que seu pai recusou.

— Que sabedoria? — Senti minha voz vazia e meu corpo como uma casca. Como se eu pudesse desocupá-lo e sair desse pesadelo, voltar para um mundo onde as coisas eram muito menos perigosas e faziam muito mais sentido. Meu pai teria dado risada de tudo isso, teria balançado a cabeça e chamado de bobagem. Ele teria bolado uma explicação perfeitamente lógica para tudo.

Só que não havia explicação lógica aqui. A lógica tinha fugido pela merda da janela, esbarrado numa torre telefônica e sido destruída em um incêndio escaldante.

— Esses sacrifícios não são por ganância, senhorita Raelynn — disse Kent. — São uma mera necessidade. É natural que os humanos resistam à própria morte, que se apeguem à sobrevivência, mas isso aqui é muito maior do que três simples vidas. O Das Profundezas está acordando.

Raelynn.

Dei um pulo. Era como se o nome tivesse sido sussurrado bem no meu ouvido, como se as sílabas tivessem deslizado para dentro

do meu crânio e se aconchegado no meu cérebro. Kent estava acenando.

— Você ouve o chamado Dele. Todos destinados a Ele ouvem. Meus filhos sonharam com Ele durante anos. Eles entendem que, quando um dos dois eventualmente for escolhido, seu destino trará misericórdia para toda a humanidade.

— Bobagem — Leon resmungou, mas Kent estava inabalável.

— O Deus vai despertar quer O ajudemos ou não. E, quando acordar, quando Ele recuperar o domínio sobre a Terra, Ele vai saber que nós humanos cumprimos nossas promessas. Que somos bons servos. Que somos dignos de misericórdia.

— Pergunte a qualquer Arquidemônio como era viver em um mundo dominado pelos Deuses Antigos — retrucou Leon. — Qualquer um deles vai te dizer que aqueles seres não são capazes de *misericórdia*.

— E o demônio mente. Típico. — Devagar, Kent abaixou a arma. — Você não será entregue ao Das Profundezas hoje, Raelynn. Mas logo. Logo será, e peço apenas que você reflita sobre minhas palavras: seu sacrifício garantirá misericórdia para toda a humanidade. O mundo está mudando. O grande despertar está prestes a acontecer. E vai haver dor e banho de sangue, mas no

fim… haverá paz. Paz por causa do seu sacrifício. Então, quando vier a morrer, senhorita Raelynn, saiba que é o seu destino.

A arma foi abaixada, o dedo no cão relaxou e, sem dizer mais nada, Leon me agarrou e me puxou para a porta.

36

Rae

Encontramos uma saída nos fundos, uma porta de vidro que dava para um terraço. Leon me desceu, com cuidado, pela lateral antes de pular. Então, ele me arrastou sem fôlego na escuridão entre as árvores que cresciam perto da casa, com o peito doendo de pânico e pelo ar frio, até eu finalmente precisar implorar para parar.

— Temos que ir rápido — insistiu, andando de um lado para o outro enquanto eu me curvava para frente, ajoelhada no solo, sem saber exatamente se estava prestes a vomitar ou desmaiar ou ambos. — Você precisa sair de Abelaum, Raelynn. Ir pra algum lugar em que ele não te procure, onde não possa te encontrar. — Ainda andando, abrindo e fechando os punhos, batendo os dentes furiosamente, ele murmurou: — Ele acha que pode tirar você de mim. Vou decepar as mãos deles antes de deixar…

— Leon… — Levantei cambaleante, o pânico ainda estava apertando tanto meu coração que estava doendo. — Não me deixe de novo… por favor… por favor, não… eu… não consigo…

— Não vou embora, *porra.* — Ele me segurou, meio gentil, meio brutal, como se pudesse me obrigar a acreditar no que estava dizendo se segurasse meus braços com muita força. O branco de seus olhos estava escurecendo, o dourado neles parecia um incêndio no céu noturno, e até mesmo as veias de seus antebraços estavam ficando pretas agora. — Nada vai tirar você de mim. *Nada.*

— Ma-mas minha alma, você disse…você disse…

Ele tapou minha boca com a mão.

— Shh, shh, chega. *Chega.* — Sua mão estava tremendo. Suas garras pressionavam minhas bochechas, me dando pequenas pontadas de dor. — Não tenha a menor dúvida de que sua alma vai ser minha. Não vou te deixar partir. Não vou deixar nada — ele me segurou com tanta força, tão apertado, que eu mal conseguia respirar enquanto seu calor me atingia em ondas —, *nada* tirar você de mim. Vou destruir o Céu e o Inferno e essa Terra desgraçada antes de deixar eles te roubarem de mim.

Ele tinha alegado que eu era sua antes, mas sempre com a ressalva de que minha alma seria necessária. Mas agora? Era como

se a mera ideia de que eu pudesse ser levada fosse repugnante, *ofensiva*. Talvez isso devesse ter me assustado, mas acalmou a dor no meu peito, embora meu coração ainda estivesse martelando. Por alguns segundos, o único som entre nós foi o das nossas respirações: duras, pesadas.

Não havia oxigênio suficiente no mundo quando esse medo, essa ansiedade, esse desejo inevitável queriam roubar todo o ar dos meus pulmões.

Leon descobriu minha boca devagar, mas continuou segurando minhas bochechas entre seus dedos. Ele ergueu a cabeça e contraiu a mandíbula.

— Absolutamente nada vai tirar você de mim, gatinha. Nenhum homem, e nenhum Deus. Vou matar todos antes.

Crac.

Quase torci o pescoço com a rapidez com que ele me puxou para trás, colocando seu corpo entre mim e o que quer que tivesse dado um passo na escuridão. Pela primeira vez, notei que o bosque estava muito silencioso. Que estava opressivamente vazio. Não havia grilos, nenhuma pequena criatura se movimentando nos arbustos. Até o ar estava parado.

Mas havia um cheiro. Igual ao de um porão úmido. Igual a mofo.

Uma figura – alta, magra, pálida como um osso, estava parada a cerca de cem metros, entre as árvores. À primeira vista, eu poderia ter pensado que era o tronco de um álamo partido. Mas, depois de mais um segundo, foi possível ver as galhadas brancas em sua cabeça, com gavinhas de alga marinha agarradas às pontas – aqueles membros compridos e nodosos – e os cascos em suas pernas compridas demais, curvadas para trás.

E os olhos.

Grandes olhos de um branco leitoso, nos encarando.

— Leon. — Minha voz estava trêmula. Minhas mãos estavam agarrando a camiseta dele com força. Lentamente, com cuidado para não fazer nenhum movimento repentino, ele tirou a máscara do rosto e a deixou cair no chão.

Quando a máscara caiu, a criatura saltou; ela se movimentou – agilmente, mas como um filme fotográfico, sacudindo, de forma nada natural – cada movimento acompanhado por um clique, como se seus ossos estivessem estalando.

Em um piscar de olhos, estava cinquenta metros mais perto.

— Que porra é essa? — sussurrei enquanto o pavor fechava minha garganta.

— Um Gollum — disse. Sua mão estava paralisada, esticada na posição em que tinha soltado a máscara, como se não fosse se atrever a se mexer de novo. — Uma criatura vinda de terra podre. Eles servem ao Deus. A vontade Dele é a vontade deles, são uma extensão de Seu poder. Me escuta. Com atenção. — A cabeça dele se agitou na minha direção, e o Gollum se agitou também. Depois ficou absolutamente imóvel, com exceção de um tremor sutil em seus longos dedos ossudos. — Quando eu me mexer, saque a faca. A mantenha pronta.

Minhas mãos estavam geladas demais, dormentes demais, para fazer qualquer coisa com aquela porcaria de faca.

— Você pode matar essa coisa?

Ele ergueu uma sobrancelha e me deu uma olhada, com um sorrisinho torto na boca.

— Posso matar qualquer coisa por você, gatinha.

O Gollum avançou e Leon o alcançou antes que ele pudesse atravessar sequer metade da distância que ainda havia entre nós. No escuro, o único jeito como eu conseguia acompanhar seus movimentos era pelos clarões repentinos vindos da figura esbranquiçada do Gollum. O som era semelhante a trovões, como toras de madeira batendo umas nas outras. O Gollum estava

gritando, terríveis berros agudos que ecoavam pela mata, mas não estava sendo derrotado. A coisa continuava lutando, equiparando a força e velocidade de Leon.

Tirei a faca debaixo do meu suéter e a segurei na minha frente enquanto eu recuava, até estar colada no tronco de um pinheiro. Meu coração reverberava nos meus ouvidos, a adrenalina exigia que eu corresse enquanto o pouco bom senso que ainda restava no meu cérebro me prendia no lugar. Eu tinha visto essas coisas antes. Eu sabia que havia mais de uma. Se esta estava aqui…

Então onde estavam as outras?

Houve um estalido alto e Leon arremessou um enorme galho de árvore como se fosse um taco de baseball, atingindo o Gollum com tanta força que seu corpo se contraiu como uma aranha. Mas foi só por um instante. A criatura saltou de novo, com barulhos de estalos, e sua cabeça trêmula se concentrou em mim.

A coisa abriu a boca e um grunhindo gorgolejante horrível saiu dela, enquanto disparava na minha direção.

Leon agarrou o braço da coisa e puxou. O Gollum o golpeou, então pulou em suas costas, envolveu seus longos membros ao redor do corpo dele e *apertou*. Leon o cortou com as garras e dentes, e se jogou para trás para bater o monstro contra qualquer

superfície que conseguisse encontrar. Ele rasgou o braço da coisa e o sangue jorrou no meu suéter. Pelo menos, inicialmente achei que fosse sangue. Quando pingou na minha saia e eu o toquei horrorizada, percebi que se parecia com lama espessa.

O monstro não estava desistindo. Estava segurando com mais firmeza, apesar dos cortes que Leon estava abrindo em seus membros. Leon pegou as mãos que estavam em volta de seu pescoço, rosnando furioso, e *crac* – os longos dedos foram esmagados em suas mãos, e o monstro voltou a gritar, finalmente se soltando.

Mas, no momento em que soltou Leon, a coisa veio atrás de mim.

Eu não tinha como fugir com a árvore atrás de mim. Até meu cérebro processar que a criatura vibrante estava em cima de mim, seus dedos quebrados já estavam envolvendo meu crânio. E, no momento em que ela apertou, tudo ficou escuro.

Escuro, mas havia solo firme e encharcado sob minhas mãos.

Escuro, mas com cheiro de terra no ar, de lama.

Escuro, mas em algum lugar à minha frente, tinha água pingando.

Me empurrei do chão devagar, tateando com as mãos sem conseguir ver. Senti uma parede de terra à minha esquerda… e outra à minha direita. Não havia nada na minha frente. Nada atrás.

Mas que porra tinha acontecido? Onde eu estava? Não era na floresta.

Meu coração martelou minhas costelas, senti meus pulmões apertados. Onde estava Leon?

Onde estava o monstro?

Raelynn.

Levantei trôpega, colei meu corpo na parede, tentando não hiperventilar, tentando não fazer barulho demais. Era a voz dos meus sonhos. A voz que eu ouvia me chamar nos meus pesadelos.

A voz do Deus.

Minha faca tinha desaparecido. Não importava quantas vezes piscasse, não importava em qual direção olhasse, não havia nada além de escuridão. O pânico estava enfiando suas garras em mim profundamente. A água, pingando em algum lugar por perto, estava gotejando mais rápido agora. Não era só uma goteira. Era uma corrente.

Dei um passo, e meus pés espalharam a água.

Minha visão tremeu, como se meus olhos fossem atravessados por estática, e, por uma fração de segundo, vi o monstro de novo, olhando nos meus olhos com os seus brancos enquanto as mãos de Leon o estrangulavam por trás.

Voltei para o escuro. A água batia nos meus calcanhares agora. A corrente agitada soava como um riacho.

Uma enchente… o túnel estava inundando.

Raelynn. Venha até mim. Deixe-me te ajudar.

Cambaleei para frente. Eu sabia que a voz era perigosa, mas não podia ficar aqui esperando para me afogar. A água estava subindo rapidamente. Em um instante alcançaria meus joelhos. Eu tinha que seguir a voz. Eu tinha que encontrá-la. Talvez pudesse me ajudar de algum jeito…

O céu noturno irrompeu na minha visão e eu puxei o ar como se estivesse me afogando. Estava deitada de costas, a cabeça estava queimando, tão atordoada que não conseguia me mexer. Só conseguia olhar para os galhos irregulares das árvores, para as agulhas dos pinheiros perfurando o céu estrelado enquanto as nuvens atravessavam a lua.

Ouvi passos atrás de mim… mais perto…mais perto…

Leon pairou sobre mim. Seu rosto estava sujo de alguma coisa, se era sangue ou lama, eu não tinha certeza. Ele se agachou lentamente, me ergueu nos braços e me aninhou em seu peito.

Sua camiseta estava empapada, manchada. Quando ele começou a andar, foi com uma rigidez que não estava lá antes.

Tentei falar, tentei perguntar que porra tinha acontecido e se estávamos seguros. Mas parecia que minha língua era feita de algodão e percebi que minha mão ainda apertava firmemente o cabo da faca.

— Durma, gatinha — murmurou ele, embora a exaustão já estivesse se instalando agora que minha adrenalina estava passando, e me vi incapaz de manter meus olhos doloridos abertos. — Eu te disse que ia matar a coisa. Você está bem. Você vai ficar bem.

37

Rae

Minha cabeça estava coberta pela colcha, e minha respiração criava um casulo quentinho enquanto eu ficava deitada ali, aninhada nos travesseiros macios. Meu cérebro grogue sabia que esta não era minha cama, mas também sabia que alguma coisa ruim tinha acontecido na noite passada, e empurrar a coberta para ver onde eu estava me parecia bem assustador.

Um chuveiro estava funcionando em algum lugar. Os lençóis cheiravam a recém-lavados e eram brancos, como os de hotéis. Eu não estava usando minha fantasia da festa, mas um suéter enorme com um cheiro distinto de fumaça e pinheiros cítricos. O cheiro de Leon.

Afastei a coberta, piscando os olhos lentamente. As cortinas tinham sido abertas e exibiam um dia cinzento com um mar de

pinheiros salpicados de neve, agrupados ao redor dos telhados de uma cidadezinha. O quarto era, sem dúvidas, uma suíte master, e no último andar, julgando pela vista. A cama era enorme, as paredes eram de madeira envernizada e a decoração era como a do interior de um chalé moderno.

Me sentei e esfreguei os olhos, então percebi que meus óculos e minha faca estavam na mesa de cabeceira. De repente, as lembranças me atingiram com tanta força que reviraram meu estômago – a droga na minha bebida, Juniper e Zane, Kent, o Gollum na floresta. Meu corpo ainda sentia que estava em perigo, e eu me lembrava vividamente da sensação de ser tocada pelo Gollum.

A mina… aqueles túneis frios e inundados…

Dei um pulo quando a porta do banheiro abriu e Leon saiu por ela pelado, com água escorrendo pela arte tatuada em seu peito enquanto ele esfregava o cabelo com uma toalha. Ele me viu acordada, deu um sorrisinho, e parou com a toalha jogada sobre os ombros.

— Finalmente acordou — disse. O espelho atrás dele me oferecia uma vista de me fazer salivar de suas costas tatuadas e da sua bunda – a bunda de um homem raramente recebia o apreço que

merecia. Só acenei com a cabeça, torcendo para o rubor que sentia no rosto não ser perceptível. Tentar não encarar o pau monstruoso entre suas pernas estava provando ser uma tarefa impossível, não importava quantas vezes eu o tinha visto antes.

— E como está se sentindo? — Ele andou até a beirada da cama. Eu queria lamber a água do seu peito.

— Como se eu não comesse nada há cinco anos — disse com sinceridade. Meu estômago estava prestes a se autoingerir. Os eventos aterrorizantes provavelmente deveriam ter acabado com o meu apetite, mas eu queria desesperadamente um bom café da manhã.

— Que bom, já pedi serviço de quarto. Logo deve estar aqui. — Ele jogou a toalha para o lado e engatinhou na cama, e meu coração disparou. — Você é a entrada, boneca.

A maquiagem da noite passada provavelmente estava espalhada pela minha cara toda e eu não tinha escovado os dentes, mas ele genuinamente não se importava. Ele me empurrou de volta para os travesseiros e puxou a blusa enorme para cima, então chupou primeiro um mamilo e depois o outro, enquanto abria minhas pernas.

— Não se esqueça do nosso trato — murmurou entre as lambidas nos meus mamilos, que agora estavam rígidos. — Vou perfurar essas delicinhas. Em breve, hoje, na verdade.

Eu tinha esquecido, mas assim que ele me lembrou fui atingida por uma onda de calor na cabeça. Ele segurou meus quadris, me colocou em uma posição que me deixava ligeiramente fora da cama, com as costas arqueadas, e começou a me devorar como se essa fosse sua última refeição.

Arfei bruscamente, meu clitóris estava ficando inchado entre as lambidas de sua língua e a sucção de sua boca. Meus dedos se fecharam em seu cabelo e eu puxei com força quando ele arrancou um gemido trêmulo de mim.

Ele riu, fazendo uma breve pausa enquanto minhas pernas tremiam ao redor de sua cabeça.

— Continua puxando meu cabelo assim, gatinha. Eu também gosto de dor.

Eu estava gostando desse novo apelido carinhoso que ele tinha me dado, me deixou quentinha por dentro, mas sua admissão também deixou. Segurei o cabelo dele com mais força, embora eu duvidasse que qualquer coisa que fizesse realmente lhe causasse dor. Mas, quando puxei, ele gemeu com a boca em mim. Leon

abaixou meu quadril, mas foi só para conseguir liberar uma mão para enfiar dois dedos dentro de mim enquanto continuava chupando meu clitóris.

— Porra, vou gozar… — O êxtase estava jorrando sobre mim intensa e rapidamente, me afogando. Ele meteu os dedos mais rápido e empurrou minha coxa para baixo, para eu não conseguir fechar minhas pernas trêmulas, e deslizou sua língua sobre mim impiedosamente até eu esguichar sobre seus dedos e ensopar os lençóis, ofegando.

E ele não parou.

— De novo, gatinha — rosnou, ainda me estimulando com os dedos, sorrindo sadicamente enquanto eu me contorcia embaixo dele. O estímulo era quase excessivo, quase doloroso, mas gostoso pra caramba.

— Não dá… não dá!

Ainda usando uma mão para enfiar os dedos em mim, ele agarrou minha garganta com a outra – sem apertar, só me prendendo aos travesseiros – e disse:

— Dá sim e você vai. Não tem outra opção.

Ele tinha razão. A magia executada por sua língua e seus dedos fez meus olhos rolarem para trás quando tive mais um orgasmo. Eu

não consegui nem respirar, muito menos falar, quando ele lentamente ergueu a cabeça e lambeu os dedos.

— Delicioso pra caralho — murmurou. — E bem a tempo para o prato principal.

O serviço de quarto chegou e bateu na porta, e eu imediatamente escondi meu corpo cheio de tremores embaixo das cobertas enquanto Leon atendia a porta com a toalha enrolada na cintura. O garçom pareceu particularmente alvoroçado quando perguntou se Leon precisava de mais alguma coisa.

A bandeja excessivamente cheia foi deixada sobre a mesa pequena, e eu comi enquanto Leon se vestia e deitava na cama. Ele tinha pedido praticamente tudo que havia no cardápio de café da manhã, então comecei com ovos beneditinos e panquecas de morango.

— Onde estamos? — perguntei entre mordidas.

Ele ergueu os ombros.

— Ao norte de Abelaum. Fui andando até encontrar um lugar onde parar.

Franzi o cenho.

— Pode me jogar meu celular?

Como eu suspeitava, tinha uma dúzia de ligações perdidas e mensagens de voz exaltadas de Inaya. Me senti culpada, apesar de não ter tido outra opção a não ser deixá-la ontem à noite. Eram quase onze da manhã, então liguei de volta.

— Puta merda, Raelynn, achei que você tinha sido sequestrada! — Me encolhi com a saudação. — Mulher, onde você tá? Eu tava quase registrando um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida.

— Estou bem, estou bem, me desculpa mesmo — disse rapidamente. Olhei para Leon, que tinha apertado os olhos em questionamento. — Eu… tive que ir embora mais cedo ontem. Alguém, hum… alguém colocou droga na minha bebida.

Houve um instante de completo silêncio na linha.

— Ai, meu Deus… ai, meu Deus, você está…?

— Estou bem, eu juro. Desculpa não ter ligado nem nada, eu estava só…

— Não peça desculpas. Ai, meu Deus, que bom que você tá bem! — O alívio na voz dela fez eu me sentir mais culpada ainda. Não era exatamente uma mentira, mas eu não podia contar a verdade toda. — Precisa que eu leve alguma coisa pra você?

— Não precisa, estou bem. Mas será que você pode cuidar de Cheesecake por alguns dias? Logo busco ele, prometo.

— É claro! — O som do miadinho de Cheesecake ao fundo me deu um aperto no peito. — Ele pode ficar com a titia Inaya por quanto tempo precisar. — Outra pausa. — Você… você sabe quem te drogou? Tentaram mais alguma coisa? Vou acabar com a raça dele, Rae.

Inspirei fundo.

— A única pessoa que me deu uma bebida foi Jeremiah. Ela não saiu da minha mão a noite toda. — Eu não podia contar a verdade toda, mas também não ia fingir que ela podia confiar nos Hadleigh.

Mais silêncio. Meu estômago revirou de ansiedade. *Por favor, acredite em mim, Inaya, por favor.* Não era uma acusação descarada, mas eu tinha sido clara. Eu sabia que eles eram amigos dela, mas ela não os conhecia *de verdade*. Não sabia do que eram capazes.

— Então ele nunca mais vai chegar perto da gente — disse, e eu queria poder enfiar os braços no celular e dar um abraço nela. — Quero que ele se foda. Quer que eu conte para a Victoria?

— Não — disse. — Não, eu… eu não sei se ela vai… acreditar…

— Ela que se foda também se não acreditar! — Inaya deu um suspiro pesado, lentamente acalmando seus instintos protetivos. — Mas entendo. Entendo. Isso fica entre nós, a não ser que você se sinta pronta para contar para mais alguém. Só fico feliz por você estar bem.

Conversamos por mais alguns minutos e depois desliguei. O alívio por Inaya saber que não podia confiar em Jeremiah – mesmo ela só sabendo uma pequena parte do *porquê* – tirou um enorme peso dos meus ombros. Comi até um pouco mais animada depois que encerrei a ligação, enfiando garfadas de batatinhas crocantes na boca.

Finalmente saciada, me arrastei de volta para a cama, engatinhei no colchão e me aconcheguei no peito nu de Leon. Com o rosto enfiado no corpo dele, me permiti derreter em seu calor por um momento, depois disse:

— O que nós vamos fazer?

Nós. Eu não teria nem ousado conceber um “nós” alguns dias atrás. Mesmo agora que ele tinha me arrebatado e escondido… em algum lugar… ainda sentia uma pontada de ansiedade por ousar dizer “nós”. Qual era nossa relação em meio a tudo isso? Só um guardião possessivo e seu bichinho? Amigos ou… ou amantes?

Uma invocadora e seu demônio?

— Só posso te dizer o que eu vou fazer e o que você vai fazer — disse com o braço em volta dos meus ombros, me segurando junto a seu corpo. — Eu vou te manter em segurança. E você vai me dar ouvidos, para eu conseguir cuidar de você direito.

Ergui a cabeça e dei um sorriso travesso.

— Ouvir eu vou. Não significa que vou obedecer.

Ele bufou e apertou meu braço.

— Doravante, as consequências de colocar sua vida em risco serão graves, Rae. Pense duas vezes antes de ser malcriada.

— *Doravante*? — Eu ri. — Está deixando seu eu do século 17 aparecer aí.

— Na minha época… — Ele forçou uma voz rouca de idoso e, com facilidade, me rolou de costas na cama, me acompanhou e sentou em cima de mim quando estava deitada. — Os humanos tinham um medo muito mais apropriado de demônios e não ficavam provocando eles, gatinha. — Ele bateu seus dentes, afiados e malignos, e disse gentilmente: — Ainda está a fim de me provocar?

A descontração em seus olhos me deixou emocionada. Passei os dedos sobre seu peito, encontrei as pálidas linhas tênues de suas cicatrizes e as segui. Cicatrizes de tortura, de batalha, histórias de

dor registradas nesse corpo imortal absurdamente forte. Ele observou o movimento dos meus dedos, subitamente imóvel como uma pedra, e me perguntei se era porque estava tentando não se encolher como da primeira vez que eu o tinha tocado com gentileza.

— Estamos seguros aqui? — sussurrei. Por mais forte que fosse, não queria vê-lo lutar de novo. Não queria vê-lo ter que se transformar em um animal para sobreviver ou para garantir que *eu* sobrevivesse.

— Por enquanto, sim. Vamos ficar aqui por um tempinho… e seguir em frente se os Hadleigh ou os monstros descobrirem onde você está.

— Não posso me esconder pra sempre.

— Eu sei. Não vai precisar. Só até ser seguro.

— Sei que há outros Gollums, além daquele de ontem à noite. — Engoli em seco. — Eu os vi.

Ele fechou a cara.

— Quando?

— Enquanto você estava longe.

A cara feia se intensificou e ele se levantou da cama. Me sentei, segurando o cobertor com as mãos agitadas enquanto ele pegava uma camiseta preta de manga comprida no chão e vestia.

— É melhor você se vestir — disse. — Tem roupas nas sacolas perto da porta. Preciso fazer uma varredura hoje, me certificar de que não tem ninguém no nosso encalço. E preciso te manter ocupada enquanto eu não estiver aqui pra não sair perambulando por aí.

Eu estava prestes a lembrá-lo de que eu não era um cachorrinho que fugiria sem coleira, mas me impedi antes de mentir. Eu era mesmo de perambular, e ele estava coberto de razão em se preocupar com o que eu faria se ficasse entediada. Até *eu* me preocupava com o que eu faria se ficasse entediada. Nas sacolas plásticas perto da porta, havia uma variedade de roupas, a maioria preta, marrom e azul-escuro.

— Como sabe qual é o meu tamanho? — perguntei, erguendo uma saia longa azul xadrez até a cintura em frente ao espelho. — E conhece meu estilo… essa é uma graça…

— Estou te observando há meses — disse, amarrando o cadarço das botas. — Como eu poderia *não* saber essas coisas?

Ele tinha até acertado o tamanho do par de botas tratoradas. Depois de colocar uma blusa com gola rolê preta e jaqueta jeans cinza por cima da saia, dei as costas para o espelho e o encontrei

olhando para mim, com as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça jogger.

Minha ex me disse uma vez que meu estilo era “tipo se a Janis Joplin tivesse um filho com o Sisters of Mercy”. Mais esquisito do que sexy, mas eu não pensava nisso na maior parte do tempo – salvo quando tinha um demônio sobrenaturalmente sexy me olhando como se estivesse considerando me chupar de novo.

— Por que está corando? — Ele segurou meu rosto entre as mãos, o que me fez corar muito mais, considerando que assim eu não conseguia parar de olhar para ele. — Achei que já tinha te comido o suficiente pra perder a vergonha. — Ele me deu um beijo na testa e envolveu meus ombros com os braços. — Aparentemente, preciso te corromper um pouco mais, gatinha.

38

Rae

Eu não sabia o que esperar quando Leon disse que ia me manter “ocupada” – mas me deixar no spa do hotel por várias horas não tinha nem sido cogitado por mim como uma possibilidade. Ter minhas unhas feitas e costas massageadas, depois de um banho de imersão em lama, foi um contraste bizarro às últimas semanas. Parecia normal demais, *seguro* demais.

Não que algum dia tenha sido normal para mim ter um dia de spa. Não era algo que geralmente se encaixava no meu orçamento de universitária/vlogueira/pobre.

Eu também não conseguia compreender de onde o Leon tinha tirado dinheiro para isso. Será que os demônios tinham dinheiro? Será que tinham cartões de crédito?

— Seus ombros estão muito tensos. — A mulher massageando minhas costas era uma loira bonita, alguns anos mais velha do que eu, com uma voz tão suave que provavelmente ganharia uma fortuna gravando vídeos ASMR. — Respira fundo, devagar… vou desfazer os nós daqui.

Eles tinham me dado vinho e, depois de uma taça, estava achando bem engraçado porque ela provavelmente estava pensando que toda aquela tensão era do estresse do trabalho ou da faculdade, e não de estar sendo perseguida por monstros e um culto assassino.

Engraçado. Simplesmente hilário.

Mas ela fez seu trabalho bem. Não me sentia tão relaxada assim há meses. Enquanto caminhava de volta para o quarto naquela noite, me sentindo uma geleia, percebi que mal podia esperar para me mudar de Abelaum. Mal podia esperar para deixar aquela cidade maldita para trás.

Foda-se isso de “me reconectar com a magia da minha infância”. Depois que eu me formasse e tivesse participado do casamento de Inaya, ia me mudar para o mais longe dessa cidade o possível. Dinheiro era um problema, mas eu alugaria até um porão sem reboco na costa oeste, se fosse preciso.

E o Leon…

Tinha se tornado fácil demais imaginá-lo indo comigo. Morando comigo. *Ficando* comigo. Mas, quando voltei para o quarto e pedi janta pelo serviço de quarto, soube que era uma linha de pensamento perigosa. Perigosa, porque eu não deveria criar expectativas quanto a isso.

Leon era um demônio. Um imortal. Um monstro. Ele queria minha alma. Não estava disposto a ser domesticado – e eu nem queria que fosse. Eu não queria uma variação demoníaca de uma família suburbana tradicional. Só não queria que ele fosse embora.

Sua ausência seria um vazio que eu não conseguiria preencher, o que parecia tão bobo, considerando que, apesar de já parecer uma vida toda, só fazia alguns meses desde que tinha me mudado para cá. Mas era como da primeira vez que vi um fantasma: tinha sido tão breve, mas tão intenso, que assim que percebi o que tinha acontecido soube que nunca mais poderia deixar pra lá. É estranho pensar que um momento tão breve pode mudar o curso da sua vida toda.

Terminei de jantar e o sol se pôs, mas Leon ainda não tinha voltado. Coloquei o Youtube na TV e assisti a uma investigação profunda sobre um mistério não resolvido dos anos 70 para me

manter distraída. Não havia nada como assistir a história de uma mulher desaparecendo sem deixar rastros para acalmar meu cérebro.

Toc, toc, toc.

Pausei o vídeo e olhei ao redor, franzindo o rosto. De início, achei que era o barulho da chuva atingindo a janela, mas o som era ritmado demais, tinha propósito demais. Esperei para ouvir de novo e descobrir de onde estava vindo.

Toc, toc.

Levantei da cama devagar. Soava como um dedo batucando em madeira, mas não fazia sentido – parecia estar vindo do outro canto, perto da porta deslizante da sacada. A única coisa do outro lado era o banheiro do lado de dentro, e a sacada do lado de fora. Fiquei olhando para a parede, para a madeira brilhante e rusticamente lustrada, e meu coração começou a bater mais forte.

Por que parecia que o barulho estava vindo de *dentro* da parede?

Até eu ver o reflexo do movimento atrás de mim na janela, Leon já tinha coberto minha boca com a mão e envolvido minha garganta com a outra.

— Você tem um cheiro bom quando está com medo, gatinha — murmurou, e me virou de frente para ele, ainda com uma mão

cobrindo minha boca e a outra passada firmemente pelas costas. Ele exibiu seus dentes afiados para mim com os olhos brilhando. — Senti saudade hoje. É uma tortura passar horas imaginando o que vou mandar você fazer quando eu voltar.

Ele descobriu minha boca. Sorri sem fôlego para ele, mas meu coração acelerado estava começando a se acalmar.

— Estamos seguros? Não tem ninguém atrás da gente?

— Estamos seguros — disse, sem me dar nem um centímetro de espaço enquanto me segurava contra seu corpo. Ele fez uma leve carranca. — Não consegui encontrar os Hadleigh. Ou eles estão aprontando alguma coisa, ou… — Fez que não com a cabeça. — Não conseguiram vir atrás da gente. Então, vamos falar de assuntos melhores.

Ele empurrou uma sacola de papel no chão com o pé, e a ergui curiosa. Meu queixo caiu quando tirei a embalagem de plástico de dentro.

— Puta merda, Leon, você… você acha que isso vai *caber*?

— Se eu consigo caber, o brinquedo vai caber — disse ele, enquanto eu olhava com os olhos arregalados para o dildo que tinha tirado da sacola. Era absurdamente grosso, mais ou menos do

mesmo tamanho que ele, e feito de silicone roxo com uma ventosa na base.

— Não sabia que curtia brinquedos — eu disse.

— Curto qualquer coisa que possa usar pra te fazer gritar. — Ele sorriu quando vasculhei a sacola um pouco mais e tirei outra caixa, que continha um vibrador azul e branco. — Suspeitei que nossa brincadeirinha de hoje pudesse ficar intensa demais sem umas distrações.

Eu estava empolgada para qualquer coisa que ele estivesse planejando que envolvesse brinquedos como esses, mas fiquei curiosa.

— Intensa? O que… o que quer dizer?

Ele usou as garras para abrir os pacotes e me devolveu os brinquedos quando terminou.

— Vá limpá-los e tente se lembrar: o que eu disse que faria hoje?

Só levei um instante para lembrar, e os dedos gélidos do medo deslizaram pelas minhas costas mais uma vez. Medo e tesão se enrolaram dentro de mim como uma cobra, tão perigosos quanto, e tão assustadores quanto. Enquanto eu lavava os brinquedos, começou a tocar música na TV, e reconheci os tons sombrios e

graves de *Anti-Social Masochistic Rage,* do Ghostemane. E eu achando que o *meu* gosto musical fosse sinistro.

Quando saí do banheiro, ele estava sentado na beirada da cama, passando uma bolinha de algodão por uma agulha grossa de aço, com uma garrafa de álcool isopropílico aos pés.

Congelei ao ver aquela agulha. Merda. *Merda*.

— Nunca coloquei piercing em um humano antes — refletiu. — Quando coloquei o de língua no Zane, não precisei me preocupar com infecções. — Ele olhou para mim e piscou. — Não se preocupe. Eu pesquisei. Não quero quebrar minha bonequinha.

Eu queria correr para a porta. Queria gritar. Queria… queria que ele fizesse isso. Minhas mãos já estavam tremendo. Meu coração era um passarinho agitado preso na gaiola das minhas costelas. Minha cabeça estava leve como um balão.

Leon curvou um dedo com garra para mim.

— Vem aqui, gatinha.

Parei na frente dele, já tinha quase me esquecido dos brinquedos, apesar da força com que os estava segurando. Ele colocou a agulha em uma toalha que tinha estendido na cama, ao lado de uma pinça de metal e duas barrinhas de aço cirúrgico com bolinhas nas extremidades, e tirou o vibrador das minhas mãos.

— Coloque o brinquedo no chão. De um jeito que você consiga ajoelhar sobre ele.

Minha boca estava repentinamente seca, mas minha vagina com toda certeza não estava. Posicionei o dildo no piso, grudando a ventosa na madeira reluzente aos pés dele, me dando espaço suficiente para ajoelhar em cima. Ele ligou o vibrador curiosamente, e o zumbido me despertou algum tesão instintivo. Eu amava o vibrador que tinha em casa, mas caramba, essa coisinha aí poderia me levar de zero a cem dolorosamente rápido.

Ele deu um riso sombrio enquanto voltava a desligar o vibrador.

— Ah, Rae… vou te fazer gritar.

Eu ri, mais ou menos. O som estava um pouquinho histérico demais para ser apenas uma risada. A expectativa me entorpeceu com a adrenalina, era absolutamente impiedosa e fez cada músculo do meu corpo vibrar e meu clitóris dilatar com calor. Ele estendeu a mão e deslizou uma única garra pela minha bochecha.

— Qual é a sua palavra de segurança?

— Misericórdia — sussurrei.

— Boa garota. Tira a roupa.

Tirei a blusa, puxei a saia para baixo e minha pele ficou toda arrepiada. Ele não me tocou enquanto eu abria meu sutiã e

deslizava a calcinha para baixo. Ele só me assistiu, seus olhos dourados examinando cada centímetro do meu corpo com o olhar demorado e calculista de um lobo faminto. Planejando onde morder primeiro.

— Estou sentindo o cheiro da sua boceta molhada. — Riu. — Se toque. Quero que sinta o quanto está molhada.

Obedeci e deslizei meus dedos para baixo. Eu estava escorregadia, e a sensação dos meus dedos deslizando sobre meu clitóris me fez estremecer. Tentei não ofegar, mas meus olhos ficaram pesados e não consegui controlar meu choramingo.

— Coloque seus dedos na minha boca.

Mais uma vez, obedeci. Sua língua bifurcada deslizou entre meus dois dedos e girou sobre eles antes de chupá-los. Leon fechou os olhos, saboreou o gosto e lambeu os lábios.

— Ajoelhe. Enfie o brinquedo dentro de si mesma.

Me ajoelhei no piso liso e frio. Ele estendeu uma garrafinha de lubrificante e despejou na minha mão, para eu poder esfregar o gel escorregadio no dildo embaixo de mim. Mesmo estando tão molhada, um brinquedo tão grosso assim não ia entrar com facilidade. Inspirei fundo quando o posicionei na minha entrada, olhando em seus olhos, que estavam olhando para mim de volta.

— Se empala pra mim, gatinha.

Gemi quando me abaixei no brinquedo, a espessura me expandiu até doer, até precisar parar no meio do caminho para respirar. Ele se debruçou para frente, acariciou meu rosto com a mão e segurou meu cabelo perto da nuca.

— Mais.

Me forcei a descer, choramingando pela grossura do brinquedo dentro de mim. Finalmente fiquei totalmente ajoelhada, sentada sobre meus calcanhares enquanto minhas pernas tremiam. Ele inclinou minha cabeça para cima, usando meu cabelo como alavanca, e beijou minha boca devagar, sem pressa enquanto sua língua brincava com a minha.

Enquanto me beijava, ligou o vibrador. Com os olhos fechados, eu não tive ideia do que ele estava fazendo, até as vibrações encostarem no meu clitóris e eu gritar na boca dele. Ele me beijou mais intensamente, abafando aqueles gritos de prazer ao mesmo tempo em que segurava o brinquedo no lugar, disparando tremores pelas minhas pernas. Ele só se afastou quando eu estava na beira de um orgasmo, sorrindo perversamente dos meus suspiros desesperados.

— Cavalga esse pau, gatinha. Lenta e profundamente.

Fiz o que ele mandou, apesar de minhas pernas estarem tremendo de fragilidade. Estava tão cheia com o dildo dentro de mim que gemi, e minha vagina o apertou quando voltei a descer. Enquanto isso, Leon molhou outra bolinha de algodão com álcool e segurou meu seio com a mão.

— Continua cavalgando, bem devagar, assim mesmo.

Ele desinfetou um mamilo, depois o outro, passando o algodão molhado frio contra aquelas pontinhas enrijecidas. Depois pegou a pinça e a estalou ameaçadoramente.

— Desce tudo, Rae. Coloca esse pau todo pra dentro. Agora, segura isso no seu clitóris. — Ele me entregou o vibrador, que segurei entre minhas pernas com as mãos trêmulas. Pegou a agulha. — Fique o mais parada que puder pra mim.

— Porra — sussurrei, tremendo, apavorada e com tanto tesão que sabia que estava a segundos de gozar. Mas ele estava só a segundos de me perfurar com aquela agulha, e considerando a sensação de aperto na minha barriga, meu corpo estava ansioso por essa dor. Eu ansiava por essa violência íntima e gentil.

Ele prendeu meu mamilo com a pinça e segurou firme, enquanto eu olhava para baixo com olhos arregalados, sem ar de expectativa.

— Olhe pra mim, gatinha.

Ergui os olhos e ele me deu aquele sorriso demoníaco afiado.

— Está com medo?

— Sim, porra.

— Você quer esta marca?

Concordei rapidamente com a cabeça, meu corpo todo estava tremendo com as ondas de prazer que o vibrador estava forçando em mim.

— Sim, quero. Quero que me marque, por favor.

A agulha perfurou minha pele. Minha visão ficou branca e minha cabeça girou. A dor era aguda e cortante, mas não desconhecida. Eu já tinha colocado piercings antes, só não *ali.* Mas o encontro dessa dor com o meu prazer, o ápice da expectativa finalmente sendo atingido, me estilhaçou como um vidro frágil. Gritei, não de dor, mas pelo orgasmo, pelo requintado coquetel de sensações.

Gozei conforme aquela agulha me perfurava. A dor cortante e impiedosa me jogou do precipício. Tremi e gemi enquanto Leon colocava a joia no lugar.

— Essa é minha garota — murmurou, e segurou meu rosto em suas mãos. — Você foi tão bem, porra, olha só pra você. — Seus olhos passaram por mim, pelo meu rosto, meu peito, minhas pernas trêmulas. — Que garota linda. — Ele beijou minha testa, minha

bochecha, o seio que tinha acabado de perfurar, enquanto eu flutuava no êxtase, vibrando com os tremores secundários. — Mais um, gatinha. Mais um. Cavalga esse pau de novo.

Não sei onde encontrei energias para obedecer. Tinha entrado tão profundamente na deliciosa mentalidade da submissão, do prazer, do desamparo voluntário. Era uma dimensão na qual não havia medo, não havia o pavor que tinha pairado sobre mim durante os últimos meses. Era seguro, era lindo, era tão gostoso. Minha boceta se alargou e pulsou em volta do brinquedo grosso enquanto ele tirava outra agulha da embalagem de plástico e a limpava.

— Fica paradinha pra mim. Liga o vibrador de novo.

Meu clitóris estava tão sensível que o mero toque da cabeça vibrante sobre ele me fez grunhir. Ficar parada estava muito mais difícil agora. Não conseguia parar de tremer, meu corpo não conseguia conter a abundância de sensações que o inundavam. Mantive os olhos no rosto dele quando posicionou a pinça, e sorri ao ver seus olhos reluzirem com a excitação mal contida quando ergueu a agulha.

Ele era *monstruoso*, mas era *meu.* E eu era dele, tão certamente quanto se já tivesse reivindicado minha alma.

Passei tantos anos buscando a escuridão, tentando alcançá-la e chamando por ela, e agora tinha mergulhado nela. Ela tinha me envolvido, e eu não queria que fosse diferente. A escuridão era cortante, mas, meu Deus, era aconchegante. Era aterrorizante, mas era segura.

A escuridão era um demônio se curvando sobre mim, com fogo nos olhos, sussurrando:

— Você é minha, gatinha.

A segunda agulha doeu mais, mas me estilhaçou do mesmo jeito. Joguei a cabeça para trás, de olhos fechados, grunhindo com aquela dor brutal e com o prazer ardente que fluía pelas minhas veias, desde meu âmago até as pontas dos meus dedos dos pés. Derrubei o vibrador, o estímulo já muito maior do que eu podia suportar. Minha cabeça estava tão atordoada, eu estava afundando tão profundamente.

Leon não me deixou cair. Estava de joelhos ao meu lado, me envolvendo com os braços, me aninhando contra seu peito, beijando meu rosto e sussurrando:

— Essa é minha garota. Ssh, calma. Calma. Respira fundo, gatinha.

Percebi que a música tinha mudado. A reconheci… Cigarettes After Sex… *Nothing's Gonna Hurt You Baby.* Fiquei suspensa ali, de olhos fechados, abalada e reconfortada, protegida pelos braços dele. Eu podia me esquecer de todos os perigos lá fora dessas paredes, e permitir que a escuridão fosse meu refúgio. Eu podia deixar que a perversidade fosse meu santuário, depravação minha terapia, e um monstro meu amante.

39

Leon

— Posso me limpar sozinha, sabe… isso não te deixa com nojo?

A olhei com os olhos apertados enquanto eu, com cuidado, passava o cotonete ao longo da barrinha em seu mamilo.

— Já fiz coisas tão repulsivas por prazer que fariam a maioria dos humanos vomitar. Limpar as marcas que *eu* te dei está longe de ser nojento, Rae.

Ela me deu um sorrisinho enquanto eu me deslocava para limpar o outro piercing. Eu a fiz se sentar na beirada da grande banheira, sem camiseta, só com um pijama grande demais na parte de baixo.

— Coisas repulsivas, é? Tipo o quê? — Seus olhos escuros cintilaram daquele jeito malandro que ateava fogo no meu cérebro. Aquela curiosidade brincalhona me deixava selvagem, assim como da primeira vez que ela tinha ralhado comigo.

Essa garota tinha me deixado ferrado. Muito completamente ferrado.

Eu sabia que sentimento era aquele quando ela dormiu colada em mim na noite passada, sem forças, exausta – o aperto no meu peito, uma dor muito agridoce enquanto eu a abraçava. Eu não podia dizer que muitas coisas me assustavam, mas aquilo assustou. O jeito como me senti ao ver o metal que coloquei na pele dela, reluzindo naqueles seios macios, irresistíveis, me assustou tão profundamente que quase parei de respirar.

Não era para eu *sentir* qualquer coisa por uma humana. Mas aqui estava eu, disposto a arriscar minha vida e meus membros por essa pequena mulher fogosa como o inferno.

Coloquei a solução de água salgada e os cotonetes de lado e beijei seu seio esquerdo, depois o direito, então seu pescoço, quente, pulsando com sangue, depois seu rosto, suave e corado enquanto ela ria. A risada dela me fez rosnar, acendeu um desejo imediato de a segurar e brincar com ela, até suas risadinhas se transformarem em gritos de prazer.

— Ai, cuidado, estão sensíveis!

Precisei de todo o autocontrole que tinha para deixá-la se levantar da beirada da banheira, e então para assisti-la se despindo

e entrando no chuveiro.

— Deixe a cortina aberta — eu disse, me apoiando na pia. — Quero ver você.

Meu autocontrole não durou muito tempo. Tirei minhas roupas e, enquanto a pele dela ainda estava escorregadia de sabonete, a comi encostada na parede até ela chamar meu nome sem ar, e caramba, meu nome soava tão bem quando saía da boca dela. Ela estava debruçada para a frente, com as mãos apoiadas na parede, e eu levei uma mão para a frente, apertei seu rosto e exigi:

— Fala meu nome de novo, gatinha. Clame por mim.

Ela obedeceu, e porra, que paraíso.

Pedi comida demais para ela de novo, mas eu gostei de como seu rosto brilhou ao ver todos aqueles pratos de café da manhã sendo entregues. Ela estava no meio de um prato com uma grossa pilha de waffles belgas com pêssego quando seu telefone tocou, e ela estreitou os olhos de preocupação ao olhar para a tela.

Ela me olhou com incerteza no rosto.

— É a Victoria.

Levantei da cama e olhei irritado para o celular dela, como se pudesse apurar as intenções da garota Hadleigh só de olhar para

ele. Tocou até cair no correio de voz, fez uma pausa… então voltou a tocar.

— Veja o que ela quer — disse gentilmente. Eu não sabia bem quais tecnologias os Hadleigh tinham à sua disposição, tipo se eles poderiam descobrir nossa localização por uma ligação telefônica, mas já era hora de irmos para outro lugar, de qualquer forma. Era melhor saber que mentiras eles tentariam contar agora do que permanecer na ignorância.

Rae conseguiu usar um tom de voz surpreendentemente amigável ao atender:

— E aí, garota! O que…

O rosto dela perdeu a cor e eu ouvi a voz de Victoria claramente na linha:

— O papai tá morto. Acabou, tá? Acabou, porra.

— Victoria, do que você está falando? — Os olhos de Rae estavam arregalados quando ela olhou para mim e gesticulou com a boca: *"Mas que porra?".* Minha cabeça estava girando. Tinha esperado ouvir muitas histórias, mas essa não era uma delas.

— Meu pai tá *morto,* Raelynn! — A voz de Victoria estava esganiçada, sem fôlego, assustada. Por que ela estava assustada? — Meu Deus, e eu nem estou triste por isso. Que tipo de filha de

merda que eu sou? — Então, mais baixo: — Que tipo de pai iria matar a própria filha? — Um soluço, seguido de uma risada amarga. Pelo seu ritmo e respiração acelerada, ela estava andando depressa, quase correndo. — Não importa. Nada importa mais nessa porra. Eu nem sinto muito, Rae, fiz o que eu tinha que fazer. Nós duas fizemos. — Houve uma pausa. Ela estava prendendo a respiração.

Ela estava se *escondendo*.

— Victoria, sinto muito pelo seu pai…

— Não se faça de idiota. — A emoção tinha desaparecido de sua voz. — Você não sente muito. Nem eu. Mas está feito. Você e aquele demônio fizeram o que tinham que fazer, não é? Talvez eu devesse te agradecer. — Outra risada amarga. — Tchau, Rae. Falando sério, parabéns. Você sobreviveu.

Ela desligou. Raelynn encarou o celular em sua mão, piscando lentamente, processando. Mas que diabos tinha acabado de acontecer? Pelo seu tom, Victoria não estava mentindo. Não estava fingindo. Ela estava aterrorizada.

— Kent Hadleigh morreu. — Raelynn ergueu os olhos para mim, algo semelhante a um sorriso estava querendo curvar seus lábios. — Ele está… está *morto.* Ai, meu Deus. Você… foi você?

— Porra, bem que eu queria. — Comecei a andar de um lado para outro, pensando. Os Libiri estariam em caos, desesperados por um líder. Vulneráveis. E, a julgar pelo que tinha dito, Victoria achava que eu era o assassino. Eles estavam às cegas, não sabiam nem quem os estava atacando. — Eu te disse, Kent se protegia. Seria difícil qualquer demônio fazer mal pra ele. Mas a Juniper… a Juniper conseguiria matá-lo.

— É claro! Ela estava na festa. — Rae sorriu, e de repente começou a pular sentada na cadeira. — Porra, *acabou*, Leon! Ele *morreu!* — Ela jogou os braços em volta de mim e eu me encolhi, e ela também quando seu entusiasmo a fez apertar os piercings sensíveis em mim. Nem isso a desencorajou. Ela estava sorrindo, balançando os ombros naquela dancinha boba que fazia quando estava empolgada.

Queria poder compartilhar de seu entusiasmo.

— Eu posso voltar! — Ela esticou os braços para cima e suspirou sentindo toda a tensão sair. — Só perdi um dia de aula, vou poder cursar esse semestre e me formar!

Mas isso parecia muito fácil, muito… conveniente. Eu acreditava que Kent estivesse morto, mas *não* acreditava que tudo tivesse terminado com ele.

Não tinha terminado. Mas eu não sabia o que viria a seguir. Não sabia onde estava o perigo agora.

Quem tomaria o lugar de Kent?

— Vou ligar pra Inaya e dizer que vou buscar o Cheesecake hoje à noite — disse Rae animada. Não a impedi de ligar, mas levá-la de volta para Abelaum parecia perigoso demais. Parecia cedo demais. Não era possível que os Libiri fossem desistir tão facilmente. Os Hadleigh eram só uma família, mas não a única família leal ao Das Profundezas.

Ou talvez eu não estivesse gostando da ideia de Rae não precisar mais da minha proteção contra eles. Talvez eu não gostasse da ideia de voltar àquela cidade, de onde eu tinha tantas recordações ruins. Talvez eu só quisesse levar minha garota para qualquer lugar do mundo, menos lá, assisti-la caçar tantos fantasmas quanto seu coração desejasse, e nunca ter que pensar nos Libiri de novo.

É. Provavelmente era isso, porra.

— Leon?

Ela tinha encerrado a ligação e estava sentada na frente dos seus waffles comidos pela metade, parecendo subitamente muito séria.

— Será que… quer dizer… você acha que é seguro voltar?

Esfreguei meu rosto com a mão. Eu sabia que ela queria voltar. Sabia que os humanos se apegavam a lugares e coisas, e abandonar todas aquelas paisagens e cheiros com as quais tinha se familiarizado era difícil. Sabia que ela achava importante terminar a faculdade, e sabia que ela amava aquele gato. Eu sabia que os humanos viviam melhor quando tinham algum semblante de normalidade. De lar. De segurança.

Eu sabia que não daria certo arrebatá-la e forçá-la a deixar tudo para trás, ou que fazê-la mudar de hotel para hotel perpetuamente a estressaria.

— Não sei. — Esta era a resposta mais honesta que eu podia dar. — Não sei o que os Libiri vão fazer agora que o Kent morreu. E, com ou sem os Libiri, o Deus ainda te quer. — O medo transpareceu em seu rosto, e ela engoliu em seco com força. — Os servos Dele ainda vão vir atrás de você. Os monstros ainda vão te perseguir.

O jeito como o rosto dela desmoronou e o jeito como toda sua esperança se esvaiu me causou uma sensação similar a um martelo esmagando minhas costelas. Me sentei na beirada da cama e gesticulei para ela se aproximar. Ela parou na minha frente, com o metal novo de seus mamilos pressionando a camiseta e os dedos

remexendo a calça do pijama. Passei meus dedos sobre seus lábios, bochechas, pelas mechas macias de seu cabelo. Eu não era bom em ser gentil, deixava meus dedos trêmulos. Mas sentir Rae apoiar o rosto em minha mão fez o autocontrole valer a pena.

— Você quer voltar?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Não estou realmente mais segura aqui, estou? Os monstros não estão nem aí pros limites da cidade. Não é como se eu pudesse sair depois do anoitecer aqui ou andar por aí sozinha. — Suspirou. — Quer dizer, eu… eu ainda… preciso que fique comigo.

— Você é minha — disse com simplicidade. — Não vou embora.

— Penso sobre isso todo dia, sabe. — Ela mordeu o lábio, desviando os olhos para não precisar olhar nos meus. — No acordo que você ofereceu. Penso a respeito. É só que… — Ela tentou se virar, mas segurei sua nuca com firmeza. Queria ver seu rosto, seus olhos. Não queria que ela escondesse seus medos de mim. — É uma decisão importante, Leon.

O tanto que eu ansiava pela alma dela era quase insuportável. Era uma pressão constante no fundo da minha mente, uma coceira que eu não conseguia alcançar. A necessidade de possuí-la,

completamente. Nós demônios tínhamos o poder de pegar à força praticamente tudo que quiséssemos, mas uma alma humana?

Isso tinha que ser oferecido de bom grado.

Era a merda de uma tortura.

Levantei da cama e beijei sua testa, puxando a cabeça dela para trás para que olhasse para o meu rosto.

— Eu sei. Estou esperando, Rae. Não vou a lugar nenhum. Você vai dá-la para mim, em algum momento. — Dei um sorrisinho e encolhi os ombros, com toda a indiferença que consegui fingir. — Faz as malas, gatinha. Vamos te levar pra casa.

40

Rae

Mesmo ao meio-dia, uma névoa espessa escurecia Abelaum. Os postes das ruas ainda estavam acesos com um brilho amarelo fraco, e os carros dirigiam devagar pelas estreitas ruas suburbanas. A cidade estava coberta pela umidade, como se tivesse trazido a névoa para perto e a abraçado junto de si, tal qual uma capa escondendo seus segredos.

Minha esperança tinha sido sentir um pouco do peso sumir de mim, mas minha ansiedade estava aumentando, em parte porque Leon, claramente, estava em alerta máximo. Ele estava rígido no banco enquanto dirigia a caminhonete pela Rua Principal, disparando os olhos pelas calçadas, observando cada transeunte, semicerrando as pálpebras para todos os carros.

A morte de Kent não tinha aparecido no noticiário do Estado, mas estava em destaque no jornalzinho da cidade. CHEFE DA SOCIEDADE HISTÓRICA MORTO EM APARENTE SUICÍDIO, era a manchete no site deles. *Suicídio.*

— Não — Leon disse com firmeza quando li a manchete em voz alta. — Aquele homem era arrogante demais para tirar a própria vida. Seus assassinos só cobriram seus rastros bem.

Paramos no apartamento de Inaya primeiro, para pegar Cheesecake. Ele ronronou nos meus braços e se esfregou no meu queixo enquanto Inaya, apoiada no batente da porta, disse preocupada:

— Não tenho conseguido contato nenhum com a Victoria. Jeremiah disse que ela foi pra casa dos avós, e sei que eu deveria dar um pouco de tempo a ela, mas… — Ela roeu uma unha pintada de rosa. — É tão horrível, Rae. Nunca imaginei que Kent estivesse sofrendo daquele jeito. Coitada da família dele.

Minha reação natural seria concordar com ela. Mas Kent estar morto significava que ele não ia tentar me matar. Então, embora tenha fingido uma expressão de simpatia ao lhe dar um abraço de tchau, tudo em que consegui pensar foi "*graças a Deus ele está morto – obrigada a qualquer Deus que esteja do meu lado".*

O chalé estava frio quando entramos. Depois de só alguns dias sem nenhum humano o habitando, o lugar já parecia muito menos simpático. Era estranho, depois de passar tanto tempo em antigos lugares abandonados, tinha aprendido a sensação que causavam, o cheiro deles, o jeito como o ar parecia mais imóvel dentro deles. Não tinha levado muito tempo para o chalé começar a ficar parecido.

Acendi todas as lâmpadas, apesar da triste luz do dia vinda de fora, acendi algumas velas e aguei minhas suculentas negligenciadas na janela. Leon se sentou no sofá com Cheesecake – que aparentemente não conseguia deixá-lo em paz – e coçou a cabeça do gatinho enquanto um vinco cada vez maior se formava entre suas sobrancelhas, por causa de alguma pergunta não verbalizada tomando espaço em sua mente.

— Ainda parece que tem algo errado, né? — perguntei quando fiquei sem nenhuma tarefa inútil para me manter ocupada.

Ele balançou a cabeça.

— O perigo não acabou, Rae. Kent era uma ameaça óbvia, mas o Deus ainda está vivo. Ainda tem Seus servos. Essa história ainda não terminou.

Fechei as mãos na barra do meu suéter, e minhas unhas se afundaram nas minhas palmas, apesar do tecido.

— Vamos até o mercado. Preciso de lanchinhos pra me acalmar.

O supermercado ficava perto da Rua Principal e o letreiro oscilante de neon com as palavras *Food Mart* parecia menor perto dos pinheiros que o cercavam. Leon estacionou perto da porta e segurou meu braço antes que eu pudesse descer da caminhonete, enquanto dava uma boa e demorada olhada pelo estacionamento. Satisfeito, ele me soltou e disse:

— Vou ficar de olho na porta. Vai estar segura.

Seu cuidado fez o nó de medo na minha barriga começar a se desfazer. Me debrucei no banco, enrosquei os dedos em seu cabelo loiro e o beijei – seus lábios, no começo, ficaram suaves de surpresa, e depois vorazes quando ele me puxou contra si e enfiou a língua na minha boca com uma fome possessiva. Os piercings sensíveis que ele tinha me dado pressionaram seu peito e eu gemi em sua boca, e o som o fez me segurar mais apertado e enterrar suas garras em mim.

— Não me tente a te jogar na caçamba e te comer — rosnou, me dando um sorriso sacana enquanto eu recuperava o fôlego.

— Já estou te tentando — respondi, e um arrepio de expectativa subiu pelas minhas costas quando seus olhos ficaram dourados.

— É melhor você arrastar sua bunda lá pra dentro — rosnou. — Ou o único lanchinho que você vai ter hoje vai ser minha porra descendo pela sua garganta.

Por mais que eu quisesse isso, eu também queria muito uns lanchinhos. Ele me deu um tapa na bunda quando engatinhei por cima dele para sair do veículo, e eu ainda estava sorrindo quando entrei e a campainha na porta de vidro tocou.

— Bem-vinda ao Food Mart — disse o caixa, com uma cara de tédio ao erguer os olhos do celular por um instante. Acho que fazíamos alguma matéria juntos, mas eu provavelmente estudava com a maioria do pessoal de vinte e poucos anos desta cidade. Peguei uma cesta e fui direto para o corredor de salgadinhos, peguei um pacote de Fandangos e uma lata de pastinha de feijão, depois me dirigi para os biscoitos. Gotas de chocolate ou manteiga de amendoim… gotas de chocolate ou…

Pela minha visão periférica, vi que alguém estava parado no fim do corredor. Não estava se aproximando, nem falando com ninguém, só… parado ali.

Olhei de relance, bem quando ele finalmente se afastou. Um cara jovem, mais uma pessoa que, talvez, estava em alguma aula minha. Nossos olhos se encontraram quando ele avançou ao próximo corredor, mas ele estava com o celular na mão e provavelmente só parou ali para responder uma mensagem.

Eu andava paranoica demais. Leon estava bem do lado de fora, dentro da caminhonete. Eu não tinha nada a temer. Peguei os biscoitos de manteiga de amendoim e me dirigi aos freezers no fundo da loja para pegar sorvete. Tinham tantas opções, como é que eu ia escolher? Abri a porta do freezer e o vidro ficou imediatamente embaçado.

Foi somente depois de um minuto em pé ali, com o ar frio soprando sobre mim, que notei que havia alguém parado do outro lado da porta de vidro embaçado.

Olhei para baixo e minha mão apertou o puxador da porta. Eu podia ver tênis brancos prístinos por baixo da porta, parados bem perto, virados para mim.

Deixei a porta fechar e rapidamente dei um passo para trás. Jeremiah estava parado ali, com as mãos nos bolsos de sua jaqueta de atleta, sorrindo.

— E aí, Rae. — Sorriu alegremente. — Senti sua falta na faculdade, segunda, e na festa de Halloween também. Me abandonou mais cedo?

Senti um nó na garganta. Com certeza Leon o tinha visto entrando aqui. Com certeza.

— Ah, hum… é… é, fui embora cedo. Não estava me sentindo bem.

Ele concordou com a cabeça.

— Imagino que não, depois daquele presentinho que coloquei na sua bebida. A gente podia ter se divertido tanto. — Ele deu um passo para frente e eu rapidamente dei um para trás, o que o fez rir. Era sério isso? Ele ia mesmo admitir que tinha me drogado com tanta facilidade? — Mas ao invés de uma noite comendo seu cu drogado, acabei passando seis horas sendo interrogado pela polícia, tentando explicar tudo que eu sabia sobre por que *“meu querido papai se matou*”. — Ele fez grandes aspas com os dedos na última parte. Merda. Isso não era bom. Meus olhos dispararam na direção da porta do outro lado do mercado, estava pronta para tentar correr.

Mas o cara que eu tinha visto me olhando do fim do corredor entrou no meu caminho.

Merda. Merda, merda, merda.

— Suponho que deva agradecer a você e aquele seu demônio traidor — disse Jeremiah. — Por finalmente tirarem meu pai do caminho. Passar todas as horas em que se está acordado tentando convencer seu próprio pai a não te escolher como sacrifício humano fode muito com sua cabeça. — Deu de ombros. — Mas, no fim das contas, Rae, tenho que admitir que ainda estou muito puto com essa história. Toda essa merda de *meus sentimentos* e a baboseira de *sinto-muito-pela-sua-perda* de merda. É tão cansativo fingir que estou de luto.

Ele achava que Leon tinha matado Kent. Achava que *eu*, de alguma forma, era responsável pela morte de seu pai. Avancei, tentando dar a volta nos dois, mas Jeremiah e seu amiguinho bloquearam meu caminho com facilidade.

— Awn, Rae, não está tentando fugir de mim de novo, está? — Jeremiah deu uma risadinha, andando ao meu redor. Eu estava de costas para o freezer e ainda tinha esperanças de conseguir escapar. Até que Jeremiah gritou: — Tranca a porta, Tommy!

Joguei a cesta nele e disparei para a porta. Um barulho metálico alto injetou adrenalina no meu peito, mas eu não podia parar, tinha que chegar à porta.

A grade metálica de segurança tinha sido desenrolada sobre a entrada. Parei ofegando, com o coração batendo dolorosamente forte, quando o caixa – em cujo crachá se lia *Thomas* – sorriu ao trancar a grade no lugar.

— Acho que meu pai não esclareceu bem para você a realidade da situação, Raelynn, então permita-me explicar. — Me virei e vi Jeremiah se aproximando calmamente, com o outro amigo seguindo de perto. — Abelaum pertence aos Libiri. Sempre pertenceu, e sempre pertencerá. Claro, você encontra algumas pobres almas ingênuas como Inaya. — Rolou os olhos. — Mas seus colegas de classe — Thomas sorriu para mim. —, seus vizinhos, aquele meigo casal de idosos por quem você passa na rua, são nossos. — Jeremiah fez uma pausa e riu suavemente. — Ou, melhor dizendo, são meus. São todos *meus,* Rae. Assim como você.

— Não. — Minha voz saiu sussurrada, frágil de terror. Leon tinha que ter visto eles trancaram esse lugar. Ele estava vindo. A qualquer segundo agora, ele ia chegar.

Vidro estilhaçou atrás de mim, seguido por um rugido e um barulho parecido com pedra batendo em metal. Jeremiah não pareceu surpreso, mas seus amigos pareceram assustados,

olhando com olhos arregalados para o monstro que estava tentando invadir às minhas costas.

O *meu* monstro. O *único* monstro a quem eu pertencia.

— Achei que Nick e Will iam distrair ele, J — disse Thomas, olhando nervoso para Jeremiah quando outro barulho soou atrás de mim. Não ousei virar de costas para eles, mas os sons estridentes de metal rasgando me informaram que Leon estava quase entrando.

Jeremiah tirou a jaqueta e a jogou de qualquer jeito no chão.

— E distraíram. Fizeram o trabalho deles. Eles tinham que ser extremamente burros para não perceberem que estavam saindo em uma missão suicida. — Jeremiah olhou para Thomas com um sorriso perturbador enorme no rosto. — Não seja burro, Tommy.

Parecia que Tommy ia vomitar quando uma tira de metal rasgado passou voando por cima de mim, colidiu contra as prateleiras e fez com que várias garrafas de bebida caíssem no chão e espatifassem. Senti uma onda de calor, e então os braços de Leon estavam fechados ao meu redor, me envolvendo, me mantendo firme e segura contra seu corpo. A camiseta dele estava ensopada, suja de sangue, e o cheiro metálico estava forte.

Eu tinha um palpite sobre o que tinha acontecido com Nick e Will.

— Ah, bravo, que belo espetáculo, Leon. — Jeremiah bateu palmas. — Mas um pouquinho atrasado, na verdade, eu estava te esperando — deu uma olhada breve no relógio em seu pulso — há quase um minuto. Caramba. E aqui estava eu, achando que você *gostava* da sua preciosa bonequinha inflável de carne e osso.

Atrás dele, o amigo sem nome de Jeremiah riu.

— Devia dar ela pra alguém que vai usar melhor.

Os braços de Leon me soltaram no exato momento em que a cabeça do rapaz soltou de seu corpo. O cadáver sem cabeça balançou por um instante, esguichando sangue, antes de cair no chão. Cobri a boca com a mão, arrebatada pela náusea. Thomas começou a gritar, mas o som parecia abafado aos meus ouvidos, até que foi engasgado com um gorgolejar líquido. A mão de Leon estava segurando sua garganta por trás, e apertou, apertou mais, esmagou sua traqueia e então – com um estalo alto – sua espinha dorsal.

Eu estava zonza olhando para a carnificina. Leon rolou os ombros e voltou a se colocar entre mim e Jeremiah. Me colei em suas costas, apesar do sangue em sua camiseta, e sussurrei freneticamente:

— Me tira daqui, por favor, vamos, vamos, por favor.

— Calma, gatinha. — Ele me puxou embaixo do braço e beijou minha cabeça. — Desculpa ter demorado tanto.

Jeremiah balançou a cabeça.

— Caramba, você realmente aprimorou esse personagem do monstro meigo e cuidadoso, não? É patético o quanto ela está caindo nessa, sinceramente. Impressionante, Leon. Vou ter que te punir por matar meu pai, mas, depois disso, talvez ainda te dê a oportunidade de servir.

Leon gargalhou.

— *Me* punir? Você está prestes a reencontrar seu pai, moleque.

Dessa vez, quando Leon saiu do meu lado, consegui cobrir meus olhos com antecedência. Esperei um grito, um jorro de sangue – mas não estava esperando os barulhos de luta.

Leon estava segurando Jeremiah no chão, com as veias dos braços muito dilatadas e exibindo os dentes enquanto eles se atracavam. *Atracavam.* A força de Jeremiah estava se equiparando à sua e, de alguma forma, conseguindo impedir que aquelas garras atingissem sua garganta. Devia ter sido impossível. *Era* impossível. Nenhum humano desarmado era páreo para um demônio. Eu já tinha visto do que Leon era capaz.

Mas havia algo de *errado* com Jeremiah.

Seus olhos estavam vidrados, como se o nevoeiro tivesse se infiltrado em suas íris. Estava inexpressivo, o único verdadeiro sinal de luta eram os músculos contraindo em seus braços e tremendo em suas pernas. Quando Leon se inclinou para baixo com a boca aberta para morder, uma gota de líquido escuro e espesso escorreu do canto da boca de Jeremiah.

Os dois tombaram, um borrão súbito de movimento antes que eles colidissem de novo, e então se afastaram. Leon levantou devagar, com os olhos estreitos, enquanto Jeremiah continuou agachado no chão, ofegante.

Jeremiah estava *rindo*.

Leon me empurrou para trás, em direção à grade de proteção destruída. Jeremiah ergueu a cabeça, tossiu, e mais gosma escura e espessa pingou de seus lábios. Ele limpou com o dorso da mão e se levantou, abrindo e fechando os punhos, olhando para seus braços, aparentemente maravilhado.

— Caramba — disse baixinho. — Ah, mas isso é uma bênção…

Seus olhos dispararam para nós, lentamente escurecendo de volta à cor natural. Eu estava dividida entre sair correndo ou ficar colada em Leon, mas então, Jeremiah falou, tão baixo que eu mal pude ouvi-lo:

— Deus me escolheu. Ele *me* escolheu. — Riu novamente, em um tom quase histérico. — Fiz meus sacrifícios. Dois, *dois* sacrifícios em meu nome. — Ele ergueu dois dedos, como se para enfatizar. — Deus recompensa os sacrifícios. Deus me recompensou.

— Vá para a caminhonete, Rae — disse Leon. — Agora.

Recuei cambaleante e quase caí nos escombros da grade de segurança, esmagando vidro quebrado com meus sapatos. O ar frio do lado de fora me trouxe de volta à realidade e corri em direção ao veículo, tentando não olhar para o cadáver alquebrado, dilacerado no concreto, ou para o segundo cadáver esparramado ao lado do mercado.

Que porra tinha acabado de acontecer? Como Jeremiah podia estar tão forte? *Como*?

Subi na caminhonete, segurei a cabeça entre as mãos, e dei um pulo quando, poucos segundos depois, Leon sentou no banco do motorista. Os pneus cantaram quando ele deu ré e então ele afundou o pé no acelerador ao chegar à rua, forçando o veículo ao limite. Leon evitou a Rua Principal e pegou o caminho mais longo para casa, o que acompanhava a curva da baía.

— O que aconteceu? — Estava arfando, tentando não gritar, ou chorar, ou reviver repetidamente na minha mente a sanguinolência que eu tinha testemunhado. — Leon, como… como…

— Jeremiah se entregou para o Deus — disse sombriamente. As palavras não faziam sentido, mas apertaram tanto o nó de ansiedade dentro de mim que achei que ia vomitar. — Aquela força não é dele. É do Deus.

41

Rae

Eu queria muito aqueles salgadinhos e biscoitos.

Mas os gritos de Thomas e o corpo decapitado do homem sem nome continuaram na minha cabeça e reviraram meu estômago, até que tudo que eu podia fazer era segurar dentro de mim o pouco que eu já tinha comido naquele dia. Tão assombrosa quanto, era a memória da névoa fria e pálida nos olhos de Jeremiah e do líquido preto pingando de sua boca. Era como se algo o estivesse apodrecendo de dentro para fora.

A recompensa de Jeremiah pelos sacrifícios que tinha feito era uma força sobrenatural que seu corpo mortal mal podia conter.

— Um humano não foi feito para ter uma força daquelas — disse Leon. — Corpos mortais começam a quebrar com o esforço de

mantê-la, então Jeremiah não vai sobreviver daquele jeito para sempre. Mas isso não faz com que seja um problema menor.

— Quem foi o segundo sacrifício? — Estava andando de um lado para o outro da casa, incapaz de me sentar, com medo de que, se não me mantivesse ocupada, sofreria um colapso completo. Eu tinha visto Leon matar monstros antes, mas nunca humanos. Assistir a humanos morrendo era completamente diferente, por mais que tenha sido pela minha própria segurança.

Eu podia assistir a filmes de terror o dia todo e os amava. Eu me divertia com a carnificina quando sabia que era de mentirinha. Mas isso aqui era real. Real demais.

— O sacrifício deve ter sido Victoria — disse Leon. Ele estava no banheiro, lavando o sangue respingado em seu cabelo. Só estava se dando ao trabalho porque eu tinha pedido. Ele nem parecia notar que estava sujo de sangue. — Um dos irmãos Hadleigh estava destinado a morrer. Considerando que Jeremiah está passeando por aí com a benevolência do Deus, diria que ele deu cabo da irmã rapidinho. — Ele encolheu os ombros e fechou a torneira. — A única coisa da lista dele que falta é você. A atenção dele vai estar toda em você agora. — Ele fechou a cara e cutucou curiosamente os

próprios braços tatuados. Não dava para ver pela tinta, mas o ouvi resmungando que Jeremiah tinha deixado ele com hematomas.

Eu ouvia o som fraco de sirenes à distância. Mais cedo, quando olhei o Facebook brevemente em uma tentativa de me distrair, não demorei muito para ver alguém postar que o *Food Mart* estava pegando fogo.

Será que encontrariam os corpos? Será que haveria imagens de segurança do que havia acontecido? Talvez se a polícia visse que o Jeremiah tinha feito, talvez…

Não. A polícia não ia me ajudar. Éramos só eu e Leon – e, em algum lugar por aí, Juniper e Zade ainda buscando vingança contra os Libiri. O banho de sangue não tinha acabado.

Estava só começando.

Ao sair do banheiro, Leon me pegou e me carregou até o sofá, me acomodando em seu colo na frente da TV. Ele tirou meu polegar da minha boca – essa unha já estava completamente destruída de tanto roer – e segurou minhas duas mãos em uma das suas.

— Olha pra mim. — Ele ergueu meu queixo e passou o dedo por cima do meu lábio inferior, que estava em um beicinho. — Um homem como Jeremiah não tem permissão de passar tanto tempo assim na sua cabeça. A quem você pertence? — Fiz um pouco mais

de beicinho e sua mão desceu do meu rosto para meu seio, para provocar gentilmente o piercing que estava ali. — A quem você pertence, gatinha?

— A você — disse em voz baixa e, apesar da ansiedade pressionando meus pulmões até eu sentir que não conseguia respirar, sorri quando ele beijou minha testa.

— Você é minha, e não deixo o que é meu ser tirado de mim. Eu protejo o que é meu. Ficou claro? — Concordei com a cabeça, e ele me acomodou contra seu ombro. — O Jeremiah ainda é de carne e osso. Pode estar forte, mas ainda é mortal. Ele tentou te pegar, e já garantiu a própria morte por causa disso.

Passamos alguns momentos em silêncio. Eu não queria sair nunca desse espaço, dessa sensação: da segurança e conforto absolutos de ter seus braços em volta de mim. Saber que ele lutaria por mim, que estava pronto para enfrentar qualquer coisa por *mim*, me causava um aperto no peito.

Tinha algumas palavras que meu cérebro queria dizer, mas que minha língua se recusava a formar. Palavras tipo: “quero aceitar sua oferta” que, na verdade, significavam: “quero que fique com minha alma”, porque ele mesmo já tinha contrariado o acordo que tinha

oferecido. O preço de sua proteção não havia sido pago, mas ele estava aqui. Mesmo no momento em que o perigo era maior.

Eu realmente odiava fazer planos para o futuro, odiava pensar em grandes e assustadoras decisões, mas essa? Essa não parecia mais tão assustadora. Parecia certa. Parecia segura. Parecia com a sensação de abrir a porta para a maior aventura de minha vida.

Eu queria dizer isso.

Tinha mais uma coisa que eu queria dizer também, palavras que me faziam pegar fogo e me tranquilizavam ao mesmo tempo, palavras que me apavoravam. Três palavras simples que já eram verdade no meu coração, mas que recuavam antes que pudessem sair pela minha boca.

Mas eu podia ser corajosa.

— Leon…

A casa rangeu e ele ficou tenso. O chão chacoalhou, as vigas no teto grunhiram e as luzes piscaram. Cheesecake saiu correndo da cozinha e disparou escada acima para se esconder embaixo da cama, com o rabo arrepiado.

O tremor parou. Somente as lâmpadas continuaram piscando.

— Terremoto? — Minha voz soou alta demais no silêncio que se seguiu. Leon negou com a cabeça, olhando para a luz no teto. Ela

piscou mais rápido, mais rápido, a eletricidade crepitando audivelmente até que…

A lâmpada explodiu, fazendo chover vidro no chão e jogando a casa em escuridão. Leon se levantou lentamente, com os olhos brilhando no escuro. Eu podia ouvir que estava farejando, e cada exalada criava uma nuvem no ar que esfriava rapidamente.

Meus braços ficaram arrepiados. A temperatura tinha caído tanto, tão rápido, que eu estava tremendo. O braço de Leon ainda estava em volta de mim, minha única fonte de calor enquanto observava o gelo espalhar pelos vidros da janela.

— Que merda tá acontecendo? — sussurrei. — Leon, o que…

Um grito, um *uivo*, preencheu a noite. Foi carregado pela floresta, um grito vindo das profundezas mais escuras do nada, ao mesmo tempo bestial demais e humano demais. Não era o grito de um Antigo, nem o rosnado de um Gollum. Isso soava… *maior*.

— Um Ceifador — murmurou Leon. — Ele invocou um maldito Ceifador.

Outro grito soou e eu precisei cobrir os ouvidos quando o som fez meu estômago revirar. Era tão antinatural, tão terrivelmente primitivo e alienígena. Um som como este não deveria existir na Terra, não deveria ser escutado por ouvidos humanos. Mas não haveria uma

única pessoa em Abelaum que não teria ouvido. O que quer que fosse essa coisa, não estava nem tentando se esconder.

— Você precisa dar o fora daqui. — Leon estava me entregando minhas chaves. Eu não tinha nem percebido que ele tinha se mexido para pegá-las. — Pega o gato. Comece a dirigir. Não pare, porra. Por nada. Vá o mais longe daqui que puder.

Encarei as chaves na minha mão trêmula. Leon estava na porta, olhando para as árvores. A luz com sensor de movimento do quintal acendeu quando três cervos atravessaram correndo, seguidos por uma gambá com os filhotes agarrados às costas. Esquilos passaram depressa por cima do alpendre e se afastaram, e os corvos estavam grasnando no céu.

Os animais estavam fugindo.

Disparei escada acima e arranquei Cheesecake debaixo da cama. Mal consegui colocar a guia no gato aterrorizado antes de voltar correndo para baixo. Leon ainda estava no exato lugar em que eu o tinha deixado, parado sem camisa no alpendre, com as garras de fora e as costas tensionadas.

— Leon, estou pronta, vamos.

Ele voltou a se virar para mim, e algo em seu rosto deixou meu coração pesado como uma pedra.

— Me dê cinco minutos para ter certeza de que ele está distraído. Depois comece a dirigir.

Engoli negando com a cabeça.

— Não. Não, você vem comigo.

— Cinco minutos, Raelynn. Precisa fazer o que estou mandando. — O rosto dele estava triste, a determinação petulante que eu estava acostumada a ver ali tinha desaparecido completamente. Fiquei nauseada. Estava com tanto frio.

— Então você vai me alcançar — disse com firmeza. — Vou começar a dirigir antes, e você vai me alcançar. Certo?

Ele se virou e andou de volta para dentro. Seus pés descalços deixaram pegadas fumegantes na varanda congelada. Ele colocou a mão no bolso da calça jeans e tirou um pedaço de papel amarelado dobrado.

— Quando estiver bem longe daqui, tente me invocar de novo. — Ele ofereceu o papel e, quando não consegui me forçar a pegá-lo, o empurrou no meu peito. Coloquei Cheesecake no chão, segurando sua guia, e o desdobrei.

Reconheci imediatamente.

— É o seu sigilo. — Meus olhos estavam ardendo. — Do grimório. Você disse… disse que não tinha encontrado ainda…

— Se o Ceifador não me matar, vai conseguir me invocar de novo. — Ele sorriu, mas o sorriso não alcançou aqueles olhos ardentes. — Nunca dei permissão para ninguém me invocar antes. Mas, se conseguir, me traga de volta para você.

Eu sabia o que isso queria dizer. Não queria aceitar, porque doía demais, mas sabia.

Se o Ceifador não me matar…, mas ele não acreditava nisso. Ele estava dizendo adeus.

Ele estava me dizendo adeus, e eu…

Joguei meus braços em volta dele e apertei com tanta força quanto consegui. Não queria soltar, ele não podia me forçar a soltar, mas também não estava retribuindo o abraço. Ele estava gentilmente – muito gentilmente – me afastando.

— Sinto muito. — A ardência em meus olhos tinha se transformado em choro. Ele não podia fazer isso. Não desse jeito. — Sinto tanto, Leon, por favor, por favor, não…

— Não diga que sente muito. — A voz dele era só um sussurro quando se afastou, colocando distância entre nós como se tivesse medo de que eu me agarrasse a ele mais uma vez. — Nenhum humano está pronto para o para sempre, e o para sempre é tudo que eu tenho. Mas você me ofereceu uma parte da sua vida,

embora vidas humanas sejam tão curtas. — Ele riu baixinho. — Acho que salvar sua alma pode ser tão bom quanto possuí-la, então trate de sobreviver, porra. — Ele deu uma olhada para as árvores às suas costas, no momento em que um vento congelante bagunçou seu cabelo e outro grito cortou a noite. Quando o barulho horroroso se extinguiu, disse: — Precisa saber que eu te amo, se é que isso serve de alguma coisa. Continue viva. Não desperdice sua vida mortal.

Foi assim que ele me deixou: parada na porta, com lágrimas escorrendo pelo rosto e seu nome em minha mão.

42

Leon

O solo estava repleto de insetos. Centopeias e aranhas rastejantes fugiam ao lado de ratos e coelhos. Os pássaros tinham sido afugentados de seus poleiros, e levantaram voo com um farfalhar de folhas e bater de asas. Uma raposa e seus filhotes fizeram uma pausa quando me viram, então se apressaram e correram de cabeça baixa.

Somente eu estava indo contra o fluxo. As plantas mais jovens – brotinhos, mudas de árvores, grama fresca – estavam murchando e morrendo. O cheiro de sangue e mofo estava acentuado no ar, enjoativo no nariz, como em um matadouro.

Existia uma hierarquia no Inferno: Demônios, Arquidemônios e, acima de todos os outros, Ceifadores. Eles já foram carrascos, e

fizeram um pacto delicado com os Arquidemônios da realeza para matarem apenas os demônios que haviam sido banidos.

Mas os Ceifadores não eram de confiança. Enquanto demônios buscavam almas, os Ceifadores buscavam a morte. Ansiavam por ela, tinham fome dela. Eram tão antigos quanto os Deuses, e quase tão perigosos quanto.

Ouvi lendas sobre magos que tentaram invocá-los. Mate gente suficiente em oferenda, e talvez você convença um a aparecer. Eles não podiam ser controlados como os Demônios, nem receber comandos como nós. Se lhes oferecer uma tarefa intrigante o suficiente, talvez eles a acatem.

Ou talvez te matem pelo incômodo.

A floresta tinha caído em um silêncio mortal. Parecia que o mundo tinha sido envolvido por uma capa pesada, abafada e sem fôlego, o ar estava completamente parado. Parei por um momento, respirei fundo, forçando meus ouvidos a captarem o som mais sutil.

Ele tinha que estar por perto.

Um graveto estalou e eu me virei com as garras estendidas – nada. Só aquela floresta vazia e escura. Será que ele passaria reto por mim? Será que iria diretamente atrás de Rae? Ela estaria dirigindo agora – contanto que não tivesse tido nenhuma ideia tola

naquela cabeça dura. Puta merda, ela tinha que me obedecer dessa vez. Tinha que…

Mas era provável que o Ceifador não estivesse aqui por ela. Ele estava aqui por mim. Estava aqui para me tirar do caminho, permanentemente, e deixá-la vulnerável. Depois que eu estivesse morto, os Libiri poderiam ir atrás de Rae sem medo.

Eu lutaria contra a morte pelo tempo que pudesse se isso a desse mais tempo para fugir.

O Ceifador não se aproximou com gravetos quebrando e uivos. Ele chegou com um bafo gélido na minha nuca. Virei devagar e ergui os olhos para a besta de outro mundo que pairava sobre mim.

Uma mortalha preta ocultava seu rosto, exceto o brilho fantasmagórico pálido de cinco olhos piscantes. Uma gola de ossos afiados, galhadas e garras protegia seu pescoço. Imensas asas pretas se estendiam de suas costas, e ele se erguia sobre mim com longas pernas esqueléticas guarnecidas por uma armadura de metal escurecido e pedras.

Ele ergueu uma mão, pele cinzenta esticada sobre longos dedos ossudos, adornada por anéis pretos. Correntes com dentes, ossos e pedaços murchos de carne desciam pelo seu peito. Ele era uma fusão de morte, podridão e sofrimento.

— Demônio. — Sua voz milenar ressoou através de mim. — Veio se entregar para a morte?

Sorri. Minhas veias pulsaram pretas e tensas por baixo da pele. Que estranho que o momento em que me senti mais vivo fosse instantes antes da minha morte.

— Nunca.

— Ah, que bom. — Um estrondo, sua risada retumbante, fez as árvores sacudirem. — Eu gosto muito mais quando vocês resistem.

Eu não estava esperando a velocidade. Um golpe do dorso de sua mão arrancou o ar dos meus pulmões e, nos segundos que meu cérebro atordoado levou para compreender o que tinha acontecido, eu estava levantando a cabeça do solo a trinta metros de onde estive antes e a árvore às minhas costas estava partida no meio pela força do impacto.

Desviei, disparando entre as árvores, andando em círculos, procurando por uma abertura. As pernas – ossos finos, quebráveis – eram uma fraqueza, apesar da armadura. Saltei para elas, mas ele antecipou meu ataque. Suas garras rasgaram meu peito, se enterraram profundamente dentro de minha pele e queimaram como ácido.

Eram só arranhões, só sangue. Fácil de aguentar.

Para qualquer lado que eu desviasse, lá estava ele. Cada movimento que eu fazia, ele equiparava. Eu estava atordoando a mim mesmo, incapaz de fazer uma pausa para ver onde estava. Eu tinha que correr, tinha que atraí-lo para mais fundo na floresta e dar a mim mesmo tempo de me estabilizar. Minha camiseta estava encharcada de sangue. Minhas feridas ainda estavam sangrando. Não estavam fechando.

Não importava.

Só sangue. Só dor. Tolerável.

Corri para mais e mais fundo na mata. Estava procurando onde as árvores estavam mais aglomeradas, onde ele teria que se mover mais devagar por causa de seu tamanho, ou pelo menos era o que eu achava. Mas com aquelas longas pernas, ele rastejava e se achatava como uma aranha entre cada vão estreito pelo qual eu passava, e disparava por cima.

Achei que poderia desviar dele. Achei que seria rápido o suficiente. Ao invés disso, quando tentei um desvio, dei de cara com suas garras, e elas afundaram com tudo no meu abdômen e saíram pelas costas.

Ah, porra… *porra*…

Agarrei seus pulsos, forcei os ossos para trás com toda minha força e ouvi aquele estalo satisfatório – seguido da sensação horrível das minhas tripas sendo retalhadas quando o Ceifador uivou e puxou as mãos de volta, com os ossos pendendo frouxos. Eu queria sorrir… e tentei. Senti gosto de sangue na boca. Estava revestindo meus dentes, minha língua. Minha garganta convulsionou e mais sangue subiu. Porra.

Cada movimento era como tentar atravessar uma lama espessa. Eu tinha quebrado o pulso do Ceifador, então foi onde ataquei, me agarrei ao seu braço e o deixei me erguer do chão enquanto se agitava, e escalei em direção ao seu ombro. Esmaguei os ossos dali também, quebrando-os, e afundei os dentes naquela carne podre – minha boca se encheu de sangue rançoso preto, amargo em minha língua.

Quando ele me jogou no chão, soube que algo tinha quebrado, e houve uma fração de segundo em que percebi que era algo importante antes de atingir o chão e sair rolando. Meus ouvidos estavam zumbindo. Tentei erguer o braço direito para examiná-lo, mas… ah.

Ah. Esse braço estava inútil agora. Caramba. Era pior do que eu pensava.

Tentei me levantar. Meu corpo se recusou.

Não. Não, ainda não. Ainda não. Levanta, porra.

O Ceifador se erguia sobre mim com suas asas esticadas. Sua risada retumbou pelos meus ossos quebrados e a dor perfurou minha cabeça. Eu tinha deixado um corte aberto em sua garganta e um membro pendurado, fraco e inútil, mas ele ainda estava de pé.

Seus olhos brilhantes ainda piscavam calmamente para baixo. Inabalado. Despreocupado. Ele sabia.

Eu sabia.

Devia ter dito um adeus melhor. Eu queria continuar lutando por ela.

Mas, pelo menos, eu tinha lhe dito. Pelo menos tinha admitido a coisa que me assustava mais. O Ceifador não parecia nem de longe tão assustador quanto minha última confissão: de que eu a amava. De que eu morreria por ela.

Engraçado, sempre achei que morreria irritado. Que morreria por ódio e fúria. Morrer por amor não doía menos, provavelmente doía mais. Mas eu me sentia melhor do achei que sentiria.

O Ceifador se curvou para baixo. Por trás da tela escura que cobria seu rosto, tive um vislumbre de dentes afiados brancos.

— A morte é o destino daqueles que enfurecem os Deuses — retumbou, enquanto os cantos da minha vista ficavam anuviados e eu sentia todos os meus membros pesarem uma tonelada. — Mas Deus ainda deseja brincar com você. Eis onde te deixo, demônio. Não sou tolo o bastante para desafiar o Deus.

43

Rae

Minhas lágrimas desfocaram a estrada à frente, até que não consegui dirigir mais. Parei no acostamento, cercada pela profunda escuridão da floresta de cada lado, agarrei a folha do grimório e chorei debilmente, desamparada.

Desamparada pra caralho, é o que eu era. Um fardo, uma garota boba e descuidada, que não conseguia salvar a si mesma e precisava que os outros fossem para guerra em seu lugar. Eu nunca quis ser assim. Sempre disse a mim mesma que eu podia lidar com qualquer coisa que o mundo jogasse sobre mim.

Mas agora… agora eu sabia.

Tinha sido por amor.

Por amor, ele voltou para se certificar de que minha casa estivesse protegida.

Por amor, ele me protegeu como um sentinela silencioso.

Por amor, ele entregou sua liberdade, seu nome, a mim.

Por amor, ele desapareceu na escuridão, embora estivesse com medo, embora não achasse que fosse voltar.

O papel tremeu em minhas mãos. A antiga página estava tão gasta, era impressionante ainda estar aguentando. E ali, no alto, estava o símbolo que era o nome dele. Me era conhecido agora que eu estava olhando para ele, mas sem aquele papel eu tinha certeza de que esqueceria totalmente de suas linhas e curvas.

Eu não podia deixá-lo, porque ele nunca tinha me deixado.

Meus pneus derraparam no cascalho quando dei a volta com o carro e acelerei de volta na estrada. Cheesecake estava espremido em mim do meu lado, ofegante, e eu gostaria de tê-lo deixado com a Inaya. Queria não o ter colocado em risco também.

Ninguém ia morrer por mim. Amar significava nunca ter que lutar uma batalha sozinho. E talvez eu estivesse mesmo desamparada, e talvez eu realmente fosse só um fardo de merda, mas eu não era uma covarde.

Passei toda minha vida me aventurando na escuridão. Não ia parar bem quando mais importava.

Tranquei Cheesecake na casa e mandei uma mensagem rápida e desesperada para Inaya vir buscá-lo de manhã. Eu não sabia se ia voltar. Não sabia se chegaria a ter oportunidade de explicar o que estava acontecendo, ou se poderia ir ao casamento da minha melhor amiga, ou me formar na faculdade. Não sabia se falaria de novo com meus pais, e percebi que devia ter ligado mais para eles.

Devia ter dito que os amava mais vezes.

Devia ter dado abraços mais longos em Inaya.

Devia ter dito a Leon que o amava.

Mas ainda não tinha acabado. Não tinha que acabar desse jeito.

Não sabia em que direção Leon tinha ido. Tudo o que sabia é que se corresse na floresta o suficiente, o encontraria. Tinha que encontrar.

A mata era um monstro diferente à noite. Eu estava segurando a faca em uma mão e meu celular com a lanterna acesa na outra. A folha do grimório estava enfiada dobrada no meu bolso. A lanterna penetrava a escuridão com um único feixe fraco, iluminando o piso da floresta, feito de agulhas de pinheiros e folhas encharcadas, grama escurecida e muitos cogumelos.

Esta não era a floresta que eu conhecia. Algo maligno tinha fincado suas raízes aqui e elas estavam se espalhando, atropelando

a vida que encontrava no caminho. Minha luz pousou em uma grande aranha que se contorcia, agitando suas pernas no ar enquanto cogumelos pálidos brotavam de seu tórax. O ar estava espesso e difícil de respirar, uma sensação parecida com a de pular em uma piscina gelada. Estava tão escuro. As coisas pareciam iguais. As árvores continuavam em um exército interminável de silhuetas escuras.

Minha luz caiu em uma árvore quebrada. Parecia que o tronco tinha sido atingido por um foguete, despedaçada, e a árvore inteira estava pendendo precariamente, todo seu peso suportado pela pouca madeira que restava. O solo estava devastado, a terra marcada por trincheiras estreitas e profundas, como se arranhadas por garras.

Quando fui afastar minha luz trêmula, vi o sangue.

Manchas vermelhas intensas espalhadas pelas árvores, escuras, empoçando nas folhas. Podia sentir o cheiro, forte e metálico, por baixo do fedor do mofo. A luz vibrou em minha mão quando a passei lentamente pelo cenário, tentando entender o que estava vendo, com o terror gélido e doentio espalhando suas raízes a partir da minha barriga.

Então, minha luz caiu em uma figura curvada, suja de vermelho, no solo.

Inicialmente, não reconheci como algo remotamente humanoide. Mas, quando me aproximei, tive um vislumbre dos farrapos que um dia tinham sido roupas, e da pele adornada por tatuagens sob sangue molhado, vermelho vívido. Até a cor do cabelo, ensopado e sujo, estava indiscernível. Um braço estava jogado em um ângulo impossível, o ombro estava rasgado, o rosto estava vermelho, ferido, recortado – mas eu conhecia esse rosto.

— Leon? — Foi fisicamente doloroso ousar dizer seu nome, como se chamar este corpo quebrado pelo nome dele fosse tornar tudo isso realidade.

Caí de joelhos nas folhas macias. Enfiei o celular no bolso, guardei o punhal na bota, e estendi as mãos para ele, com os dedos trêmulos. Não consegui suportar tocá-lo. Não podia. É claro que não era ele, eu não conseguia sentir seu calor.

Pousei a mão na lateral de seu corpo. Não havia calor, nada daquele calor abrasador no qual eu tinha encontrado tanto conforto. *Frio.* Tão frio quanto o ar noturno congelante. Meu toque fez um leve tremor o atravessar, e isso, de alguma forma, me arrancou do torpor do meu terror.

Ele estava vivo.

Segurei seu rosto com as mãos, seu sangue estava grudento nos meus dedos. Suas pálpebras pestanejaram, mas não abriram, e ele soltou um suspiro fraco de dor.

— Estou aqui, Leon — sussurrei. — Não vou te deixar, prometo, não vou embora.

Seus lábios se moveram, mas não saiu nenhum som. Sua mão – a que não estava conectada ao pobre braço ferido – alcançou meu rosto e roçou minha bochecha. Me apoiei nele, em seus dedos sujos e melados de sangue. Seus olhos pestanejaram de novo e, dessa vez, ele conseguiu abri-los — injetados de sangue, uma pupila estava dilatada e a outra pequena como a cabeça de um alfinete.

— …vindo. — Sua voz arranhou, e ele tentou de novo: — Jeremiah… tá vindo. Vai.

— Não sem você. Não vou sem você, porra.

— Sem andar. — Ele tossiu, e tive que conter as lágrimas quando se engasgou com o sangue que derramou sobre seus lábios. — Não tô… não tô melhorando. Sem… po-porra… sem forças.

Com dedos frios, ensanguentados e desajeitados, tirei a página do grimório do bolso.

— Me diga o que fazer, Leon. Por favor. Me diz como ofereço minha alma. Quero que fique com ela, por favor. Vai te dar um pouco de forças, não vai? E aí você vai conseguir se recuperar…

Seus olhos estavam fechando de novo e, de repente, atrás de nós, ouvi o som de passos entre as árvores. Ainda estavam longe, mas estavam em muitos, e eu podia vagamente ver os feixes de lanternas se deslocando no escuro.

— *Ô Raaaaelyn!* Onde está se escondendo, garota? — A voz estava distante, mas era conhecida e ecoou pela floresta silenciosa. Era Jeremiah.

Meu coração estava batendo forte no peito e, quando abaixei os olhos para Leon, fiquei chocada ao ver os seus arregalados.

— Vai. — Ele tentou me empurrar, mas havia tão pouca força nele que mal chegava a um tapinha. — *Corre,* Rae. Você… tem que….

— Como ofereço minha alma? — insisti. — Não vou te deixar aqui desse jeito, Leon! Me diga o que fazer!

— Sem tempo…

Agarrei sua mão ensanguentada e me debrucei sobre ele, embora as vozes estivessem chegando mais perto e eu conseguisse ouvir a risada sádica de Jeremiah ecoando pela noite.

— Minha alma é sua, Leon. É sua. Por favor. Por favor, me diga como que eu faço. Só… por favor.

Ele estava lutando para continuar consciente, seus olhos estavam praticamente rolando para trás. Mas ele rangeu os dentes e bateu, muito fragilmente, com o dedo na beirada do papel.

— Meu nome… na sua carne… e… sangue.

— Awwn, que *fofo!* Você voltou pelo pobrezinho do seu demônio mutilado.

Meu coração deu um salto quando me virei. Jeremiah estava parado ali, vestido em um terno branco, flanqueado por figuras em túnicas brancas e máscaras no formato de crânios de cervos. Havia uma dúzia delas, se não mais, sinistramente imóveis e em silêncio, enquanto Jeremiah nos olhava com um enorme sorriso nos lábios.

— Vejo que meu Ceifador fez o trabalho dele. Está vendo, Leon? Eu disse que ia te punir. Agora, Raelynn — ele me ofereceu sua mão, como se realmente esperasse que eu fosse segurá-la —, é hora de parar de fugir.

Não sei de onde ele tirou forças, mas Leon levantou. Mesmo se arrastando, com um braço pendurado, ele se colocou entre mim e Jeremiah e mostrou os dentes, cuspindo sangue no chão. Jeremiah

ergueu uma sobrancelha, sua expressão era meio achando graça, meio exasperada.

As figuras de túnica branca estavam se espalhando ao redor de nós. Eu não tinha para onde correr, mas, se não podia correr, ia lutar. Meus dedos se moveram de leve, prontos para alcançar o punhal na minha bota, até que percebi que não conseguia me mexer.

Os olhos de Jeremiah estavam fixos nos meus, e brancos como a névoa. Parecia que eu estava olhando para ele do fim de um túnel muito longo, com nada além de escuridão ao meu redor, e sua imagem estava oscilando, mudando, *transformando.* Ele estava balançando a cabeça e ainda oferecia sua mão, mas não era mais uma mão, era um tentáculo, cinzento e grosso, deslizando entre as folhas enquanto todo seu corpo parecia crescer, ficar tão grande e tão antinatural que era impossível olhar para ele sem cair de joelhos em absoluto terror.

A ilusão se desfez quando Leon o atacou. Jeremiah segurou Leon pelo pescoço e o jogou no chão, e a força se esvaiu do demônio ferido. Ao atirar Leon no chão com uma única mão, Jeremiah estalou os dedos e disse calmamente:

— Peguem ela.

Mãos me seguraram por trás, prendendo meus braços dos lados do meu corpo. Lutei, chutei e gritei quando plástico rígido beliscou meus pulsos, das abraçadeiras sendo apertadas para me conter. Joguei a cabeça para trás e tentei morder os braços que me apertavam. Bruscamente forçaram um tecido sobre minha boca e nariz, e um cheiro parecido com acetona adocicada invadiu minha cabeça.

Cambaleei, meus músculos ficaram moles e meus membros se recusaram a me obedecer. Minha cabeça girou e minha vista desvaneceu – a última coisa que vi, foi Jeremiah se aproximando sorrindo, com Leon jogado no chão às suas costas.

44

Rae

Deus estava me chamando.

A voz que soava no escuro, no frio, acariciando meu crânio com seu poder sutil, não estava apenas me chamando, mas me *convocando*, exigindo que eu atendesse. Era a voz que eu tinha ouvido durante meses, a que assombrava meus sonhos e meus pesadelos. Estava mais alta agora. Mais perto.

Eu não conseguia acordar, mas não conseguia dormir de verdade. Estava presa em meu próprio corpo, gritando sem dizer palavra nenhuma, quando ouvi movimento ao meu redor, quando senti a picada da agulha no meu braço. Eles estavam me mantendo inconsciente, me mantendo indefesa. Senti que uma eternidade tinha se passado… ou talvez fossem só algumas horas.

Tudo que eu sabia, com uma certeza que deixava cada centímetro do meu corpo gelado, era que eu ia morrer.

A droga que tinham me dado me mantinha calma, mas o pânico estava lá. Eu sabia que tinha que lutar, de algum jeito. Tinha que voltar para Leon.

Tinha que ter esperanças de que Leon tinha sobrevivido.

Devagar, comecei a perceber que conseguia mexer os dedos dos pés de novo, depois os das mãos, e então, por último, meus olhos. Estava deitada sobre algo duro e liso; metal, talvez uma mesa de metal. Meu corpo estava amarrado e tinham coberto minha cabeça com algo, então mesmo quando abria meus olhos, só via escuridão.

O pânico, que tinha sido controlado pelo sedativo cujo efeito agora tinha passado, me atingiu de uma vez e comecei a gritar. Lutei contra as restrições que me prendiam, mas tentar forçar algo tão firme só me deixou exausta. O tremor imediato em meus membros me disse que fazia pelo menos um dia – provavelmente mais – que eu não comia nada. Gritar me deixou sem fôlego, então fiquei em silêncio, mas a adrenalina corria pelo meu corpo em descargas dolorosas. Meu corpo estava formigando, meu coração estava acelerado, meu instinto de lutar ou correr tinha sido ativado, mas sem capacidade de fazer qualquer um dos dois.

Me contorci um pouco e percebi que ainda estava com todas minhas roupas, inclusive minhas botas – onde meu punhal ainda estava guardado, apertando meu tornozelo. Meu celular não estava mais no bolso traseiro, mas meu isqueiro sim e, se eu não estava enganada, a página rasgada do grimório ainda estava lá também.

Ainda havia esperança. Eu não podia desistir ainda. Ainda estava armada. Só precisava ser paciente…

Mas ter esperança e paciência estava ficando mais difícil a cada segundo.

Ouvi um rangido e, em algum lugar ao longe, uma porta bateu, seguida por passos pesados. Os passos chegaram mais perto… mais perto… houve um bipe suave de dedos digitando em um teclado… e pelo barulho que soou, a porta que abriu em seguida estava bem ao meu lado.

— Chegou a hora, Raelynn. Está acordada?

Não reconheci a voz, não era Jeremiah. Imediatamente comecei a resistir de novo, a forçar as correias que estavam me prendendo.

— Me ajuda! Me ajuda, por favor, por favor, ele vai me matar, por favor…

A voz riu baixinho, em chacota, como se eu tivesse dito alguma tolice.

— Você não precisa de ajuda, Raelynn. Vai descansar com Deus. É um dia de alegria.

Pavor frio e doentio caiu sobre mim.

— Não… não, não, não, você não pode, por favor…

Mãos estavam em mim e metal envolveu meus tornozelos e fechou com um clique – algum tipo de algema. Um pulso foi liberado, só para ser preso ao outro por algemas de metal. Continuei lutando, mas ainda estava completamente contida quando as correias foram removidas e fui jogada por cima de um ombro firme, carregada por braços fortes, levada escada acima, através de mais portas e, finalmente, para o lado de fora.

O ar fresco foi um alívio, mesmo com o saco de tecido que tinham enfiado na minha cabeça. As poucas gotas de chuva fria que caíram na minha pele me trouxeram de volta à razão, e eu finalmente parei de lutar. Eu precisava economizar minhas energias. Havia grilos chilreando, um motor de carro ligado – outra porta abriu e eu fui jogada nos bancos macios de couro do interior quente de algum veículo grande.

Quando começamos a nos mover, aquele mesmo pânico de lutar ou fugir voltou. Eu precisava me manter calma, *precisava.* Tentei registrar as voltas do veículo, e tentei contar os minutos para ver se

isso podia me ajudar a deduzir aonde íamos. Quem quer que estivesse comigo no carro não estava falando e Chopin estava tocando no rádio, o que teria me acalmado se eu não tivesse certeza absoluta de que estava sendo levada para minha morte.

A lembrança de Leon deitado ensanguentado na grama me perturbava. Ele era, de longe, o ser mais forte que eu conhecia, mas como até mesmo um demônio poderia se recuperar daquilo? Mesmo no fim, mesmo sem nenhuma força restante, ele ainda tentou lutar para me proteger.

Me enrolei um pouco mais no assento, tentando afastar as lágrimas. Será que ele viria atrás de mim se sobrevivesse? Ou será que Jeremiah o tinha prendido em algum lugar também, mais uma vez escravizado, de volta àquele quarto horroroso de concreto que odiava tanto? Ou teria Jeremiah deixado ele lá para morrer lentamente e sozinho, sem forças para se levantar de novo?

Esses pensamentos causaram um nó no meu estômago vazio, e, apesar dos meus esforços, as lágrimas escorreram pelo meu rosto e molharam o tecido que cobria minha cabeça.

Viajamos por tanto tempo que quase dormi, fraca de fome, tremendo. A chuva estava mais forte agora, batendo contra o exterior do veículo, quando finalmente paramos. O motor foi

desligado e o pânico voltou a me inundar. Eu já estava me contorcendo quando as portas começaram a abrir, e alguém me puxou para fora para me jogar sobre seu ombro de novo.

Gritei tão alto quanto pude. Berrei, me sacudi, lutei até que o metal em meus pulsos e tornozelos cortasse minha pele – mas isso tudo foi à toa. Fui carregada pela chuva, com o cheiro de pinheiro e terra molhada forte no ar. Então chegou o cheiro de fumaça, como de uma fogueira, e o som de uma porta arrastando no chão, madeira sobre madeira.

Havia um murmurinho de vozes, mas elas caíram em um silêncio abrupto. Por um momento achei que estava caindo, mas fui colocada com gentileza no chão, com as pernas dobradas embaixo do corpo, e o saco que cobria minha cabeça foi retirado.

Pisquei rapidamente enquanto meus olhos se ajustavam, examinando o piso de madeira empoeirado sob mim, as folhas espalhadas, a luz fraca – eu conhecia esse lugar. Ergui a cabeça e senti como se um punho estivesse esmagando meu coração. Eu estava ajoelhada no fim da nave de uma igreja, olhando para duas fileiras de pessoas em túnicas brancas e máscaras de crânio de cervo. No fim das duas fileiras, de pé entre elas, estava Jeremiah em seu terno branco. Ele estava em frente a um púlpito coberto por

velas brancas acesas, cujas cera pingava e formava montinhos ao redor, e enfeitado com aqueles conhecidos badulaques feitos de espinha de peixe e gravetos.

Eles tinham me trazido de volta a São Tadeu. A chuva caía pelo teto quebrado acima, formando poças atrás da fileira de espectadores silenciosos. Tentei levantar, tentei me arrastar para trás – mas só fui direto para as pernas da pessoa que tinha me trazido. Ele estava vestido e mascarado como o resto: sem rosto, absolutamente desinteressado quando comecei a gritar de novo. Lutei contra ele quando me forçou a andar entre as fileiras de figuras em direção a Jeremiah. Ele assistia a tudo isso com serenidade, o único rosto sorridente entre tantos crânios, e conseguia ser o mais sinistro de todos.

— Você não pode fazer isso! — Fui forçada a ajoelhar a seus pés, meu guarda me segurou no chão e então puxou minha cabeça para trás, me obrigando a olhar no rosto de Jeremiah. Sua expressão era calma, absolutamente desconectada de qualquer emoção – ele poderia muito bem estar olhando para um inseto se contorcendo a seus pés. Minha boca estava seca, senão teria cuspido na cara dele.

— Me solta, Jeremiah. — Estava sem fôlego, minha voz estava rouca por toda a resistência e pela falta de água.

Ele só negou com a cabeça.

— Está quase acabando — disse baixinho. Depois, mais alto: — Irmãos e Irmãs, está quase no fim! Nossa longa luta, o ápice de nossa devoção: estamos diante de uma eternidade de devoção fiel ao nosso Deus. O fim da Era dos Homens chegou. Com isto, com nosso último sacrifício, daremos a Terra de volta a Deus.

— De volta a Deus — o grupo murmurou em uma só voz. Jeremiah virou em direção ao altar cheio de cera atrás de si, e, quando voltou a me olhar, tinha uma faca estreita em mãos. Ele agachou e apoiou a ponta da faca sob meu queixo.

— Bom, não há necessidade nenhuma de eu te machucar desnecessariamente, Raelynn — disse em voz baixa, tão baixa que somente eu podia ouvir. — Mas se resistir, se se mexer, essa faca pode escorregar, e aí vai ser muito pior do que tem que ser.

— Vai se foder — sibilei, e depois gritei: — Vai se foder! Vão se foder vocês todos!

Jeremiah sorriu pacientemente, então segurou minha camiseta com brusquidão e a cortou com a faca tão rápido que a ponta afiada beliscou minha pele superficialmente, deixando uma longa linha fina

de sangue brotando no meu tronco. Meu guarda me segurou mais firme quando comecei a me contorcer em protesto a Jeremiah segurar meu sutiã e o cortar também, deixando meu peito nu e minhas roupas penduradas dos ombros.

Minha pele ficou toda arrepiada. O encarei furiosa quando ele me deu um sorrisinho, e tentei me encolher para longe quando ele estendeu a mão e beliscou o piercing sensível de um dos meus mamilos.

— Que gracinha — zombou. — Sabia que tinha uma pervertida aí. É uma pena mesmo, Rae. A gente podia ter se divertido tanto, mas… — Encolheu os ombros. — Está prometida a outro. É uma pena que eu não possa ficar com você.

Eu estava prometida a outro, mas não era ele e não seria seu Deus maligno também. Ele voltou a erguer a faca e a forçou contra minha pele. Prendi o fôlego, minha cabeça começou a girar enquanto tentava ignorar a dor, a sensação ardente deslizante dele me recortando.

— *Dominus dedit, Dominus abstulit* — disse ele, e o grupo repetiu:

— *Dominus dedit, Dominus abstulit!*

Tentei não olhar para baixo, mas não pude evitar. O sangue espalhado pela minha pele deixou minha vista embaçada. Mas eu não ia gritar, não ia dar a ele a satisfação de saber que estava doendo. Linhas e círculos, runas, uma língua que eu não entendia – ele gravou todos em minha pele, assim como eu tinha desenhado aquele círculo de invocação nesses pisos de madeira um dia. Parecia ter sido há tanto tempo. Uma vida toda.

Naquela época, eu achava que era invencível. Ainda achava que minha maior aventura seria conseguir filmar um fantasma.

Mas agora, ninguém acreditaria no que eu tinha visto. Ninguém acreditaria em como tudo ia acabar.

Jeremiah levantou e, me olhando de cima, lambeu meu sangue da lâmina da faca e sorriu.

— Irmãos e Irmãs, chegou a hora. Tirem as algemas, para que ela possa caminhar até Deus.

Meu guarda segurou meus braços e outra figura mascarada avançou e soltou as algemas de meus pulsos e tornozelos. A liberdade renovou minha resistência, mas com a mistura de fome, desidratação e perda de sangue, eu estava fraca. Fui colocada de pé e forçada a andar, com Jeremiah seguindo de perto, novamente entre as fileiras de pessoas vestidas com túnicas brancas, que se

aproximaram e vieram atrás de nós. Saímos para a chuva pelas portas da capela, entramos na mata. Subimos por uma trilha estreita entre as árvores, e o silêncio absoluto dos que vinham atrás de mim me congelou até os ossos.

O caminho se nivelou, e ali, posicionada na encosta entre as árvores, estavam as velhas tábuas de madeira de um poço de mina. Mais daqueles penduricalhos de espinha de peixe tinham sido deixados ali e palavras que eu não conseguia ler haviam sido entalhadas na madeira da entrada. Jeremiah segurou meus braços e me conduziu para longe do guarda. Seus seguidores mascarados se aglomeraram por perto e o assistiram me arrastar em direção à entrada, e até a própria floresta parecia estar prendendo a respiração.

O poço era escuro, mergulhava para o nada. Parei na beirada e me forcei contra Jeremiah, balançando a cabeça.

— Por favor — sussurrei. — Não. Não faz isso.

O roçar de sua respiração no meu ouvido me deu calafrios:

— Adeus, Raelynn. Agora vá para Deus.

Ele me empurrou para a escuridão lá embaixo.

45

Rae

Caí na lama, tombei, escorreguei por um barranco e caí até mergulhar em água congelante. Era tão fria que me engasguei, tentar nadar desesperada causou câimbras nos meus músculos. Irrompi a superfície, bati as pernas e percebi que meus pés alcançavam a lama espessa abaixo. Segui em frente, absolutamente cega, com os braços estendidos na escuridão. A água se tornou mais rasa e eu rastejei para o chão de cascalho molhado.

Meus óculos tinham desaparecido, perdidos na queda. Acima de mim, a entrada pela qual eu tinha sido jogada era um quadrado cinza pálido no resto da escuridão completa, pelo qual a chuva pingava na piscina da qual eu tinha acabado de sair. Enquanto eu

olhava, até mesmo aquela luz frágil começou a desaparecer com o som de martelos.

Eles estavam fechando o poço com tábuas. Estavam me trancando no escuro.

Tremendo, assistindo à minha única fonte de luz desaparecer, me permiti chorar.

Chorei de soluçar, a desesperança me segurou com tanta força que, por um instante, só queria deitar em posição fetal ali e esperar. Esperar para morrer, para ser consumida pela escuridão ou levada por qualquer que fosse o monstro que vivia aqui embaixo. Chorei até as marteladas acabarem, e o silêncio que se seguiu foi muito pior.

Eu estava sozinha. Completa e absolutamente sozinha.

Leon devia ter morrido naquela floresta, onde o Ceifador o tinha deixado. Meu protetor tinha partido, sua vida tinha sido entregue para proteger a minha – e a troco de nada. Os Libiri tinham feito seu último sacrifício. O Deus seria libertado. Talvez fosse melhor assim, que eu morresse antes de ver o que esse mundo se tornaria sob o domínio de um Deus maligno.

Mas quando minhas lágrimas pararam e os minutos passaram, percebi que eu não podia só ficar deitada, esperando para morrer.

Não quando Leon tinha lutado tanto por mim. Não enquanto ainda me restava alguma força. Não enquanto eu ainda tinha uma arma.

Enfiei meus dedos agitados na bota e me certifiquei de que o punhal ainda estivesse lá. Era só uma pequena faca com poderes mágicos desconhecidos, mas significava que eu não estava completamente indefesa. Minha vista era uma bosta sem óculos, mas tirei o isqueiro do meu bolso de trás e, depois de algumas tentativas, consegui acendê-lo. A caverna em volta de mim era um borrão de formas escuras com poucas características marcantes, mas pelo menos agora eu conseguiria ver o suficiente na minha frente para saber se estivesse prestes a cair num fosso.

Com a luz tremeluzente, percebi que havia algo deitado na lama ao meu lado, submerso pela metade na água lamacenta. Aproximei a luz um pouco, franzindo o cenho.

E percebi que estava olhando para o cadáver nu enlameado de Victoria.

Me arrastei para longe rapidamente, tive ânsia de vômito, mas não tinha nada para sair do meu estômago. Havia um túnel nos fundos da caverna e cambaleei em direção a ele, qualquer coisa para colocar distância entre eu e o cadáver. Leon estava certo: Jeremiah tinha matado sua própria irmã e a jogado aqui para

apodrecer no escuro. Eu estava tremendo violentamente e precisei me encostar na boca do túnel para engolir o pânico. Mesmo sabendo que Victoria tinha planejado me matar, vê-la morta era aterrorizante.

Eu tinha almoçado com ela, bebido com ela, rido com ela. Fosse ou não uma vilã, um dia achei que fosse minha amiga.

Precisava me recompor. Tinha que seguir em frente. Com certeza havia outra saída em algum lugar. Eu não ia acabar desse jeito. Não ia ser um cadáver esquecido abandonado embaixo da terra.

Não ia. Não, porra.

As cavernas estavam em um silêncio sinistro. O barulho que minhas botas faziam ecoavam conforme eu avançava pelo túnel estreito, com apenas a luz do isqueiro iluminando o caminho. Parei quando o túnel se abriu em dois, tentando controlar minha respiração acelerada. Havia um truque para esse tipo de coisa, não? Algo tipo, se tiver uma brisa vindo de um túnel, é porque tem uma saída ali? Mas ergui meu isqueiro nos dois caminhos e não pareceu fazer diferença em nenhum dos dois.

Fui pelo da direita.

Estava muito frio no túnel, minhas roupas estavam ensopadas e eu tremia incontrolavelmente. O cheiro aqui era esquisito: úmido e

mofado, fúngico e vagamente oceânico. Havia um cheiro forte de salmoura no ar, assim como o cheiro repulsivo de peixe podre. Quanto mais me aprofundava, mais sentia que estava vagando em um dos meus pesadelos de novo. Esses túneis escuros pareciam intermináveis. A cada passo, temia que minha luz tremeluzente fosse revelar alguma coisa parada no escuro. Com cada respiração, sentia que não conseguiria inspirar oxigênio suficiente conforme fosse mais e mais fundo.

O túnel se estreitou e inclinou acentuadamente para baixo. Desci o barranco cuidadosamente e parei escorregando quando minha bota encostou na água. O caminho à frente estava inundado e a água era turva demais para ver a profundidade. Se eu quisesse continuar, teria que nadar e submergir minha cabeça completamente.

Eu não fazia ideia do comprimento desse túnel ou quando conseguiria emergir novamente. Se ele continuasse se aprofundando, havia uma chance de que o resto do caminho fosse totalmente submerso. Não valia a pena correr o risco, estaria escuro demais para ver alguma coisa. Eu tinha que voltar, pegar o outro túnel e torcer para ele me levar mais para cima ao invés de para baixo.

Me virei para voltar e parei abruptamente. Podia ouvir alguma coisa se movendo no túnel. Farejando o ar, andando lentamente – vindo atrás de mim.

Prendi a respiração, assustada demais para fazer qualquer barulho, e segurei minha luz mais alto. Ela mal penetrou o escuro, a escuridão por trás de seu brilho continuou absoluta. Mas, devagar, um membro longo, fino e ossudo apareceu na luz. Uma cabeça canídea esquelética. Um corpo podre coberto por pelo.

O monstro abriu a boca e uivou, e eu não tive escolha. Enfiei o isqueiro no bolso e mergulhei na água.

A água estava gélida e se agarrou ao meu corpo já frio. Tive que resistir a dolorosas câimbras enquanto nadava, batendo os braços e chutando os pés contra as paredes estreitas do túnel. Quando abri os olhos, somente a escuridão me recebeu. Meus pulmões estavam queimando e soltei um pouquinho de ar. Tinha que nadar mais rápido.

Alguma coisa encostou no meu pé e sumiu quando a chutei freneticamente. Merda, merda, merda! Meu coração bateu mais forte e meus pulmões gritaram por ar. Eu não podia mais dar a volta. O túnel tinha se tornado tão estreito que eu estava mais engatinhando do que nadando, incapaz de esticar meus braços

porque as paredes e o teto estavam tão próximos. A claustrofobia surgiu à medida que avancei desesperada, com um medo aterrorizante de que o túnel fosse ficar estreito demais para passar. Meus pulmões estavam implorando por ar, queimando para soltar o dióxido de carbono estagnado dentro deles.

Venha para mim.

O pânico me fez soltar o resto do meu oxigênio. Senti que um peso tinha se instalado nos meus pulmões e estava esmagando-os lentamente com a pressão. Agora eu estava histérica. Tive que enfiar as unhas na terra para me puxar para frente, porque o túnel era estreito demais para me impulsionar com os pés.

Venha… venha…

A voz era um sussurro no meu ouvido, uma vibração na água, um pensamento invasivo e penetrante ecoando na minha cabeça. A afastei, tentando proteger meus pensamentos com um mantra interno de determinação: *continue em frente. Vai. Vai. Vai.*

O túnel se abriu. Nadei para cima na água espaçosa em direção a um fraco brilho prateado. Rebentei a superfície arfando, tossindo, com meus pulmões desesperados absorvendo cada bocado de oxigênio que conseguissem. Era fraca, mas tinha luz aqui: tudo era cinza e pálido. Consegui ver uma margem escura e nadei até ela,

então me ergui na pedra úmida, onde deitei e olhei para as estalactites lá no alto, que gotejavam água fria no meu rosto.

Só me sentei quando meus pulmões pararam de doer. A caverna em que me encontrava era grande, e era impossível determinar a fonte daquela luz acinzentada. Havia velhos caixotes de madeira empilhados na parede mais distantes, e no centro havia outra piscina. A água era perfeitamente preta, como tinta derramada. Além dela, uma pilha de escombros despencados fechava a entrada de outro túnel.

Não tinha saída. Somente voltando e atravessando a água, em direção ao monstro que me esperava do outro lado.

Não tinha saída.

Fiquei sentada ali em silêncio, olhando para a piscina escura até meus olhos doerem. Meu estômago roncou e minha boca estava tão seca que bebi alguns golinhos da água turva do túnel pelo qual tinha acabado de nadar, mas tinha um gosto de lama amarga e não aliviou nem um pouco minha sede.

Não podia acabar assim. Não podia. Ninguém jamais me encontraria aqui. Meus pais… Inaya… nunca saberiam o que tinha acontecido comigo. Cheesecake nunca entenderia por que não

voltei para casa. Eu apodreceria aqui no escuro, sem ser enterrada, perdida como aqueles mineradores há um século.

Enterrei a mão no meu bolso traseiro em busca do isqueiro, e meus dedos tremeram quando tirei a folha rasgada e encharcada do grimório.

Eu não conseguia ler o latim da página. Não conseguia me lembrar do círculo que tinha que desenhar para invocar Leon, por mais que tentasse me lembrar de seus detalhes, nem tinha giz com o qual desenhar. A chance de ele ainda estar vivo era mínima. Eu imaginava que já tinham se passado dias desde que fui levada, e se ele ainda não tinha me encontrado…

Então não ia mais encontrar.

Minha alma foi feita para ele, não para um Deus. Disso eu tinha certeza. Minha alma seria daquele que tinha me protegido, que tinha desistido de sua vida imortal para salvar uma mortal. Eu devia tê-la oferecido a ele antes. Eu duvidava que fosse mudar alguma coisa agora, mas pelo menos poderia ter a esperança de que, talvez, quando eu deixasse esta vida, o encontraria de novo.

“Meu nome… na sua carne… e… sangue…”

Eu sabia que agora era tarde demais. Era tarde demais para arrependimentos, tarde demais para gestos simbólicos inúteis. Mas,

mesmo assim, cuidadosamente coloquei a folha do grimório no chão à minha frente. Descalcei minhas botas, tirei minha calça encharcada e os coloquei de lado. Minhas pernas nuas foram cobertas por arrepios. Jeremiah tinha me marcado para o Deus – mas eu não pertencia a este Deus. Se pudesse escolher para onde minha alma iria, só tinha um ser que eu queria que ficasse com ela.

Estava com tanto frio que nem senti quando cortei minha coxa com a faca. Imitei as curvas e linhas do sigilo de Leon, o reproduzindo em minha pele. Pinicou, mas não doeu como a lâmina de Jeremiah tinha doído. Foi só uma pressão suave. Quando começou a sangrar, não tive medo.

Na verdade, eu não me importava mais com sangrar, contanto que sangrasse por isso: por amor. Era o único “obrigada” que eu podia oferecer – a devoção final que provavelmente nem saberia que eu tinha lhe dado. Mas, pelo menos, minha escolha estava clara agora. Minha alma pertencia a Leon, mesmo que o Deus a tivesse roubado. Seria dele, para sempre, assim como eu.

Coloquei a faca no chão, me sentindo calma e pequena enquanto olhava para o símbolo em minha coxa. Era um consolo, um desafio aos feios cortes espalhados no meu peito. Me arrastei para me

apoiar na parede da caverna e puxei minhas pernas contra o peito, suspirando forte.

— Leve minha alma, Leon — sussurrei. — Se ainda estiver vivo… se puder me ouvir… é sua.

Fechei os olhos quando a exaustão me cobriu como um cobertor pesado. Eu queria dormir agora, dormir até que tudo isso acabasse. Mas, conforme minhas pálpebras ficaram mais pesadas, logo antes de se fecharem, vi aquela água preta perfeitamente parada *se mover.*

Algo estava emergindo.

46

Leon

Jeremiah me olhou de cima com brilho em seus olhos azuis. Ele me cutucou com a bota e zombou quando gemi.

— O Ceifador acabou com você. Você é inútil agora, não é?

— Fo… da-se… — Minha voz arranhou minha garganta dolorida. Eu queria rasgá-lo no meio, mas não me sobravam forças. Eles tinham levado a Rae. Tinham levado enquanto ela gritava. E eu não fiz nada.

Não consegui fazer *nada.*

— Deixem ele apodrecer aqui. Não tenho utilidade para uma ferramenta quebrada.

As palavras continuaram reverberando muito depois de Jeremiah ter partido, muito depois do cheiro de Rae se dissipar da floresta ao meu redor. Fazia horas. Dias, talvez. O tempo não passou com o

tique-taque de um relógio, mas com o estalo dos meus ossos se remendando lentamente. Músculos e tendões se refizeram, o sangue bombeou dolorosamente pelas minhas veias, meu coração estava batendo tão forte que, por mais fraco que estivesse, continuei acordado. Não conseguia dormir.

Só consegui ficar deitado ali, com frio enquanto a chuva caía ao meu redor. Criaturas se aproximaram e farejaram curiosamente, mas nenhuma delas ousou me comer.

Eu não estava morto.

Ainda não.

Só conseguia pensar nela. Enquanto estava deitado ali, com magia imortal remendando esse corpo carnal, o rosto dela permaneceu em minha mente. Ela tinha voltado. Ela tinha voltado por mim. Maldita mulher teimosa. Não conseguia obedecer nem para salvar a própria vida. Mas ela tinha voltado como se… como se pudesse me proteger. Como se pudesse lutar ao meu lado.

Isso, por si só, já fez um pouco do calor retornar para meu peito. Era teimosa demais, mas ela – ela me amava.

Ela tinha dito isso.

Era quase risível, pois, por que uma mulher tão vibrante, tão viva, amaria um monstro do Inferno? Por que arriscaria sua vida para vir

atrás de mim, ou ofereceria sua alma quando eu já tinha feito tudo que podia para protegê-la, quando eu não tinha mais nada para dar em troca?

Amor. Porque ela… me amava.

Que singelo e bobo isso soava. Uma palavra de quatro letras que não era suficiente para descrever o desespero em mim, o desejo, a *necessidade* de estar com ela de novo. Não era suficiente para descrever a fúria absoluta que eu voltaria contra todos que a tinham tirado de mim, que tinham ousado colocar suas mãos nela. E se eles a tivessem matado…

Eu destruiria todos eles. Eu caçaria, um por um, todos os humanos que ousaram oferecer sua lealdade aos Libiri. Eu faria todos implorarem por misericórdia e não teria nenhuma. Os assassinatos que me renderam minha reputação não seriam nada em comparação ao massacre que eu praticaria contra eles.

Eu tinha que acreditar que ela ainda estava viva. Tinha que acreditar que ainda tinha tempo de salvá-la.

O aguaceiro caía pesadamente, mas eu finalmente consegui mover os dedos das mãos e dos pés. Tudo estava doendo, mas meus movimentos estavam voltando. Só que eu estava tão fraco, tão absurdamente *fraco.*

A chuva tinha cheiro de oceano, e isso me deu medo. A influência do Deus estava aumentando. Se Ele ainda não estivesse com ela… logo estaria.

Alguma coisa roçou minha mente, suave, quase como o chamado de um invocador, mas, de certa forma, mais gentil. Era o toque de uma pena comparado aos ganchos de uma invocação, que me perfuravam profundamente. Um cutucão, um carinho nas profundezas do meu ser.

Levei alguns momentos para perceber que meu nome estava sendo chamado do jeito que apenas o nome oculto de um demônio podia ser: alguém o estava escrevendo.

Eu tinha entregado a folha para Rae e, embora não tivesse garantias de que Jeremiah não a tivesse encontrado escondida em suas roupas e pegado, algo me dizia que isso não era obra de Jeremiah. Era gentil demais, como o toque das mãos dela no meu peito enquanto limpava minhas feridas, ou o jeito como seus olhos me olharam da cama, ou a forma como seus lábios se curvavam naquele seu sorriso entusiasmado. Era suave, como mãos estendidas, como um sussurro.

— *É sua.*

Meus olhos se arregalaram. Eu estava… quentinho.

Não apenas isso, mas meu sangue estava pegando fogo em minhas veias, meu coração parecia um carvão no peito. Eu estava respirando profundamente mais uma vez, embora meus pulmões queimassem. Eu estava ficando mais forte, de alguma forma.

— …*se puder me ouvir… é sua.*

Tentei me levantar rápido demais e minhas pernas cederam embaixo de mim. Eu sabia que era ela, e sabia que eram suas mãos escrevendo meu nome. Tentei outra vez e consegui ficar de pé, ofegando enquanto minha recuperação se acelerava dolorosamente e eu conseguia sentir cada nova célula se formando, cada fibra de músculo se interligando, puxando com firmeza.

Eu sabia o que era isso. Sabia, porque eu de repente sentia o toque dela na minha mente assim como podia tocar a mente dela, porque podia ouvir sua voz, senti-la como se estivesse bem ali.

Ela tinha feito aquilo, tinha me dado a sua alma. A cada segundo que passava, ficávamos mais unidos um ao outro, sua vibrante alma mortal presa na minha. Eu podia senti-la como um fio me envolvendo cada vez mais apertado e me puxando, me puxando desesperadamente, tentando chegar mais perto.

Ela estava viva. Estava em algum lugar por aí e viva.

E eu não ia perdê-la.

Estava ficando mais forte a cada segundo que passava. Forte o suficiente para andar, e depois para correr. Forte o suficiente para encontrar seu cheiro, forte o suficiente para seguir o puxão de sua alma na minha. Eu a tiraria das mãos do Deus em pessoa se fosse preciso.

47

Rae

— Finalmente você veio até mim, Raelynn Lawson.

Minha mente não conseguia compreender o que meus olhos estavam vendo. Apesar de não estar com meus óculos, o que estava à minha frente, de alguma forma, estava perfeitamente claro. O ser que tinha se erguido da piscina escura era, ao mesmo tempo, incompreensivelmente grande e da altura de um homem. Estava em constante mutação, crescendo e se encolhendo, uma fusão de cores, luzes e escuridão absoluta. Deveria ser impossível, nenhum ser terrestre deveria ser capaz de ter tal forma. Quando Ele falou, foi com uma voz tão antiga e fria quanto ossadas.

Era a voz que assombrava meus sonhos. A voz de Deus.

E Deus era tanto dolorosamente belo como horrível demais para descrever.

O ruído surdo de Seus pés atravessando devagar as pedras molhadas na minha direção me deu calafrios, e precisei cobrir meus olhos porque não suportei olhar para Ele. Eu queria correr, me esconder. Teria me jogado em um fosso eu mesma se fosse conseguir escapar assim. Mas eu não conseguia me mexer. Até erguer as mão para cobrir os olhos me pareceu um esforço enorme, e mantê-los cobertos era pior ainda. Não consegui suportar. Minhas mãos caíram tremendo de volta para os lados do meu corpo, e meus olhos ardentes não fecharam, nem quando as lágrimas escorreram pelo meu rosto.

Ele estava diante de mim, enorme, contendo um mundo inteiro. A caverna em volta de nós tinha se expandido indefinidamente, as paredes turvas incapazes de conter dentro de si o verdadeiro corpo desse ser. Sua proximidade me fez passar mal, mas também me encheu com tanto prazer que eu mal conseguia respirar.

Por entre as cores rapidamente mutáveis que eu não podia nomear que formavam Seu ser, vi algo semelhante a um rosto humano, pálido como neblina, com múltiplos olhos que piscavam lentamente, abrindo e fechando, quando Ele falava.

— Há apenas um século, poupei três da sua espécie para que voltassem ao mundo, o preparassem para mim e espalhassem a

palavra sobre o despertar. As três vidas poupadas precisam ser devolvidas um dia. O trabalho foi feito. A promessa foi cumprida. Olhe para mim, mortal.

Quanto mais eu olhava, chorando, com o peito doendo como se estivesse me afogando, mais Seu rosto nebuloso se solidificava. Poderia ter sido esculpido em mármore, poderia ter sido pintado por Michelangelo ou criado por um algoritmo de computador de perfeição inabalável. Tão belo que era apavorante, tão avassalador que achei que fosse derreter e me tornar um nada só de ter Seu olhar sobre mim.

— Esperei por você, Raelynn Lawson. Te chamei, mesmo quando se afastou tanto de casa. Mas você retornou para mim, assim como deveria.

Tentei negar com a cabeça, mas meus movimentos estavam tão lentos.

— Não — sussurrei. — Não sou sua. Não sou.

Houve uma falha em Sua perfeição. Por trás da beleza, pude ver pele cinzenta e viscosa. Podia ver uma figura enorme com tentáculos enrolados, cobertos por dúzias de olhos esbranquiçados piscando. Podia sentir cheiro de peixe podre. Podia sentir o cheiro do oceano.

Deus sorriu com seus dentes perfeitamente brancos. Como a estática interrompendo a tela de uma televisão, por um instante aqueles dentes se tornaram recortados, tortos e afiados, como algum predador das partes mais profundas do oceano. Então desapareceram, e foi como se uma chave tivesse sido virada no meu cérebro e eu me esquecesse de como sentir medo.

— Não tema seu destino. — Sua voz reverberou pela caverna e ressoou profundamente em meus ossos. — Você sempre foi destinada a mim. Sempre esteve destinada a retornar. Este lugar te chamou de volta, e você respondeu de bom grado. — Houve mais um som retumbante, mais forte e mais sinistro, que fez os pelos da minha nuca arrepiarem. Deus estava rindo. — Você veio até mim. Deixou sua família para trás. Seguiu minha voz em seus sonhos. Embora tenha vagado pela escuridão neste lugar profundo, escolheu o caminho que te trouxe até mim.

Eu não estava aqui de bom grado, *não estava.* Mas quando Ele falou, meus protestos morreram quase sem resistência. Ele estendeu seus membros para mim, e eu queria tanto me encolher para longe, gritar e lutar, mas eu simplesmente… não conseguia. Ele tocou meu rosto, e seus dedos não se pareciam nem um pouco

com carne e osso. Eram frios, grossos e pegajosos e, em onde quer que me tocasse, deixava minha pele adormecida.

Então Ele forçou a palma da mão em minha testa e pareceu que meu crânio estava quebrando no meio, aberto como um ovo. Memórias, tão vívidas como se estivesse revivendo-as, passaram diante de meus olhos. Eu era uma criança correndo pelas árvores com os pés descalços, subindo em troncos caídos e passando por cima de tocos cobertos por musgos. Ouvi uma voz me chamar e achei que fossem minhas fadas. Corri e corri, como se fosse uma brincadeira e elas estivessem se escondendo de mim. Então parei, ajoelhei e apoiei a orelha na terra. A voz estava *lá embaixo.* Enfiei meus dedinhos na terra, como se pudesse cavar até alcançá-la.

Então a memória desapareceu e eu estava em outra época, em outro lugar.

O pôr do sol da Califórnia estava rosa e vermelho como sangue sobre o oceano. Meus pés estavam pendurados pela beirada do píer, balançando por cima da água. Olhei para os redemoinhos de espuma, para as ondas quebrando nos pilares do píer, e me imaginei afundando na escuridão daquelas profundezas. Imaginei que, se chegasse fundo o suficiente, tudo ficaria em silêncio. Sempre tive uma sensação constante no meu inconsciente de que

tinha me esquecido de algo, de que eu precisava fazer alguma coisa incrivelmente importante e, não importa o quanto tentasse, não sabia o que era. Estava inquieta, tão inquieta. Talvez, se eu afundasse sob as ondas, talvez, se chegasse fundo o suficiente, a inquietude acabaria.

Minha cabeça abriu mais ainda. Era insuportável, esmagador. Sabia que meu corpo estava tremendo violentamente e eu estava gritando e, em seguida, tendo convulsões, mas não conseguia parar.

Meus pais estavam conversando comigo sobre a Espanha mais uma vez. Eles queriam se mudar, queriam comprar uma casa e viver a aposentadoria no litoral. Meu pai olhou para mim e perguntou:

— Então, quais são seus planos, docinho?

Eu soube, bem naquele momento, que eu queria ir para casa. Para casa, para Abelaum. Para casa, para as árvores e a chuva, para os fantasmas da minha infância. Para casa, o lugar que nunca parou de me chamar de volta. Talvez, se eu voltasse, a inquietude passaria. Talvez eu me lembrasse do que eu tinha que fazer.

Eu tinha caído de joelhos. As pedras estavam tão frias, e eu estava chorando, minhas lágrimas se misturando às poças de água aos pés do Deus. Era agonizante, mas exultante. Era o terror mais

profundo e verdadeiro que eu podia imaginar, tão horrível que eu queria morrer.

Tudo fez sentido. Era para eu estar aqui. Fui feita para vir aqui. Cada passo que eu tinha dado, cada escolha que fiz, tinham me trazido até aqui. Mesmo quando estava lutando tão desesperadamente para fugir, voltava correndo para o perigo.

Meu senso de autopreservação não era apenas deficiente – ele esteve ativamente me conduzindo a este lugar, a esta caverna fria no subsolo, para cair aos pés do meu Deus.

— Está vendo, minha menina? Sua alma é minha, será presa a uma eternidade de admirável sofrimento entre todos aqueles que vieram antes. Marcus Kynes, Victoria Hadleigh e agora você, Raelynn Lawson. O sacrifício está completo. Quando eu escapar deste lugar e o mundo se transformar nas palmas das minhas mãos, você verá tudo. Sentirá a agonia, a dor, o legítimo medo da humanidade. Tal é o destino dos meus escolhidos, serem abençoados a sofrer por mim pela eternidade. É bonito sentir tal dor. É o último e derradeiro propósito da sua alma.

Olhei para o rosto do Deus, através da névoa úmida das lágrimas:

— Eu vou morrer?

— Nunca — ele disse. — Sua carne vai apodrecer, ser consumida pelos meus servos. Mas você vai continuar comigo, para sempre. Não haverá fim. Não haverá repouso. Não haverá trégua ou consolo. Somente o sofrimento perfeito e benevolente.

Eu podia ver os Antigos esperando nas sombras atrás de Deus, podia sentir o fedor de morte vindo deles. Eles me observavam famintos, com saliva espessa pingando de seus dentes afiados. Eu nem estaria morta ainda quando eles me atacassem. Morreria lentamente, sendo rasgada em pedaços até minha alma abandonar este corpo.

Deus segurou minha mandíbula e forçou meu olhar a voltar para seu belo e horrível rosto.

— Você é minha. A eternidade te espera. É chegada a hora.

A sensação de cabeça sendo rachada de novo me fez gritar. Era como se dedos cruéis e gelados estivessem forçando as fendas do meu crânio, o desmontando. Mas não foram memórias que Ele forçou para dentro dessa vez. As cores ondulantes que formavam o ser que era Deus me cercaram. Não sabia se estava caindo ou flutuando, se estava sendo despedaçada ou comprimida com tanta força que logo deixaria de existir. Era doloroso de se olhar, doloroso, mas eu não conseguia fechar os olhos. Dentro da miríade de cores,

podia ver formas, estruturas feitas de luz iridescentes. Era tão cegamente brilhante, e tão frio.

Então vieram os gritos.

Não meus, mas os gritos de dúzias, se não centenas, *milhares* de vozes. Gritos de verdadeira agonia, o tipo de som que me deixava doente só de ouvir. Meus gritos se fundiram entre eles, e percebi que isso nunca terminaria. Essa sensação brutal na minha garganta continuaria, essa dor continuaria, essa sensação de estar sendo rasgada não pararia. Este era o sofrimento interminável e benevolente de que Deus tinha falado. Este era o destino da minha alma.

Mas não importava o quanto Ele me rasgasse, não importava o quanto minha mente se estilhaçava em Suas garras, eu estava atada a outro e minha alma não soltava. Deus não podia me levar, porque eu tinha me vinculado a outro.

A Leon.

E, quando percebi isso, as cores ao meu redor sumiram repentinamente e comecei a resistir e lutar e, então, a me soltar do aperto de Deus, gritando:

— Não! Não, não, *não!* Eu não sou sua!

Me arrastei de volta para a parede de pedra da caverna, ofegando, com a visão entrando e saindo de foco. O rosto perfeito do Deus estava se deformando, alternando rapidamente entre o belo e o vil. A ilusão estava se partindo, e era como se eu pudesse ver ambos ao mesmo tempo: a realidade aterrorizante de Seus gigantes tentáculos e a máscara, excessivamente perfeita, de um belo ser.

— Você não pode ficar comigo! — Quanto mais alto eu gritava, melhor eu respirava, melhor eu me mexia. O controle que ele tinha sobre mim podia ser combatido, e eu o combati ferozmente. — Você nunca vai se libertar deste lugar porque você *nunca* vai conseguir seu último sacrifício! — Gargalhei histericamente ao colocar minha mão sobre o sigilo de Leon em minha coxa. Os cortes estavam sensíveis, mas não sangravam mais. Leon ainda estava vivo em algum lugar. Ele tinha sobrevivido. Quando Deus tentou me levar, tentou separar minha alma do meu corpo, senti a ligação entre nós esticar e me segurar, se recusando a me soltar.

Cada caminho que eu tinha seguido, cada decisão aparentemente inconsequente, tinha levado a este momento. A escolha entre duas eternidades, uma escolha que era somente

minha. Eu tinha escolhido. Eu sabia a quem minha alma pertencia, e não era a um Deus impiedoso.

Eu pertencia a outro monstro, um monstro que tinha me encontrado e me protegido, apesar de sua própria escuridão. Eu pertencia a um demônio que, mesmo agora, eu sabia que estava tentando me encontrar. Me proteger, me salvar. Fiquei um pouco mais empertigada contra a parede, embora nunca tivesse sentido tanto medo.

Talvez esse seria mesmo o dia em que eu morreria. Talvez esse realmente fosse o meu destino. Mas, no fim das contas, a decisão ainda tinha sido minha. Eu tinha encontrado o abismo mais profundo desta escuridão e olhado para o terror verdadeiro. E tinha lutado a cada etapa do caminho.

Se eu ia morrer, então morreria ainda lutando.

48

Rae

A fúria de Deus fez até as pedras das paredes da caverna racharem. Tudo chacoalhou, o chão tremeu como em um terremoto. Tentei correr, mas a força tinha abandonado meus músculos e meus joelhos falharam. Um tentáculo enorme se enrolou em mim quando tentei me afastar engatinhando, bem na hora em que meus dedos fecharam no cabo do meu punhal, e me ergueu no ar.

— O que foi que você fez? — A voz de Deus deslizou para dentro dos meus ouvidos como um arame gelado e afiado cutucando meus tímpanos. — *O que foi que você fez?* Ofereceu sua alma a outro! Você traiu seu Deus! — rugiu, e as rachaduras nas paredes da caverna se abriram e pedaços de pedra começaram a cair. Os Antigos uivaram, entrando em pânico quando a caverna começou a colapsar em volta deles.

Deus não era bonito mais. Parecia um monstro que tinha rastejado para fora das profundezas mais fundas e sombrias do oceano. Sua pele cinza era tão pálida, que era quase translúcida, atravessada por uma teia de veias azuis. Vários tentáculos, dúzias deles, se espalhavam pela caverna, subindo pelas paredes e entrando na água, e me apertaram impiedosamente. Estavam cobertos por olhos brancos, piscando entre as ventosas, olhando ao redor, selvagens de fúria. O rosto de Deus não era mais feito de névoa e redemoinhos de cores, mas esquelético com olhos bulbosos arregalados, e brânquias esvoaçavam em seu pescoço longo demais.

Seus tentáculos que me envolviam me apertaram cada vez mais. A caverna tinha colapsado completamente, e estávamos afundando entre lama, pedra e água. Estávamos caindo para o nada, a terra e as pedras desaparecendo no abismo enquanto escuridão se espalhava ao nosso redor em todas as direções. Relâmpagos brilharam à distância e o ar se encheu de névoa branca espessa. As silhuetas de seres enormes, iluminadas por um instante pelos relâmpagos, dispararam adrenalina em minhas veias.

— Você é minha! — Sua voz estava gutural e distorcida, como se centenas de vozes estivessem gritando juntas. — Não pode tirar

meu sacrifício de mim!

Mergulhamos na água escura congelante. Tudo que eu conseguia ver eram os tentáculos cobertos por numerosos globos oculares espalhados ao meu redor, em uma teia monstruosa na água. Descemos cada vez mais fundo. A pressão estava aumentando, meu corpo estava doendo sob o peso da água me empurrando para baixo.

— Não pode escapar de mim, mortal. Foi feita para mim. Sua Terra foi feita para mim.

Meus dedos doeram quando segurei o punhal com o máximo de força que pude. Estava determinada a aguentar, por mais fundo que fôssemos, por mais que doesse. Meu corpo estava sendo apertado, lentamente esmagado na pegada daqueles tentáculos e pela pressão da água. Mas meus braços estavam livres.

Recuei a adaga e então golpeei com ela, com tanta força quanto consegui, bem em um daqueles olhos sem cor do tentáculo que me segurava.

Um tremor nauseante se espalhou pela água e um rugido furioso quase fez meus olhos rolarem para trás. Afastei meu braço e esfaqueei de novo, enfiando o punhal até o cabo, o volume e o horror dos barulhos que o Deus fazia estavam além de qualquer

palavra. Uma ira dessas não precisava de linguagem. Era palpável e envolvia todo meu corpo com dor à medida que eu era arrastada cada vez mais profundamente no abismo. Esfaqueei novamente, enterrei a faca e a deixei lá quando a dor tornou impossível para mim reter qualquer pensamento consciente.

O tentáculo que me segurava soltou.

A água rodopiou, me tombou, me sugou para baixo, baixo, baixo. Entrou água nos meus pulmões. Tudo estava queimando, tudo estava doendo. Não conseguia distinguir cima e baixo, esquerda ou direita, ar ou água. Havia apenas escuridão.

Escuridão que parecia continuar por toda a eternidade.

Eu estava morrendo.

A morte era… fria. Desconfortável. Mas não tão apavorante quanto achei que seria.

O silêncio era agradável. O frio… depois de um tempo… ficou agradável.

Reconhecer que eu não ia sobreviver era catártico. Fiz as pazes com esse fato.

Talvez eu pudesse ficar à deriva por um tempinho. Talvez eu pudesse dormir.

Eu queria dormir. Só dormir. Estava tão cansada. Mas…

Havia um fio prateado na escuridão, brilhante e bonito, e ele não deixava meus olhos fecharem.

Olhei para ele, inicialmente atordoada e um pouco irritada. Por que isso estava aqui? Perturbando minha escuridão, se recusando a me deixar à deriva. Então senti o puxão. Só um fraco puxão trêmulo que pareceu arrastar todas as minhas costelas de uma vez. Fez meu coração disparar. Fez meu cérebro despertar.

— Raelynn!

Aquela voz… tão… baixa… tão distante. Eu teria que nadar eternamente para alcançá-la. Não queria nadar. Queria boiar.

— Raelynn! Continua! Não desista, porra!

Onde? Quis perguntar. *Como posso te alcançar?* A voz era tão familiar, mas estava tão distante. Envolvi o fio prateado com as mãos e o usei para me puxar pela escuridão. Eu não sabia se ainda estava na água. Não estava respirando. Ar não parecia ser uma necessidade. Mas estava tudo frio e espesso e estranho. Será que ia ser desse jeito para sempre?

Não queria ficar no escuro para sempre. Não me sentia pronta.

Me agarrei ao fio com mais força. Estava pulsando, batendo como um coração em minhas mãos. A princípio, era a única luz,

mas, conforme avancei, comecei a ver um brilho no alto. Fraco e dourado, como o sol por trás das nuvens.

— Está quase lá, gatinha!

Leon… era Leon.

Eu estava cansada. As profundezas tinham sido gentis, tudo doía mais aqui. Agora eu podia olhar para cima e ver a superfície da água, e as nuvens cinzentas, e a chuva borrifando na superfície.

E então eu estava batendo os braços e pernas, tentando desesperadamente emergir, e meus dedos bateram na terra e percebi que a água era rasa. Estava na margem. Ergui a cabeça e consegui ver as árvores.

Braços quentes me seguraram, me arrastaram para fora da água e bateram nas minhas costas até o ar ser forçado de volta aos meus pulmões. O oxigênio disparou para minha cabeça, o que me deixou zonza, e eu apaguei por um momento quando minha cabeça insistiu em nadar enquanto o resto do meu corpo parava em terra firme. Havia terra, havia uma terra sólida maravilhosa sob minhas mãos. Eu sentia cheiro de pinheiros e chuva, cítrico e fumaça.

— Caralho, *respira,* Rae, porra, por favor!

Respirar doía. Tudo doía. Mas, se estava doendo, significava que eu estava viva.

Eu ainda estava viva e Leon estava me segurando, me aninhando como a um bebê com a cabeça embaixo de seu queixo, murmurando no meu ouvido:

— Eu sinto muito, gatinha, sinto pra caralho. Respira. Respira pra mim. Estou aqui. Você está bem.

Estava cansada demais para manter meus olhos abertos. Estava fraca de fome, desidratada e meus pulmões estavam queimando. Mas, por algum motivo, nunca tinha me sentido tão feliz.

Forcei o rosto contra seu peito e inspirei seu cheiro, aconchegante como uma fogueira de verão, forte e misterioso como os pinheiros.

— Tentaram me tirar de você — murmurei, só meio lúcida, em algum lugar entre um sonho e aquela profundeza escura da qual tinha saído nadando. — Eles tentaram, mas… mas eu sou sua. Sou sua.

— Você é minha, gatinha. — Seus braços estavam tão apertados, tão fortes, como se não estivessem sangrando quebrados da última vez que o vi. — Você é minha, e nada nunca, *jamais* vai tirar você de mim de novo.

Eu ganhava e perdia consciência. Leon tinha me vestido em sua camiseta e me segurou contra seu peito para me manter aquecida. Eu ainda não me sentia completamente real, era como se meu corpo ainda não tivesse certeza de que era de carne e osso ou se ainda estava boiando e gritando naquele *outro* lugar horroroso.

Um trovão atravessou os barulhos suaves da chuva e eu me sobressaltei, abrindo os olhos de repente.

— Shh, tá tudo bem. — Os dedos de Leon acariciaram meu braço, amenizando meu medo. Estávamos andando entre as árvores e eu estava segura em seus braços. Me sentia tão pesada e dolorida, e minha cabeça estava latejando.

Estava abafada, como se dita a uma grande distância, mas ainda podia ouvir uma voz gritando furiosa em minha mente:

— Raelynn! Raelynn, você é minha!

Estremeci e enfiei mais o rosto no peito dele. Eu sabia que havia mais cicatrizes sobre a pele dele agora, cicatrizes ainda rosadas por terem acabado de se curar. Eu queria beijá-las, agradecer a ele de alguma forma, mas estava tão assustada porque minha cabeça parecia um balão prestes a estourar.

— Deus tá me chamando — disse. — Ele ainda tá me chamando, Leon, ele não para.

— Vai parar — disse ele. — Ele não pode te levar, Rae. Não pode levar uma alma que foi dada a outro de boa vontade.

Ergui os olhos para o seu rosto, embora estivesse desfocado sem meus óculos.

— Achei que você tinha morrido, Leon. Achei que o Ceifador tinha te matado. — A lembrança me fez engasgar, a imagem dele deitado lá, quebrado e ensanguentado.

— Não vou te deixar tão fácil assim, gatinha. — Ele sorriu e seus dedos se apertaram mais em volta do meu braço. — Não tem essa de se livrar de mim agora. Tá presa comigo.

A voz do Deus ficou mais abafada conforme andamos, até ser apenas um murmúrio fraco. E então desapareceu completamente, e mais um trovão retumbou quando um relâmpago iluminou o céu.

Leon riu.

— Deus está furioso. Que baita tempestade.

— Será que Ele vai desistir? — O trovão estava tão barulhento que meus ouvidos doeram. — Quando Ele vai parar?

— Você O feriu — disse Leon. — Está enfraquecido. A bruxa, Everly, me disse que pretendia matar o Deus. Talvez ela tenha uma chance agora que Ele está ferido.

— A Everly… é uma bruxa? — Me lembrei daquela garota de fala mansa, que olhou para mim como se pudesse ver até minha alma, que tirou cartas para me alertar do meu destino. Me lembrei que ela passava uma energia selvagem, embora estivesse tão silenciosa. Um ser feral, forçado a fingir que tinha sido domesticado.

Voltei a fechar os olhos. Estava completamente ensopada, mas o calor do corpo de Leon evitava que eu estremecesse.

— Acha que ela consegue? Será que ela vai conseguir matar um Deus?

— A mãe dela foi uma das bruxas mais poderosas que já conheci — disse ele. — Sua filha carrega esse legado. Se for possível matar um Deus, ela consegue.

Eu não conseguia imaginar como um ser tão grandioso, tão incompreensivelmente poderoso, poderia ser destruído. Mas pensar nisso fez minha cabeça doer, e eu gemi baixinho contra o peito dele.

— Quero ir pra casa.

— Eu sei, gatinha. Nós iremos. Mas vou me certificar de que ninguém nunca mais tire você de mim.

Eu queria fazer mais perguntas, mas o cansaço venceu. A exaustão não me permitiu ficar acordada por nem um segundo a

mais. Adormeci nos braços de um Assassino, *meu* Assassino, enquanto ele me levava para derramar mais sangue em meu nome.

49

Leon

Nada nunca fez eu me sentir tão bem, tão completo, como segurar Rae em meus braços. Ela estava mole de exaustão, tremendo enquanto dormia, mas novamente comigo. De volta ao lugar em que pertencia. Abatida e ferida, mas viva.

Eu sabia que os pesadelos a atormentariam durante semanas, e que as memórias disso nunca desvaneceriam. Isso continuaria com ela para sempre, assim como os cortes em seu corpo, que se tornariam cicatrizes. Eu não conseguia me perdoar por não ter lutado o suficiente por ela, por ter ficado deitado lá, quebrado, enquanto Jeremiah e seus lacaios a levavam.

Mas eu ia consertar as coisas.

Com Callum ao seu lado, eu acreditava que Everly destruiria o Das Profundezas, mesmo que isso a matasse também. Eu tinha

sentido nela aquela magia selvagem que, uma vez libertada, poderia destruir impérios, mundos e, até mesmo, deuses.

Esta seria sua história, seu destino. Talvez eu nunca ficaria sabendo se ela teria sobrevivido.

Eu realmente não me importava com isso. Só me importava com Raelynn. Mantê-la segura, cuidar para que nada nunca mais tirassem minha gatinha de mim, importava mais do que tudo.

Olhei para os cortes que Jeremiah tinha encravado no peito dela e fui tomado por tanta fúria que nem conseguia enxergar direito. Ele tinha marcado minha garota, e eu iria quebrar suas mãos e esmagar seus dedos, um por um, até que todos os ossos se despedaçassem, por causa disso. Enquanto andava, fantasiei sobre todas as coisas abomináveis que faria com ele. Seu Deus estava morrendo e ele era um mero mortal. A força com que Deus o tinha recompensado era apenas temporária.

Ele ia morrer, demorada e agonizantemente, e eu iria desfrutar de cada maldito segundo.

Me mantive no meio das árvores enquanto caminhava, para garantir que ninguém que passasse na estrada me visse. Com certeza seria algo incrível de se ver: meu jeans estava rasgado, meu peito estava nu porque tinha usado minha camiseta para cobrir

Raelynn, e os ferimentos que o Ceifador me deixou mal tinham se curado, ainda estavam vermelhos e irritados. Eu estava furioso demais para me disfarçar meu corpo, então minhas garras estavam de fora, meus olhos estavam brilhando, meus dentes estavam afiados e prontos para dilacerar qualquer membro dos Libiri que conseguisse encontrar.

Senti o cheiro do fogo muito antes de vê-lo. O cheiro das cinzas estava forte no ar, e a fumaça continuava se espalhando mesmo através da chuva. Quando alcancei o limite das árvores na borda da propriedade dos Hadleigh, consegui ver as chamas.

Eu odiava ter que deixá-la por um segundo que fosse, mas deitei Rae na base de um alto pinheiro, onde ficaria escondida entre as raízes retorcidas. Ela suspirou suavemente quando a deitei no chão, dobrando o braço para usar de travesseiro. Olhar para ela me causava uma dor quase excessiva, um aperto delicioso no meu peito enquanto eu afastava o cabelo de seu rosto, antes de me virar e me afastar.

Amor. Que coisinha mais peculiar.

Avancei furtivamente entre as árvores. O gramado se inclinou para baixo, para o local em que a casa dos Hadleigh estava totalmente consumida pelas chamas. Sentia o calor delas no ar, o

cheiro forte de fumaça. A chuva não era suficiente para apagar o fogo, apesar do aguaceiro. Todo o vidro tinha estourado, o terreno ao redor da casa cintilava com os estilhaços.

Este fogo não era natural. Podia sentir o cheiro de gás no ar. Havia uma fissura no lugar em que uma enorme seção da casa tinha desmoronado para dentro. Muito em breve a casa seria reduzida a nada mais do que suas fundações de concreto.

Um pouco mais à frente no gramado, duas pessoas estavam sentadas lado a lado na grama. Reconheci Zane imediatamente, coberto em cinzas e sangue. Ao seu lado, Juniper se virou e sussurrou algo no ouvido dele, baixo demais para eu conseguir ouvir. Uma espingarda repousava no chão ao lado dela e seu rosto estava ferido, mas quando Zane estendeu a mão e segurou sua bochecha, ela se apoiou na palma dele. Ela fechou os olhos e eles ficaram sentados ali em silêncio, assistindo a casa queimar.

Assisti junto com eles, tentando entender essa sensação bizarra de melancolia que me tomou de assalto. Eu sabia que não havia mais nada vivo naquela casa. Sabia que, se Jeremiah tivesse sobrevivido, Juniper não estaria parada aqui. Ela ainda estaria à caça dele.

Eles se levantaram e viraram para ir embora. Mas, quando Juniper me viu parado lá, imediatamente ergueu a espingarda, mirou e se preparou para atirar. Zane colocou uma mão em seu ombro.

— Calma, Juni — disse. Ergui as mãos e, devagar, Juniper abaixou a arma.

— Chegaram mais cedo — eu disse. — Ficaram com a diversão toda pra vocês, hein?

Zane sorriu e balançou a cabeça, mas Juniper se aproximou. Seus hematomas estavam ainda piores do que eu tinha pensado, flores roxas furiosas espalhadas pela sua pele. Ela me olhou cautelosamente com os olhos estreitos de desconfiança, mas não voltou a erguer a arma.

— Onde está a Raelynn? — perguntou.

— Por perto — respondi. — Escondida. Está a salvo.

Ela acenou.

— Não deixamos ninguém vivo. A família Hadleigh acabou. Os Libiri acabaram.

As línguas de fogo tinham diminuído agora, mas as cinzas ainda estavam em brasa.

— Jeremiah também?

— Morreu como um covarde — disse ela. — Você teria adorado assistir.

— Eu teria adorado matar.

Ela riu e pendurou a alça da arma no ombro.

— Vendi minha alma por vingança. Era meu direito executá-la. Mas acabou. — Ela deu uma olhada na direção da casa, o reflexo das chamas deixou seus olhos quase tão dourados quanto os meus. — Acabou.

As sirenes começaram a se lamentar fracamente ao longe. Zane se aproximou e deu uma puxadinha leve em alguns fios do cabelo de Juniper.

— É melhor a gente ir. Este lugar vai estar cheio de gente daqui a pouco.

Ela concordou com a cabeça, se virou para ir, então virou abruptamente de volta e estendeu a mão. Me levou um instante para perceber que era para um aperto de mão. Esse gesto estranho de camaradagem humana. Quando segurei sua mão, ela disse:

— Eu te perdoo. Odeio muito dizer isso, mas perdoo.

Nunca liguei muito para perdão. Só servia para aliviar culpa e encerrar ciclos. Mas, enquanto eles se afastavam e as sirenes

ficaram mais altas, dei uma última olhada para as ruínas em chamas e percebi que eu *precisava* encerrar um ciclo.

Eu precisava saber que tudo isso, finalmente, tinha acabado.

Tínhamos pouco tempo.

Rae ainda estava dormindo quando a carreguei pelo que restava da casa. As chamas já estavam quase extintas agora, deixando apenas o esqueleto chamuscado da casa para trás. Passei por vários corpos, mas não dei a mínima para eles. Estava procurando por um só.

Quando encontrei Jeremiah, ele não teria sido reconhecível aos olhos humanos. Era só uma casca escurecida, deitada em estilhaços de vidros e vigas de madeira queimadas. Mas eu o conhecia. Mesmo morto e queimado, senti ódio ao olhar para ele.

Realmente tinha acabado. Não sobrou nada além de cinzas.

Rae se contorceu um pouco nos meus braços enquanto eu caminhava entre os destroços, seus olhos piscaram lentamente e abriram. Senti-a ficar tensa ao olhar em volta, e disse baixinho:

— Não tenha medo, gatinha. Está segura.

— Onde estamos? — Tentou virar a cabeça para olhar ao redor. Ela tinha perdido os sapatos, então eu não ia colocá-la no chão.

— Na casa dos Hadleigh.

— Foi você que fez isso? Queimou a casa? Por quanto tempo eu dormi? — Sua voz ficava mais grave quando ela estava sonolenta, e um pouco rouca. Era tão bonitinho.

Quase menti. Quase disse a ela que eu tinha queimado a casa, que eu tinha matado Jeremiah, que eu o fiz pagar pelo que tinha feito, que eu a tinha vingado. Mas eu não podia mentir para ela, embora sentisse que havia falhado com ela de alguma forma.

— Não fui eu. Juniper e Zane chegaram aqui antes. Ela se vingou. — Podia ver as luzes intermitentes na estrada. Os caminhões dos bombeiros tinham chegado. Me apressei, pulei dos fundos da casa e escapuli entre as árvores. Os olhos de Rae ficaram fixos em mim esse tempo todo, observando meu rosto, mesmo que devessem ser só um borrão para ela sem seus óculos.

— E o Jeremiah? — sussurrou. Havia medo em suas palavras, e isso fez a raiva ferver dentro de mim. Ela não merecia sentir medo. Eu gostaria de poder acabar com esse medo. Gostaria de poder despedaçá-lo e queimar os pedaços.

— Está morto, gatinha. Gostaria de poder dizer que fui eu que matei, mas eles chegaram antes.

A chuva tinha se reduzido a uma garoa, pingando lentamente entre as árvores. Parei sob a cobertura de um largo pinheiro, e deixei Raelynn ficar de pé por alguns momentos. Ela estava cambaleante e se apoiou em mim para manter o equilíbrio, envolvendo meu tronco com força em seus braços. A sensação de conforto era relativamente desconhecida para mim, mas abraçá-la enquanto ela se agarrava a mim era a coisa mais confortável que eu podia imaginar.

— Que bom que você não precisou fazer isso — disse, esfregando seus olhos. — Você já teve que matar gente demais. Sei que está cansado. — Ela voltou a encostar o rosto no meu corpo. — Você merece descanso.

Franzi a testa.

— Acha mesmo?

— Aham. — Ela ergueu os braços e os passou em volta do meu pescoço, e eu a ergui de novo. Enquanto bocejava, disse: — Quero ir pra casa dormir. Podemos dormir por dias, que nem você fez antes… e você não precisa mais ficar bravo, porque Jeremiah está morto e Kent está morto, e… — Outro bocejo. Ela ia desmaiar de novo a qualquer instante. — Estamos em segurança agora. Nós dois estamos em segurança.

Segurança. Que noção estranha. Não me sentia seguro há mais de um século. E há quase tanto tempo não tinha realmente achado que podia descansar, pelo menos até conhecê-la. Mas agora, enquanto seus olhos fechavam pesadamente mais uma vez e eu a carregava para casa, percebi que não me sentia mais tão bravo. O nó de ódio que tinha me feito seguir em frente todos esses anos estava se afrouxando. De repente, eu estava pensando em descanso, estava pensando em calma e quietude.

Eu queria segurá-la em meus braços, nos envolver em todos os seus cobertores, e dormir cercado pelo cheiro dela. Quando acordássemos, queria provar repetidamente para ela que estava segura, até não sobrar medo nenhum em sua voz e tudo isso não passar de uma memória distante.

E é o que eu faria. Eu cuidaria dela por toda a eternidade.

Epílogo

Rae

A tempestade que caiu sobre Abelaum foi diferente de tudo que a cidade já tinha visto. A chuva caiu durante dias, uma enxurrada interminável que inundou as ruas, com ventos fortes o suficiente para derrubar as linhas de energia e deixar metade da população sem eletricidade. O chalé estava no escuro, mas Leon acendeu velas e me manteve enrolada em cobertores. Quente, segura e sempre à sua vista.

Quando a tempestade finalmente passou, mais destruição foi relatada. O solo encharcado fez com que o poço da mina White Pine se transformasse em um enorme sumidouro, que cedeu sobre si mesmo e demoliu completamente o que restava dos túneis antigos. São Tadeu ainda estava de pé, mas seu telhado tinha caído

completamente, e a administração da cidade começou a falar sobre demoli-la, apesar de sua importância histórica.

Sem Kent Hadleigh presente para protestar, a decisão foi tomada: a igreja seria destruída também.

O corpo queimado de Jeremiah teve que ser identificado pelos registros dentários. O fato foi chamado de um trágico acidente, o fogo, em tese, tinha começado pelos raios que acompanharam a tempestade. Boatos de que o fogo tinha sido ateado de propósito circularam pelo campus durante semanas, mas nada resultou disso.

Alguns dos meus professores me olhavam com apreensão, quase com amargor. Eu nunca saberia com certeza, mas tinha que me perguntar se algum deles esteve naquela igreja, escondidos por trás de máscaras de caveira de cervos, enquanto Jeremiah me cortava. Sempre me perguntaria quem entre eles tinha esperado ansiosamente pela minha morte, mas torcia para que cada vez que me vissem entrar na sala, viva e bem, isso os queimasse por dentro.

Eu não sonhava mais com os túneis escuros da mina. Eu não ouvia Deus me chamar. Os hematomas de ter sido esmagada pelos Seus tentáculos imensos tinham sumido, mas as marcas deixadas pela faca de Jeremiah se transformaram em cicatrizes. Leon disse

que, se eu quisesse tentar tratamentos médicos para removê-las, dinheiro não seria um problema.

Estava começando a suspeitar que ele tinha pilhas de ouro escondidas no Inferno, mas ele só ria sem confirmar se era verdade. Disse que seria uma surpresa para quando eu chegasse lá.

Seu sigilo em minha perna tinha cicatrizado também, mas essa cicatriz eu não queria remover. Ele passava seus dedos sobre ela, a beijava com os lábios e murmurava as coisas mais pervertidas enquanto deslizava sua língua sobre ela. Era a marca de sua posse, uma que somente eu poderia lhe dar. Uma promessa feita de livre vontade.

Minha alma era dele para guardar, amar e possuir – para sempre.

Uma história chegou ao fim.

Mas esse conto ainda não terminou.

Uma história sobre vingança ainda não se revelou.

Agradecimentos

Para meu marido, meu homem, meu parceiro, meu muso, a quem dedico este livro. Obrigada por ser meu principal apoiador, a voz de minha razão e sanidade, uma presença calma quando estou absolutamente surtando. Obrigada por não me julgar quando recito cenas de diálogos no chuveiro, e por estar sempre disposto a “testar” posições antes de eu escrevê-las.

Para os meus gatinhos: Luna, Gizmo e Azura. Obrigada por me ajudarem a escrever este livro. Infelizmente vocês não digitam muito bem. Mas sei que estavam tentando bastante todas aquelas vezes que caminharam por cima do teclado.

Para Zainab, obrigada por ajudar a fazer este livro brilhar. Obrigada por me encorajar quando pensei que tinha escrito um lixo completo. Você é maravilhosamente talentosa e este livro não seria o que é sem você.

Para os meus leitores, cada um de vocês que deu seu amor e apoio a uma nova escritora tentando encontrar seu caminho nesse

mundo editorial absolutamente selvagem: obrigada. Meu Deus, obrigada. Vocês mudaram minha vida. Nem consigo dizer o quanto isso significa para mim. Mas vocês me deram esperanças de viver um sonho ao qual me agarrei desde que era uma menininha.

A todos que chegaram até o final deste livro, obrigada por me darem uma chance. Vocês escolheram esta obra e deram seu tempo a ela. Continuem lendo, continuem procurando sua próxima grande aventura, sempre ousem seguir em frente.

Até a próxima,

Harley

SOBRE A AUTORA

Harley é autora de livros eróticos, terror erótico e romance dark. Ela gosta de criar histórias sensuais que sejam sombrias e fetichistas, quanto mais assustadoras, melhor.

Harley mora em Washington com seu marido e três gatos. Ela ama filmes de terror, vinho tinto seco, e quase sempre tem uma vela acesa. Na maioria dos dias, ela pode ser encontrada em sua escrivaninha, bebendo chá com pelo menos um gato no colo.